

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641 - 1820/22

VOL. I - TOMO 6

CONSELHO ESTADUAL DE ARTES
E CIÊNCIAS HUMANAS

SECRETARIA DA CULTURA

CCO

JOSE ADEL

O MOME

ACADE

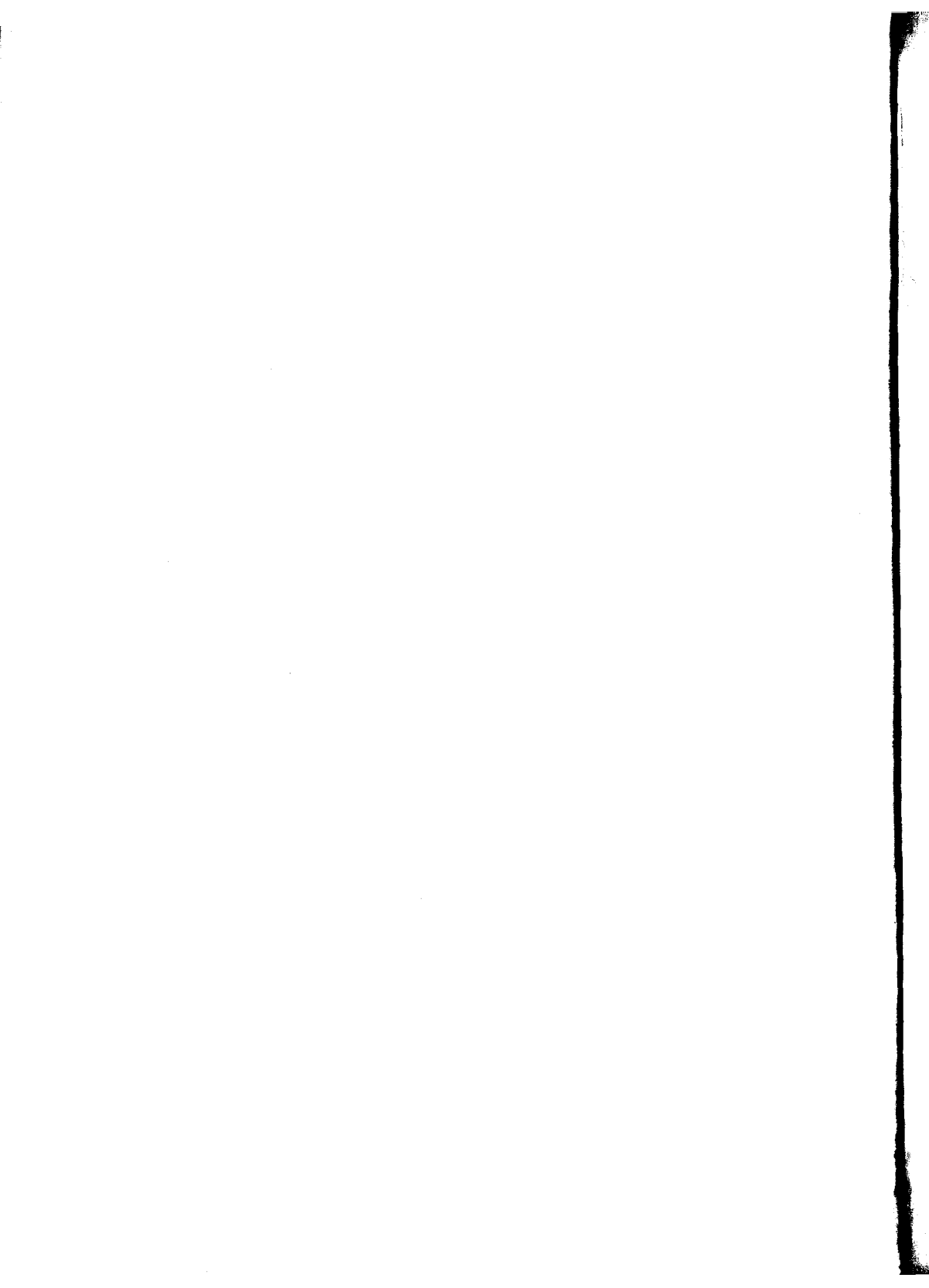
NO BR

1841 - 1852

Vol 1
p 25

1978

... NESTA ...
... PAULISTA ...
... PAULISTA VOL. I ...
... LITERARIO PAULISTA ...
... A HISTORIA DO ROMANTISMO ...
... BRASIL ...
... A HISTORIA DO ROMANTISMO ...
... A HISTORIA DO ROMANTISMO ...
... BRASIL -- 1841 -- 1870 ...
... FRANCESA ...
... BRASIL -- 1841 -- 1870 ...
... BRASIL -- 1841 -- 1870 ...
... BRASIL -- 1841 -- 1870 ...



VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, VOL. I
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. I
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. II
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. III — ANOS ACADÊMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. II
- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 4

- N.º 19 — *Octacillo de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira (leitura paleográfica de Heitor Martins)*
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Pati*
DICIONARIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELAMPAGOS
- N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. III — TOMO 1
- N.º 26 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. III — TOMO 2
- N.º 27 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 3
- N.º 28 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 4
- N.º 29 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 5
- N.º 30 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. III
- N.º 31 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. II — TOMO 1
- N.º 32 — *Myriam Ellis e Rosemarie Erika Horch*
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY NO CENTENÁRIO DO
SEU NASCIMENTO
- N.º 33 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. II — TOMO 2
- N.º 34 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 6

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641-1820/22

VOL. I — TOMO 6



CONSELHO ESTADUAL DE ARTES E CIÊNCIAS HUMANAS

SÃO PAULO

1978

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Castello, José Aderaldo, 1921-

C345m

v.1-

O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
José Aderaldo Castello. — São Paulo: Conselho Estadual de
Artes e Ciências Humanas, 1969-

(Textos e documentos; n. 10, 14-15, 18, 20, 25-29, 31,
33-35)

Publicados: v.1, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971, t.6,
1978; v.2, t.1, 1977, t.2, 1978; v.3, t.1, 1974, t.2-3, 1975,
t.4-5, 1976, t.6, 1978.

Bibliografia.

1. Literatura brasileira — Coletâneas. 2. Literatura
brasileira — Sociedades etc. I. Título. II. Série: Conselho
Estadual de Artes e Ciências Humanas (São Paulo). Textos
e documentos.

CDD-869.906

-869.908

78-0220

Índices para catálogo sistemático:

1. Academias: Literatura brasileira 869.906
2. Brasil: Academias literárias 869.906
3. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

ACADEMIA DOS FELIZES — 1750

**1. DISCURSO ASCÉTICO-ACADÊMICO
E CRÍTICO [...] recitou-o o DOUTOR
MATEUS SARAIVA**



DISCURSO ASCÉTICO-ACADÊMICO E CRÍTICO

Foi Assunto

Na Academia dos Felizes em a Cidade do Rio
de Janeiro

Qual das Virtudes Morais
Políticas seja mais precisa,
a Prudência, ou a Temperança?

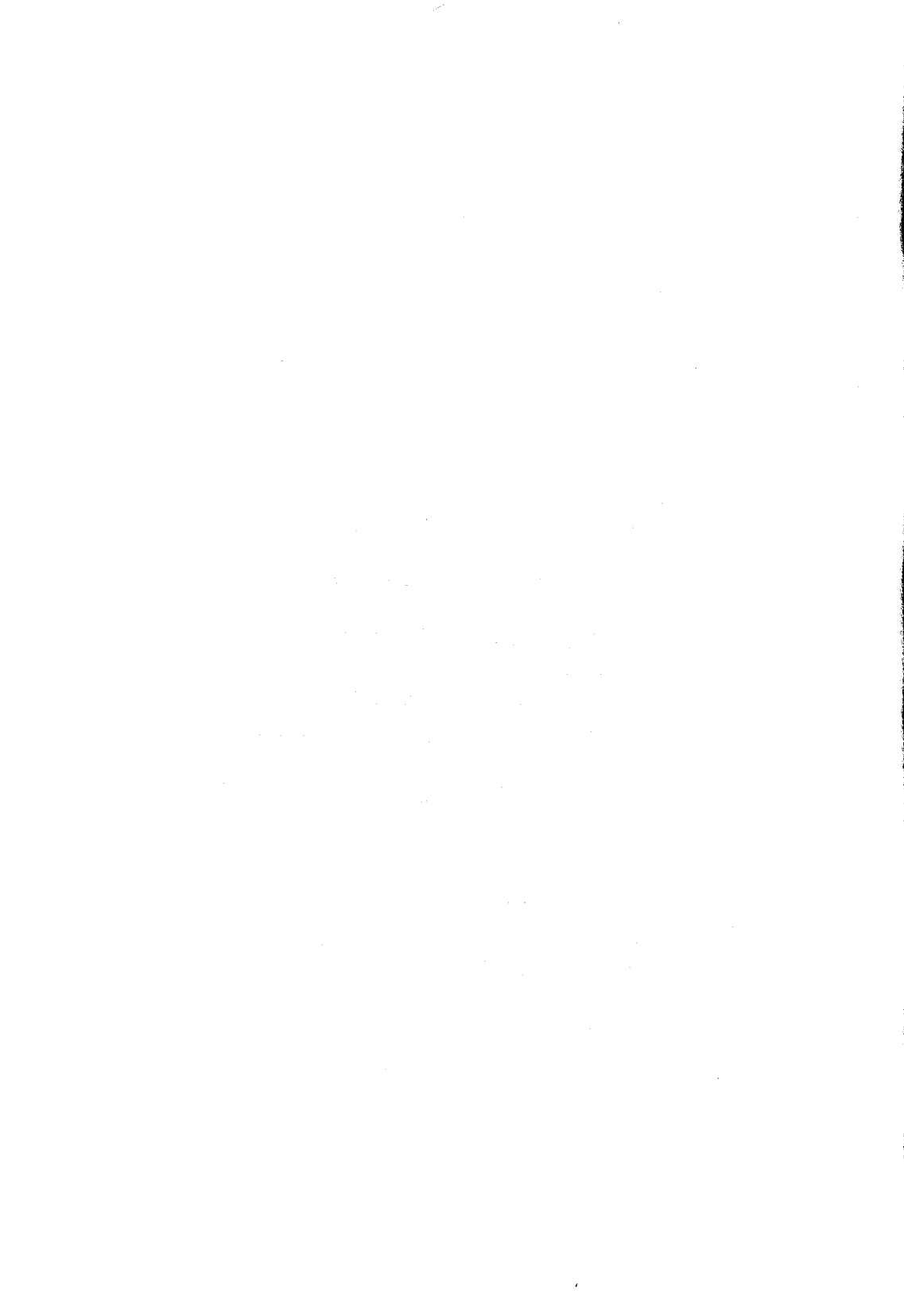
RESOLUÇÃO PARADOXA

A Temperança, uma das quatro
Cardinais, ou Elementares Virtudes
é mais necessária do que a Prudência
da mesma série das quatro Elementares.

Recitou-o

O Doutor Mateus Saraiva

Cavaleiro professo da Ordem
de Cristo, Cidadão desta Cidade,
Físico mor do Presídio, Cirurgião
Mor desta Província, Médico do
Senado, e da Saúde por Sua Majestade
que Deus guarde.



NOBILÍSSIMO E LITERATÍSSIMO CONGRESSO

Resignado ao Preceito Acadêmico, a que subordinei reverente a minha vontade, aceitei, e terceira vez o ser eleito para recitar neste lugar os mal envolvidos períodos do meu discurso a que me obrigou o Assunto que para esta Academia se me dava; tímido porém que a minha menos erudição, e o pouco instruído, desabone o conceito de peritíssimo Eleitor que para este Sólido Literário me elegera com um Assunto todo ascético no que parece, para o qual se me precisava a instrução que ignoro; porque compreendo equivocar-se o Político que devo tratar com o ascético-heróico de que devo fugir, e não alcança a minha lição satisfazê-lo, por onde não julgo a eleição por méritos da minha literatura, mas sim lisonja como sempre, da minha sorte, e que esta nem sempre introniza com acerto os que faz atendíveis, em mim descubro o argumento da variedade; porque apenas eu poderia alcançar o consenso de ouvinte ao Pórtico deste Literatíssimo Museu e não ver-me com a ufanía da entrada para um dos seus Alunos.

O que posto: refletindo na eleição por impulsos da minha fortuna a fazer-me com suas inspirações atendido dos Eleitores deste erudito Congresso, que na confusão em que eu ficava a tinha por segura Ariadna para sair feliz deste Labirinto em que justamente me pôs a minha menos capacidade, espero conciliar agrado a tão erudita Sociedade e que se os termos não tiverem a propriedade para persuadir no que descritivamente eu quizer insinuar, nem também [...] no dizer, basta-me que agrade no sistema que seguir com fortuna; porque então deste feito, direi pelo atendido, o que proferira aquele Orador Grego por Platão que o ouviu (de quem são figuras simbólicas tão elevadas Idéias) **Sufficit mihi unus Plato.**

Foi Assunto Acadêmico, isto advertido, quais das duas Virtudes morais Políticas se precisa mais entre os Homens, a Prudência, ou a Temperança? antes porém que o resolvamos, e contra o comum assenso, dos que eticamente escreveram (por não estarmos obrigados a cativar o nosso entendimento pelo raciocínio alheio, mais sim pela que a matéria, e disputável, decidir, como peregrinamente o advertiu Flávio Josefo — **Decet non uarias opiniones inspicire, se diripui rebus iustitiam ponderare**) devemos expor primeiramente que coisa seja Virtude Moral Política? da série daquelas de que depende a boa harmonia, para o trato político, e não dos da classe dos heróicos, porque confundiríamos um papal Acadêmico com uma

Instrução moral, este pedindo, não só definições, divisões, confrontações, mas também correlações a cerca das Virtudes Divinas, Naturais, e Heróicas: e o Discurso Acadêmico pede resolução do Assunto sem notícia daquelas que insinuam Religião, ou Vida contemplativa, matéria tão estranha para este lugar, quanto já receiosamente o advertimos, por tímido em satisfazer ao Assunto, sem adular o estilo Acadêmico, pela dependência de erudições que esmaltam este, e que não se precisam para aquele, resolvendo também sem opiniões, e sem a profusão das Virtudes Ascéticas Naturais, e Divinas, estas que inclinam as operações e atos, conforme a Lei Eterna, e aquelas que se adquirem com a força da natureza e com a freqüência dos atos, que [finalizam] as operações conformes com a boa razão em cuja série entram as Virtudes Morais adquiridas, as Intelectuais e Heróicas: o que posto.

Faremos só lembrança, e necessariamente por força do Assunto das duas Elementares, ou Cardinais Virtudes, **Prudência e Temperança** do catálogo das quatro com a **Constância e Justiça** donde geneologicamente resulta a grande série das associáveis para o trato político entre os homens; e assim que será só o Certame da Temperança contra a Prudência, esta do número das Intelectuais adquiridas, que são as que aperfeiçoam o entendimento especulativo ou prático, e se adquirem com preceitos, e aquela, a Temperança, das Morais adquiridas com a educação, principalmente, e com o costume, que aperfeiçoam com paixões, e a vontade, em ordem a ações nobres, e por isso Virtude Heróica; tudo enfim resultado por uma qualidade produtiva destas que dentro de si forma um Político; no que temos definido a Temperança, como Virtude Móvel Político, em diferença das Ascéticas para a Vida contemplativa, suposto que também tenha lugar entre estas pelo muito que conduz àquela Vida, porém só trataremos pelo lugar do que se pratica por ela entre os Políticos insinuando preceder a Temperança à Prudência.

Proposição paradoxal é esta por oposta ao comum assenso, e talvez sofística na estimação de alguns críticos, da natureza porém daqueles que estimam o Fósforo, artificiosa Pedra brilhante pelo que admiram do seu luzir, e por este avaliá-la preciosa sem escrutínio de sua matéria, para o apreço que [julgam]: também Paradoxo, e sofístico, parece-o aos Peripatéticos que o Fogo Etéreo fosse mais ativo que o Elementar, mas só durou este assenso enquanto o Espelho Certório não mostrou mais súbita a análise, ou dissolução dos metais do que o Elementar.

Não disputarei neste Certame sobre as precedências da Prudência com a Temperança por geneologias, o que já o fizera um agudo engenho da América em um Nobilíssimo, e Acadêmico Congresso, porque não se pode duvidar da nobreza da Prudência sem

comparação maior que a da *Temperança*, por ser filha esta da vontade, e aquela do entendimento; será porém a precedência concluída, e criticamente, pelos fins, muito mais repetidas vezes observados para necessariamente suprimidos por tão superior *Virtude*, do que tantas vezes vistos os do entendimento subordinados à *Prudência* a fim de modificá-los.

E temos descoberta a força do nosso argumento crítico, ou sistema que seguimos, de que a *Temperança*, suprimindo a *Vontade* para não transgredir viciosa nos criminaíveis excessos de sua esfera, tem tão dilatados domínios quanto reconhecemos nas cinco *Potências Externas* a que acode necessariamente sem serem da alçada da *Prudência* para a qual indevidamente os querem lançar muitos; porque esta corrige os excessos do entendimento a quem ilustra; e que estes sejam menos observados que os que produz a vontade resolvem-no as cinco *Potências* referidas; e que sejam mais para tema os que destas admiramos funestos! digam a estimação comum dos [que] seguem ao Filósofo em afirmar que é a *Vontade* *Potência* cega, e por este princípio mais extraordinários os fins que então esta produz para aborrecido um Político, ou também para lastimado.

Se Davi com o seu raro entendimento tivera a *Virtude* da *Temperança* não chocaria toda a sua vida, [lembrando-se,] que por menos temperado na vista fora agressor de uma bárbara crueldade, que muito o lastimara sempre.

Se Olofernes também, respectivo no trono, vira com *Temperança* a todos os que reverentes e humildes lhes rogavam, não deixaria lastimosamente a *Vida* nas mãos de uma mulher, tirada ao fio da sua própria espada, ao seu exército em total destroço com injuriosa ignomínia na fuga pelos poços (?) da *Betúlia* a quem com soberba cercava, e a quem ficara a seu despojo.

Certo Alexandre de que pela *Temperança* se fazia mais senhor de si mesmo para dominar a *Dario* do que [...] com outra alguma que das lições de seu mestre *Aristóteles* colhera (pois também estes têm lugar para um *General* na *Campanha*) a fim de temperar o furor pelo joco-sério estilo do *Persa*, motejando-o de poucos anos e diminutas forças, entrou na batalha feliz por sem estímulo do duelo; senhoriado tanto de seu ânimo, que dominou a soberba daquele poderoso inimigo.

Por esta referida *Virtude* não ficou menos perpetuada a sua memória de peregrino *Herói* nos *Acadêmicos Certames*, como ficara seguro nos *Padrões* da *Posteridade* por famigerado filho de *Marte* pela *Constância* de *Espírito*; porque se por esta se eternizou no que vencera por tão dilatados *Domínios*! por aquele também se fez muito decantado em não querer a seus pés o mui rico tesouro do

exército de Dario, as formosíssimas Persianas! (sic) Vencendo se temperado por não o vencerem poderoso (e sempre maior a Temperança antes de ver o objeto encarecido).

Não ficou também Cipião Emiliano mais lembrado nos Monumentos da memória pelo que conseguiu glorioso para o Império Romano, do que ficara para memorável assunto nas Academias por esta Virtude da Temperança; pois tendo a seus pés o peregrino despojo da guerra da África, as nobres Damas de Cartago, uma uns raros mistérios da natureza! sem particular sacrifício da vontade resignada a consortes, e outras também mimo de Vênus! assombro das Idades com subordinação de seus alvedrios, mandou que estes as levassem a quem, rendiam obrigadas seus afetos, e ordenou que àquelas que não tinham subalterna a vontade se lhes desse de despojo de guerra para mais atendíveis as prendas da natureza: ação esta tão lembrada pela Temperança que nas suas bem concertadas cláusulas para modulação mais sonora aos ouvidos, se aquecem ainda hoje as Matronas de Túnis (que então fora Cartago) de lembrar a ruína em que este ficara, com sonetos deleitosos eternizou a Cipião pelo que fizera naquela ação tão peregrina.

Sim fará a Prudência a um homem necessariamente mais entendido, porque iluminando-lhe o entendimento, discorrerá com muitos acertos pelo que o adverte reflexivo; porém a Temperança o fará [precisamente mais amável,] porque coartando o excesso em qualquer das cinco poderosas Potências Externas, da sua esfera todos que domina, há que fazê-lo mais [...], digno das ocasiões políticas que grangeia o assenso de admitido.

Não ignoramos também que a Prudência seja um hábito virtuoso do entendimento para regular com certa, e reta razão, as ações humanas que ela produz, e que lhe deve o Ser, e por isso Nobilíssima Virtude: quem a tem, conserva um Oráculo de casa pelo associável da Reflexão com que se acautela de extraordinárias ruínas, e por isso Cardinal, ou Elementar Virtude, donde muitos resultam: por não ser esta Virtude Polaris, Rei tirano, morreu abraçado no touro, que o artífice Pirilo fizera por seu mandato, e o primeiro, que deu a conhecer tão lastimoso espetáculo! Também Simão Mago por não refletir na esfera limitada da sua adulterada, ou supersticiosa Magia, como instruções de quem só tem poder, enquanto lhe é permitido, caiu com injúria da sua ciência, lá dessa Aérea Região, em presença de Nero, e do Povo Romano, convidado para o verem subir a ela e por fim prostrado, e morto; ponderado, porém o nosso sistema de muito a que acode a Temperança, e mais repetidas vezes observado por um dilatado domínio das cinco Potências Externas com o fim de fazer a quem inteiramente a possui mais amável, e mais atendido,

só fica para a Prudência o lugar de também muito necessário para modificar as paixões da alma, e a quem a tem muito reflexivo.

Se por parte da Prudência me argüirem que por isso temperado porque prudente, e não menos o argumento que do Mestre das Sentenças (Epist. 86) com estas suas palavras — **Qui prudens est, et temperans est, et qui temperans et constans** respondemos apologeticamente que nesta matéria não deve ter aquela força que quis Sêneca porque mediu pela sua Temperança à sua Prudência, observada em muitos sucessos; e temos raríssimos exemplos que corroboram o nosso discurso, envolvendo por agora o que todos sabemos da elevadíssima Prudência de Salomão pelo seu raríssimo entendimento, de que é legítimo parto, e este sempre seguiu o ventre que o produziu, porém tanto menos temperado, quanto pela causa que idolatrou.

Também reconhecemos que a Prudência tem acento entre os Anjos, e a Temperança entre os homens, e se estes não pecassem, não haveria esta Virtude, serve porém este argumento para a precedência de mais nobre, e desnecessária disputa por saberem todos, que é a Prudência filha do entendimento, e a Temperança filha da Vontade, como já advertimos, instante esta Virtude que tão bem o Anacoreta não necessita na sua Tebaida da Prudência para merecer o Céu, e sim da Temperança para segurá-lo.

Não mereceu Sócrates pela Prudência o ficar no Catálogo dos Filósofos Gentílicos que deixaram grandes probabilidades de sua salvação, assim como Platão, seu discípulo, e o deste grande Filósofo Aristóteles, se são suas estas palavras, que traz Geneto (P. 2. de Altis. Trin. M.D. 7 a V.P. 159). **Nadus ueni, dubius uixi, incertus morior, quo ualum nescio. Ens artium miserere mei** como também Trimegistro, Falconilha, e Sêneca, no Dia em que a Tiveram os Santos Padres, por privilégio do Dia para quem vivera ajustado com os preceitos da razão, mas sim aquela probabilidade pela Virtude da Temperança que muito seguira, e por ela grandes elogios nas instruções éticas que a seus discípulos dera; atribuindo-se muito a esta Virtude, que mais avultara naquele Filósofo para muito memorável na Posteridade o mérito neste Mundo de ser o Filósofo Gentílico, que dera a vida em público cadafalso por confessar a um [só Deus], e supersticiosas todas as Deidades, que os Gregos adoravam, como historia Diógenes Laércio (in *Vita Philosophor.*) e modernamente Capasse (*Histor. Philos. circ. Socratem* L.3. C.3.P.80) **Melitus, Meliti filius, Pithensis Socratem, Sophro nisci filium Alopeciensem defert, Socrates praeter ius et aequum Deos quos ciuitas esse censet, ipse non canset, nonaque Deorum numina: praeterius et aequum item iuuentutem commisit; paena illi, mors.**

É esta grande virtude da Temperança aquela que mais vezes mostra advertido um Político do que a Prudência; porque esta ilustra

ao entendimento que menos vezes erra, aquela a que aperfeiçoa a vontade que mais vezes desacerta; sim será a Prudência um Hércules que com grande força hoje de trincar também a Vontade por subalterna esta ao entendimento, quando furiosa Hidra, pois nada quer aquela, que este lho não ofereça primeiro; porém a Temperança é o que legitimamente lhe cauteriza os excessos, queixando-se este de muitos, que lhe querem usurpar na sua estimação para a Prudência o modificar em os Políticos aqueles crimináveis desvarios, que só é da sua tenção.

Grande Ieroglífico da Prudência foi o que Fernando, Duque da Baviera, mandara esculpir na moeda que havia de circular os seus Domínios — Uma Mulher com uma balança na mão sobre um Delfim, com estas palavras, **Conhecei, recolhei e executai** termos estes com grande propriedade alegorizados das três figuras do Emblema; porque a primeira palavra alude à principal pintura, figura simbólica da ciência, como insinuando que todo o Prudente é sábio: a segunda alegoriza pela balança a eleição de todas as coisas, como advertindo que quem tem Prudência sabe avaliá-las: a Terceira palavra — Executai deduzida do Delfim, dá a conhecer a prontidão, como instruindo a todos que quem possui virtude tão relevante é pronto para os seus expedientes.

Bem achadas figuras simbólicas da Prudência para aquele Emblema desta Nobilíssima por Intellectiva Virtude, porém o que achamos em o discreto Alciato para simbolizar a Temperança é de maior apreço entre as Virtudes Morais Políticas insinuando maior apreço pelos epítetos que lhe descobriu; pois querendo dar a conhecer o valor desta Heróica Virtude Moral Política, debuxa aquelas ervas cheirosas com que Heráclito pública e parabólicamente se explicara aos de Atenas, rogando-lhe algum remédio ativo para obviar as discórdias que padeciam; e a este fim em presença do Povo Ateniense tomou aquelas ervas com farinha, e água, e fez potagem que bebera, e logo descendo do lugar em que assim o fizera, dando-lhes a conhecer por este parabólico, ou enigmático estilo, que se vivessem com Temperança ficariam, não só com uma segura atalaia da vida, certeza do tesouro da saúde, porém e principalmente com sossego, quietação, e destruição das discórdias — **Vitae custos** (comenta Alciato) **Mater ualeitudinis Sapientiae comes, pacis amica:** e se estes efeitos são mais relevantes do que os da Prudência, que é mais propriamente Intellectivo do que Moral, resolvam o Crítico sincero; não perdendo de vista o nosso sistema de mais vezes vistos os temerários impulsos da Vontade, do que observados os desacertos do entendimento; e que é maior a esfera dos domínios da Temperança pelo que entra a modificar, ou reprimir o excessivo de todas as cinco Potências Externas, do que a Prudência que corrige ao entendimento; concluindo

prevalecer a esta intellectiva Potência aquela Heróica e Moral, que inclui, como a Pedra do grande preço o magnetismo do Veneno daquelas Potências para fazer a um Político mais amável, e mais atendido.

Tenho mostrado Literatísimos Acadêmicos (a satisfazer o Preceito que neste lugar se me pôs) a razão **Porque e De que modo** prevalece à Prudência a Virtude Moral e Heróica da Temperança, a se conseguimos a fortuna de atendimento este nosso Discurso por tão erudito Congresso que nos fez atendível para esse lugar, reconhece-la-emos por ouvinte das sua eruditas lições, lembrando-nos a este fim do que se escreve de Fósforo, artificiosa Pedra, que por isso brilha entre as Preciosas, porque primeiro recebeu do Sol os Raios.

DISSE.

2. ORAÇÃO ACADEMICO-PANEGÍRICA
[...] Recitou-a o DOUTOR MATEUS
SARAIVA



ORAÇÃO ACADEMICO-PANEGÍRICA

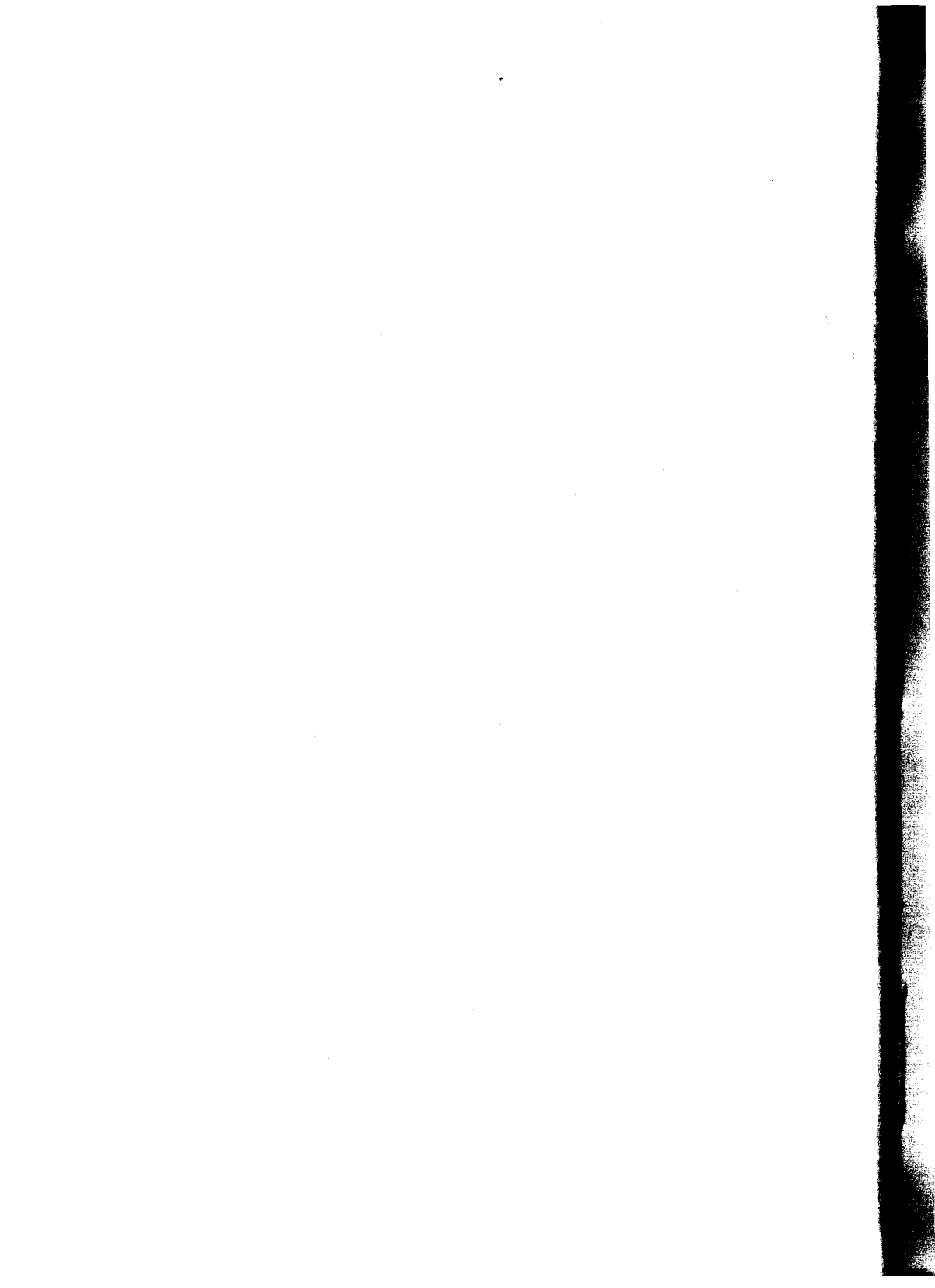
Foi Assunto
Na Academia dos Felizes em que se Recitara

A chegada do Governador
e Capitão General, Gomes
Freire, e Andrada, Sargento
Maior de Batalhas, à Cidade
do Rio de Janeiro, Capital
desta Província, vindo de
Vila Rica, metrópole da das
Minas Gerais, entrando no
seu Palácio na hora em que
nele se recitava um Discurso
sobre as ações memoráveis
de um Herói Lusitano.

Recitou-a

O Doutor Mateus Saraiva

Cavaleiro Professo na Ordem
de Cristo, Cidadão desta Cidade,
Físico Mor do Presídio, Cirurgião
Mor desta Província, Médico
da Câmara, e Saúde Por Sua
Majestade que Deus guarde.



Todos os extraordinários sucessos que nessa Antigüidade se julgavam efeitos de superior esfera ordenados, também se persuadiam os que os observam, que deles sairia a inspiração para penetrar-lhe os fins da sua resultância: de muito nos fazem lembrança os Mitológicos, porque nos contam, que na Ásia Maior deram os bois de Górdio (?) um tal arranco, que, enfurecidos, enovelaram de tal modo as correias com que se prendiam ao jugo podendo desatar, consultaram ao Oráculo, sobre se recolhia mistério aquele Nó? e como previsse o fim de quem o desfaria pela probabilidade de suas sutilíssimas conjecturas, respondeu-lhes misterioso, dizendo, que o que o desatasse venceria aqueles Domínios: motivo por onde ficara pendente no Templo de Júpiter, até que o maior Herói daquela Idade, Alexandre Magno, com sutilíssima idéia o desatara, ou desfizera.

Os mesmos Mitológicos historiam de um celebrado tesouro na Ilha de Colchos (se não foi enigma) aonde se conservaria para sempre por difficilimo emprego de conseguir-se, se muito misteriosamente não fosse descoberta a traça por Medéia para o encanto dos Dragões, que o guardavam, a fim de roubá-lo o nobre, e alentado Jason; concluindo todos, que só extraordinário meio facilitaria aquele fim, por não ser da esfera das forças humanas o alcançá-lo: O que posto.

Esta empresa para que me elegeram os meritíssimos Censores desta Academia; constituindo-me Presidente neste lugar para dar a conhecer por muito memorável a Hora, e plausível sempre a chegada do nosso Governador e Capitão General, Gomes Freire e Andrada, descendo dessa Província das Minas para esta do Rio de Janeiro, eu a tenho, pelas cláusulas que [notaremos] por uma história de muito memoráveis ponderações e que parece o Destino as predeterminedara, e não como aqueles no que julgavam efeito, com o seu supersticioso estilo, de alta esfera; motivo por onde se estes esperavam das suas supersticiosas Deidades iluminação para a clareza de efeitos relevantes. Eu julgo por aquelas cláusulas que prometi expor, envolvidas com a chegada do nosso Herói, ser-me preciso um ilustrado discurso para desempenho de tão alto Assunto, e satisfação desta Literatíssima Sociedade, que na Hora de tão alegre chegada a este erudito Museu, me elegera Presidente [com] mútuo consenso dos discretos censores, e notc-se.

Achava-se a nossa Academia em o [seu] Acadêmico exercécio, insinuando em subido metro, e heróico estilo, o famigerado das ações esclarecidas daquelle Herói Lusitano, muito memorável sempre nesta América Portuguesa, que no precedente Congresso historiava o erudito

Censor, que para este me destinara, instruindo-nos com rara instrução que as Deidades do Parnaso o intronizavam memorável, quando, neste mesmo tempo em que assim discretamente discorria, se ouviram tocar clarins de mais alta Fama, e logo pelo Pórtico deste Museu, Sala Régia em que se estabelecera, admiramos com afetuosos júbilos de alegria ao nosso General Gomes Freire e Andrada, que no decurso de cinco dias, não completos, viera dessa Capital das Minas, Vila Rica! parecendo a tudo este erudito Congresso mais ilustrado desejo, pelo que a todos em toda a hora [se] figurava a nossa esperança, que realidade do que se [aplaudiam] presente.

Achava-se também esta Praça (segundo Circunstância, que notamos cláusula do Destino para muito memorável ponderação) tão cuidadosa nos progressos, que teriam as Armas Lusitanas, no mais Austral Domínio deste Novo Mundo Brasílico (a Colônia do Sacramento) quanto o receio do bárbaro [ânimo] em que nos pôs o auxílio dos Tapes traduzidos pelos Espanhóis [a] invadi-lo com seus aproches, a um poderoso assédio a frustrar todo o socorro, que destes Domínios Lusitanos lhes pudesse ir. Neste cuidado aflita esta Praça e todos os Moradores por não previnida a da Colônia, que desconhecera a deslealdade com que fora acometida, e que tarde chegaria contra a fereza dos Tapes o socorro de Recrutadas, e reguladas Militares, que deste porto se expediram, quando para maior alvoroço do dia, e mais memorável Hora, chegou nesta, em que vimos entrar ao nosso General, uma parte das Fortalezas; de que por um iate, que ancorara se certificava a notícia da retirada dos Bárbaros Índios, frouxos da sua fereza com a chegada do auxílio que fizera expedir dessas Minas em que estava o nosso Herói, inovando também aldearem-se os Tapes em a maior parte, por sem fim os aproches dos Espanhóis, que no Campo armaram os Castelhanos, acertando contra a Praça o seu bélico furor, porém sem fim os seus [...] que deslealmente capearam para querer executá-lo.

Essas as duas cláusulas (entre outras da ponderação) que observamos com a chegada desse Herói, entrando por este Literatíssimo Museu na hora em que se recitavam discursos de ações esclarecidos para memoráveis na Posteridade, as quais me obrigavam muito reflexivamente, a proferir serem circunstâncias do Destino, e não efeitos do Acaso sem fim resultados, para que se certificassem as Idéias desta Literatíssima Sociedade, que a Fama, reconhecendo as do nosso General tão elevadas, se ocupassem com suas erudições, e subido metro em perpetuá-las, historiando também seus felicíssimos progressos no executivo de suas empresas a fim do agrado do Soberano que o elegera Atlante destes Austrais Domínios, regendo os dilatados desta Província do Rio de Janeiro, e governando a todos os das Minas do Ouro; motivo por onde o trouxera a Fama nas suas asas voando

pelo não imaginado tempo do decurso de cinco dias da Capital das Gerais, e não completos, até chegar a este Museu erudito, e hora a referida: e como a Fama sempre se empenhou a afinar os seus clarins para eternizar nos Padrões da memória as ações raras, uns o decantaram como Homero, e outros a persuadiram como Túlio.

Este o argumento que julguei natural, e com propriedade para desempenho do Assunto, como successo que pareceu resultado do Destino para se dar a conhecer por plausível o Dia, e memorável a Hora da Chegada do nosso General, obrigando-nos aquelas advertidas cláusulas sermos intérprete da Fama, porque assim se explica também quando quer famigerar os Heróis por suas raras empresas, e por este fim conduzi-lo nas suas asas para este Literatíssimo Museu, como expus, o perpetuar com as penas de tão eruditos Alunos, pois por minha conta só corre expor o Assunto que se me dera, e insinuar as cláusulas advertidas para se eternizar memorável em os Monumentos da Posteridade à imitação dos doutos Bárbaros, ou Orientais, no que inventaram para sempre lembrados seus Príncipes, a memoráveis Sacerdotes, cá porém por termos claros que todo o Museu se certifique, e não pelo enigmático dos Hieroglíficos, que designavam nos seus erigidos Obeliscos, designando neles a uns que, por Históricos, contavam as suas proezas, outros que, por Éticos, referiam o muito que se singularizavam em as Virtudes Morais; e figurando outros, que por simbólicas Figuras os davam a conhecer dignos de todos os elogios, de que os beneméritos se faziam credores.

Para este fim de fazer perpetuar nos bronzes da Memória ao nosso Herói, e por ele o que demos a conhecer empenho da Fama, mostrando-o por Assunto elevado, e se em tão plausível Dia, alegre Hora, festiva Chegada se erigisse o Obelisco, e designasse as Hieroglíficas Figuras por lição dos Egípcios enigmaticamente, contaria, sem lisonja da pena, em os Históricos o seu Marcial Espírito para felizes os progressos deste Mundo Novo Brasílico, conhecidos nas expedições dos socorros que fizera enviar para submeter os incultos da Hidra Espanhola, que saíra das águas do Rio da Prata a estragos do último Domínio Austral que referimos, e se reviver poderosa resistindo aos Hercúles golpes dos Lusitanos, achará no seu ardente espírito os impulsos de um Solão, que a cauteriza, como o sentira a Lornea(?).

Em os Éticos leroglíficos ou Figuras Simbólicas das Virtudes Morais, que no Obelisco designasse, exporia as da Clemência pela com que se houvera na Capital das Minas Gerais, erigindo um grande domicílio para hospitalidade pública dos Mendicantes a terem seguro arrimo à sua lamentável miséria nas suas enfermidades; e também designaria as da liberdade pela com que se houve para o curativo, com raro estímulo aos Moradores para me valerem na caridade, e com este o exemplo da assistência para argumento do compassivo;

ação esta, e aquela, que mutuamente inspiram para famigerada na Católica Posteridade.

Por Alegóricos Ieroglíficos envolveria os que alegorizassem a Afabilidade para que no Governo político insinua, congraciando como Augusto os ânimos renitentes ao sossego da paz, e também aos que simbolicamente explicam ponderações, ou o reflexivo a obviar distúrbios, que as contínuas discórdias facilitam, animando-os o recôndito dos Sertões com o Sagrado couto para os que abusam do Político, ou da concórdia; Virtude tão elevada aquela, que por ela se fizera também Trajano muito memorável para todos os séculos, e com grande probabilidade digno do prêmio eterno.

Não sem relevante o fundamento isto posto, julguei, que para dar a conhecer ao Mundo o desenvolvimento em que pôs o Assunto e abonar o conceito de quem me elegera, era-me preciso um ilustrado engenho, por ser a chegada do nosso Herói em Dia e Hora, tão cheia de cláusulas para ponderá-las, que pareceu do Superior Destino acontecido sucesso, e pela Fama previstos para o oferecer por Assunto, como expus, a tão eruditas Penas deste Eruditíssimo Congresso.

O que porém me faltar para aquele desempenho que cabe na esfera da minha literatura flutuando em um Oceano de cuidados por sossobrado nas faltas, já na dos termos com propriedade descritivos uns a persuadir, e definitivos outros a certificar, e já na das erudições com lição envolvidas [...] acomodadas e já na falta de sistema que concilie o assenso à expectativa de tão nobilíssimo Auditório, como erudito Congresso de Sábios, fique para a sua literatura o que não coube na da minha esfera; porque não pretende menos este nosso Museu perpetuar a este Herói Lusitano, Atlante da América Portuguesa, assim por suas heróicas ações, como por sua chegada a esta Cidade do Rio de Janeiro, Capital desta Província, do que deram a conhecer ao Mundo os Romanos a Chegada de César, e do Cipião Emiliano, este pela vingança da Pátria, depois de na África demolir Cartago (hoje Tunes e aquele pelos gloriosos triunfos, que lhe conseguira, vindo de vencer o poderoso Rei Farnacés, de que ainda há certo testemunho a sua decantada Carta que do campo vitorioso escrevera ao Senado: **Veni, vidi, vici.** (sic)

E se bem advertimos nos decantados aplausos daqueles Romanos a seus Capitães, chegados a Roma vitoriosos, não ficou para tão celebrado, e fausto dia o da sua chegada, como ficará este, que tão memorável eterniza e em que chegara o nosso General; porque não ignoramos que erigiam Pórticos ricos, armavam magníficos carros enramados, que os conduziam coroados de grama ao Capitólio, pelo que as Medalhas, mais seguro testemunho da verdade, o depuseram; porém todo aquele honorífico aparato foi fábrica do material artifício,

que o obra um tosco Operário, e por este viva a lembrança para os Padrões da memória; mas esta nossa celebridade é tanto mais remontada que aquêl'outra, quanto os mesmos Romanos o mostraram no apreço que de tão estimado estilo fizeram sempre, e note-se.

Antes que o Senado ordenasse [a seus] Capitães que partissem para a guerra, conquistando Domínios e castigando inimigos, sacrificavam primeiro a Júpiter e Marte, muitas vítimas com o fim de inspirarem bélico furor a seus soldados, e jovial valor, para que por este com reflexão dos Romanos, e por aquele, se estimulassem valerosos para felizes os progressos nos triunfos de seu Império; sacrifícios, enfim, com suma reverência a aquelas supersticiosas Deidades; porém as funções, que as Deidades do Parnaso dedicavam reverentes, foram sempre entre eles mais decantadas, pelo fim de implorarem um furor Divino para as Idéias dos seus Historiadores em subido metro, porque [assim] iluminados suas Penas, (sic) ou ilustrados, [comovessem] com o exemplo a seus soldados, avivando-lhes com as expressões o fim a que os conduzia; pois tanto avivam a honra presente as bem lembradas ações egrégias do passado, quanto o dava a conhecer Alexandre no que lera de Aquiles por Homero.

Se a Fama, Literatíssimo Congresso não viesse trazer o Assunto a este nosso Museu pelo ponderado nas circunstâncias proferidas, passara a descobri-lo lá nesta Quarta Esfera com grande propriedade; porque observando ao Sol no seu incessante giro em benefício do Universo, também o achava por este benefício com grande propriedade Hieroglífico Alegórico do nosso Herói, e com ele por esse Lema — **Non quiescit** um bem deduzido Assunto pelo que observamos no seu governo em benefício dos Domínios deste novo Mundo Brasílico, porque assim como aquele Luminar Maior não descansa nos movimentos, e regulados de um para outro Hemisfério por inerente princípio do Primeiro Móvel que rege o Universo, retissando (?) a todos os Domínios que vivifica, e fortalece com suas influências, assim também o nosso Herói pela Ordem do que é Primeiro Móvel, como Soberano deste Novo Mundo da América Portuguesa, não descansa em benefício dos Povos pelo contínuo giro de uma para outra Província.

Se também, e finalmente, não receasse a crise de transgredir os Preceitos Acadêmicos, notaria outra circunstância, que como cláusula se envolveu no Dia da Chegada do nosso Herói para o ponderar misterioso, e por este princípio mais louvável o Dia, e pelo Destino festivo, porque foi no da Páscoa do Espírito Santo, aquele Dia em que se nos fez memória da sempre memorável chegada da Ilustração Divina para os Apóstolos que receberam no Oráculo, ou Casa de Maria, Mãe de João Marcos, a fim da Promulgação da Lei da Graça para todo o Universo; alegorizando o fervor que teriam em a matéria do fogo que admiravam; e a expedição do Preceito imposto com

eficácia executado, simbolizado na Hieroglífica Figura das Línguas em que descera, e alegorizando a atividade com que a promulgariam: e assim o notaria por cláusula misteriosa, de sorte [que cabe] na nossa ponderação, sem nos confundirmos com o supersticioso estilo dos Egípcios pelo que reverentes a seu costume faziam no Dia 1.º de Janeiro, aos Augures em Roma o em que faziam lembrança da Guerra Farsálica: sem também termos a crítica de Alciato para o que persuadem a vicerar resultâncias dessa Superior Esfera deduzindo aquela do precipício de Ícaro, pois só ficaria detraído o nosso Discurso se pretendêssemos grangear assenso à nossa grande probabilidade com tão materiais fundamentos, como os do filho de Dédalo com que as alegoriza para a crise que faz.

Tenho mostrado, Literatíssimo Congresso, o quanto pude discurrir em o Assunto tão elevado, quanto a matéria dela pelo objeto que relevante o produziu, e o quanto se faz provável das cláusulas, que interpretativamente expus, ordenadas pela Fama, foram expressivos argumentos para persuadirmo-nos, que também esta conviera, de sorte que o ponderamos para muito plausível o Dia da chegada do nosso General, ínclito Herói do Século Lusitano, Gomes Freire e Andrada. Referi o que mais se fez digno de notar com fundamento de Superior Destino para o obrigarmos a Nós com probabilidade de mistério para mais memorável o Dia e hora em que chegara: depus o famigerado de que se faz digno para a Posteridade no que benigno se ostenta em o Governo Político, fazendo atendido a todo o que ora, e atendível a rogativa benemérita; tão singular predicado, quanto por ele se fez Trajano memorável, com fundamento de premiado com a Vida Eterna; de sorte que até nos Astros assim o quis o Divino Arquétipo dar a conhecer pela observação dos Astrónomos; porque lá impôs no Planeta Vênus uma tal influência para benignos efeitos, que lá se observou a conjunção deste Astro, quando Marte, Saturno e Júpiter se ajuntam ou Mercúrio (que segue a natureza dos que acompanha) observam-se Astrologicamente mais benignas as influências daqueles vigorosos Astros. Mostrei no Governo Militar um Marcial Espírito que o inflama, pelo qual servirá cada Guarita de Monumento que o perpetue vigilante! cada Fortaleza um Padrão de seu desvelo! por todos o dirá o Leão da Espanha; porque os seus bramidos no Rio da Prata para terror dos Lusitanos ficaram-lhe submergidos sem fim nos seus assaltos pelas precauções desse Herói como admiramos.

O que posto, memorável ficará por este Museu erudito o dia de sua chegada, porque seu subido metro, e heróico estilo, ficarão famigeradas suas esclarecidas ações, e Espírito Marcial que o inflama, herdado de sua ilustre Ascendência, como o admiraram os Campos Africanos com o notório Brasão da Ave Maria a estímulo também

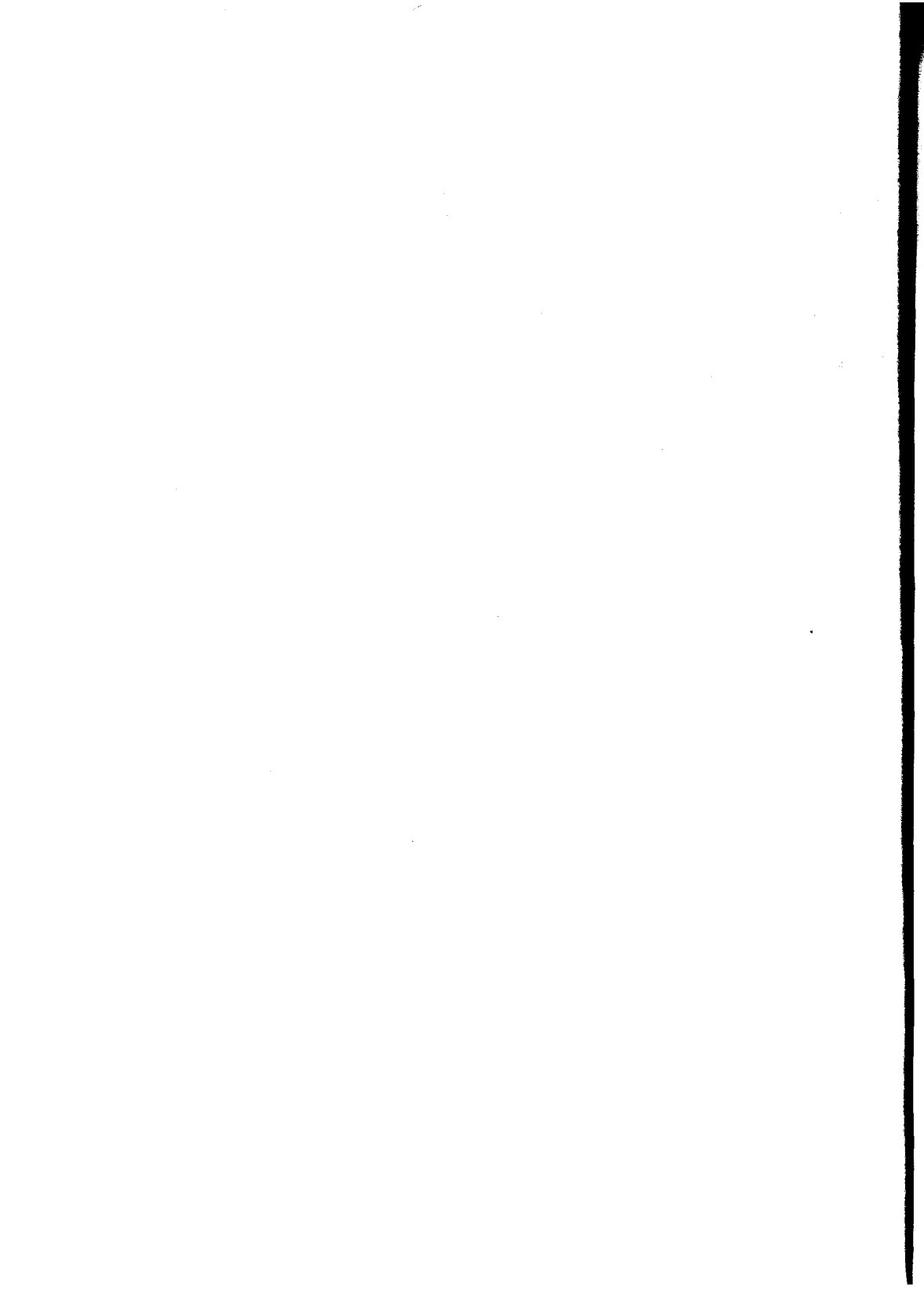
do Zelo Católico; e se como geneológico quizer alguma erudita Pena justificar-se ainda mais, passe aos nossos decantados campos da Lusitânia, teatros que foram no segundo século deste milênio das cenas mais trágicas que teve a barbaridade Otomana, e neles achará relevantes testemunhos de seu ilustre Progenitor com o emprego de um dos mais advertidos Generais dos Lusitanos, continuando este Espírito Nacional com tal atividade na sua ilustre Descendência, quanto o justifica o Escritor erudito Frei Domingos Teixeira; porque depois de dar a conhecer para a Posteridade as sempre decantadas proezas de Nuno Álvares Pereira, entendeu que para a mesma Pena que ainda de lhe ficava aparada só lhe poderia servir de emprego os Marciais arrojos de Gomes Freire de Andrada, General no Reino de Algarve, Governador e Capitão General do Grão Pará, ilustre Tio do nosso Herói Gomes Freire e Andrada.

Todos estes argumentos historiei pelo fim de que se fizesse notoriamente justificado o fundamento com que a nossa Acadêmia tomou por Assunto o fazer memorável na duração do tempo a Chegada, que fez o nosso Herói, e General destes Domínios Austrais, e sempre plausível Dia, e Hora festiva a esta Cidade do Rio de Janeiro, Capital desta Província, vindo da das Minas Gerais: saibam que para reconhecer-se memorável, basta a ciência de o decretar a Régia Mão por positiva determinação Real quando o Mundo soube que Roma mandara a Cipião para vingá-la dos estragos, que no seu Império tinha África executado, logo se persuadiu que este Herói a satisfaria, como ainda hoje lastimam os de Tunes, Cartago naqueles tempos e imposto o nome pelo estrago — **Tune est illo Carthago aemulo Imperii Romani?**

Conheço, e por último, não poder satisfazer o empenho dos Eleitores deste erudito Congresso, que com mútuo consenso do digníssimo Presidente me elegeram para neste lugar recitar com heróico estilo o Discurso que pedia Assunto tão relevante! assim como porém quem prepara o cristal para admirar-se estimável espelho, não é o que lhes imprime o benefício para que reproduzidas as espécies da figura avive o objeto figurando que representa, e se então avaliado para [peregrino] apreço fique isto posto, para tão discreta Sociedade não só apropriar o Assunto, se no que recitei o desnaturalizara mas também por crédito da eleição ilustrar o meu Discurso, para que então ocorra atendido, e não julgado [no seu] superficial [para] agradável.

DISSE.

3. **EPITOME HISTÓRICO, ACADÊMICO**
[...] recitou-o o DOUTOR MATEUS
SARAIVA



EPÍTOME HISTÓRICO, ACADEMICO

Foi Assunto

A América portuguesa mais ilustrada,
que outro algum Domínio deste
Continente Americano

Recitou-o

Na Academia dos Felizes, em a Cidade do
Rio de Janeiro

O DOUTOR MATEUS SARAIVA,

Cavaleiro professo na Ordem de
Cristo, Cidadão desta Cidade,
Físico mor deste Presídio, Cirurgião
mor desta Província, Médico do
Senado, e da Saúde por Sua Majestade
que Deus guarde.



Foi para esta Academia o Assunto (Literatíssimo Congresso) a América Portuguesa Ilustrada, e mais que outra alguma Região das dilatadas deste grande Continente, ou Novo Mundo: Empresa esta para que fui nomeado pelo Douto Presidente que com o referido assunto me elegera com mútuo consenso dos meritíssimos Censores: Porém que só fosse provável o conceito que de minha Literatura se formara, e não positiva certeza para o desempenho, a matéria o insinua por muito relevante, e pequena a esfera de meus estudos para encher o cálculo que pede; porque demanda uma grande altura, ou ciência, para cabalmente o satisfazer; por onde dizemos, que o discurso que de novos estudos aqueles senhores fizeram, parecera com [...] que observando várias vezes luzir um, que nesses Orbes Celestes julgaram por novo Astro, persuadindo-se que pelo lugar, pela forma, e pela luz, se não enganavam, e o decurso do tempo veio a dá-lo a conhecer por Fenômeno, sim brilhante, mas não daquela natureza para o juízo que formavam.

O que posto assim que me vi eleito, e com aquele referido Assunto que me precisava necessariamente, não só do Conhecimento Geográfico de tão dilatada esfera, como a deste Continente que principia em 55 graus na Temperada Austral, e se estende por toda a Frígida Setentrional (senão é contíguo com a Europa) pelo que nos mostram os melhores Arrumadores do Mundo (Sansón e Deter) mas também me obrigava a ter ciência do em que se distinguem ilustrativamente todos os Domínios, que professam religiosa cultura e política! Fiz por estes dois princípios muito sinistro prognóstico ao fim do assenso que anhelava, ou para satisfação do conceito que se formara, ou da minha obrigação para desempenho deste Museu, em que tem dado eruditamente a conhecer seus Alunos umas idéias tão subidas! uma Literatura tão vasta! uma energia tão agradável! uma eleição de termos tão próprios para animar seus conceitos! que só sei compreender seus predicados, mas não explicá-los.

Sim expus neste lugar, para que já terceira vez fora eleito, que não temera pelas eleições, o ser menos atendido por tão eruditos Engenheiros, que me fizeram atendível para este honorífico lugar; porém estribei-me em que a Sorte que me fizera sócio de tão Literatíssimo Congresso e que repetidas vezes me conduzia para este sólio de discretos Alunos, facilitando os meios, que mostraram serem seus dirigidamente a honrar-me nele, correria também por sua conta dispor os ânimos para o assenso de todas a que aspirava; porém para o discurso, que houvera de recitar nesta presente hora, persuadi-me,

e justamente, que o não poderia conseguir da minha fortuna; porque, primeiramente esta pela sua instabilidade, assim como leva a uns para o Trono, também os encaminha ao [precipício]. Lastimosamente o sentiu Policrates, Rei do Egito, depois de senhoriar-se de muitas felicidades! e tantas, que por elas julgou o Filósofo Aristides presságio de infortúnios grandes que lastimosamente sentira no monte Micalense pelo furor de seus Inimigos! fundamento esta notória experiência por onde (escrevem os Mitológicos) a fortuna se designava com duas caras, na mesma figura, simbolizando uma a prosperidade, e alegrizando outra o Fado Iníquo.

Em segundo lugar, e com maior força prognostiquei o menor sucesso, e que o não fiava feliz da minha sorte, assim como o confiei para as precedentes, como disse; porque me persuadi que não cabia na sua alçada o prosperar-me atendido; deduzindo o meu fundamento de que os Assuntos que então se me deram, foram, por legitimamente heróicos muito dependentes de um raciocínio em que a reflexão de quem a aquele fim discorre, ou ponderação de genuína idéia, tem por preceito Acadêmico, largo campo para animá-lo; porque se foi menos elevado, com doudas erudições o ilustram, e se menos próprias, ou menos envolvidas, contra os preceitos da Arte, têm as Alegorias que o enfeitam, e se confusas, têm os Termos, que, com propriedade escolhidos, iluminam a um discurso com tal agrado, como o artifício, que interposto no Cristal o faz estimado Espelho. Também têm a liberdade de fazer sistemas, e segui-los, e senão percebidos por uns, (menos instruídos ou mal conformados com a idéia que genuína os elegera) e lá aparece um Dectrator progênio (como Aristarco) ou Antagonista por emulação (como Escalígero de Cardano) sabemos que cabe na alçada da Fortuna do que recitara o conduzir a outros, revestidos de ânimo mais sinceramente críticos que fazem como a Perspectiva, que vendo-se a figura pela frente ou muito próxima, é uma tosca pintura, porém dando-lhe mais campo, ou uma volta a um lado, é um angélico simulacro.

Todas estas insinuações, para a felicidade de atendido um Orador, envolve um discurso de Assunto, legitimamente Heróico, com preceitos Acadêmicos recitado (ou seja também Discurso Ascético), e se em umas desagrada, concília assenso com outras; e se teve energia no dizer, todas as faltas se modificam; porque faz como a boa música, que tem subalternos os ânimos dos que a ouvem, fazendo ir os alvedrios dos ouvintes tão sugeridos, que só sabem depor elogios, e decantar encômios. A matéria, porém, deste presente, e já referido Assunto, é todo pendente de uma vastíssima instrução histórica, não só Eclesiástica, e Natural da América Portuguesa, mas também dos mais Domínios de Religioso Culto, Trato Civil, ou Economia Regulada, e Ciência do Temperamento, para argumento

da maior ilustração que pretende mostrar; pela qual natureza do Assunto hei de adular, precisamente, aquele Acadêmico estilo; porque não quer alegorias, que matizam, nem erudições que enfeitam, animando os períodos com Retóricas Figuras por passarem na História a miscelâneas culpáveis, ou digressões, que cortam o fio do que se escreve, por onde nos obriga o Assunto a recitar um Epítome Histórico brevíssimo índice, por não abusar da paciência dos ouvintes, e do mais agradável; porque já reconhecemos com tal preâmbulo (mais preciso) alterarem-se os ânimos sem descobriremos a ilustrativa matéria do Assunto.

O que posto quem tiver a Lição dos Historiadores do Império da América Mexicana (uma, e a mais memorável das sete partes principais da América Setentrional) e certos que a sua Capital, México, tem a sua Atenas em que a grande cultura das Letras faz relevante ostentação de professores doutos, com seu Tribunal para argumento da pureza da Fé, e por esta uma muito religiosa observância, e o que mais a este respeito se faz associável necessariamente com inteireza de suas grandes opulências e os que a tiverem da América Peruana, recolhida; como a Brasília em sua maior parte no interjacente da Tórrida, principiando da Setentrional, e atravessando toda a Meridional, certificados também de que Lima a Sua Metrópole (Leste a Oeste com a Metropolitana Cidade da América Portuguesa) se admira da mesma sorte ilustrada com aqueles nobilíssimos Teatros, um para crédito das Letras, e outro para esmalte da Religião, donde têm saído testemunhos certos de memoráveis Engenhos, e Protótipos da Santidade! dirá, sem dúvida, contra a nossa Empresa que tomamos (por força do Assunto que se nos dera) que prometemos um grande Paradoxo! sendo também notória aquela singularidade que em todo o Universo não descobriram os famigerados Naturalistas o que em Lima notoriamente se observa de que nunca chove em tal País; e sempre os Prados viçosos, os Campos férteis as Searas frutificando os frutos sazoadando-se a benefício de um rocio tão fresco para os umedecer e tão cheio de partículas sulfúreas para o fértil, que não há quadra de Inverno que por águas se distinga das [mais!] enfim o que se instruir na História Chilense do Padre Alonso de Ovalle que descreveu da América mais Austral, de 25 graus ao Sul com 500 léguas de Latitude até o Estreito de Magalhães, corroborara a proposição paradoxal.

Paradoxo nos pareceu, confessamos, antes que entrássemos na diligência de satisfazer ao preceito pela resignação, que reverente prometemos, fazendo da vontade relevante vítima na ara nobilíssima deste erudito Museu; porém, pelo que descobrimos, nos aconteceu como a Jasão, partindo para a empresa tão árdua do Velocino, como posta nos olhos do mundo! e se lá por traça sem que o Marcial

auxílio dos nobres Mancebos da Grécia o ajudassem, e cá por muito laboriosa diligência nossa; porque descobrimos o principal para a História Eclesiástica nas Tradições, Vocábulos, e Sinaturas, (sic) com novos, e muitos misteriosos Monumentos (pelo que mostrarmos com grande probabilidade) insinuando uma grande e mútua conjuração de todos estes princípios para o que historiarmos muito ilustrativamente, e no que for História Natural ab-rogaremos a Nós o observado pelo decurso de 28 anos em que temos apegado esta região Brasília com instrução nas Lições históricas dos principais Domínios deste vastíssimo Continente, América Mexicana, Peruana, e Chilense com quem faremos argumento para maior a ilustração da América Portuguesa: e assim instruiremos aos Críticos que os Paradoxos, só duram no Tribunal dos Judiciosos Censores enquanto o tempo os não desfaz com o mais claro escrutínio, e por este, ao depois, seguidos sistemas, como os vemos Fisiológico-Sublunares, e Astronômicos; destes, o mais memorável, hoje na Europa, da Terra Móvel (vasta hipótese pela veneração Católica ao de Ptolomeu que historia a Igreja, e segue) o qual pareceu sofístico quando o Cardeal Cassano **Diui Petri** os insinuou primeiro que Nicolau Copérnico (80 anos) e dos sublunares temos os dos Antípodas por esférica a Terra, fazendo-o tão sofístico alguns dos Padres da Igreja como, e principalmente Lactâncio Firmiano do segundo para o terceiro Século (**Lib. 3. Diuin. Instit. et Vieir. Hist. do Futur. n.º 246**) e o tempo o mostrou claro com ciência de Antípodas, Antecos, e Piriecos.

Por esta insinuação dividiremos a Empresa de que é brevíssimo Epítome, e necessariamente, este Discurso Histórico-Acadêmico a que me obriga o preceito em duas partes: a primeira, e principal, será para a História Eclesiástica da América Portuguesa; a segunda para A História Natural Fisiológica, e Médica-Teórica; precisamente de uma e outra, daremos a conhecer a figura nesta presente hora; fazendo para estudo fique sendo o prometido Epítome Histórico (e não Oração Acadêmica pelo advertido) como a pequena parte do Cristal, que representa inteiro Índice do que é avultado Corpo: e como o nosso principal estudo seja dirigido a fazer asseverar a Promulgação da Lei da Graça por um dos Apóstolos de Cristo, que fora da Província de Judéia saíram pelo preceito imposto por seu Divino Mestre em uma das sete vezes, que depois de ressuscitado lhes apparecera, será necessariamente a Parte 1.^a, que dermos à luz, por Dissertações, e Críticas como matéria tão contenciosa ainda quanto o expôs o erudito Acadêmico da Academia Real da História, Manuel Dias de Lima; porque nas contas que de seus estudos dera na conferência de doze de Maio 722 expôs o seguinte **Que não resolveria o ponto da Promulgação da Lei da Graça na América,**

sem ver a decisão da Cúria onde se disputa atualmente na opposição que se faz ao livro *Clauls Profetarum*.

Consistirá a nossa asseveração (no modo que nos é permitido como historiador) em vários Monumentos, e principalmente deixados a este fim pelo que interpretaremos, e novamente descobertos; e suposto matéria tão difícilima quanto o inculca para a nossa resolução (a que em Nós resignado filho da Igreja pode caber) o Enigmático com que estão inscritos, interpretando umas figuras por Hieroglíficas Históricas, outras por Alegóricas, e por Éticas outras, respondemos que reconhecendo esta dificuldade, mostraremos interpretativamente a nossa asseveração em o estilo Crítico e anti-crítico; e pelas respostas insinuá-la de muito maior assenso, que a que se historia das Tradições; vocábulos ou Termos descritivos da vinda de São Tomé, ponderando a nossa inteligência interpretativa (entre outras relevantes cláusulas) a do **Número** das referidas Figuras simbólicas que notarmos em um, e o principal Monumento que se achara do qual envolvemos a cópia neste Epítome que oferecemos; e também por cláusula a da **Ordem** com que estão postas; a da **Forma** com que estão feitas; e a do **Lugar** em que estão designadas, o que tudo dá um Auxílio tão poderoso para conhecermos que reciprocamente conspiram para ser Monumento da Lei da Graça com este fim [transcrito] enigmaticamente para a Posteridade, que parece basta esta boa harmonia interpretada, tirada daquelas circunstâncias para sugerir o ânimo do Crítico mais renitente, quando não fosse animada a nossa interpretação com outras cláusulas mais exatamente e visceradas do enigmático com que está inscrito, e designado; corroborando-o uma larga Lição, que deve haver da viagem, que fez o Santo Apóstolo, dos Monumentos, que deixara, e de razões morais, literalmente deduzidas da lição dos escritores Evangélicos Divinamente Ilustrados, e do Profeta Evangélico Isaías) [tudo] com instrução, não só a este fim mais agradável, mas muito atendível pelo que temos lido nas históricas insinuações com este empenho por parte dos outros referidos Domínios; os quais não historiam Padrão da Lei da Graça de tanta relevância como o que por Ilustração oferecemos neste Epítome.

E como aquele mútuo auxílio das assinadas cláusulas é um, e o principal Monumento, do que neste papel transcrevemos, fielmente [copiado] do Original primeiro que se extracta por douto, e Religioso Extrator, mostra elevada lição de Inscritor o corroboraremos com as interpretações da cronologia, deixada em caracteres Romanos na regra segunda uns dos três que mais se usavam em Jerusalém, Metrópole da Palestina; porque eram estes, (Gregos e Hebraicos) certos nós da lição das tradições, que na Síria [a] língua pregara Cristo bem nosso; a qual cronologia

explicaremos interpretativamente, lembrando duas Épocas para fazermos o cálculo do tempo interpretado em que viajaria o Santo por esta América Portuguesa, promulgando a Lei de seu Divino Mestre, uma de quando morrera Cristo pelos homens, Divino Legislador, e outra de quando o Santo saíra da Judéia; inteirados Nós da opinião dos doze anos que os Apóstolos tiveram pela Palestina a destruir as Sinagogas, segundo a tradição dos que conversaram com os Discípulos de Cristo; e que a ser certo preceito (porque não consta dos Atos dos Apóstolos nem da lição dos Evangelistas) não foi para São Tomé o que se mostrara com razões Morais, a fim de ajustarmos a interpretação da cronologia enigmática, e caracterizadamente deixada na regra segunda.

Para vigorarmos o assenso que damos de que fora São Tomé o Apóstolo, que deixara o Monumento de que falamos, ou algum Discípulo seu, que convertera, ou trouxera dos Divinamente Ilustrados no Cenáculo, ou Casa de Maria, Mãe de João Marcos com o fim do Evangelho promulgado nesta América Portuguesa, e por algum, que com o exemplar e religiosa vida morrera (com vasta lição corroborado) faremos necessariamente uma Dissertação, e crítica sobre as três Igrejas Patriarcais, que houveram (sic) depois da Morte de Cristo, que São Pedro erigira (avivando-se esta Hierarquia Sagrada no século 3.^o governando o Papa Cornélio (uma a de Antióquia, que criou o Santo Apóstolo para Capital da Igreja do Oriente; outra de Roma para Metrópole e da Igreja do Ocidente em que fez assento; e a 3.^a a de Alexandria que mandou erigir por São Marco, e dominara toda a Província da Judéia: tudo com o fim de que reconhecendo-se os Domínios, que tinham, e se não ache memória de que alguns deles fossem na América, debaixo de algum título, por não ter esta imposição, se faça persuadir com elevados fundamentos, que um tal Monumento com aquelas cláusulas notadas, e muito reflexivamente com outras [mais], e a propriedade das Figuras simbólicas para o figurado que interpretamos, só um Apóstolo, ou Discípulo seu podia designá-los nos lugares em que se acham, e em um Domínio sem cultura Literária, e menos de caracteres romanos; porque assim como deixou o Santo alguns caracteres na Ásia Maior por constantes tradições, segundo o que lá descobriu João de Barros, e depois Diogo do Couto, com quem autorizaremos, crível se faz o assenso de que persuadida a vida de São Tomé, ou este santo, ou Discípulo seu erigiu o Monumento com Letras hieroglíficas, à imitação dos Heróis Gregos, e Latinos, e dos Missionários de uma das Igrejas referidas, como mostraremos designando, e caracterizando o que deixaram no Oriente por Histórica insinuação do erudito Padre Atanásio Kirker (in *Chronic. Illustr. 8.1.C.1 et Mus. Colleg. Roam*). E como se descobrira outro

Monumento no sertão dos Goaiases com figuras hieroglíficas, daremos a conhecer o como dão mútuo auxílio um, e outro ao mesmo fim. Pelas dúvidas que padeceu o nosso assenso à ciência do descobrimento do Padrão da Lei da Graça, asseverando-nos o antiquíssimo (do que já se queixou o mesmo Kirker a respeito do que descobriram os Missionários Jesuítas acima historiado) envolveremos na Dissertação em que se mostra a inteligência interpretativa (e necessariamente dilatada) um capítulo Preludial, e Histórico, a fim de mais atendível, o interpretado, e verdadeiro o antiquíssimo, do Monumento, com ciência transcrito de uma Pedra erigida em a Serra **Itaguatiara** ao Sul de Ouro Preto, poucos dias de viagem (advertindo, e declarando sempre, que toda a nossa insinuação é de probabilidade, porque reconhecemos, resignando, Filho da Igreja, que a resolução da verdade só lhe pertence com outros escrutínios.

Necessariamente exporemos também em outra Dissertação, quem foram os Povoadores da América, que lhe deram trato civil econômico, e cultura de Ritos, para o que buscaremos a Antonio Soliz pela História do México, e também por esta a Fernando Cortiz Monroy Pissarro; e Francisco Pissarro no Descobrimento do Peru, ao erudito e vastíssimo Joço Solorzano de **lure Indiarum**: ao Padre Joaquim Brallio na sua História Peruana, por cronista de sua religião (a de Santo Agostinho) e Antonio Herrera nas suas Décadas da História Universal de Índias, porque historiando dos usos, e costumes, e do que mais envolvem a este fim de povoadores desta, ou daquela nação, mostremos vigorada a opinião de que os Israelitas, que desde a Idade de 3 (princiada do Nascimento de Abraão até o Reinado de Davi) deram princípio às suas perseguições pelos Idólatras Assírios, foram uns dos que para o Continente da América se passaram, e principalmente Egípcios, perseguidos por Cambises, passando por a China (ou Sina) da qual perseguição histórica Heródoto, e daquela outra Josefo, os mais fiéis daqueles Nacionais (quais Troianos, e Cartagineses buscando novas terras por mares nunca dantes navegados) passando, pelo que mostrarmos, para a Asia Maior, e desta por Istmos breves, que o tempo inundasse (o que mostra a fereza de brutos que se não haviam embarcados) ou largos, como o Austral de Panamá ou o Setentrional de **Anian**, chamado nas Cartas **Fretum Anionis**; dos quais Povos (principalmente dos Hebreus) acharam demonstrações os descobridores do México, assim em costumes, como em Letras, pelo que historiam Ugo Grócio (**de Origin. Indor.**) Gregor. Gracia (**de Origin. American.**) explicando as palavras que traz Vila Rael (**Tautalog. lacr.** Tom 7. Pag. mihi 558 n.º 10) citando Sanches (I. **Machab.** 3. n.º 4 ... que historia o que descobriam os **Espanhóis em México**; dos quais princípios

nos valeremos muito para corroborar a interpretação, que também achamos Hieroglíficas, e Caracteres Simenses (?) de que formara o Monumento inscrito para mostrar na Posteridade Católica, que os Povos que ouviram a Lei da Graça naquele tempo foram também os referidos, e que os Israelitas com grande eficácia a abraçaram pela ausência de Rabinos, mostrar-lhe com prodígio, depois da explicação das Profecias cumpridas, com única filosofia que sempre tiveram.

Na referida Dissertação mostraremos, que nunca vieram Romanos à América: porque Apiano Alexandrino dos princípios do Segundo Século, dando notícia de todos os Domínios do Império Romano, nenhuma escreve de terem-nos neste Continente, debaixo de algum título de Ilha, ou outra qualquer que o faça persuadir, mostrando frívola a opinião de Marinho Siculo, que na sua história de Espanha pretende insinuar, que tiveram senhorio na América; acumulando a história de uma medalha, que os Espanhóis descobriram nas Minas Ocidentais, com a effigie de Augusto César o que tem por falsa Pedro Bercio (na sua Geografia) como adverte o Padre Alonso de Ovalle (**Histor. Chilens** L. 4 pág. 106 c. 2). Toda esta insinuação é para corroborarmos o assenso de que os caracteres da segunda regra, e regra da cronologia, e os da Terceira, que declaram ser Monumento fúnebre, só o Apóstolo de Cristo, ou discípulo que o acompanhasse, poderiam escrevê-las, por serem do Império Romano, de que era Domínio Jerusalém Capital da Palestina; Padrão enfim, o mais memorável de toda América, e o que muito ilustra a Portuguesa; e toda esta Lição, e ... com probabilidades, e não com fundamentos que faça ciência.

Também faremos Dissertação de prodígios misteriosos que muito ilustrarão esta, e a mais celebrada Região das que se carteiaram desde o Cabo de Orne na Temperada Austral até a Frígida Setentrional; e para que não entremos no número dos Portugueses misteriosos (cargo ... nações estrangeiras) explicaremos a este fim o que é resultância de Acaso, o que é efeito das cousas Naturais que se equivoca muitas vezes com o que é especial concurso de Superior Esfera, e o que são prodígios desta série: e como há outras sobrenaturais ordenadas por quem faz especialíssimo estuco em enganar-nos, tecendo redes sutis de que não possam os presos colar a malha, também envolveremos esta Lição, explicando o distintivo nas cláusulas **Antecedentes**, nas **Concomitantes** a esses prodigiosos sucessos, e nas **Subsequentes**, notando de todas um recíproco auxílio, Lição que envolveremos em duas Dissertações, uma dos misteriosos sucessos para muito ilustrativo argumento da América Portuguesa, e noutra do descobrimento desta, não por acaso como se historia, mas sim por impulso do Superior Destino (tudo da sorte ponderada com probabilidade grande, porque consciência, é para Fiscais de

quem pela Igreja o procura para a resolução de todo o misterioso por novo Concūrsu Divino.

E com esta insinuação, que damos, seja por Epítome Histórica, como conta dos nossos estudos em Acadêmico Congresso pelo já ponderado do Preceito, e não queremos abusar da paciência de quem por honorífico aplauso nos obsequia, não passamos a depor do que mais, e precisamente envolvemos, mas e por último instruiremos, que a América Portuguesa foi uma das regiões Ofirinas, aonde as Frotas Salomônicas, que partiam de **Aziongaber**, porto do Mar Roxo, vinham em cada ano para chegarem ao mesmo porto no fim do terceiro, depois de várias escalas pelos gêneros, que levavam, carregando Ouro, Paus Finos (o Pau Brasil pelo que mostraremos) Pássaros de várias cores, chamados Pavões na **Vulgata para a percepção**. E como por cláusulas subseqüentes ao descobrimento da América introduziremos uma Dissertação, sem culpa de miscelânea envolvida, que concilie assenso ao referido, insinuaremos ser opinião mais solidamente deduzida do Original do Texto **Aurum erat Paruaim** (2. Paralipo. 3.7. **Haya in Bibl. Maxim. et Alapid. hic**) corroborado com a versão da **Vulgata Aurum erat probalissimum**; desfeitas várias e principais dúvidas, por parte da Ásia, que é a que mais se opõe que a África, e Europa para onde o levaram também; como um globo cosmográfico, em que cada Escriitor lhe deu a sua volta para opor aonde lhe pareceu; certos nós de que as Embarcações daqueles tempos, que só vadeavam pelo Mar Roxo eram pequenas, sem agulha para os rumos, nem Astrolábio para as alturas, porque desfaz o reparo o que o mesmo Salomão disse no livro da Sabedoria 7.17 — **Ipsè enim dedit horum, quae sunt, scientiam ueram, et sciam dispositionem Orbis terrarum et Virtutes elementarum.**

Temos mostrado o em que mais se empenhara o nosso estudo pela grande força do Preceito (nada violento) para o fim da nossa América Portuguesa ilustrada com maior ilustração, no que é, principalmente, insinuar a Promulgação da Lei da Graça, desde o Século 1.º para o Apóstolo de Cristo, do que nos puderam instruir os argumentos, que a este intento ficaram por qualquer das mais Regiões da América. Tem que delineada a História Eclesiástica em nove Dissertações, todas em estilo crítico, . . . e viscerando (sic) a verdade do que se pretende persuadir, e com críticos reparos para mostrar se conhecem as dúvidas. A da interpretativa inteligência à Enigmática Inscrição do Monumento será com largo estudo, e necessariamente com Anti-críticas respostas às objeções e Críticas para solver as instâncias, que se podem oferecer até onde couber a nossa alçada pelo estímulo de se nos duvidar da Ciência que nos fez dar primeiro o elevado da Enigmática Inscrição, que reconhecemos; fazendo de sua relevância argumento para que neste inculto Orbe

Americano não pudesse engenho algum assim inscrevê-la: o que depois se vigorou com a verdade de achar-se por quem de propósito viajara o Sertão a este fim, e da sorte que neste Epítome Histórico desinamos, (sic) e já advertido.

Enquanto à outra parte e prometida pela natureza do Assunto para a cabal satisfação do Preceito, a que nos sujeitamos, e para dar pública Conta (pois que os particulares para expor neste Museu, terminaram hoje com mágoa nossa, e a deste Literatíssimo Congresso) será a da América Portuguesa Ilustrada, História Natural, que consistirá Fisiológica, Astronômica, e Medicamente em tudo o que mais principalmente conduz para dar a conhecer com Ilustração o seu temperamento. Não quente, e seco, e menos tórrido, como imaginou o Estagirista pelo perpendicular dos Raios Solares Lares em todo o interjacente de Trópico a Trópico, vigorando o seu argumento por viver na Temperada para onde são oblíquos, e se sente o tórrido, e mortal muitas vezes; mas sim o mostraremos quente e úmido a **Predomínio**; estímulo por onde aquele Sistema de inabitável nos dará motivo uma crítica contra os Peripatéticos que reconheceram a verdade da História da Criação do Mundo; porque não só com razões Filosóficas mostraremos (e estes contra o Filósofo também) o não podem subsistir pelos dias iguais as noites no Centro da Tórrida, e sempre grandes em toda esta Região, e também com grande fundamento pelo oblíquo de quando na Declinação Máxima Setentrional ou Austral, mas também será a Crítica com Razões Morais para os que tiveram a fortuna de reconhecer certa a História da Criação do Mundo como assentindo às palavras — **Vidi Deus concta que fecerat et erant ualde bina** (genes. 131) porque Aristóteles sim leu esta História, mas queria que Moisés aprovasse — **Pulchra prodectis scribit hic Barborus dica probasset**. Como escreve Goneto que o dissera Gonet. Tom. 2 de **Altissim. Trin. Mitter.** de 7 a 1§2, Pág. 159 n.º 11) mas sem assenso a ser por Pena superiormente ilustrada.

E como as Influências Celestes, a Região Sublunar, e o Mundo subterrâneo, desta América Portuguesa reciprocamente concorram para o salutar do Temperamento, que vem a ser o mesmo que o empenho de todos os Elementos mutuamente conjurados a este fim ser-nos-á preciso com muito agradável insinuação por capítulos em o Corpo da História, e por Dissertações (pela matéria) em seu lugar envolvidas, descobrir os efeitos, primeiramente, deste subterrâneo para os julgarmos causas ou princípios daquele salutar e como os havemos achar resultados de uma natural graduação, ou natural harmonia, dos Fogos subterrâneos que põem em movimento o **Seminio sui generis** de que saem materialmente produzidos, o Ouro, o Diamante (os dois maiores mistérios da Natureza do Mundo

Subterrâneo) insinuaremos serem também um grande arrimo para a prosperidade do Clima com efeitos daquela graduação, e muito ilustrativo esta da América Portuguesa, por não haver um só Vulcano em todo o seu dilatado Império, e infinitas por essa Mexicana, Peruana, e Chilense que testemunham o destempero dos fogos, e ainda das mesmas Cordilheiras de neve elevados Etnas! Causa dos maiores, e mais extraordinários terremotos, se ouvirem no Mundo, e padece a memorável Lima, aonde só o rocio da manhã refresca os Prados, fertiliza as cearas, e recreia todas as florestas, como referimos, e notoriamente sabido entre os Historiadores do Peru, de cujo Reino é Capital.

Pelo estímulo de falarmos no ouro, por ilustração da América, mostraremos, que é relevante, digo que é resultado, ou produzida **successive**, e só **In tempore** o seu Semínio assim como o foi de qualquer vegetável, o que provaremos com razões Naturais, vigoraremos com as experiências da Arte, e corroboraremos com a lição do Historiador Sagrado — **Ubi pascitur aurum** (Gen. 2.11) motivo por onde e por razões Morais, genuinamente deduzidas, futizamos, como Filósofo, que nunca faltará nesta América Portuguesa este Ofir de preciosidades.

Pelo motivo de falarmos nos Diamantes (desde reluzente mistério da Natureza) insinuaremos com novidade, que o Diamante grande no seu assento natural, não pode ser maior, nem mais crescido o que vemos pequeno e que este prodigioso produto, o mais **Exacte** fermentado que outro algum, nem creio **Per iuxta positionem** — Como o Mármore, nem **Perintus sumptionem** como as Plantas; o que animaremos (por sistema nosso) com princípios das Lições dos Filósofos Químicos, e corroboraremos com experiências naturais que fazem grande argumento; assim como a Pérola que na opinião de Plínio é produto por súbita ação produtiva, substância coagulada por suco coagulante; e também com o exemplo dos Sapinhos subitamente resultados depois de um chuveiro de Outono em certas regiões, como temos visto, e observado por várias vezes.

Sistema este nosso de que, talvez, se não agradará o Literatíssimo Museu da Real Sociedade de Londres, aonde se acha um pedaço do Penhasco donde, como em sua cama nativa, estão crescendo (no que parece) ou saindo Diamantes na grandeza diferentes, desde a grossura de um alfinete mediano, até a quarta parte de uma polegada de diâmetro, mas todos curtos: não estão muito claros, mas um pouco cinzentos, como a Calcedonia, e exceto um pequeno montão deles amarelos; todos cortam vidro profundamente, e com a maior facilidade.

Insinuação esta e da sorte referida, que traz Jacó de Castro Sarmento, erudito Lusitano e Sócio daquele Régio e Literatíssimo

Congresso (Matéria Médica, Físico-História Mecânica, Pág. mihi. 147 do **Diamante**) assentindo no que expõem que são Diamantes, pelo que profundamente cortam, efeito da dureza, e esta da exata fermentação) e que não são Diamantes o mostraremos em seu lugar.

Daremos a conhecer em como a Região Sublunar conspira para o temperamento da América Portuguesa, e mais ilustrativamente do que a desses vastíssimos Domínios Mexicanos, Peruanos, e Chilenses; porque de infinitas Serras, que como faixas, ou cintas formou o Divino Arquétipo para precintar a máquina Macrocósmica, na boa Filosofia, que expõe o Matemático Manuel de Figueiredo (Repertório dos Tempos p.2.c.11 do **Elemento da Terra**) de nenhuma saem os Vulcanos já referidos como das Cordilheiras daquelas Regiões, que por mais vizinhas à dos Meteoros se cobrem de neve com tal prejuízo aos que atravessam os Sertões, que muitas vezes acabam avidamente, e por este perigo se concluem os Meses que lhes impede as viagens, não se conhecendo na América Portuguesa este destempero tão extraordinário.

E como a maior felicidade das Regiões esteja nos Morros e Serras, porque os Tesouros, mas principalmente, deles se extraem os vapores de suas subterrâneas fermentações mais ativas deles saiam para que sacudidos dos ventos (abatidos de um agente impulsivo, ou princípio movente) se atempere a Região Aérea, e se dissipem os corpúsculos deletérios, que se elevaram dos Pantanaes, ser-nos-á preciso haver uma instrução fisiológica de como resultam? Com lição de Pedro Silvano Regis (Tomo 2. **Phys.** Cap. 9 et 10. Liv. 5. a Pag. 368) e porque com mais atividade do que de lugares, que não são misteriosos! a cujo fim envolveremos a causa porque o Continente da África é o de maiores Epidemias, e pestíferas consistindo no mais arenoso cheio de desertos dilatados, com infinitos pantanaes; por onde os marítimos que buscam o rumo de Leste para melhor demandarem os portos Ocidentais da América nos trazem o pestífero daqueles ares, e muitos com a vida pagaram a derrota. E como a felicidade de infinitos Rios, que cortam toda América se deve aos Morros, e Serras, dondo por diques de Cristal se formam línguas de prata para dizerem as prosperidades do País e que são as águas e mares os que exprimem o furor dos Raios Solares quando perpendiculares! escreveremos, que do magnetismo destes lugares (como ventosas da Terra em que por represados os Fogos Subterrâneos se vigora necessariamente) é que as águas cortem daqueles em cachoeiras, contra o sistema mais moderno de serem Cistenoës, (sic) que o Divino Arquétipo formara, enchendo-se na Quadra do Inverno sem que nos valhamos da Escritura — **Omnia Flumina intrantes in mare ad locum de excunt flumina reuertuntur at Aerunt fluant.** (Eclesiastes 1.7.) por nos livrarmos da explicação

que querem dar como ao sistema do curso do Sol reverentes a Igreja, mas sim fundandō-nos em princípios naturais com a certeza notória de Lima, famosa Cidade Capital do Peru que tem Rios e Fontes, e não tem chuvas em todo o ano como já tocamos fazendo elas para estudo de não serem digressões a que envolvermos.

As influências Celestes, dissemos, conspiram muito para o salutífero da Região, porque mostraremos, que o Sol, quando perpendicular por estes Domínios Austrais, e a fazer a Quadra do Estio, então o reconhecemos mais salutifera, notando dois prodigiosos efeitos, um de que quando são verticais os Raios, então maiores chuvas pelo magnetismo inerente como natural ventosa a puxar do sublunar as águas que em Rios recortam toda América Brasileira; outro mais digno de ponderação que observamos, é serem os calores mais ativos, quando oblíquos os Raios no retrocesso do Sol da sua Declinação Máxima Austral, do que quando perpendiculares, e sem comparação alguma mais Marciais, o que insinuaremos em largo capítulo, com nova instrução nossa; porque não seguimos a superficial razão dos Naturais de ser a causa a disposição que detém o Sol, quando na volta do Norte deixara a terra já árida por observarmos as muitas chuvas, que umedeceram os Ares, e o terreno quando perpendicular, como já notamos, e observou Vasconcelos que expõe a sua razão no natural (Liv. 2. **Das Notic. do Brasil** n.º 6 P. 142) mas sim assinalaremos, entre outros, o acompanhará o Sol Estrelas Marciais, que nesses Meses Fevereiro, e Março, o fazem mais ígneo: e se parecer paradoxo o adusto quando distante! maior paradoxo, e sofisticado parecerá dizer que menos Estio tem os Americanos no Centro da Tórrida, quando a prumo, ou vertical o Sol, do que o da Groenlândia em 75 graus ao Norte ou os Laponenses na mesma Frígida, porque muito clara será a razão de convencer os renitentes.

E como devemos explicar quando principiam as Quadras, e com mais acerto, que João José de Santa Teresa na sua História das Guerras Brasileas em Italiano, ou Vasconcelos acima citado, e Pita na sua História da América Portuguesa, por menos instruídas nas Médico-astronômicas instruções, designaremos a este fim, e para outros, a Esfera, e em seu lugar o Zodíaco, este mostrando a natureza das casas por onde o Sol entra (isto é por onde, e muito remoto o Luminar Maior passa) e aonde faz as quatro Estações, e aquela para insinuar a Latitude das Zonas, o número, e lugar que mostra a divisão de um, e outro Hemisfério Setentrional, e Austral.

Por darmos a conhecer, que nunca houve na América Portuguesa Epidemia pestífera, senão por qualidade adventícia da África assim como a da Bicha de que escreveu o Doutor João Ferreira Rosa (**Fr. unic. Constit. e de Pernambuco**. página 13 n.º 12) e a varilosa, e morbitosa (isto é Bexiga, e Sarampão) pelos quais se ordenou a

receita da Saúde só às embarcações da Costa da África, (e só pestíferas qualidades quando intervieram sinistras conjunções dos Astros, ou de Astros sinistros nos Influxos e Eclipses) mostrarem que só por estes princípios, e por Cometas que se envolveram podia América Portuguesa sentir o estrago que daqueles lhe sobreveio, e pestífero, só então para seus Nacionais; pelos quais efeitos observados depois daqueles Fenômenos, daremos com larga insinuação a conhecer, que nunca foram anúncios de felicidade, e sempre por dissolvida a matéria, presságio de ruínas ou nos Brutos (como observamos no de 1722) ou no vegetável, premiando-nos a escrever contra os que observam desde o século passado serem espetáculos para os Néscios, pavor para ignorantes; porque sabemos por sistema dos Cartesianos ser um Cometa uma das Estrelas fugitivas que perdendo o seu lugar como se tem observado de muito o arrebentou o turbilhão de algum Astro a que se avizinhou (que é o mesmo que um redimoinho de vento, que ajunta o que cabe na sua Esfera) e elegendo v.g. ao Céu de Saturno, ali recebe os reflexos do Sol, como os criam e designadamente os mostra Pedro Silvano Regis (Tom. 1.2.P.2 C.5. et Tom.2.L.3 e C.12) tudo porém sutilezas cartesianas para mostrarem nossa figura no Universo.

Sabemos de outros Astrônomos com Mons. Cassini, serem levados de outro Sistema, com grande séquito desde século passado, mas já conhecido pelos Caldeus, de ser um Cometa um dos Astros que do princípio do Mundo foram criados e com crônicas aparições se dão a conhecer sem anúncio para felicidade, ou preságio para estrago; a que deu motivo o Cometa que apareceu em 1664, que antes em 1618 no mesmo lugar fora observado, motivo por onde o erudito Astrônomo João Keill (**Introductio adueram Astron. sect. 18 de Cometis**) e o mais venerado Newton assentam serem os Planetas sem fim feliz, ou infeliz, e historiando do mesmo Cometa (Idem supra cit. pág. 248) porém sabemos que faltou a observação aos do observatório de Paris em 1736 esperando-a para corroborar o sistema do curso regulado; porque nesta América Brasílica esperava o Padre capaz Astrônomo da Majestade Portuguesa que viesse o referido ano para este fim (pelo que nos certificou) e estando nas Minas Gerais observou com o seu Telescópio, e sabemos que o não achara; persuadindo-se que nesta Região Setentrional o não descobriram também.

O que posto não seguiremos o (sic) referidos sistemas, tão aplaudidos na Europa; e muito menos o dos Peripatéticos, que querem dar-lhe a genealogia dos Meteoros que resultam de exaltações, mais, ou menos sulfúreas, e mais, ou menos betuminosas, para maior, ou menor duração, assim como o Santelmo dos Espanhóis nas tempestades, ou Corpo Santo dos Portugueses sinceros nas mesmas

tormentas: seguiremos porém o que pelos efeitos temos recorrido, e observação notória, logo depois de desaparecidos, isto é dissolvido o Cometa (valendo-nas a este fim das doutas palavras do Padre Joseph Cassani na Companhia (Trt. de la Natur. Orig. Trans. de los Cometas cap. 5 pág. mihi 44 — Siempre que le experimentan afectos en presencia de una causa proporcionada para causalos a esta causa le deben atribuir, sen andar en curiozas meditaciones de otras puramente posibles, ni recorriera calidades, impresiones ocultas). Seguiremos o sistema do erudito Astrônomo, o Padre Valentim Estancel da Companhia, viajando por esta América no século passado, observador de vários Cometas, e de muitos Fenômenos, que historiara, notando o seu Diário curso, e seu Nascimento, o Ocaso, Região, e duração; futurizando sempre o que as regras da Astrologia Judiciário Natural insinua (deposta a Judiciária supersticiosa dos Fenícios Caldeus, Egípcios Pitões e Ariobos da Judéia) porque assenta ser o Cometa, Parte dos Astros que resulta dos eflúvios pela conjuração dos Planetas (Urano phl. Caelest. Prolusion. as Uranie Estases. pag. 43 num. 246) **Dico Cometas illos non aliud esse quam partus magnorum Syderum, eorum scilicet, quae in aethere infra Firmamenti fornicae vagantur, quos communcter Planetas dicimus.**

Seguiremos necessariamente esta Douta opinião, e não só partam elevada autoridade de um dos mais indagadores dos Orbes Celestes, como e principalmente pelos efeitos sinistros observados, depois de desaparecidos ou dissolvida a matéria, conservada enquanto os Planetas conjurados se não separavam da Conjuração, ou também conservada para maior resistência da matéria das Eflúvios; da qual ocorrência dos Planetas escreve Pimenta, literatíssimo Catedrático de Matemática na Atenas Lusitana, que pelo Cometa de 1664 compôs um tratado com o título **Sciographia da Nova Prostiman. Celeste** pág. 22, resolvendo pelo mesma causa Material dos Eflúvios dos Astros para a formatura dos Cometas (Leo. Art. Gram. 4 pág. 19) citando a Scheuner, que considerava o Sol uma frágua Celeste, donde perpetuamente se exalavam hálitos os quais também são causa Material dos Cometas, pelo que as suas observações não insinuam (Pág. 4 supr. cit.) e moderadamente o resolve o Padre Joseph Cassani da Companhia (Supr. cit. Cap. 4 Pág. mihi 26) por cujo fim ilustrativo da América Portuguesa faremos agradável dissertação de que só conjurando-se sinistros Astros, ou efeitos Marciais, podia o Temperamento Brasilico perverter-se a ter Epidemias pestíferas, achando qualidades adventícias de outro Continente, como o da Bicha, o das Bexigas, e Sarampão, que os Africanos primeiro trouxeram do Reino de Angola.

E como os mais lamentáveis estragos, epidemicamente observados (e pestíferos por ocorrerem mais do que livraram) foram os que o Cometa de 1665 originara, e o primeiro estrago, que lacrimosamente sentira com assento na Hidra, junto à Taça, e perto do Corvo (Constelações Meridionais) exporemos o que achamos em papéis manuscritos, ao qual designaremos na Figura da Hidra, e graduado. Como também o de 1668 sobre a Baleia por Valentim Estancel primeiro designados de quem (ao que nos parece) é o seguinte Soneto feito ao primeiro Cometa, e por próprio o lugar desse Literatíssimo Museu o transcrevemos.

SONETO

Ó tu que no Austral Pólo descuidado
vivei de tua vida mui contente,
repara que o Cometa úmido ardente
A Taça ao Corvo, e Hidra está pegado!

Deves logo viver acautelado,
Pois a Taça a peste lança, que insolente
O Corvo pica, e bebe da Serpente;
E tudo estragos são do iníquo Fado.

Esta infausta Fortuna infeliz sorte
te anuncia o Cometa que aparece
e no fero Capricórneo predomina

Emenda pois a vida, e teme a morte,
deixa as Minas que a vida te oferece,
pois tens na melhor morte a melhor vida.

Será de muito, atendível assenso a Dissertação, consistindo em asseverar o dano por onde for a esfera de sua atividade, olhando para a natureza, mais, ou menos Marcial, de que os acusam doutos Professores, como os citados, Pimenta, Scheyner, Estancel, e o moderno Cassani, todos para que dissolvida empregue seus impulsos aonde achar a disposição para os sinistros sucessos, já nos Racionais como temos observado e já nos brutos como vimos, e todos os moradores desta Cidade do Rio de Janeiro, pelo Cometa de 1722, que no Mês de Setembro admiramos, e parecendo presságio de algum infortúnio à Esquadra Portuguesa que partia para o Rio da Prata a tomar posse de Montevidéu, e Comandante da empresa o Mestre de Campo Manuel de Freitas, sucedeu, que os efeitos foram nos Chachorros, dando-lhes um furor sem ofenderem a pessoa alguma, e correndo apressurados para o Rio, nele alguns acabavam, e muitos por casas, e pelas ruas: e suposto historic Cassari (supr. cit. a pág.

75 ad 147) dos Cometas de que se fazem lembrança deste 480 antes de Cristo até o observado em 1737, sem lembrar o referido, ou por muito Meridional, ou de pouca duração, ou porque não observariam os Astrônomos, e que achou observados os que conta, não faz argumento; porque todos observamos, e efeitos nesta Cidade de Minas Gerais, e principalmente nesta Cidade do Rio de Janeiro e Vila Rica.

Explicaremos o Oráculo dos Púlpitos, quando, e porque pregou serem os Cometas aviso do Céu (Tomo 14 voz de Deus ... a num. 260 ad 263) e também comentaremos o fundamento com que Pimenta disse ser o Cometa de 1664 anúncio de felicidades; pois sugerido do afeto Lusitano, e achando probabilidades para futurizar (como muitos) as propriedades de Portugal devemos persuadir-nos ao seu assenso por político, assim como por Católicos o que dissera Vieira, porque pregava neste Brasil com um Cometa à vista (o de 1695) como se mostra no sermão do lugar acima referido.

Também insinuaremos pelo mesmo fim da Ilustração da América Portuguesa (prosperidade para todos os Domínios Austrais) não haver na Quadra do Estio) o muito, e mais salutífera que Estação alguma do ano) aqueles perniciosos efeitos dos dias caniculares que para obviá-los, já Hipócrates advertiu a precaução dos remédios purgantes, e todos os que causam ebulição sangue pelo que disse — **Sub cane et antecanem difficiles sunt medicationis** (4 Aph. 5) porque não se tem reconhecido Estrelas tão Marciais na dita Quadra (que principia em 21 de Dezembro e termina em 22 de Março) como a da Constelação do Cão Menor desse Oitavo Céu, que acompanha o Luminar Maior no Mês de Agosto; nem as Estrélas Marciais do signo de Leão desse Mês, e muito Marcial do Basílico, que está no Coração da Imagem do mesmo signo de Leão, pois se sente uma adusta Quadra nos Meses de Fevereiro, e Março, mas com menos estuação que na Temperada do Norte, e por muitas as chuvas que mitigam o Marcial das que acompanham ao Sol nesses Meses.

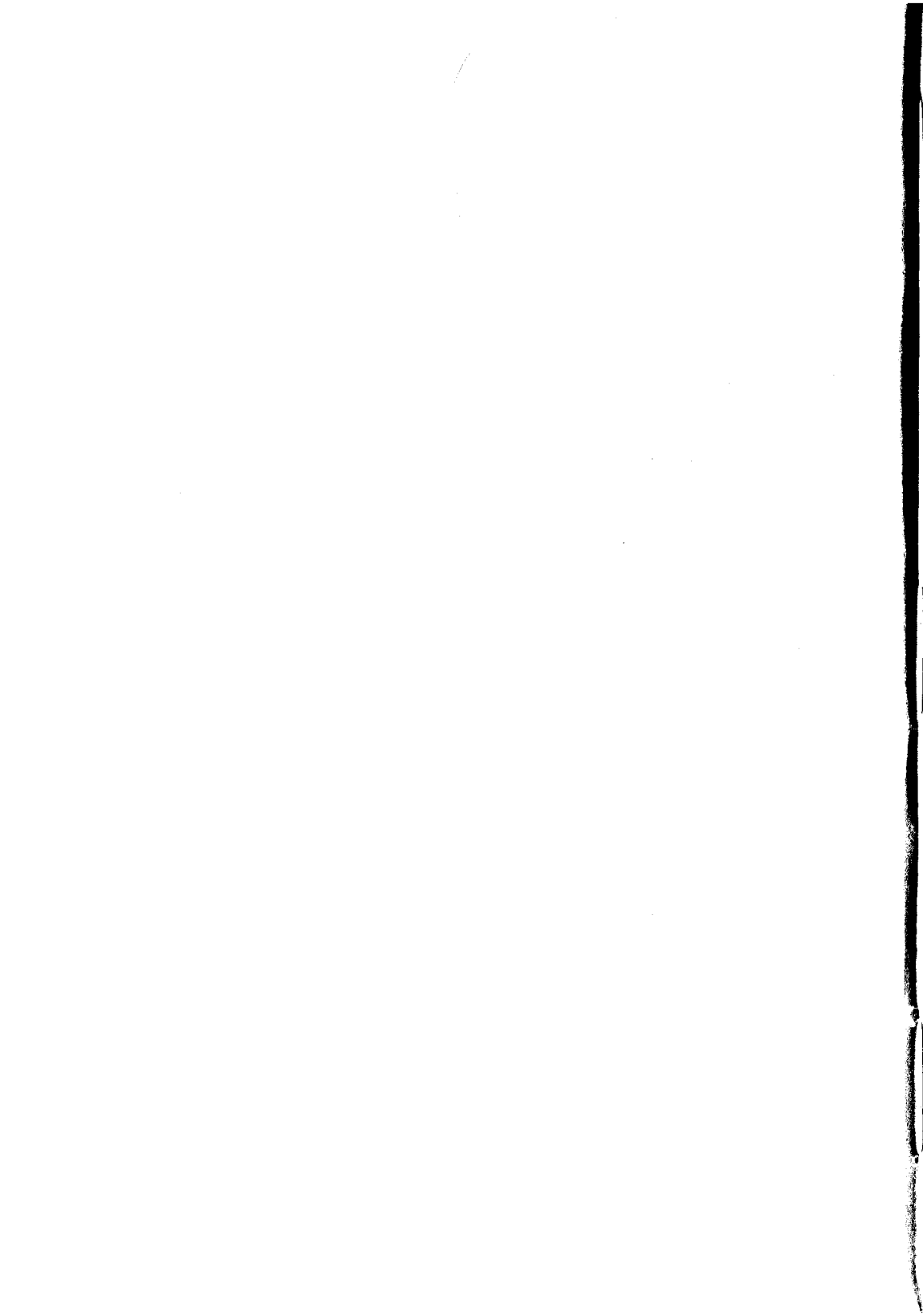
Também, e finalmente, pelo fim da Empresa insinuaremos, que a buscar-se o Paraíso Terreal, ou com mais acerto, o terreno, e Região, em que o Arquétipo Divino o fizera, se achara com mais probabilidade no interjacente da Tórrida, e Continente da América, e dos Domínios desta, nos da Portuguesa. Certos nós do especial Tratado que Pedro Daniel Huet compusera para levá-lo para a Temperada Zona; e nos Domínios da Mesopotâmia, como também o Padre Atanásio Kirker (in **Arca. Noc. Circ. Paradis**) e o Expositor Bento Pereira (in **Genesim. L.3 de Paradis**) com insinuações de alguns prodígios que historiam Gabriel Alvarez Toledo, e Pelicor (**Hist. da Igra. e do Mundo** p. 1 L. 2. cap. 17 in pág. mihi 244) porque nos animaram os Discursos São Boaventura (Sentent. 17 Dub. 3) Celio Rhodigino (Lib. 1 c. 12) e Nicolau de Lira, ... **Stela** (sup. gen.

C.22) Ludovico Vives (in *Addit. ad. D. Aug. L. 53 de Civil Dei*) e enfim nos corroborará a ilustrativa opinião Santo Tomás; parecendo se opõem ao habitável da Tórrida; pois achamos que pondo de parte as forças do Rio Tigre, e as que parece mostra um Eufrates, que por essa Mesopotâmia correm, diz que o Paraíso Terreal se deve considerar em Região Temperadíssima, ou seja no Centro da Tórrida, ou em qualquer outro lugar — **Ad quantum credendum Paradisum in loco temperatissimo constituentu esse, uel sub aequinotiale et alibi** (P.P.Q. 102 art. 3.º ad. 4um.) o que corroboraremos em outro lugar do mesmo Dom Angélico a trazê-lo para a Tórrida; porque a cerca da Espada de fogo com que o Anjo impedira a Adão a entrada no Paraíso, explicara por estas palavras — **Flameum gladium atque uersalitem** (Genes. 324) o que se entende pela Tórrida — **Ad quintum dicendum quod saluis spiritualis Sensus misteris, ille locus praecipuo uidetur esse inaccessibilis propter vehementiam aestus indocis intermediis ex propinquitate Solis, et hoc significatur per . . . amecem gaudium, que versatilis dicitur propter proprietatem motus circularis huius modi aestum causantis** (Secund. 2e. q. 165 a 2. ad 5am.).

Não passamos a expor em que mais prosseguiremos para satisfação do Assunto, tão nobre, quanto por sua natureza a ilustração da América Portuguesa, História Natural; porque já dissemos não queremos alterar a paciência dos ouvintes; e com eruditos persuadir-se-ão a dignos princípios, e dou a conhecer lições que façam arguimento ao que prometemos, por não sofrer Epítome Histórico as proezas, e críticas instâncias que só cabem em Dissertações cujos estudos serão utilíssimos para os professores Apolíneos, agradáveis para todo o Leitor, e para todos os Nacionais necessários. Em nós o impulso, além da resignação ao Preceito, com o fim da utilidade; e não com a ufanía de querer luzir, que se o déssemos assim a conhecer, já temíamos do Antagonista êmulo e do Aristarco retrator, aquela pena (mas sem justiça) que discretamente alegorizou do Golpe de Malco e por um Santo varão, o já referido oráculo dos Púlpitos, pois havendo tantos malignos na turba judaica, em nenhum descaio a espada senão naquele que dava lar a todos.

DISSE.

4. **CARTA** [sobre o epitome] **MATEUS SARAIVA**



CARTA⁺

Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1842 (por Pernambuco).

Reverendíssimo Senhor Abade Diogo Barbosa Machado. — Em 1736 tive uma carta do padre Frei Apolinário da Conceição com um papel impresso para que desse notícia dos escritores da América Lusitanos, ou dos nossos estudos por certo desvelo, que tenho tido, há 29 anos, por entrar na empresa de escrever assim — **De Re Medica**, como **De Re Naturali**; e há dois anos e meio na história eclesiástica a estímulo de uns caracteres e geroglíficos que envio agora no discurso histórico-acadêmico, que Vossa Mercê verá, os quais foram já à Academia Real da História pelo que no transunto deponho e com ciência sei que se não entrou na interpretação, antes me consta, se fez menos apreço da inscrição para desculpar-se a falta da inteligência, segundo o que me asseverou um religioso da Companhia, morador neste Colégio, e vindo da corte, há dois anos.

O que posto, cuidei logo em fazer um epítome, ou abreviado sumário de meus estudos para cinco empresas, de que envio agora os títulos, dos quais, e do que mais envolvo, poderá Vossa Mercê fazer algum argumento, enquanto não mando o que baste para complemento de merecer a fortuna de lembrado pela sua douta pena para a posteridade; como porém depois de entrar na instrução dos sumários de cada exemplar, e com duas, e três folhas em outros, para fazer ciente do que tínhamos composto, oferecendo os títulos primeiros pusesse na insinuação da empresa **Desempenhos da Medicina** por chegar a quinze folhas, e querer fazer volume, suspendi o estudo do epítome, e também por se nos oferecer o que nos obrigava a conta da nossa Academia, que se estabeleceu nesta cidade, principiando em 6 de Maio de 1736 no Palácio do governador, que então era o brigadeiro José da Silva Pais, por ausência do general, e regida com o fim de discorrer em assuntos vários, assim heróicos como líricos, sendo a sua empresa Hércules com a clava sacudindo os ares a obviar o ócio com esta letra — **Ignavia fuganda et fugienda**, alegorizando ao ócio de que se deve fugir, compondo-se de 30 sócios de um e

(*) O texto traz a seguinte indicação: "Manuscrito oferecido ao Instituto pelo seu Secretário Perpétuo." Está publicado in **Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. 2.^a ed. Rio de Janeiro, tomo 6. 1865 pp. 365 a 369.

outro estado, a qual tendo uma interrupção se abriu segunda vez em 12 de Abril em casa do secretário o Doutor Inácio José da Mota, e feneceu em 28 de Fevereiro de 1740, com o prazo de 15 em 15 dias para se dar conta dos estudos em verso, e em prosa o assunto heróico (necessária digressão).

Como porém nesta frota visse a parte primeira da Biblioteca Lusitana, ou Catálogo dos Escritores, que em todos os continentes compuseram, e com um estilo tão elevado, sem confundir o histórico, pelos termos tão propriamente descritivos do que quer Vossa Mercê persuadir, entrei a querer conseguir a fortuna de serem os meus estudos também objeto da sua doutíssima pena, e certificando-se que fora aceita aquela história dos escritores portugueses com universal aplauso dos doutos, admirando o estilo, e encarecendo o exato estudo, merecedor este, e credor aquele de eternos padrões para a posteridade, e Vossa Mercê benemérito de uma púrpura (disse-o assim o reitor do Colégio o padre Simão Marques a quem sucedeu agora o padre Xavier.)

E tendo na frota feito a dedicatória à pessoa de Vossa Mercê, e já o prólogo do epítome para o enviar, tive uma moléstia que me impossibilitou esse gosto; porque necessariamente o hei de mandar para a sua livraria, a fim de o fazer mais certificar o número das cinco empresas, de que são fiéis depoimentos os dois portadores que levam a Vossa Mercê os papéis, que agora mando, de que colherá o que insinuo de escrever há vinte e nove anos neste país, sendo a causa de não ser dado ao prelo obras tão utilíssimas o não ter escritor algum de quem me valha para os exemplares, como tiveram nessa Europa um Mirandela, um Curvo, e todos copiando o alheio para o corpo que fazem, e oferecendo o seu que experimentaram; porque é lamentável descuido o que tem havido de não haver em toda a América Portuguesa um só professor que escrevesse das doenças endêmicas (ou pátrias) ou comuns com o curativo brasílico, porque sim houve um João Ferreira da Rosa em Pernambuco, que compôs da peste da Bicha em 1694, porém sem notícia alguma dos remédios pátrios, o que só fez Guilherme Pison, estando na obediência da República de Holanda aquela capitania; nem também **De Re Naturali** escreveu ex-professo autor algum cá: tocaram alguns sim, como o padre Simão de Vasconcelos e Sebastião da Rocha Pita, de que terá Vossa Mercê notícia e de um religioso que escreveu das frutas em Pernambuco, e na mesma capitania um pobre cirurgião como pôde, e modernamente outro a que deu título — **Erário Mineral** —, e não tendo Vossa Mercê notícias dos referidos, a mandarei: — Assim que vou valendo-me do que obro, e do que alcanço com exames, que mando fazer por todas as Minas.

Nesta América anda o padre Diogo Soares com o ônus de escrever **De Re Naturali** e se acha em a vila de Santos, e dará à luz um grande estudo, porque veio por ordem da Academia Real da História, quando mandaram também o padre Capasse para escrever **De Re Astronomica**, e com grandes soldos, aos quais com boa vontade acompanharia com o mesmo salário e necessária empresa para os naturais que não têm uma só de que valham, e só tradições rústicas: o qual padre Diogo Soares há de entrar com mais elogios na segunda empresa, porque é de grande utilidade a obra que tem com o título — **Dioscorides Brasilico**.

Dos meus estudos a carta inclusa do referido padre testemunhará a Vossa Mercê para crédito do que pretendo da sua erudita pena, e nessa corte o Reverendo padre mestre João Álvares, irmão de Alexandre de Gusmão que sabe escreveu a História Eclesiástica (suponho) pelo que lhe dirá seu irmão o padre Inácio Rodrigues da Companhia, que há dois anos veio da corte, e que traz a mesma história na sua banca, ainda que com mágoa minha a notícia de se não adiantar pelos empregos do real serviço.

Eu envio a Vossa Mercê essas questões com resoluções paradoxas, que enviei pela ilha da Madeira a Londres para dar a conhecer por elas os meus estudos, e pretendo ser um dos sócios da Sociedade Real, não obstante escrever-me o Doutor Jacó de Castro Sarmento, sócio e português com grandes letras, que era preciso oferecer algumas obras para argumento da ciência que o faça digno de tão alto emprego, ou três sócios que deponham os meus estudos: na frota futura, porém, hei de mandar uma dissertação astronômica, e astrológica que está principiada contra o sistema de todos os astrônomos do Universo, que querem sejam os cometas, astros com curso regulado, ou com crônicas aparições, e por isso sem crédito algum os astrológicos prognósticos: certos nós dos fundamentos do seu grande Issac Newton, presidente da referida sociedade, e dos do observatório de Paris, entrando neste projeto por nos persuadirmos que pelo fim de sermos obrigados a informá-los **De Re Naturali**, podíamos procurar tão grande honorífico.

Se merecer a honra de entrar no catálogo dos escritores com o que envio, índice breve do que tenho escrito para ficar na sua estante, e o que enviarei na frota futura, e para o prelo alguma obra, respondendo pelos preceitos do papel impresso.

Sou natural de Lisboa: filho de pais que não avultaram por armas, ou letras, Manuel Fernandes Saraiva, e sua legítima mulher Maria Duarte: nasci em 21 de Setembro de 1687; estudei artes em o pátio de Santo Antão, aonde entrei a estudar Filosofia de 13 anos; tendo os três anos completos passei para a Universidade a estudar

Medicina, mostrando neste estudo um íntimo desejo de me adiantar aos companheiros, o que mostrei na mesma Universidade pela prática do maior médico que teve o século Lusitano, o médico de Buarcos, Duarte de Brito, em cuja vila estive cinco anos por insinuações dos seus grandes estudos. Sempre tive uma grande propensão a estudos, de sorte que é raríssimo o dia que não tenha três horas de estudo, e escrever. Depois que me aprovei parti para a corte, donde por me receber com uma Senhora filha desta cidade do Rio de Janeiro, me ausentei para esta em que me acho no ano de 1713, aonde entrei logo a indagar as propriedades do vegetal, encaminhando para o curativo, e por gênio de indagar o mais misterioso entrei a escrever tudo o que pudesse servir para remediar os naturais. — O Discurso Histórico Acadêmico, e as Questões é o índice dos meus estudos.

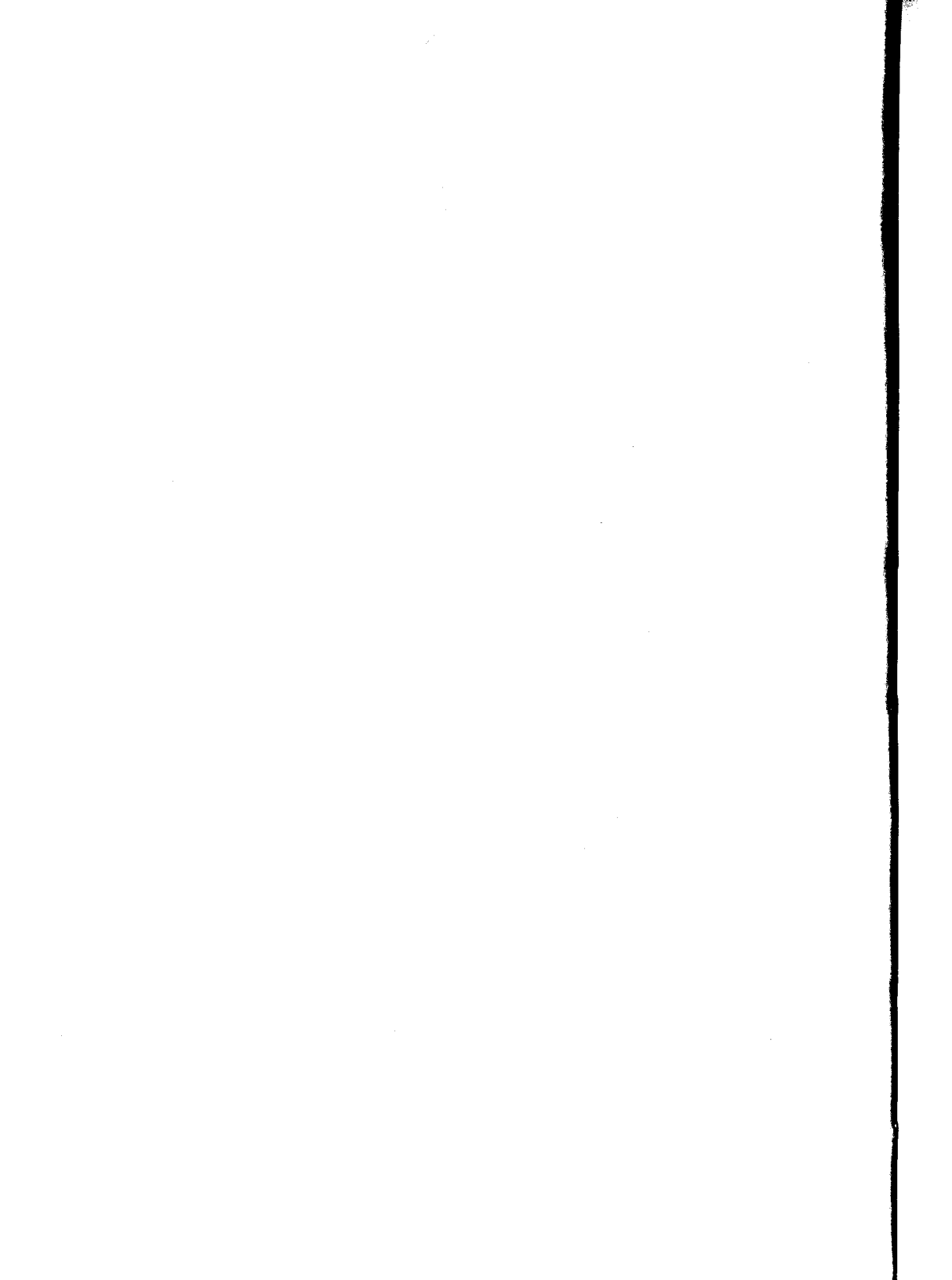
Tenho tido a honra de quatro provisões reais: primeira de médico deste presídio, que tem três terços; a segunda de médico da saúde, sendo a primeira que Sua Majestade fez passar, por ser nomeação do Senado, e depois dos governadores, nomeando médico do presídio, e câmara, sendo então associável o ser da saúde. Terceira previsão a de cavaleiro na ordem de Cristo, em que sou professo há dois anos. Quarta a de Cirurgião-mor desta capitania (ou província).

Em a Academia dos Felizes nos distinguimos entre todos no ferir dos termos, e estudos destes, de sorte que o general Gomes Freire, reconhecendo esta e aquela singularidade, nos pediu publicamente em as salas dos tenentes generais que havíamos de presidir em uma Academia no dia de anos da Senhora Rainha, para que então fosse mais plausível que é a oração que envio, e as mais que recitei na Academia referida.

Tenho dado notícia do que me obriga a honra de querer ser também objeto da sua erudita pena, pequeno sempre para tão elevada ufanía, certificando-o de que na frota irá maior argumento de meus grandes estudos, porque todas as cinco empresas são de fólio, e por não parecerem muitas obras, não envolvo uma ascética, que se dirige a mostrar o modo de saber um filho buscar a fortuna temporal, e depois de expor várias instruções, insinuo a minha, que consiste no agrado dos homens, e depois refiro as virtudes morais políticas com que se compra, e artes liberais; andei dois anos largos com ela, e está com grande altura; se Deus me dilatar a vida, darei a conhecer o engenho de que Deus me dotou; e a Vossa Mercê a prospere para honra da nação, e a mim me ordene em que lhe obedeça. — De seu muito venerador.

MATEUS SARAIVA.

5. **PARNASO FESTIVO** [...] ano 1749
[...] [POR] M.S.



PARNASO FESTIVO

Que em obséquio reverente das Preclaríssimas
Fundadoras do Convento de novo
erigido na Cidade do Rio de Janeiro,
transportadas da Capital da América

Portuguesa

Celebraram

Com relevante culto literário em elevado,
e métrico estilo, e agradável melodia
dos concertos mais ajustados nas
apuradas Liras de Apolo os

ACADÊMICOS

Desta referida Cidade em três Poéticos
certames nas lustrosas noites dos dias
10, 11, 12 do mês de Dezembro, ano
MDCCXLIX, para memorável à Posteridade
Católica tão apeteçada Fundação;

E as

Preclaríssimas Fundadoras

D.V.C.

M.S.

Neste lugar a Figura de Apolo
com uma cítara entre os dois
Picos do Parnaso, e de um a
Fonte Cabalina saindo da
Pegada do Pégaso, e no pé do
Monte as Musas com Cítaras.

DEDICATÓRIA

PRECLARÍSSIMAS SENHORAS, E MERITÍSSIMAS FUNDADORAS

Afetuosamente reverentes rogamos os Acadêmicos desta Cidade do Rio de Janeiro a vossas Senhoras nos concedessem a faculdade de lhes dedicarmos três Certames Poéticos na circunferência de sua clausura em que interinamente se acham, e em três lustrosas noites com a presidência de Apolo para mais plausíveis aqueles no (sic) bem ajustados concertos de suas Liras, e agradáveis na ternura de suas vozes, em que os nossos ânimos sugeridos de uma veneração relevante ao seu respeito dessem a conhecer notoriamente o muito, que aos seus Preceitos estamos sujeitos, merecendo a fortuna de executá-los; e nos mesmos Certames insinuarmos pelas Idéias mais apuradas, e em métrico estilo ajustadas nos Sonetos, nos Romances, e nos mais Poemas, o muito que por este decantado princípio da veneração se devem perpetuar na Católica Posteridade suas notórias virtudes, Místicas, Ascéticas, e Heróicas, dirigidas a estabelecerem nesta memorável Cidade do Rio de Janeiro ao Sagrado Monumento erigido para Venerandas Filhas da Seráfica Ordem para cujo fim por esse Empíreo cá transportadas.

Se os fins apetevidos dão a conhecer na posse o muito em que os princípios se avaliam, refletindo no interesse a que se conduzem, fique a ponderação de Vossas Senhorias o muito, que todos estes Domínios Austrais à Capital deste Mundo Novo da América Portuguesa as veneram, e não de respeitar, pois neles se não acha uma só clausura de vida Mística Regulada para Sagrado Recolhimento daquelas, que reconhecendo as felicidades, que neles conseguem eternas, e também temporais, de cá deste Mundo novo da América Portuguesa expõem a vida a buscá-las nessa Europa, sem as intimidar o risco quotidianamente ameaçado nesse Atlântico proceloso, e nesse muito flututante Oceano; já dos ventos para arriscada a viagem na perdida derrota, e já dos mares enfurecidos para o terror dos embates

contra o Baixel, que as conduz; cuidando justamente, que em qualquer parte de suas muito empoladas ondas se acha um penhasco de Cila em que se veja submergido; e se deste precipício livre com fortuna, não o fica do iminente terror de Caribdes, porque se frustram muitas vezes as ardilosas diligências da Sondareza pelo Prático mais advertido, se quis nas ponderadas sangraduras reconhecer o fundo sobre que navega.

Isto insinuado, e necessariamente, para o reconhecimento da devida veneração, advertidos os fins tão elevados, e mostrando os princípios do seu respeito para devidamente atendida aquela, expõem (sic) agora um dos Acadêmicos a Coleção de vários Poemas, que nas referidas, e lustrosas noites, recitaram por glosas aos bem apropriados Motes, que se deram em obséquio da plausível chegada de Vossas Senhorias; desvelo este da referida Coleção por vítima reverente da muito resignada atenção, que dedica com o Título — **PARNASO FESTIVO** — para conhecimento completo, e argumento prologético do que se oferece; rogando intimamente nos aceitem Vossas Senhorias aos ânimos por elevados, e não nos criminem as Idéias por rasteiras; nem também em Assunto tão relevante, como a muito estimável chegada de Vossas Senhorias o menos próprio, que se achar de alguns termos em os Poemas, assim da classe dos Descritivos, como da Série dos Definitivos, não só pelo violento de muitos para o ajustado das sílabas, e força dos consoantes para as vezes do Métrico estilo, mas também por ser tão difícil achá-los com propriedade muitas vezes em matérias de erudição pelo mais instruído literário no conhecimento dos Verbos, para expressar com propriedade o vigor da narração, e no dos Substantivos para ciência do fim, se de alegria, se de pranto, se de furor, ou se de compaixão, e também no dos Adjetivos, que os animam, quanto já nos deu a conhecer a História Sagrada, contando-nos daquela singularidade em Moisés; porque depois de nos fazer certos ser erudito em toda a vastíssima literatura dos Orientais, os Egípcios, e por estas palavras — **Eruditus est Moises omni sapientia Aegyptorum** — (permita-se-me esta insinuação) continua a mesma Lição Sagrada com estoutras — **et erat potens in uerbis** (1) isto é, que tinha um peregrino modo de dizer, ou conhecimento dos termos para se explicar, pelo que nos adverte a lição Siríaca com estas palavras — **Diues dictis** — comentando aquelas últimas; como insinuando-nos também, que não é o mesmo ser erudito, que ter a singularidade de saber persuadir,

(1) Actor, 7.22.

Observação: As notas vêm no próprio texto, entre parênteses. Deslocamos para o rodapé de página.

comover, historiar, e dar a conhecer com propriedade o que se estima, o que se sente, e o que se julga.

Sempre as ofertas, Preclaríssimas Senhoras, se estimaram mais dos ânimos egrégios pelo afeto com que se dedicam, do que tanto pela qualidade, que manifestam; a cujo fim nos historiam os Mitológicos, que estando para se oferecer a Hércules uma grande vítima, e esta do laço fugira, pegaram em uma Maçã, e puseram-na em as Aras dos Sacrifícios, em que estes se dedicavam às suas Deidades, por conhecerem, que estas aceitavam mais aos ânimos reverentes, e afetuosos, do que ao muito sem estes; donde nos ficou para testemunho deste fim o Axioma — **Malum Herculis.**

Bem quisera eu, que esta Dedicatória dirigida, principalmente, a oferecer alguns Poemas dos muitos, que se recitaram pelos doutos Acadêmicos em as três lustrosas noites dos Poéticos Certames, e com devida vênia expô-los na presença de Vossas Senhorias, para passá-los ao Teatro do Mundo, me permitisse (e com fim) mostrar ao grande fundamento com que se nos faz muito provável o parecer positivo querer de Deus com especial providência sua, e não do daquela Série, que se observa no Curso Ordinário das Causas Naturais, quando estas natural, e mutuamente se conjuram para seus efeitos, sobre a chegada de Vossas Senhorias a esta Cidade com o silêncio (e Sentiro?) de Mar, e Terra, e obviado nesta o predeterminado aparato militar para a sua pública entrada no desembarque.

Satisfaria, sem dúvida, aos que interessados do muito reverente obséquio, com justiça ordenado, e publicamente visto, pelos Senhores, Arcebispo dessa Capital deste Mundo Novo da América Portuguesa, e digníssimo Vice-rei, o ostentaram lá à partida de Vossas Senhorias, por credoras de todo o cortejo; e nesta, e memorável Cidade do Rio de Janeiro em que toda a cultura política é claro espelho em que se vê a mais advertida, visto aquele silêncio! reconhecidos os relevantes interesses, que conduzem para todos estes Domínios, que os pretendem já de muito para maior glória de Deus, e elevadíssimas prosperidades para as Americanas, a quem já íntima, e devotíssimamente lhas gratificam.

Persuadi-lo-ia (torno a repetir) com grande probabilidade, pois que com ciência não pode ser da minha alçada; fique porém, e não neste sentido, mas sim naqueloutro, para os que refletindo nas Cláusulas Antecedentes à sua muito apetevida Chegada, e nas Concomitantes com ela, e nas Subseqüentes depois, instruindo-se no conhecimento destas, na certeza daquelas, e ciência das Primeiras, com recíproco auxílio de todas ao mesmo fim, quizerem achar o distintivo do que assim se constitui no modo possível para a grande probabilidade referida, em diferença do que é também por Acaso

das Causas Ordinárias, quando sem fim predeterminado por estas resulta, como a bem figurada espuma na boca do enfurecido Bruto pelo arrojado de Protogenes com a esponja da sua oficina por não o poder conseguir com o pincel da sua Arte.

Se também me permitisse o lugar, dirigido, como tendo mostrado, a expor, e dedicar a Vossas Senhorias a Coleção dos Poemas recitados nos três eruditos Certames Poéticos pelos reverentes ânimos dos Acadêmicos, insinuar muito reflexivamente, e com grande probabilidade, a misterioso também o número de Quatro Vossas Senhorias para Fundadoras deste Convento, não me seria difícil, sem me confundir no que expusesse com a supersticiosa estimação pitagórica acerca da força dos Números, aludindo a serem também Quatro as Virtudes Morais Políticas, e Heróicas, a da Justiça, a da Constância, a da Prudência, e da Temperança, elementares Virtudes estas por delas se deduzirem muitas, e por tão atendível (sic) a matéria, fariamos muito atendido o Discurso; porque como Virtudes Morais, Políticas, e Heróicas, se essencialmente não se encaminham à vida contemplativa, necessárias sempre são para as que por Fundadoras meritíssimas têm a seu cargo educar as que hão de professar aquela sem faltar ao que a Prudência insinua, ao que a Temperança adverte, ao que a Constância modifica, e ao que a Justiça corrige; permita-me porém o Crítico mais rigoroso, que ler esta Dedicatória com força de ser Preludial também, e Histórica, um argumento demonstrativo, e brevíssimo, do que exporia para o que proferi no sentido da probabilidade, pois tudo se encaminha ao que os Poemas se dirigem, e ao fim dos reverentes ânimos, ainda que o lugar em rigoroso sentido o não consinta para os Leitores críticos; basta-me porém, que Vossas Senhorias me admitam, e ficarei tão satisfeito, como aquele Filósofo, que orando na presença de muitos, e de Platão, atendendo-o este, e desatendido daqueles, disse ufano, *sufficiat mihi unus Plato*.

Em a Virtude da Justiça simbolizaria com muita propriedade a muito Ilustre Madre Abadessa, pela que deve, e necessariamente, executar como Primeiro Móvel desse Céu Seráfico para o regulado curso das estrelas, que nele se hão de fazer admirar da regulada vida; e como se reconhece a sua sólida instrução, está por esta também prometendo a sua grande afabilidade, e já por lição sagrada advertida; porque a este lugar do livro do Eclesiástico (2) *Noli esse nimis explicam as eruditas Penas, que o comentam, como a de Alápide da maneira seguinte — Nec in Justitia* — e se aos mesmos Astros quisermos ir buscar esta lição da benignidade entre o rigor da Justiça, como já assim insinuando-o o Divino Arquétipo quando os criou,

(2) 31.20.

e consultarmos aos peregrinos Astrônomos, e depois como Astrólogos, acharemos por suas exatas observações, que todas as vezes que entre Marte, Júpiter, e Saturno, quando mutuamente se conjuram, e com Mercúrio (que segue o partido dos com que se junta) medeou o Planeta Vênus, mitigou-se, por benigno, o rigor das influências daquelles no sublunar pelos Domínios da esfera de sua atividade.

Em a Ilustre Madre Custódia mostraria também, e com grande propriedade simbolizada a Virtude da Constância, e necessária pela que tem na guarda desse Paraíso Seráfico; empresa tão elevada, quanto o está mostrando o emprego, e não menos assim persuadido, que com a guarda que Deus pôs à entrada do Paraíso Terreal; porque para impedir a deste delicioso lugar, elegeu da Hierarquia dos Anjos mais nobres a um Querubim, mostrando Deus que para Custódia, ou guarda de um tal lugar, figura Simbólica também dessa Clausura, ou Paraíso Seráfico, pelo delicioso da Vida Mística, muito do agrado de Deus, se punham dos Anjos os mais dignos.

Em a muito Ilustre Madre, e Meritíssima Vigária do Coro daria a conhecer propriamente simbolizada a virtude da Prudência; porque como se dirige esta peregrina Virtude Heróica a corrigir erros do entendimento, para estes em lugar Sagrado, havendo-os em quem principia a educar-se nas lições da Vida Mística Regulada, é muito precisa aquela singular Virtude em quem a seu cargo tem advertir (sic) àqueles, e notoriamente já reconhecida na digníssima Fundadora Vigária do Coro.

Em a muito Ilustre Madre, e Preclaríssima Fundadora Mestra de Noviças, simbolizaria com grandes fundamentos a necessária, e precisa virtude da Temperança; porque como esta elevadíssima Virtude da Classe das Morais adquiridas com a educação, principalmente, e com o costume, que aperfeiçoam a Vontade, ou a ilustram em ordem a ações nobres, e por isso Virtude Heróica, seja precisamente necessária para o emprego muito relevante de educar por Mestra, com grande fundamento se deve simbolizar na Virtude da Temperança, pois é tão peregrina esta Virtude para insinuação às Educandas, ou Noviças da Vida Mística regulada, que a julgo mais necessária para o emprego de educar estas, do que a Virtude da Prudência; não porque deixe esta de ser mais relevante, pois quem a tem, conserva em si um Oráculo a quem consulte, mas sim, porque a Virtude Heróica da Temperança corrige os atos da vontade, que mais vezes erra, e tem um tão dilatado Domínio na esfera de sua atividade, como é o das cinco Potências externas; e a Prudência corrige aos atos do entendimento, que menos vezes desacerta; sem que nos sirva de crítico argumento (permita-me o Crítico a digressão por se envolver) que nada quer a vontade, que primeiro o entendimento lho não proponha, como o resolveu o Príncipe dos Peripatéticos.

ticos, e depois o memorável Filósofo da vida Astética, Sêneca, dizendo que o mesmo era ser prudente, que temperado, porque respondemos, que este grande Filósofo mediu a sua Temperança pela sua Prudência; pois sabemos que ninguém mais prudente que Salomão, porém com tão pouca Temperança, quanto o testificam as dúvidas da sua salvação, e por que princípios.

O que posto, e finalmente, Preclaríssimas Senhoras, e Meritíssimas Fundadoras, o emblema que diz designar nesta Empresa, que em reverente obséquio dedico a Vossas Senhorias, para conhecer-se a veneração que lhes dedicamos, é, e propriamente, o envolvido da Figura de Apolo com a assistência das Musas, que também estão figuradas, pelo fim de que não faltaram estas com suas ilustrações para as Idéias mais elevadas; gratificando-o assim com a sua presidência em veneração das Vítimas de suas rogativas para tão alta empresa, pois não menos que para pôr no Teatro do Mundo em relevante metro ao elevado apreço da muito apeteçada, e estimável chegada de Vossas Senhorias, e com tão peregrinos Predicados, quantos se fazem certos para o fim memorável a que se transportaram dessa Capital da América Portuguesa para esta Cidade do Rio de Janeiro mais Austral; por cujos egrégios fundamentos as julgamos dignas de Monumentos, que as perpetuem na Católica Posteridade; e que à imitação dos doutos Orientais se fizessem elevar Obeliscos, como levantavam para os seus Príncipes mais decantados, Sacerdotes, e Heróis, e que ao uso do seu erudito estilo se designassem os Hieroglíficos Históricos, os Alegóricos, e Éticos; porque por estes conheceriam os Doutos as Virtudes Morais, Políticas, as Ascéticas, e as da Vida Mística, que em todas notoriamente se aplaudem.

Pelos Hieroglíficos Alegóricos daria a reconhecer a grande propriedade com que ao mais decantado da classe do Místico, Ascético, e Heróico se alegorizam suas elevadas Prerrogativas Credoras de todos os Padrões memoráveis, sem nos sugerir o afeto da veneração.

Pelos Hieroglíficos Históricos daria pela douta, e peregrina lição daqueles eruditos Orientais a conhecer também, e simbolicamente pelo mais apropriado, que achasse à sua imitação, ou nesse Mundo Etéreo, ou nos campos de Flora, ou no Sensitivo; e entre outras singularidades, dignas da História, expressaríamos pelo seu estilo simbolicamente a raridade, que ouvimos das sete línguas, que mútua, e reciprocamente conspiraram para nos Certames Poéticos referidos aplaudirem com seus elogios próprios em tão alta, como literária empresa a memorável chegada de Vossas Senhorias; porque, note-se, torno a repetir.

Ouvimos, primeiramente, a língua Lusitana na variedade de Poemas em Sonetos, Romances, Décimas, Oitavas, e Epílogos, admi-

rando em umas a prontidão, que bem mostrava o ilustrado das Idéias, e sutileza com que os eruditos Acadêmicos discorriam; e em outros louvando-se a propriedade dos termos, não só para a valentia dos Poemas, mas também para ciência do que queriam descrever, e definir; e assim admiramos os Descritivos, e Definitivos termos, como o manifestam os envolvidos nesta empresa — **Parnaso Festivo.**

Ouvimos a língua Latina nos seus Epigramas, Odes, e Canções; e necessariamente, por geral, para que no Teatro do Mundo se soubesse o que neste da América Portuguesa se recitara nos seus bem ajustados elogios, não só a persuadir os grandes predicados de Vossas Senhorias, mas também a comover o assenso da alegria destes Austrais Domínios com a sua chegada para os grandes desejos encaminhados ao serviço de Deus, já cumpridos das Americanas para o apetecido estado do Regulado da Vida Mística.

Ouvimos recitar a língua de Espanha nos seus agradáveis, por termos, termos do dizer, conciliando por eles agrado em todo o Auditório, e não menos enobrecido, que das principais vozes de um, e outro Estado, Eclesiástico, e Secular, reprimido também pelo nobre Militar com a sua assistência algum desembaraço de vozes joco-sérias, como ordinariamente pelos menos reflexivos se observa nos Poéticos Certames, adulterando ao grave, e Sério, com o humilde, e joco-sério.

Ouvimos também, e com propriedade obsequiando nos referidos Certames Poéticos, do Nacional desta América, expressando nos seus termos Americanos com os Lusitanos envolvidos pelo nosso métrico estilo, que aprendera, a alegria geral, que dava a conhecer também; e como este Americano, lá nesse Sertão criado, ouviu cá falar na firmeza dos Diamantes, por simbólicas figuras da que professam nessa clausura, ouvimo-lo discorrer por elogio, com propriedade, serem estes Domínios agora mais propriamente enriquecidos de preciosidades elevadas para mais memoráveis do que até o presente se faziam com aquelas do Mundo Subterrâneo, e já desde o século de mil, e cento, antes de Cristo, e três mil, e cento da Idade do Mundo, em que Salomão fizera enviar suas frotas do Porto de Aziongaber em o Mar Roxo a conduzir-lhe aquelas (com outras escalas por mais Domínios) para a erecção do Templo Primeiro, que se viu na Lei Santa, por uma das mais singulares Regiões Ofirinas; pois este nome — Ofir — era Hebraismo na Capital da Judéia por toda, e qualquer Região de riquezas, como na Europa este nome Índia por toda, e qualquer Região de preciosidades.

Ouvimos também a Nação do Congo, e a língua do Mína, ambas Africanas, festejando tão obsequioso aplauso; e ainda que para nós joco-seriamente ouvidos, e os Certames alegremente aplaudidos, foram por eles seriamente proferidos seus Poemas no nosso métrico estilo estudados.

Ouvimos, finalmente, a língua Italiana no concerto das vozes compassadas para de todo mais festivos os Certames Poéticos, mostrando a Arte o muito, que aperfeiçoa a harmonia agradável da Natureza; e enfim, esta, e aquela, reciprocamente apostadas a dar a conhecer o devido aplauso a tão peregrina eleição; e porque por esta para fins tão memoráveis, como utilíssimos, e necessários, desejam a Vossas Senhorias subsistentes os interessados Domínios desse Mundo Novo da América Portuguesa, prospere Deus as Pessoas de Vossas Senhorias, e guarde como desejamos.

O.C.R.

M.S.



PRÓLOGO

Leitor crítico

Dois são os Prólogos, que em qualquer Exemplar, que se entrega ao Prelo para notório em o Teatro do Mundo, se dão por seu Autor nele a conhecer necessariamente: o primeiro é o Título desse livro, cuidando muito não se adultere da Idéia, que no corpo dele se manifesta; o que já eruditamente criticou o Douto Feijó com a proposição seguinte — **Novo caso de consciência** em o Tomo IV do seu **Teatro Crítico Universal**, p. 268, devidamente criminando ao que por estilo metafórico o querem uns explicar, e a outros pela sua impropriedade, e historiando a muitos dos criticados.

O Prólogo segundo, ou Insinuação Preludial, é o que depois nesse Exemplar descreve o Autor por claro, e mais expressivo argumento do que oferece aos Leitores no corpo dele, que dedica; fim único, ou principal nesta Prologética Insinuação, para ciência do que à luz se entrega; porque o de pedir perdão das faltas, ou dar aos Leitores satisfação delas pelo que não alcançaria para mais completa a literária empresa (o que só cabe na esfera do divinamente ilustrado — **Nihil enim ab omni parte beatum**) é tão impróprio, como indevido, por só porem delito aquelas, que só o pedem, quando é por ânimo, e não por não caber mais na sua alçada.

Isto advertido, pelo fim, que exporei, já sabes Leitor o que te ofereço; porque to insinuei própria, e claramente expressado no Prólogo primeiro o Título desta Empresa, que por um dos Acadêmicos dos Certames Poéticos tomei — **PARNASO FESTIVO** — e nele as cláusulas necessárias, isto é, a [de] quem o celebrara, **Para quem dedicado, Por que fim instituído, e Aonde ostentado**: servindo mais a Prologética Insinuação presente de dizer-te, que se te persuadires a adulterada (sic) a Idéia da Dedicatória com o que envolvi fora do estilo desta visto notar o referido) advirto-te, que não procedas sinistramente crítico; porque se refletires nos fins a que a encaminhei, e também reparares nas vênias, que peço ao Leitor mais escrupuloso para se me não criminar por digressão envolvida, mostrando a reconhecemos, e menos por miscelânea, o que com reflexão acumulei, certo fico de não sentenciado pelo delito de adulterar o estilo; e todo o motivo deste Prólogo, mais principalmente.

Também me persuado, e com sólidos princípios (se és daqueles, que sabem refletir nas matérias que se oferecem, e ponderarem a categoria dos sujeitos a quem por elogio se dirigem) que me não hás de condenar o uso dos termos, Descritivos uns, e Definitivos outros (por elogio à relevante reverência) na ternura de uns, e elevado de outros; sugerida a minha Pena devidamente de um obséquio a Senhoras, e Meritíssimas Fundadoras para a vida Mística Regulada; por cujo conhecimento reflexivo devia fazer estudo na eleição daqueles, que nunca, por termos, sérios, e de reverência íntima, terão que censurar, antes sim de diminutos pela que se lhes deve tributar; pois sabemos todos com ciência, que para fazer o Arquétipo Divino ao Homem passou a um campo donde tirou um pouco de barro para formá-lo completamente, e depois para a formação de uma transportou-o para um delicioso Paraíso de flores, enriquecido de frondosas árvores com sazonados Pomos! e do marfim (digamo-lo assim) já depurado de suas Divinas Mãos a mostrou perfeita; do que nos ficou um relevante argumento para os termos elevados de que usamos com muito respectiva reverência, e com propriedade para umas Senhoras Fundadoras de Vida Mística Regulada em um Paraíso Seráfico.

O que posto, julgo-me não criminarás o estilo na ternura dos termos seriamente elevados, nem resolverás por Digressões, torno a repetir, o que com devido, e justo fim envolvi em uma Dedicatória; e pelo a que se encaminha o assenso, que pede a coleção dos Sonetos, Romances, Décimas, Oitavas, e Epílogos, e toda a mais diversidade de Poemas Heróicos dos Latinos, que se recitaram nas noites dos três Certames Poéticos (ou Outeiros como lhe chamas) dirigidos a dar a conhecer notoriamente o quanto se estimou a muito apetezia chegada das quatro Meritíssimas Fundadoras, transportadas da Capital Cidade deste Mundo Novo da América Portuguesa: e se tiveres que criticar com Justiça nos termos graves, e agudos dos Poemas, e menos valentia destes em seus lugares, discorre primeiro ao menos uso dos Certames para o estímulo, que deviam seus Autores saber ter por ele, como os doutos Gregos tinham nos que celebravam para premiados os que nos seus grifos, elogogrifos (sic) mais com naturalmente simbolizavam o simbólico das suas figuras Hieroglíficas com o simbolizado por elas; e, não obstante este uso, ficavam muitos sentenciados a pena da potagem amara.

É o uso para mais perfeitas as Obras do Discurso, como é o Magistral exame do ensaio para dar a conhecer por perfeito, e precioso Mistério da Natureza, o Ouro nesse Mundo subterrâneo produzido, em diferença do que é adulterada matéria do engenhoso artifício; e enfim o Diamante só o sabe aperfeiçoar quem por muita experiência lhe sabe com ciência dar a vista lustrosa do **Fundo**, mostrar a rutilante da **Frente**, e descobrir as peregrinas luzes do

Perfil, pela muita continuação de lhe avivar as facetas com que a Natureza entre todas as pedras preciosas o distinguiu: assim que refletindo naquele advertido princípio, não receiam justamente também os Acadêmicos o fim de com justiça criticados nos seus Poemas; e quando sem esta saia a crise, como simbolizada em os Satélites de Júpiter a eclipsá-lo por uso com suas imersões, também a esperamos desfeita pelo mais Sincero Crítico, como aquele referido Resplendor entre os Astros se vê logo nas Emersões, que fora dele se observam.

M.S.

MOTES HERÓICOS

GLOSADOS EM VULGAR

Justa eleição, aplauso merecido
 Com estrelas o Rio se eterniza.
 Aplauda o Rio quanto a Pátria sente
 A Bahia saudosa, alegre o Rio - 2
 Do Seráfico Céu lindas Estrelas - 2
 Satisfeita se vê nossa Esperança - 2
 Prazer, assombro, maravilha, e glória
 Que vivais imortais por toda a Idade
 Se Mecenas melhor, melhor Prelado
 Grande aumento terá com tal Pastor.
 Fora do natural mais excelentes.
 Viva a gente do Rio de Janeiro
 Virtude, Fama, Timbre, e glória tem
 Humano Aplauso, a mérito Divino
 A Penha mais ilustre trasladada.
 De Francisco é Custódia, e mais de Cristo
 Novos Astros ilustram nesta Esfera
 Nobre Arquivo de Pérolas mais finas

[S.I.A.]

EM ESPANHOL

Hasta el Aire, la Tierra, el Fuego, el Agoa
 Risueño corre lleno de alegria.
 Floreciendo transplantadas

[S.I.A.]

MOTES LÍRICOS

Por Joseph veio este aumento
 Astros de mais luzimento

É pouco todo o louvor.
 Da Bahia a melhor flor
 O Desterro será glória
 O Céu, A Bahia, e Rio
 Prazer, glória, e luzimento.
 As Aves, flores, e estrelas
 A Cidade mais ditosa
 De luzes se vê ornado
 Aplauso bem merecido
 De Jesus Esposas dignas
 De Francisco Chagas são.
 O Céu chorou de alegria
 Pena, e glória juntamente
 Toda a fortuna do Rio
 A mais discreta eleição
 Na Penha se há de fundar
 Custódia deste Convento
 Corre o Rio de contente
 Completa a nossa Esperança
 Neste Céu só Anjos vejo
 Do seu Amor desempenho
 Esta Penha é toda França
 Quatro Sóis neste Hemisfério.
 Quem as não há de aplaudir
 De Francisco imitadoras
 Mais claras não podem ser
 Saudades da Bahia

[S.I.A.]

A Entrada do Certame, ou Rompimento do Outeiro
o Seguinte-

SONETO

Deduzido do Mote

Quatro Estrelas, que tens predominantes

GLOSA

Surcando golfos do Cerúleo Império
 Estrelas quatro com favônio alento
 Exalações vitais do pátrio assento
 Exaltadas se vêem neste Hemisfério.

Ardente espírito em Sacro ministério
 As luzes lhe acumula, porque isento
 Do nativo esplendor mais o ardimento
 Da luz lhe apura neste Sólido Etéreo.

Agora, ó Rio, em métricos louvores
 É bem, que esta ventura alegre cantes,
 C'roas lhe teças de Apolíneas flores;

É bem, que aplausos mil altissonantes
 Celebrem (porque avultem teus primores)
 Quatro Estrelas, que tens predominantes.

[S.I.A.]

MOTE

Justa Eleição, Aplauso merecido

GLOSA EM SONETO

Prelada ilustre, em tudo Soberana,
 Nas virtudes, em prendas, conhecida,
 E só por vós Senhora competida,
 Pois de lá a eleição o desengana.

Vaidosa se jacta, e mui ufana,
 A cidade do Rio florecida,
 Desta feliz chegada apeteçada,
 E todos da ternura mais que humana:

Perpetue imortal a nossa glória
 Da América este Mundo esclarecido
 Nesses Padrões eternos da memória:

Com ternas vozes, isto proferido,
 Proclamem todos já, pois é vitória
 Justa Eleição, Aplauso merecido.

[S.I.A.]

Ao Mote o referido

GLOSA EM SONETO

Esse Céu de Francisco rutilante
 Um celeste Zodíaco assegura
 Por grande estrela nossa, e mais se apura
 No animado de um Astro o mais brilhante!

Influência feliz ou radiante

Empíreo Céu nos mostra, ó sorte pura!
 O auxílio, que tem por tal ventura,
 Os Astros desta Esfera tão flamante!

Esse claustro, esse Céu tão soberano
 Totalmente a Deus já oferecido
 Para este Mundo Novo é desengano;

E por de todo agora enriquecido
 Profira todo o Povo mui ufano,
 Justa Eleição, Aplauso merecido.

[S.I.A.]

MOTE

Com Estrelas o Rio se eterniza

GLOSA EM SONETO

Do Seráfico Céu Astros brilhantes
 Que de um Pólo a outro Pólo vos passastes.
 Posto que assim de assento variastes,
 Estrelas sendo vós não sois errantes;

Antes firmes, Senhoras, e constantes
 Se a nova Esfera assim vos transmutastes,
 Só como obedientes vos portastes
 Ostentando as virtudes relevantes:

Vosso motu causou todo o contento
 Que hoje ditoso o Rio soleniza,
 E a Bahia motiva seu tormento;

Sinta, pois, esta dor, que a penaliza;
 Que hoje para emular ao Firmamento
 Com Estrelas o Rio se eterniza.

[S.I.A.]

Ao mote o referido

GLOSA EM SONETO

Maravilha do Mundo celebrada
 Esse Colosso sois bem memorável
 Deixando nas memórias perdurável
 A Cidade de Rodes decantada!

Por ele se acha mais eternizada
 E por assombro da Arte incomparável
 No primor do artifício mais louvável
 Se faz sempre na Fama venerada.

Se este Rio, pois tão remontado
 Entre os Gânges, e Nilos, se ostentara
 Agora mais entre eles se divisa,

Porque seu colosso lá no elevado,
 Perpetuada a Rodes a deixara
 Com Estrelas o Rio se eterniza.

[S.I.A.]

Ao Mote o referido
 Aludindo o desembarcarem de noite

GLOSA EM SONETO

Esse lenho, que veio empavesado,
 Arando azul cristal do Reino ondoso
 Entrou soberbo, e vanglorioso
 No Rio de Janeiro desejado.

Com quatro Fundadoras sossegado
 Está daquele Eolo furioso
 Em que correu tormenta perigosa
 Pois foi do Mar, e vento respeitado:

Na sexta-feira foi sua chegada,
 Dia que a São Francisco soleniza
 Toda aquela, que a sua Regra guarda;

Logo com circunstância se divisa,
 Se a noite lhe ocultou sua entrada,
 Com Estrelas o Rio se divisa.

[S.I.A.]

Ao Mote o referido
 Aludindo à memorável o número de quatro

GLOSA EM SONETO

Quatro Estrelas no Orbe se admiram
 Em figura cruxífera conhecidas;
 Também no Paraíso enriquecidas
 Quatro fontes de neve estrada abriram:

Quatro estátuas no Mundo se erigiram
 Das virtudes Morais bem deduzidas
 Da Esfera em quatro partes divididas
 As grandes da Terra se incluíram:

Por quatro Sóis foi já Roma ilustrada
 Do Orbe a vastidão bem se divisa,
 Que é por quatro elementos governada:

Assim nestas, que a Terra soleniza
 Quatro Deusas, por glória duplicada
 Com estrelas o Rio se eterniza.

[S.I.A.]

ELOGIO

En aplauso de las quatro Señoras
 Fundadoras

SONETO

Del Rio en el Terraqueo Continente
 Que ahora envidia jusgo a las Esferas
 Las quatro mas plausibles Primavera
 Hacen aun tiempo su estacion floriente:

Aplasible Vergel, porque excelente
 Se ostenta el Rio, pues las venideras
 Primavera en flores lisonjeras
 Los cristales le truecan felizmente:

De su dorada copia los perfiles,
 Si el Mayor Luminar aumenta en rayos
 Muestra Abril sus primores mas gentiles;

Y se hacen esto ahora en los ensayos
 De aquestas Primavera los Abriles?
 Primavera que haran pues Vuestros Mayos?

[S.I.A.]

MOTE

Hasta el Ayre, la Tierra, el Fuego el
Agoa.

GLOSA

SONETO

El Ayre en sus pensiones ya se admira
Por vuestra bien venida, ó suerte pura!
Pues de nuevo la vida en su hermosura
Con mas aliento, y mas placer respira!

No quiere, no, la Tierra le prefira.
El Ayre por sus jubilos, que apura,
Pues de Vuestra llegada la ventura
Festeja alegre, aplaude en dulce Lira:

El curso al Agoa miro abalizando!
El Fuego en su altivez sufriendo magoa!
De todo el natural se van dexando!

Mas que mucho, si en tan amante fragoa
Tan dichosa venida estan loando
Hasta el Ayre, la Tierra, el Fuego, el Agoa!

[S.I.A.]

MOTES

Aplaude o Rio quanto a Pátria sente:
A Bahia saudosa, alegre o Rio.

GLOSA

De ambos em um

SONETO

Chora a Bahia o bem que docemente
Canta o Rio em prazer sem competência
É a glória ao prazer correspondência,
Nem hoje ofende o modo diferente

Pois aquela do objeto amado ausente
 Este do bem na posse da assistência,
 Sem haver nos efeitos já violência,
 Aplauda o Rio quanto a Pátria sente:

De ambos a ação amante é permitida,
 Nem o canto ao lamento é desafio
 Desigualdade bem correspondida;

Porque glórias, e lágrimas a fio
 Canta na vinda, e verte na partida
 A Bahia saudosa, alegre o Rio.

[S.I.A.]

MOTE

Aplauda o Rio quanto a Pátria sente.

GLOSA EM SONETO

A Bahia está feita noite escura,
 o Rio está tornado em claro dia,
 Daquela passa a este a alegria,
 E para seu aumento mais se apura:

Até agora aquela em luz mui pura
 Pela luz destes Astros, que incluía;
 Mas este logra agora a primazia
 Porque admira em si já tanta ventura!

Esta dor, esta pena, esta inclemência
 Tenha, pois, na memória mui presente
 Mãe que, de tais Filhas chora a ausência,

Para que neste efeito claramente
 Se chegue a conhecer que em competência
 Aplauda o Rio quanto a Pátria sente.

[S.I.A.]

MOTE

A Bahia saudosa, alegre o Rio.

GLOSA EM SONETO

Este braço de Mar claro elemento
 A que a sorte respeita sempre grata,
 Em glórias, e venturas se dilata,
 Por ver cópia em si tanto portento!

Prazeres, e delícias cento a cento
 Consegue quando vê, que em si retrata
 No claro espelho da mais fina prata
 Estrelas, que imã são do pensamento.

Mas perdendo a Bahia tanta glória,
 Que hoje alcança este Rio de contente
 Cristais da alma dispende fio a fio:

Fiquem, pois, em contenda tão notória,
 Já que a sorte o quis, se julgue, e sente,
 A Bahia saudosa, alegre o Rio.

[S.I.A.]

MOTE

Risueño corre lleno de alegría.

GLOSA EN SONETO

Con lengoas de cristal, vozes de prata,
 Publica su placer aqieste Rio,
 Dando muestras, que es yo mayor subrio,
 Porque en nuevas corrientes se desata:

Hoy tambien su Ciudad en todo grata
 No consiente en bien tanto algun desvio;
 Pues fuera necedad, ou desvario,
 Admitir penas quien de gloria trata:

Sean, pues, toda glória, y placer todo
 el Rio, y la Ciudad, que se exaltando
 Consiguen tanto bien en este dia;

Cante dichas la Fama en nuevo apodo
 De la noble Ciudad, y Rio quando
 Risueño corre lleno de alegría.

[S.I.A.]

MOTE

Do Seráfico Céu lindas Estrelas

GLOSA EM SONETO

No Sexto dia a Vênus consagrado,
 Quando o claro esplendor ilustra o dia,
 Já nas Espérias ondas se encobria
 Sem pôr meta a seu motu acelerado

Quando no móvel primo, e sublimado,
 Cíntia luzes à Terra concedia
 Com enchentes o Rio de alegria
 Viu-se de quatro Estrelas habitado:
 Com estas, pois, Antorchas superiores
 Que a Bahia lamenta mais não vê-las,
 Fica o Rio Teatro de esplendores;
 Possuindo tão puras, como belas
 Do Jardim da pureza intactas flores,
 Do Seráfico Céu lindas Estrelas.

[S.I.A.]

MOTE

Satisfeita se vê nossa esperança

GLOSA EM SONETO

Este de graças mil, Rio excelente,
 Rica porção do Império Netunino,
 Que de Estrelas o Móvel peregrino
 Retratou sempre em plana transparente,
 Solte agora de glórias a corrente,
 Pois, que a favor do Céu feliz destino
 As amantes Esposas do Divino
 Esposo vem lhe dar de graça enchente:
 Se em ordem a formar cá seu assento
 Vem quase Astros brilhantes bem se alcança
 Que fica o Rio um claro Firmamento;
 E sendo esta assistência sem mudança
 Com a posse de tal contentamento
 Satisfeita se vê nossa esperança.

[S.I.A.]

Em obséquio das quatro Meritíssimas
 Fundadoras, pelo que fazem mais decantado
 o Rio de Janeiro — O seguinte

SONETO

Quatro Rios perenes fertilizan
 Las quadras del Terreste Paradizo
 Rosciando-las con liquido granizo,
 Que a los frutos y flores suavizan:

Assi hoy quatro Rios eternizan
 Este Rio del Orbe grato e chizo,
 Tributando al Pastor del noble Anphriso
 Quatro glorias con que se immortalizan;

Mas se aquellos del Orbe discurriendo
 Las quatro partes van al Oceano
 Abrir su sepultura, y feneciendo,

Hoy los tuyos con modo soberano
 Van al Mar de la gracia renasciendo
 Por timbre a nuestro Rio Americano.

[S.I.A.]

SONETO

Pelos termos da solfa em obséquo às Meritíssimas
 Fundadoras.

São os quatro Papéis, que compusestes,
 Máximas as empresas, que tornastes,
 Longas as navegações com que emproastes
 Estes Breves Países a que viestes:

Foram Vós esses Sóis, que cá trouxestes,
 O signo este Solar, que já buscastes;
 O Tempo mais perfeito em que entrastes,
 Propriedade a com que a Deus vos destes:

Os Pontos todos são da perfeição,
 As Pausas todas são da mor-valia;
 Dê-se, pois, a tais Papéis estimação

Para que em tão suave melodia
 Se veja neste Rio com atenção
 Quanto subida é a solfa da Bahia.

[S.I.A.]

SONETO

Que se recitou por elogio na noite do primeiro Certame,
 deduzida a matéria de se ouvirem sete Nações a
 glosar por obséquo.

Que prodígio, que assombro, este que admiro!
 De que em um povo vejo estar louvando,
 Sete línguas em Certame elogiando!
 Se disto se duvida, eu as refiro:

A Lusitana é u'a que prefiro
 A de Espanha, é a segunda, e admirando
 A Latina, e geral já recitando
 Tais elogios que ao Sacro infiro!

A da América lá a ouço, e inflamada
 Nesse Índio, e com razão mais infalível;
 Com ela a do Rei Congo respeitado!

A do Mina também para atendível
 A função mais festiva de engraçada
 E que Itália não faltara ao plausível.

[S.I.A.]

MOTE

Prazer, Assombro, Maravilha, e glória

GLOSA EM SONETO

O duro bronze já tão grande brado
 Estendeu nesta terra Americana,
 Dizendo vossa glória mais que humana
 Para ser vosso nome celebrado!

Da cega antiguidade decantada
 Foi o Templo de Vesta Soberana,
 Este, à vista do da Ordem Franciscana,
 Só por fábula se tem avaliado:

Em vós Virgens vestais em que consiste
 Do Rio a felicidade mais notória,
 Que contra a escura inveja bem resiste,

Decifro, por ação tão meritória,
 Conseguir-se esta dita, e nele existe
 Prazer, Assombro, Maravilha, e Glória.

[S.I.A.]

SONETO

Recitado por elogio sem Mote

Do Sublime clarim a voz tremenda
 A glória Americana entoe agora
 Sõe o plectro, cante a Musa em voz sonora
 Nas remotas Regiões o eco estenda:

Nesta em tudo clarífica contenda
 No luzir vossa graça se melhora,
 Porque o resplendor se realça, e condecora
 Nos influxos de ação tão estupenda

Abata-se a soberba mais perjura:
 Fale só do respeito a voz preclara
 Aniquile-se no Mundo a inveja escura;

Cante a Fama por maravilha rara,
 Que só vós merecestes a ventura
 De ser imitadoras de u'a clara.

[S.I.A.]

Em obséquio do Reverendo Diretor, que as conduziu,
 Cônego da Metrópole do Estado o seguinte

SONETO

Retumbe o eco, condutor preclaro,
 Esse clarim da Fama, e que eminente
 Dedique o Povo aplauso, e reverente,
 A vós por Diretor de emprego raro!

Só vós o merecestes! ser e paro
 De um Céu todo estrelado, e refulgente!
 Atlante sustentando o preeminente,
 Guiando por seu Norte fixo, e claro:

Mereceis ser no Mundo eternizado
 Vivereis na memória sempre ileasa
 Sem que se oponha o Tempo, ou duro Fado,

Porque quem Protetor de um Céu se preza
 Justo é que seja seu nome gravado
 Nesses Padrões eternos da Firmeza.

[S.I.A.]

MOTE

Que vivais imortais por toda a Idade

GLOSA EM SONETO

Compre claros luzeiros resplandece
 Este Rio Soberbo, e intusnecido; (sic)
 Com Estrelas radiantes revestido
 Novo Céu cá na Terra já parece!

Aos doutos aplausos se oferece
 Com correntes de prata tão rendido,
 Que em línguas de cristal bem dividido
 Exaltar vossos nomes apetece.

Clama festivo, alegre, e venturoso,
 Já que sois esplendores de humildade,
 Que gozeis de um louvor mui glorioso;

E saia, sem o manchar a vaidade,
 Pelos Orbes um eco sonoro
 Que vivais imortais por toda a Idade.

[S.I.A.]

DÉCIMAS

Que se recitaram deduzindo a matéria de entrarem a 21
 de Novembro, dia da Apresentação da Mãe de Deus.

Quando de Novembro o Dia
 Um sobre vinte contemplo,
 Dia em que também ao Templo
 Primeira vez foi Maria,
 Quando pondero a alegria,
 Que neste dia ditoso
 Todo este povo gostoso
 Recebeu com vossa entrada,
 Creio, por causa averiguada,
 Sempre este Dia é glorioso.

Deste Dia a excelência
 Aplauda a Igreja, e é mui justo
 Pois sobe ao Templo sem susto
 De Maria a inocência:
 Subindo vai, com violência,
 Do Templo às escadas, quando
 Primeira entrada vai dando
 Nesse Céu; vós desta sorte
 Seguindo-a também por Norte
 No Céu neste dia entrado.

Maria em chegar vai sendo
 U'a Águia, e vós também voando;
 Lá entrando, e vós entrando
 No mesmo dia estou vendo;
 Maria já merecendo
 C'roas, que está possuindo,

Vai para elas subindo;
 Vós, porém, neste proêmio
 Para merecer tal prêmio
 Seus passos ides seguindo.

Maria entra, porque aberta
 Tem sempre do Céu a porta;
 Que haveis de entrar me conforta.
 Outra razão que é bem certa;
 Porque se é luz descoberta
 Que nesta entrada vos guia
 Maria, já neste dia
 Entrastes, quando entra ela;
 E se entrais com luz tão bela,
 Assombro entrais de Maria.

[S.I.A.]

MOTE

Por Joseph veio este aumento

GLOSA EM DÉCIMA

Aludindo ao Arcebispo da Bahia

Não à Pátria, claro Oriente,
 Onde vós luzes nascestes,
 Não ao Rio a que viestes
 Ter Zênite resplandecente,
 Este culto reverente
 Se dedique por portento,
 A Joseph como instrumento,
 Plausos mil de dêem primeiro,
 Pois ao Rio de Janeiro
 Por Joseph veio este aumento.

[S.I.A.]

MOTE

Se Mecenas melhor, melhor Prelado

GLOSA EM OITAVA

Aludindo ao Bispo do Rio de Janeiro

Sagrado Atlante, Arquivo mais ingente
 De claras excelências genuínas,
 Em cuja destra asilo permanente

Tem de Deus as Esposas peregrinas;
 Se assim de Protetor no zelo ardente
 Entranhas ostentais as mais benignas,
 Também os mostras o gênio sublimado,
 Se Mecenas melhor, melhor Prelado.

[S.I.A.]

MOTE

Grande aumento terá com tal Pastor

GLOSA EM OITAVA

Esse de ricas jóias belo arquivo,
 Esse de Pérolas precioso erário,
 Esse do mesmo Céu traslado vivo,
 Esse de lindas flores veridário
 A quem como Pastor zela excessivo,
 Antônio de atenções já tributário,
 Grande empenho será do seu amor,
 Grande aumento terá com tal Pastor.

MOTE

Astros de mais Luzimento

GLOSA EM DÉCIMA

Não mais o Pai de Faetonte
 Luz do Céu, alma do dia
 Nem a Estrela ao Nauta guia
 Nem mais a Deusa
 Por esse celeste Monte
 Girem com motu violento;
 Nem mais nesse claro assento
 Luzes dêem, se lustros deram,
 Porque no Rio hoje imperam
 Astros de mais luzimento.

[S.I.A.]

MOTE

É pouco todo o louvor

GLOSA EM DÉCIMA

Sem que nos enfatiemos,
 Quer de noite, quer de dia

Em continuada alegria
 A louvarmos estaremos,
 Pois tantos prodígios temos,
 Prendas de tanto primor!
 Que esses mesmos dão fervor
 A nosso intento, suposto
 Que inda para o nosso gosto
 É pouco todo o louvor.

[S.I.A.]

MOTE para Preto
 Também amí aguysa

GLOSA JOCO-SÉRIA EM DÉCIMA

Gente! que sá esses coza!
 Mundele turo sá aqui!
 Calaro turo sem ri
 Que papiâ ninguem ozá!
 Aqui nessa caza poza
 Os Freyra, que vem cazá!
 Do Bahia! Eu sabe ja:
 Por isso Mundéle tanto!
 E mim ha de fica hum canto?
 Tambem a mi aqui sâ.

[S.I.A.]

MOTE

Fora do natural mais excelentes

GLOSA EM OITAVA

Na concha nasce a Pérola brilhante,
 Na terra o Ouro puro, e precioso
 No Firmamento o Astro rutilante
 Nas Pedras o Diamante portentoso;
 Tudo nascendo está no centro amante,
 Tudo no natural mais prodigioso!
 Vós, porém porque agora mais luzentes,
 Fora do natural mais excelentes.

[S.I.A.]

OITAVAS

Por elogio recitados na noite do primeiro

CERTAME

Protótipos gentis da Castidade,
Modelos de virtudes relevantes,
Que exaltadas vos pôs vossa humildade
No Seráfico Céu luzes brilhantes;
Sejais bem-vindas com felicidade
Esta Esfera ilustrar Astros radiantes,
Para que nos vejamos por portento
O Rio claro, um claro Firmamento.

Firmamento será todo estrelado
Deste Rio feliz a instância clara,
Luzente emulação desse elevado
Móvel, que tem de luzes cópia rara:
Vós, Estrelas, em Céu o haveis trocado,
Estrelas disse! sim quem não repara
Que no Rio foi vosso nascimento
Nas absências da luz

Se nas faixas do Céu, flamas volantes
Em cuja imensa ordem se pondera
Parte no Assento fixas, parte errantes,
Só de noite se vêem nessa alta Esfera;
O mesmo viu-se em vós Astros brilhantes,
Pois no Rio que amante vos venera,
De noite aparecestes como aquelas
Maravilhas do Céu, lindas Estrelas.

Era da Sexta luz a noite clara,
Porque a Deusa Trifonte concedia
A culta, e inculta Terra Luz preclara
Inda quando de enchentes carecia,
Quando se viu do Céu cópia mais rara,
A terra, pois, que já vos possuía,
Da pureza, se flores mais mimosas
Do Sol emulações, de Cristo Esposas.

E se aquela de amor pulcra Deidade,
Que lá teve do mar seu nascimento,
Rústica consagrou gentilidade
O Sexto Sol; talvez com cego intento,

Se em tal termo chegastes, quem não há-de
crer, que o amor nos causou todo o contento,
Quando ao Rio essas quatro maravilhas,
De Deus agrados, e de Francisco Filhas.

Convosco, pois, ditosas Heroínas
Que ao Sol prestar podeis claros fulgores,
Epílogos de luzes diamantinas,
Quando da puridade intactas flores,
Ficam do Rio as margens cristalinas,
Cópia florente, mapa de esplendores!
Pois vós flores, vós luzes as fizestes,
Quando terrenos Céus, Jardins celestes

Se lá naquele delicioso Assento
Primeira habitação do Paraíso
De uma argentada fonte o nascimento
Quatro Rios gozaram
Paraíso também admiro atento
Hoje ao Rio, porque nele diviso
A vós, quais fontes quatro cristalinas,
De virtudes, de graças peregrinas.

Se quem chegar feliz a contemplar-vos
Emblemas de virtudes soberanas,
Divinas considero há-de julgar-vos,
Posto lhe dite a Fé, que sois humanas!
Chegando por Ventura hoje a gozar-vos
Altas elevações Americanas
O Rio de Janeiro que o contemplo
Ou Império da Terra, ou do Céu Templo.

Vós semi-deusas fostes o motivo
Desta glória, prazer, desta alegria,
Que já goza este Rio tão altivo,
Saudosa justamente essa Bahia:
De luzes o fizeste nobre arquivo,
Gozando enfim da vossa companhia;
Esse de Pérolas é rico erário,
Também fica conosco um Santuário.

Mas onde o relatar eu vou co'a pena,
Sobre o que o Rio logra preeminente!
Se o Mundo julgo Lâmina pequena
Para haver de pintar-vos largamente;
Cale, pois que a razão assim me ordena

E o contrário operar fora imprudente
 Pretender numerar a cópia tanta
 Dos átomos sutis, que o Sol levanta.

Mas no maior prazer se é justo o canto
 Se na dita maior o prazer justo,
 Com tal dita hoje o Rio, e prazer tanto,
 Pleno de glórias, de esplendor tanto,
 A vós mimos do Céu da Terra encanto,
 Que sois causa feliz de efeito augusto,
 Para haver de cantar-vos já desata
 Qual Cisne de cristal vozes de prata.

E vós Alunos dos Piérios Montes
 Destros cantores de Apolíneo coro,
 A cujas destras, quando as claras fronte
 Exorna a palma, circuncinge o louro,
 Se ao Rio vedes com enchente a montes,
 De claras jóias célebre tesouro,
 Em doce plectro com feliz memória
 Cantai as que hoje são do Rio a glória.

[S.I.A.]

MOTE

Da Bahia a melhor flor

GLOSA EM DÉCIMA

Ficou sem flor a Bahia
 Ficando sem tais deidades,
 Só com perpétuas saudades
 Com suspiros, e agonia,
 Sim, pois nelas se incluía
 Todo o florente primor:
 Eram seu perfeito amor,
 E do Amor Divino Filhas,
 Eram quatro maravilhas
 Da Bahia a melhor Flor.

[S.I.A.]

MOTE

O desterro será a glória

GLOSA EM DÉCIMA

Em desterro, em penas tristes
Sem a vossa companhia
O Desterro da Bahia
Ficou depois que partistes:
De glória ao Rio vestistes
Eterna, e não transitória!
Sim pois é causa notória,
Que sem vós a glória lá
Se desterra, e por vós cá
O Desterro será glória.

[S.I.A.]

MOTE para Preto

Logo eu sarta de contente

GLOSA JOCO-SÉRIA

Quando eu vay a Protugáro
Com mia Seóra véio,
Que chama Mané Coêio
Com sua fio Gonçáro,
Lá eu tem grande regáro,
Acha os Gifrrera excerente,
Tanto? Lá si, sá eu gente,
Acá curúja papô;
Mas tanto, que esse chegó
Logo eu sarta de contente.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

MOTE

O Céu, a Bahia, e Rio

GLOSA

Quem esta sorte vos deu?

Quem a sorte nos envia?

Quem a recebe com brio?

O Céu.

A Bahia.

O Rio.

Agora sem desvario
Direi que esta sorte boa
Estima, aplaude, e pregoa
O Céu, a Bahia, e Rio.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

MOTE

Prazer, glória, e luzimento

GLOSA

Rio que vem isto a ser?

Prazer! que causa há notória?

Glória, que te deu? aumento?

Prazer.

Glória.

e Luzimento.

Que é justo o contentamento,
Que mostras, tenho entendido
Pois que assim tens recebido
Prazer, Glória, e Luzimento.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

Ao Mote referido

Prazer, glória, e luzimento

GLOSA

Com que veio o Rio a crescer?

O que se fez mais notória?

Qual seu timbre, e mais portento?

com Prazer.

sua glória.

Luzimento.

Das Freiras o acompanhamento
Só nos podia vir dar
Por causa mui singular
Prazer, glória, e luzimento.

[S.I.A.]

Ao Mote referido
GLOSA EM DÉCIMA

Para que é mais cansar!
Para que é mais discorrer!
Venha cá quem quiser ver
Que não falta que admirar!
O Rio verá saltar
De sumo contentamento
E até o Firmamento
De contente está brilhando
E na Terra duplicando
Prazer, glória, e luzimento.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

Mote

As Aves, Flores, e Estrelas

GLOSA

Salvas vos dão já suaves
Capelas com mil primores
Também salvas vos dão belas

As Aves.
Flores.
Estrelas.

Em tudo tão paralelas
Vejo estas salvas briosas
Que até se mostram obsequiosas
As Aves, Flores, e Estrelas.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

Ao Mote referido

GLOSA

Quem com elogios suaves?
Quem lhe sacrifica amores?
E quem luz igual com elas?

as Aves.
as Flores.
as Estrelas.

Estas Freiras são tão belas,
Tão ricas com tais vantagens,
Que lhes rendem vassalagens
As Aves, Flores, e Estrelas.

[S.I.A.]

MOTE

Viva a gente do Rio de Janeiro

GLOSA EM OITAVA

Hoje que os vivos andam monte a monte
 Hoje que os vivos conto cento a cento,
 É bem que a Gigântea se remonte
 Por todo esse Orbe, e suba ao Firmamento:
 Da Bahia os aplausos cante, e conte,
 Pois de amor já nos dá claro argumento,
 E dizendo de afeto verdadeiro
 Viva a gente do Rio de Janeiro.

[S.I.A.]

MOTE

A Cidade mais ditosa

GLOSA EM DÉCIMA

Quando de um corpo da terra
 Se esgotam as veia de ouro,
 Inda opulento tesouro
 Fica? não, pois nada encerra:
 Assim pois se se desterra
 Da Pátria cópia lustrosa
 De Perlas, e o Rio as goza,
 Não por tesouro avalio
 A Bahia, sim do Rio.
 A cidade mais ditosa.

[S.I.A.]

MOTE

De luzes se vê ornado

GLOSA EM DÉCIMA

Lá porque a Pátria deixastes
 Cá porque ao Rio viestes,
 De glórias a este enchestes,
 De penas àquela ornastes:
 Do Rio a estância formastes
 Claro Céu, e ao Berço amado
 Em triste chãos transformado;
 Lá traja libré saudosa,
 Cá o Rio enfim, que vos goza
 De luzes se vê ornado.

[S.I.A.]

MOTE

Virtude, Fama, Timbre, e glória tem

GLOSA EM OITAVA

Por vós, que da virtude mais constante
 Sois modelos, sois cópias peregrinas,
 Por vós a quem da Terra a filha errante,
 Digo a Fama vos canta por divinas;
 Por vós, que timbre e glória sois do amante
 Patriarca de quem sois filhas dignas,
 Por vós o Rio, enfim, com sumo bem
 Virtude, Fama, Timbre, glória tem.

[S.I.A.]

MOTE

Humano aplauso a Mérito Divino

GLOSA EM OITAVA

Soltem com vozes claras, não confusas
 Em louvores a vós cantos sonoros,
 Não do Parnaso Monte as nove Musas,
 Sim do Celeste Assento os nove coros;
 Sim vos cantem, pois tem graças difusas
 Esses do Empíreo espíritos canoros:
 Seja o louvor do Céu, que hoje é indigno
 Humano Aplauso a Mérito Divino.

[S.I.A.]

AO MOTE REFERIDO

GLOSA EM OITAVA

A quem causa hoje o Rio glória altiva?
 Qual das Musas que Apolo, mais que ousado,
 Com lira grave, com voz mais expressiva
 Se não mostra em louvá-las recatado!
 Emudeça este a voz mais excessiva,
 Seja no plectro seu hoje coartado, (sic)
 Pois passa de louvor a desatino
 Humano Aplauso a Mérito Divino.

[S.I.A.]

AO MOTE REFERIDO
GLOSA EM OITAVA

Não o de Apolo influxo agora imploro,
Da Lira o estilo, ou do plectro a harmonia,
Também desse Parnaso o Aônio Coro
Não rogo que me inspire na Poesia,
Não quisera ofender vosso decoro,
Imprudente em tais preces eu seria,
Por ser tosco louvor, e culto indigno
Humano aplauso a mérito Divino.

[S.I.A.]

MOTE

Aplauso bem merecido

GLOSA EM DÉCIMA

Tão alegre o Rio! Por quê?
Por que com tanta alegria?
Por nos virem da Bahia
As prendas que bem se vê!
Por isso mui justo é
Que com glória enriquecido
Hoje em classes dividido
Lhe tributes alternado
Louvor muito bem fundado,
Aplauso bem merecido.

[S.I.A.]

MOTE

A Bahia saudosa, alegre o Rio

GLOSA EM OITAVA

Cheguem da Terra ao Céu hoje as enchentes
Do Rio, pois re-trarão venturosas,
Quais Estrelas em plena transparentes,
A vós que dignas sois de Cristo Esposas;
E porque de cristal suas correntes
Vossas plantas alegam venturosas,
Ficar vemos, se em triste desvario,
A Bahia saudosa, alegre o Rio.

[S.I.A.]

MOTE AO MESMO
GLOSA EM OITAVA

Claras emulações da luz do dia,
Se essas virtudes que hoje em vós contemplo
Lá Oriente tiveram na Bahia
Para virem ao Rio a dar exemplo
Perdendo aquela em vós tal primazia,
Vendo-se este por vós de Deusas Templo,
Razão é para ver-se em pranto pio
A Bahia saudosa, alegre o Rio.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Viva a gente do Rio de Janeiro

GLOSA EM OITAVA

Viva a Pátria Oriente onde nascestes
Capital do Brasil nobre Bahia,
Vivam as causas de quem procedestes
Flores, que a Terra com prodígio cria;
Viva do Rio a Esfera a que viestes
Novos Astros brilhar com bizarria
Vivei Senhoras vós, por derradeiro
Viva a gente do Rio de Janeiro.

[S.I.A.]

MOTE PARA PRETO

Como vozo sá muy poco

GLOSA EM DÉCIMA

Sióro Frera mia Angana
Turo esse patuscada
Sá muyto vozo cambrada,
Mági turo sá magána,
Só vozo não, mia Mana,
Esse si sá gente loco,
Vozo faze oreya moco;
Turo Frera hé monitinha
Bem, bem mezo, mági Frerinha
Como vozo sá muy poco.

[S.I.A.]

MOTE

De JESUS Esposas dignas
GLOSA EM DÉCIMA

Já do Rio Claro assento
 Todo brilhante diviso
 De Flores um Paraíso,
 De Estrelas um Firmamento;
 Já cofre o vejo opulento
 De luzes diamantinas,
 Pois goza a quatro Divinas,
 Mais que humanas maravilhas,
 De Francisco amadas Filhas
 De JESUS Esposas dignas.

[S.I.A.]

MOTE

De Francisco Chagas são
GLOSA

Estas de eterna memória,
 Quatro ilustres maravilhas,
 Não só são queridas Filhas
 Do que foi de Assis glória,
 Mas também é fé notória
 Pela amorosa união,
 Se em seu peito elas estão
 Como tão queridas almas,
 Se as traz Francisco nas palmas
 De Francisco Chagas são.

[S.I.A.]

MOTE

O Céu chorou de alegria
GLOSA EM DÉCIMA

Quando a Terra em glória extensa
 O Céu em pranto desfeito
 Ó que foi contrário efeito
 Que produziu causa intensa!
 Assim foi, pois vendo a imensa
 Glória, que o Rio incluía,
 Como também possuía
 Prazer sumo, e sumo gozo,
 Por isso, não de invejoso,
 O Céu chorou de alegria.

[S.I.A.]

MOTE

Floreciendo transplantadas

GLOSA EM DÉCIMA

Nascesteis flores pomposas
 De la Patria en el jardin,
 Y la ventaja al Rubin
 Os hizo aun mas famosas;
 Que mucho tan prodigiosas
 Fuesseis allá exaltadas,
 Si acá del centro apartadas
 Gallardamente brillando
 Estais aun mas admirando
 Floreciendo transplantadas.

[S.I.A.]

MOTE

Pena, e glória juntamente

GLOSA EM DÉCIMA

A partida, que hoje chora
 A Bahia saudosa
 É toda a causa forçosa
 Da nossa alegria agora
 Lá triste a Bahia adora
 Cá aplaude o Rio contente,
 E em efeito diferente
 Que nunca a razão excede,
 Da mesma vinda procede
 Pena, e glória juntamente.

[S.I.A.]

MOTE

Toda a fortuna do Rio

GLOSA EM DÉCIMA

Para cabal primazia
 Ao Rio só lhe faltava
 Lograr como desejava
 A causa desta alegria:
 Empenhou toda a valia,
 Como por certo confio,
 E a Bahia com tal brio
 Nos quis fazer este bem
 Que hoje só de lá vem
 Toda a fortuna do Rio.

[S.I.A.]

MOTE

A mais discreta eleição
 GLOSA EM DÉCIMA
 Aludindo à Abadessa

Leonor por alto destino
 Vos elegeram Prelada
 Eleição foi inspirada
 Por um impulso divino;
 Pois o Céu como imagino,
 Tanto retratou a ação
 Que a primeira nomeação
 Riscou, e assim
 Parece que em vós só faz
 A mais discreta eleição.

[S.I.A.]

MOTE

Na Penha se há-de fundar
 GLOSA EM DÉCIMA

Ouvi bela Mariana
 Este rendimento fino
 Que não se ofende o Divino
 Da veneração humana:
 Aceitai-me sempre urbana
 O aplauso particular,
 Que hoje a Musa me ditar,
 Pois o pouco que disser,
 De Mariana há de ser
 Na Penha se há de fundar.

[S.I.A.]

MOTE AO MESMO
 GLOSA EM DÉCIMA

A Prelada há de reger,
 De cá, Mariana, as Estrelas,
 Mas o luzimento delas
 Só por vós há de correr,
 E assim seu maior poder
 Para estrelas dominar
 Só nela se pode dar,
 Em vós; por não ser errante,
 Delas o esplendor constante
 Na Penha se há de fundar.

[S.I.A.]

MOTE AO MESMO
GLOSA EM DÉCIMA

Quando sois Vigária amante
Das nossas Freiras, Mariana,
Desta Esfera soberana
De Estrelas vos julgo Atlante;
Se pois este Céu brilhante
Pelo cargo singular
Haveis mais de sustentar
O convento sublimado,
A esses ombros sustentado
Na Penha se há de fundar.

[S.I.A.]

MOTE PARA PRETO
Faze faéssa magi miô
GLOSA

Não se, que féssa esse sá,
Faze verso, faze prosa,
Faze logo um grande grosa;
Esse féssa cáucá:
Esse Frerinha frogâ
Turo aqui minguiô
Cantá, dançá o aculó.
Se aqui sá mia Malungo
Com banza
Faze féssa magi miô.

[S.I.A.]

MOTE
A Penha mais ilustre trasladada
GLOSA EM OITAVA

Se para se fundar um Santuário
Um Monte Taumaturgo abala inteiro,
Outro maior prodígio extraordinário
Celebro, admiro, e vejo por primeiro;
Mover-se o Monte, sim, foi necessário;
Mas da Bahia ao Rio de Janeiro
Sei que veio, e se vê nele fundada
A Penha mais ilustre trasladada.

[S.I.A.]

MOTE

Custódia deste Convento

GLOSA EM DÉCIMA

Francisca sois a primeira
 Para as Esposas de Deus,
 Pois as portas desses Céus
 Lhe abris sendo porteira:
 De vós tem já toda a Freira
 A entrada do Etéreo Assento;
 Pois quando vos olho atento
 Vejo, que por prendas graves
 Dos Céus possuís as chaves
 Custódia deste Convento.

[S.I.A.]

MOTE

De Francisco é Custódia, e mais de Cristo

GLOSA EM OITAVA

Dessa dourada chave a preeminência
 Do vosso zelo, emprego sublimado,
 Acerto foi de altiva providência,
 Se acordo também foi, bem acordado:
 Se desse Paraíso a excelência
 Abris, guardais também Anjo Sagrado;
 E que tão vigilante assim é nisto,
 De Francisco é Custódia, e mais de Cristo.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

A mais discreta eleição

GLOSA EM DÉCIMA

Esta nobre companhia,
 Que deixou a Pátria amada
 de Nós era desejada
 Com repetida alegria:
 Muito sentiu a Bahia
 Esta total deixação, (sic)
 Mas cá se louva esta ação,
 Ficando em nossa memória
 Acerto de tanta glória,
 A mais discreta eleição.

[S.I.A.]

MOTE

Ao mesmo Assunto
GLOSA EM DÉCIMA

Destas nobres Fundadoras
 Deste primeiro convento
 Podem tomar documento
 As suas Imitadoras
 Elas são as causadoras
 Da nossa admiração;
 Pois se tanta glória dão,
 Diga o Rio de contente,
 Discurso foi de prudente
 A mais discreta eleição.

[S.I.A.]

MOTE

Corre o Rio de contente
GLOSA EM DÉCIMA

Este Rio sem correr
 Parado estava esperando
 Sem saber hora, nem quando
 Da maré, que o vinha encher:
 Agora por não caber
 Dentro em si patentemente,
 Dá demonstrações de enchente,
 E tanto pelo que existe,
 Que a Pátria chora de triste,
 Corre o Rio de contente.

[S.I.A.]

MOTE

Completa a nossa esperança
GLOSA EM DÉCIMA

O fim tem já completado
 Das glórias esta Cidade;
 Por todos com raridade
 Um gosto não esperado;
 Assim ficará lembrado
 Sempre com perseverança
 E com toda a confiança
 Posso dizer com efeito,
 Que já vi gosto perfeito,
 Completa a nossa esperança.

[S.I.A.]

MOTE

Neste Céu só Anjos vejo
GLOSA EM DÉCIMA

Digo que tem a clausura
Com o Céu muita aparência
Porque nela com decência
Da glória vejo a figura:
Se este é o claustro em que se apura
Cada vez mais o desejo
De honrar a Deus com festejo,
Sem dúvida aqui a glória é;
Logo posso afirmar, que
Neste Céu só Anjos vejo.

[S.I.A.]

MOTE PARA PRETO, E JÁ REFERIDO

Faze fuéssa, e mági fuéssa
GLOSA EM DÉCIMA

Oh la, turo mia Malungo,
Venha minha gi placéro,
Trazeño sua pandero,
E mági sua
Toquémo fundo mundungo,
Que hé de nózo preto o féssa;
E aqui nesse travessa
Onde Frera tem gifama
Turo botando quinâma,
Faze fuéssa, e mági fuéssa.

[S.I.A.]

MOTE

Do seu Amor desempenho
GLOSA EM DÉCIMA

Do Rio estas Ninfas belas,
Mais que as águas cristalinas
Não sei se lindas Boninas,
Lhe chame, ou claras estrelas
Estas pois ricas Donzelas
Me pediram com empenho
Vos desse um viva, a isso venho,
Viva a Bahia, e declaro
Que é prazer, sinal claro,
Do seu amor desempenho.

[S.I.A.]

MOTE

Esta Penha é toda França

GLOSA EM DÉCIMA

A Penha, que agora exalta
 Este meu rude conceito,
 É alta em grau tão perfeito,
 Que não vi Penha mais alta!
 Nenhuma altivez lhe falta,
 É ativa
 Porque nenhua lhe alcança;
 Assim que digo à porfia
 Se há mais Penhas da Bahia
 Esta Penha é toda França.

[S.I.A.]

MOTE

Quatro Sóis neste Hemisfério

GLOSA EM DÉCIMA

Esse Sol com galhardia
 De luzes se mostra ornado,
 Do Mundo como empenhado
 O reveste de alegria;
 Mas hoje com bizzarria
 Mostrar quis o seu Império,
 Circulando o Globo Aéreo
 Retrocedeu ao andar
 Por que víssemos brilhar
 Quatro Sóis neste Hemisfério.

[S.I.A.]

MOTE

Já referido

Pena, e glória juntamente

GLOSA EM DÉCIMA

Da vossa feliz chegada
 Em vós se conserva ainda
 Unido o prazer da vinda
 Ao pesar logo da entrada:
 A pena, e glória ajustada
 A um tempo se aplaude, e sente,
 E por sorte diferente
 Em dois diversos efeitos
 Unirão-se (sic) em nossos peitos
 Pena, e glória juntamente.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

À Cidade mais ditosa
GLOSA EM DÉCIMA

Se a causa pela qual fica
Qualquer lugar decantado
É porque nele encerrado
Se venera prenda rica,
Hoje, que bem testifica
A vista, que o Rio goza
Enche a Fama gloriosa
Do Oriente ao Ocaso frio,
Que entre todas é a do Rio
A Cidade mais ditosa.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

A mais discreta eleição
GLOSA EM DÉCIMA

O mandar vir da Bahia
Quatro Freiras ricas belas
Como luzidas Estrelas
Dando ao Rio esta alegria,
Consistiu na primazia
De quem com fatal ação
Teve administração,
De tal empresa ordenar;
Assim se deve louvar
A mais discreta eleição.

[S.I.A.]

MOTE

Novos Astros ilustram nesta Esfera

GLOSA EM OITAVA

Este Povo em assombros suspendido
Pasma ver tanta luz, tanto brilhar
Absorto já de todo o seu sentido
Neste Hospício por hora a vê parar;
Vê-se no Certame alegre o alarido,
[Ouvem-se] muitos metros a admirar
E de todos a voz de novo altera
Novos Astros ilustram nesta Esfera.

[S.I.A.]

MOTE

Quem as não há-le aplaudir

GLOSA EM DÉCIMA

Quem se não há de empenhar
 Nos aplausos destas Freiras!
 Sendo que são as primeiras
 Que a nós nos vêm alegrar:
 Quem isto pode negar?
 Eu não, que vim repetir
 Os meus versinhos
 Se eu que sou um ninguém
 Venho ao Outeiro também,
 Quem as não há-de aplaudir.

[S.I.A.]

MOTE

Do Seráfico Céu lindas Estrelas

GLOSA EM DÉCIMA

De clara Matriarca receberam
 Da virtude, e doutrina o benefício;
 Este Santo caminho que escolheram
 Foi desprezo do Mundo, horror ao vício:
 Intrépidas a Santidade acometeram
 E tiveram um Fado tão propício,
 Que na terra as veneram por tão belas
 Do Seráfico Céu lindas Estrelas.

[S.I.A.]

MOTE

Nobre Arquivo de Pérolas mais puras

GLOSA EM OITAVA

Essa constante fábrica Sagrada
 Esse celeste Panteon Divino,
 De Astros luzentes Zona sublimada,
 De ditosos Aspectos claro signo,
 Casa celestial concha argentada,
 De Planeta feliz, Astro benigno,
 Rica esfera é de sacras formosuras
 Nobre Arquivo de Pérolas mais puras.

[S.I.A.]

DÉCIMA

Por elogio sem ter glosa

Aceitai dos nossos peitos
 Com reverentes indultos
 As adorações nos cultos
 Sacrifícios nos respeitos;
 Da devoção sendo feitos
 Também é causa esse exemplo
 E assim já tendes, contemplo
 Para mais vos adorar
 Em cada peito um altar,
 Em cada vontade um Templo.

[S.I.A.]

MOTE

De Francisco imitadoras

GLOSA EM DÉCIMA

Quando entro a ponderar
 No aperto de ua clausura
 Afirmo que a que se apura
 Anjo se pode invocar:
 Não é muito exagerar;
 Se eu vejo que estas Senhoras
 São da Regra executoras,
 Logo bem posso dizer
 Que Anjos são, pois vêm a ser
 De Francisco imitadoras.

[S.I.A.]

MOTE

Mais claras não podem ser

GLOSA EM DÉCIMA

Desde a sua tenra idade,
 Que abraçaram a clausura
 Agora inda mais se apura
 Neste Rio a Santidade:
 Com muita suavidade
 Chegaram a merecer
 Declara quanto a meu ver,
 Graças, e virtudes tantas,
 Que serão elas mais Santas,
 Mais claras não podem ser.

[S.I.A.]

MOTE
Saudades da Bahia
GLOSA EM DÉCIMA

Depois de u'a despedida
Tão feliz, e saudosa,
A Pátria muito queixosa
Se mostrou nesta partida:
Cá se vê restituída
Com prazer, e alegria
Esta ilustre companhia;
Lá se chora pena tanta
Cá alegre o Rio canta
Saudades da Bahia.

[S.I.A.]

MOTE
Satisfeita se vê nossa esperança
GLOSA EM OITAVA

Neste famoso Outeiro deleitável,
Que ao gosto se nos faz tão aprazível
Se ostenta o Rio já tão agradável
Que querê-lo contar é impossível;
Tem por causa melhor mais estimável
As fundadoras já por gosto incrível
E quando por dita o Rio tanto alcança,
Satisfeita se vê nossa esperança.

[S.I.A.]

MOTE PARA PRETO
Gifréra bôte sahi
GLOSA EM DÉCIMA

Hum paravra verdadeira
Mi hoje dizelo hade
Não quer nada com Gifráde,
Quere turo com Gifréra;
Sé eu acazo dize asnéra,
Dize embora, que eu aqui
Sempre ha dizelo asi,
De nóte the pramenhã
Que Frare bôte canan,
Gifréra bôte sáhi.

[S.I.A.]

MOTE

Desempenho de Marte é sempre Apolo

GLOSA EM OITAVA

Aludindo ao obsequioso dos três
Certames Acadêmicos, e ao Silêncio
das Fortalezas na entrada desconhecida.

Quando Marte o Canhão, que a Esfera abala,
Quando Marte o Arcabuz, que a Terra assusta,
Quando Marte Esquadrões com brio, e gala
Em vosso aplauso prevenindo ajusta,
Ao seu empenho a sorte não iguala,
Chore Marte infeliz a sorte injusta
Que Apool canta, porque em qualquer Pólo
Desempenho de Marte é sempre Apolo.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Humano Aplauso, a Mérito Divino

GLOSA EM OITAVA

Quantas pratica engenho primoroso
Festivas invenções para agradar-vos!
Quantos entendimento majestoso
Sublima atos conceitos de louvar-vos
Tudo é improporção é tudo ocioso:
Só vós podeis a vós bem contemplar-vos,
Que é culto impróprio, holocausto indigno,
Humano aplauso a Mérito Divino.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Com estrelas o Rio se eterniza

GLOSA EM OITAVA

Montes de aroma que esse Olimpo exala,
Radiantes Linfas, que este Rio aumenta
Jardins pomposos dessa Etérea Sala,
Ondas flamantes desta margem atenta,
Com elas tece esse Cerúleo a gala,
Com elas raios este alvor ostenta;
Porque se o Céu com flores se matiza,
Com Estrelas o Rio se eterniza.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Mais claras não podem ser

GLOSA EM DÉCIMA

Se filhas do Orvalho são
 Porque com ele se geram
 As Pérolas a quem deram,
 Os Homens estimação
 Das que hoje vemos dirão,
 Que hão de mais quilates ter,
 Pois Pérolas a meu ver,
 São de estimação tão rara,
 Que ornando a Coroa declara
 Mais claras não podem ser.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Pena, e glória juntamente

GLOSA EM DÉCIMA

Eu bem quisera cantar
 Senhoras vossa chegada;
 Porém a noturna entrada
 Hei-de por força calar:
 Vendo-vos desembarcar
 Conheci mui firmemente
 Todo o povo descontente;
 Porque se alegre estava
 Também se lhe divisava,
 Pena, e glória juntamente.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Satisfeita se vê nossa esperança

GLOSA EM OITAVA

Chegou já este dia desejado
 Chegou já este dia apetecido
 Em que realça da Bahia o Estado,
 Dando-nos um tesouro tão luzido!
 Nas Quatro Fundadoras um traslado
 De virtudes se vê tão construído,
 Que à vista das que a Fé lá vos alcança,
 Satisfeita se vê nossa esperança.

[S.I.A.]

MOTE AO MESMO

GLOSA

Em correntes confusa caminhava
 Este Rio de Linfas abundante,
 Em seu centro por ver, que não se achava
 De Pérolas um fio, um diamante;
 Vendo agora, porém que o Céu lhe dava
 Declaras em cada Filha um rutilante
 Sol, corre ufano, e diz com segurança,
 Satisfeita se vê nossa esperança.

[S.I.A.]

MOTE PARA PRETO

Turo Frera hé bonitinho

GLOSA EM DÉCIMA

Hé coza que pásma gente,
 Velo hum Mossa que não pressa
 Tanto que hé Frera professa;
 Turo fica reruzente;
 Como hé de Dieza servente,
 Turo fica como Anginho,
 Porque sua rirostrinho
 Fica tanto cavaéro,
 Que por todo gimostrero,
 Turo Fréra hé bonitinho.

[S.I.A.]

MOTE

Logo eu sarta de contente

GLOSA EM DÉCIMA

Sinhora Gifrrera, minha Angana,
 Eu anda muyto fadado
 Tanto que vozo chegáro
 Logo eu comé minha cana;
 Sarta, brinca, minha Angana;
 Turo gente está contente
 Por vé vozo tan florente
 Mim tambem quere dançá,
 Se vozo toca o canzá
 Logo eu sarta de contente.

[S.I.A.]

Elogios que se recitaram. (*)
 Praeclarissimis, necnon Religiosissimis
 Monialibus Die Veneris Januariensem Urbem
 intrantibus

EPIGRAMMA

Virginidum decorosa cohors, quam casta pudori
 Zona tenet; Phaebi quam modo turba colit.
 Luce quid aduentas, Cypridi qua dantur honores
 Lux ne pudicitiae conuenit ista tuae!
 Quid moror: ipsa tui, Venerisque sacratur honore
 Lux merito; splendor cum tibi maior erit.
 Nunc honor est ueneri, castae qui uictimae turbae
 Caedit, et haec Cypridis non tibi cedit honos!
 Ast si tanta uenit Cypridi, quia uictima surget
 Iure triumphalis gloria quanta tibi.

[S.I.A.]

ALIUD

Praestantissimae Religiosissimaeque
 Moniales die qua Phaebus sagittarii signum
 fuit ingressus Januariensem
 Urbem appellunt.

Luce uenis cypridis, catusque florida cingunt
 Serta: pudicitiae cui nitet ore decus
 Luce uenis; Phaebo qua saeuus bella minatur
 Arcitenens: proprius nectibi tempus erat.
 Alter ades Phaebus: Veneris quia luce propinquas
 Fortior ad pugnas ejaculator adest.
 Non tibi Sydereum supera minitatur ab arce
 Agmen; at in bellum stat pharetratus amor
 Arcitenes cedit; cedit Cytheraeici proles;
 Maior et est Victor, cui modo cedit Amor.

[S.I.A.]

(*) Grafado com outra letra.

Hunc Heliconis honor cedat, superare
uidetur Praesidibus, quatuor
Fluminis auctus honor.

EPIGRAMMA

Intumuit certe Fluuius gravitate sororum,
Quae modo nostrastes consubiare plagas.
Iam sonat, in plausus mutato murmure, crescit,
Et mare fit, paruum quod modo Flumen erat.
O fortunati fluctus, Flumenque beatum,
Quos beas eximius, quem meruistis, honor.

[S.I.A.]

ALIUD

Ste procul, Charites, coluit quas Roma, sorores;
Quantula uos decuit gratia, quantus honor!
Vos numero praeit ista cohors, lis unde uidetur
Obrepi, quae nam gratia quarta foret?
At litem dirimo: nulla est uirtute secunda,
Tertia nulla fuit, quartaque nulla fuit:
Cum sint primitiae, quaeuis est Prima sororum.
Gratia Romanis, quaelibet aucta tribus.

[S.I.A.]

ALIUD

Quae modo Flumineo collucent Astra Theatro?
Quae uenit in nostras lux aliena plagas?
Cur natale solum, dulcemque relinquitis Orbem
Cur nostros etiam uultis obire lares?
Astrorum similes proprio uenistis ab ortu,
Illustraturae fors an utrumque solum
In super, ut uobis plaudat, non sufficit Orbis
Nec satis in laudes sola Bahia fuit.

[S.I.A.]

ALIUD

Vnde, Bahia, tibi dolor euenit iste? per Vrbem
Flumineam laetus dum sonat usque chorus:
Rem teneo: quatuor de perdita sydera plores
Fluminis atque plagis clarius ista micant.
Felices tractus! rutilos uertantur in axes,
Fluminis ut populum gloria tanta beet.

[S.I.A.]

Die, qua Beatissima Virgo consecrata
fuerat aduenieunt:

EPIGRAMMA

Illa dies sacrata nimis, qua maxima Virgo
Ascendit Templi dexteritate gradus;
Vos in flumineas, Auibus felicibus, oras
Vidimus allabi nec sine mente Dei.
De super illa dies uobis signata uidetur
Scandite nunc Virgo quae docet alma Polum:
Scilicet haud aliter fas est discurrere, tractum
Quas in caelestem fax Mariana praeit.

[S.I.A.]

MONIALES NOCTE E NAUI EGREDIUNTUR EPIGRAMMA

Quae noua Flumineis clarescit fluctibus Argo
Mittit ad Portus sydera nocte novos?
Nunquid caelestas mutarunt sydera sedes,
Fas fuit et ripas Flumen adire tuas?
Hoc fortassis erit: Ratis haec nam creditur Argo,
Sydera cum saciis, et leonora fuit.

[S.I.A.]

ELOGIO

Gloria, laus, uirtus, uictoria, Palma, Triumphus
Ab hoc carmine Encomium deducitur

Flumineae gentis plausu, Procerumque rogatu,
Quas, Flumen, petiisti undis, quas murmure cursus,
Adspice, crede oculis, iam tempora desine longae
Dinumerare uiae, festiuum sole quaterno
Lude, nec indubiis ultra torquehere uotis:
Gloria quae niuei caetus, Stellaeque Polares
Ore pares, habitu similes, cursu ire paratae
Virgineam fundere Domum, seu prima Senatus
Huc Paradysiacimissae transcribere ligna
Hic adsunt oculis, aderant quae mensibus olim:
Quae Patrium, quae dulce solum, seu quaelibet Orbe
Diu foret, mortali dedignata Parente
Abnuit illa lares tantam sub nomine claro
Fundatura Domum, Virtus ubi crescatin aeuum,

Laus tibi pubescat superum capienda uireto.
 Hic ubi pro meritis adolebit Palma Triumphis,
 Nam trahit haec gladii frondoso anademate formam,
 Quo foret ambabus potior **victoria** plamis:
 Palma hoc irriguis horto iuueniscet ab undis,
 Ne certaturis desint meliora Puellis.
 Stemata, pendebunt tecto haec insignia, laurus
 Ibit in amplexus festa, et serpente sub acto
 Gaudebunt niuei flores, dum perisilis Hortus
 Pullulat in demnis gratum parituris amomum
 Hunc forsan caetum, si non sententia fallit,
 Astra, Deas, lucem, lauras, et Numina, Plausus,
 Fausta, Sacras, nitidam, memores, insignia, laetos,
 Caelis, Axe, Solo, claustris, et Flumine, calle,
 Format, habet, statuit, ponit, designat, adornat,
 Gloria, Laus, Victoria, Palma, Triumphus.

[S.I.A.]

De Santimantium ingressu gratulatur
Fluius Januariensis

EPIGRAMMA

Tende cohors supero non dedignanda Senatu:
 Murmurat impatiens fluminis unda moras.
 At modo propellit difuso gurgite quaestus
 Et refluit quaerulo labilis unda sono
 Sedula festiuo plaudit tibi lympha sussurro,
 Blandaque paccato currere uisa gradu est:
 Largius optato sub pondere laeta superbit,
 Seu ferat argento Numina grata suo
 Obstupet, immissos ne deuitaret honores,
 Edomat haec cursus listere uisa suos.

[S.I.A.]

Monialium aduentum plaudit hoc

EPIGRAMMA

Vube Triumphalis resonent modulamina plausus,
 Inque nouos abeat laeta iuuenta choros.
 Quid? spectata diu nostris nodo considet oris
 Virginitas, propria iam bene tuta domo.

Hanc sacrate diem; niuco signandae lapillo est,
 Qua nulla illu purior ante solo
 Hinc quae mole sua, gemisque superbit, et auro
 Vrbs, et Flumineo murmure iactat opes;
 Ditiore euaudit, toto que beatiore Orbe,
 Cui solo ub clara Virgine semper adest

[S.I.A.]

ALIUD

Quid sibi uult tantus plausus, populique tumultus?
 Quid sibi tot festi per tua claustra sonus?
 Festa parat caelum, festiuo sydera risu
 Laetantur, terris nec nisi murmur adest:
 Jure quidem terris geminantur gaudia, caelo
 Flumineo quando sydera tanta nitent.

[S.I.A.]

ALIUD

Aspicit, ut quatuor capit Domus ista, uel Aula?
 Vix caperet Flumen quod capit una domus.
 Par Domus est caelo quatuor minor illa receptis
 Sed modo plus caelo continet ista domus.
 Rumpitur inuidia caelum, minus esse placebit,
 Vt capint, gremio quas domus ita suo.
 Non capiunt caeli, domus haec quas contullit, et nunc
 Ros breuis his ampla est, queis fuit ampla breuis.

[S.I.A.]

ALIUD

In caelum cur tristis agis, Bahia, querelas?
 Aerea cur nobis fulmina saeua paras?
 Anne, quod hoc rapuit felix tua sydera flumen,
 Flumineo que iacent sorte minuta mari?
 Non ita: sunt soles duplicato lumine nostro
 Quae fuerant caelo Sydera clara tuo.

[S.I.A.]

MONIALES AD JANUARIUM FLUMEN
 ADUENIUNT

EPIGRAMMA

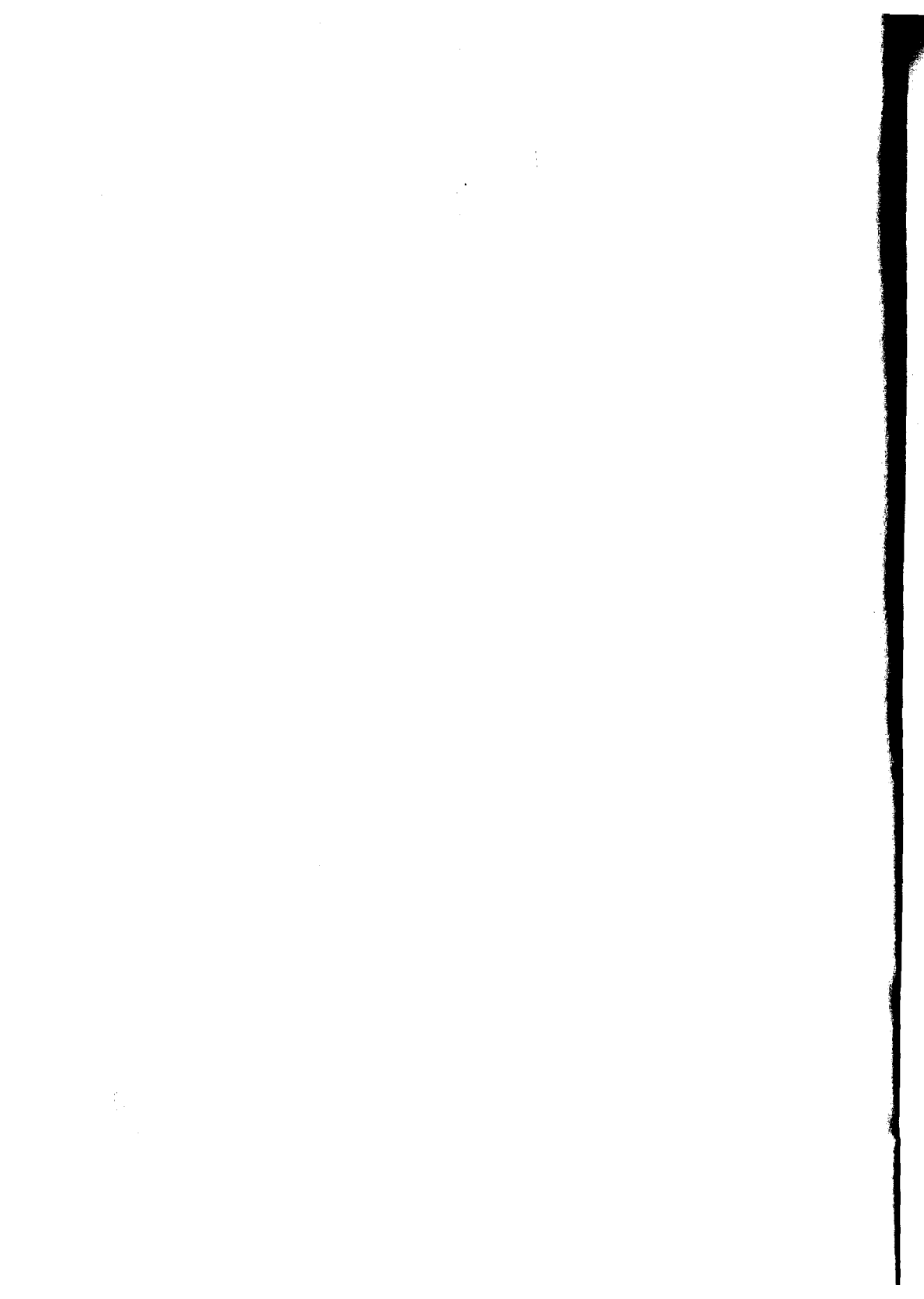
Virgineus fines natales iste reliquit
 Caetus, at oh! quantum maesta Bahia dolet.

Arboreis patriae sylua gemuere sussuris,
Quas tristi cantu concomitantur Aues.
Fusius in lachrymas fluuii labuntur, aquarum
Murmure dant quaestus, ostia rauca gemunt.
Caerulae fleuere Deae, Regnator aquarum
Fleuit, et astriferum fleuit Atlantis onus.
Por maribus lachrymas tot, tot suspiria uentis
Pro tumidis habuit grata carina Ioui.
Donec in optantem pertum felicior Argo
Venit, Flumineis extitit atque plagis
Hic etenim desunt lachrymae, suspiria desunt;
Effectus, causa deficiente, deest.
Plausus ubique sonat; rapidis de more fluentis
Laetitia exultans Fluminis unda salit.
Huius in immenso recitantur margine uersus,
Quos nunquam cecinit Delphicus ipse Deus.
Hunc Heliconis honor cedat, superare uidetur
Praesidibus quatuor Fluminis auctus honor.

[S.I.A.]

FINIS

6. RIO DE JANEIRO ILUSTRADO [...] EM 30 DE MAIO 1750 [...] POR M.S.



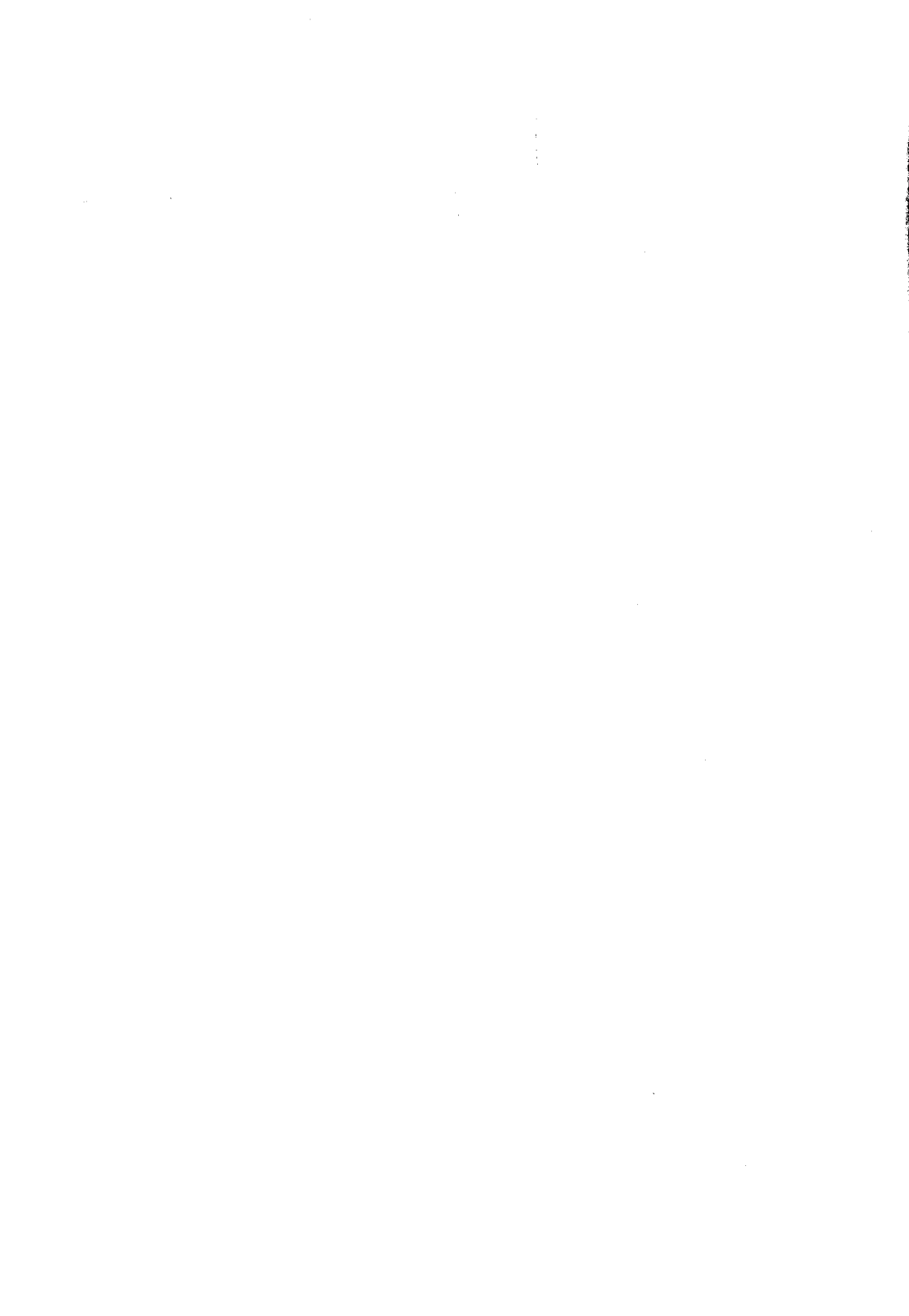
RIO DE JANEIRO ILUSTRADO

Nos Domínios do Mundo
Novo d'América Portugue-
sa em A Tórrida Austral pe-
lo Dia mais plausível, e feste-
jo mais magnífico, que nele
memoravelmente se celebrou
para a Católica Posteridade
em XXX de Maio MDCCL
por obséquio à Entrada das Qua-
tro Preclaríssimas Fundadoras
para o primeiro Convento nova-
mente erigido na Cidade do re-
ferido Rio de Janeiro, transpor-
tadas da Capital do Mundo
Novo Brasílico.

D.V.C.

As Religiosíssimas Fundadoras

M.S.



PRECLARÍSSIMAS SENHORAS

Segunda vez saio com esta demonstração do ânimo reverente com que a Vossas Senhorias intimamente respeito dedicando-lhes por vítima da minha veneração esta pequena oferta; e como o fim é ostentar a elevada atenção com que as principais vozes dessa Cidades aclamaram a nobilíssima entrada de Vossas Senhorias, e todo este Povo com íntima reverência, descupável me fica, palavra com que as respeito, o querê-lo assim perpetuar na Católica Posteridade pelo objeto muito elevado do agrado de Deus a que se dirigiu a vinda de Vossas Senhorias, e por este arrojando-se dessa Capital do Co' lado a acometer os mares sem temerem os contínuos, e rigorosos embates que as empoladas ondas necessariamente fariam no Baixel, que as conduzisse, vigoradas muitas vezes com o rigor dos enfurecidos ventos, que as elevam para o estrago tantas vezes lastimável! relevante matéria para devidamente todas as penas dos Eruditos Acadêmicos se empregarem em devidos elogios; persuado-me, porém, que neste limitado sacrifício, que faço no que ostento com atenção íntima a Vossas Senhorias, e em dar a conhecer os afetuosos ânimos, e elevados, desta Cidade, mostro como Timantes na pintura de um dedo bem figurado um gigante.

A primeira Empresa minha em devida vítima do reverendo ânimo a Vossas Senhorias foi dirigida a ostentar a geral alegria da sua muito apeteçada, e esperada chegada a esta Cidade, pelo seu respeito, e pelo a que se encaminhava; deram-no assim a conhecer notoriamente os eruditos Engenhos dos Acadêmicos, como mostrei na Coleção, que fiz de vários Poemas, que pude colher, recitados por glosas em três Certames poéticos (ou Outeiros) nas noites de 11 — 12 e 13 — de Dezembro próximo passado, ilustrados com peregrinos concertos de instrumentos, e harmoniosas vozes compassadas, e com advertências para suprimir o joco-sério, por todo o obséquio dirigido ao sério aplauso, respeitando a este, e fazendo respeitar a Nobreza da Milícia.

Não dedico a Vossas Senhorias, esta Empresa para a proteção dela, como costumam expô-lo comumente os Escritores nos seus Exemplares, que põem no Teatro do Mundo procurando o respeito dos Mecenas, para defesa dos sinistros ânimos por críticos detratores; porque me persuado, refletindo na matéria principal, e no respeito de tão atendíveis Deidades, que não haverá quem se arroje a criticá-la, suposto que é tanto para temer uma má língua, que não

faltou quem discorresse, que o não deixar Cristo alguma lição das muitas, que pregara, escritas, e só por seus Discípulos historiados, fora (moralizaram) porque a má língua, nem ao Divino perdoa, e que só escrevera na área quando lhes apresentaram a Adúltera, como nos faz certos a lição Sagrada.

O que posto, como julguei precisa a histórica insinuação referida, e por esta mostrar ao Rio de Janeiro Ilustrado para conhecimento geral do muito, que se aplaudiu obsequiosamente tão solene Entrada de Vossas Senhorias, é em realidade mais vênia, que lhes peço, do que Dedicatória, que ofereça este muito afetuoso servo, e reverente Súdito.

M.S.

PRÓLOGO

Leitor Crítico: pelo fim de dar a conhecer no Teatro do Mundo aos relevantes ânimos, e muito reverentemente afetuosos, com que as Fundadoras Preclaríssimas para o primeiro Convento desta Cidade foram recebidas, e transportadas da Capital desta América Portuguesa, já o fiz certo em a Coleção de alguma parte dos Poemas Heróicos, e líricos que pude conseguir, recitados em as três noites dos Poéticos Certames, que dedicaram às referidas Heroínas os Eruditos Acadêmicos desta Cidade do Rio de Janeiro com o título, ou primeiro Argumento prologético — Parnaso Festivo — e com propriedade deduzido, por julgarem devidamente se faziam credoras por suas virtudes Místicas, Ascéticas, e Heróicas, de serem peregrino objeto para emprego elevado de duas Idéias com os bem ajustados, e harmoniosos concertos das Liras de Apolo: Empresa que tomei por vítima, e reverente, da minha devida veneração: Expus também aos Leitores, e de gênios críticos, na Prologética insinuação, que envolvi, que se refletisse, literariamente instruídos, no que acumulei em a Dedicatória às referidas HEROÍNAS, ficava certo me não criminarium, julgando por digressão algumas instruções com apropriados fins metidas; e não por satisfação, que déssemos, pois nenhuma devem os Escritores dar, mas sim por advertência feita aos que menos o refletirem.

O que posto: nesta Empresa segunda que tomamos de dar a conhecer notoriamente por outros Domínios o mais plausível dia, que teve esta Cidade do Rio de Janeiro na Entrada das Meritíssimas Fundadoras para o novo Convento depois de seis meses de interina clausura em o Hospício dos Religiosos de JERUSALÉM, enquanto se acabavam algumas oficinas, nos obrigou também a fazer preceder este Prólogo para te dizer, que se te persuadires envolvemos algumas digressões contra o objeto principal, ou de historiar o referido, e

memorável da Entrada, que deu estímulo à nossa pena, para o fim desta Empresa, e assim o julgares por menos instruído nas cláusulas com que se atam e nas insinuações, advirto-te atendas ao título, ou Prólogo Primeiro com propriedade deduzido da matéria, que se expõe — RIO DE JANEIRO ILUSTRADO — o qual obriga a dar a conhecer, que o fim é ostentar, e com propriedade, o muito com que esta Cidade se ilustra, e por Domínio d'América Meridional historiar em alguma parte o que a esta faz memorável também, assim como o dia referido de 30 de Maio deste ano de 1750 pelo mais plausível, e obsequioso, pelo que historicamente insinuarmos.

Isto advertido, não critiques porque assim o vês fazer, mas sim, pelo que a matéria de si der; conselho douto que Flávio Josepho deu aos Eruditos com ânimo crítico escrevendo **contra Apionem** as seguintes palavras — **Decet non uarias opiniones inspicere, sed ex ipsis rebus iustitiam ponderare;** e certo de que admites tão erudita advertência, também o fico de não julgares digressão no que envolvo; porque refletindo no que historio de tão plausível solenidade, que deu matéria a também mais memorável este Mundo Novo d'América Meridional, que o positivo querer de Deus fez da Monarquia Lusitânia (sic), por grandes probabilidades com especial providência, devido era, que envolvesse o que antes a principiara já a fazê-la decantada em muita parte, e depois em toda a posteridade sempre elevados motivos de mais memorável por uns princípios, e plausivelmente perpetuada por outros, como a solenidade, que historiamos: motivo por onde se és instruído, reconheceram o fundamento com que dei o título à histórica Empresa, e nada violento, mas sim com muita propriedade, por deduzido do que historio nela, e com sólidos fundamentos envolvido, e não digressão criminável, pois o que se historia por elogio é como a bem designada pintura, que se ilumina com as bem figuradas sombras, que a esmaltam; e com este novo conhecimento fico certo no que debes julgar com justiça no Tribunal dos Doutos.

Repararás, talvez, deixar o conhecimento deste reverente sacrifício, e do primeiro já referido, dedicados às nossas Heroínas, ocultos no Enigmático das letras Iniciais (ou científicas) pelo estilo dos Romanos; parecendo, por vítimas de veneração, fazermo-nos credor de aplauso; a que respondemos que o fim primário não é buscá-lo, é sim historiar o obsequioso mais plausível, que nesta Cidade se ostentara, e que se faça notório por todos estes Domínios interessados, dedicado às Preclaríssimas Fundadoras: como, porém, julgo impossível, estribado em sólidos princípios, ocultar autor algum para todos o seu estilo, ou no crítico que empreendeu, e pôs no Teatro do Mundo, ou no Histórico, que conta, porque ou pelos termos, que o uso faz naturais em muitos, e com ufania em outros,

ou por notícias envolvidas, e estas já praticadas, sempre vem a ser intérpretes do autor desse Exemplar, fique esse conhecimento, se o pretendes; para o reflexivo que fizeres de seu Autor.

M.S.

RIO DE JANEIRO ILUSTRADO

Muito memorável, e por relevantes princípios se tem feito para a posteridade este Mundo Novo d'América Portuguesa, que o positivo querer de Deus por especial Providência Divina, com grandes fundamentos persuadido, e não o ocaso das Causas Ordinárias, ou o Permissivo com estas para o a que naturalmente propendem, quis fazer do Sólío Lusitano; e primeiramente mais decantados os seus Domínios Austrais, recolhidos na Tórrida, depois que Salomão, por divinamente ilustrado, a eles fez enviar também as suas frotas pelos anos do Mundo 30.100, e 10.100 antes de Cristo, do porto de Aziongaber em o Mar Roxo, e em três sucessivos anos enviadas para no fim do terceiro lhes chegar uma, por muitas escalas em todos os três Continentes, ÁFRICA, AMÉRICA e ÁSIA, levando-lhe deste Mundo Novo Brasilico as preciosidades mais raras, que o subterrâneo Mundo produz, o Ouro de mais subidos quilates! os Diamantes mais finos! os Rubis mais peregrinos; as Esmeraldas mais rutilantes! os Topázios mais engraçados! e da mais fina prata também para a elevada magnificência do Templo primeiro, que se viu na Lei Santa para zelo relevante daquele Monarca em tirar o uso dos sacrificios dos Montes aonde se celebravam; conduzindo-lhe (1) também as perduráveis madeiras Brasilicas, que a lição Sagrada historia com estes termos descritivos: **Ligna Thirynae** (2) pela inteligência, que cita Tirino dos Hebreus, e por Vieira (3) atendida; como também ser o ouro que levavam as frotas conduzido dos Domínios Meridionais d'América, assim desta Brasilica ao Oriente, como da Peruana ao Ocidente, por genuína interpretação destas palavras da lição Sagrada: **Aurum erat Paruaim** — voz esta descritiva dos Domínios Paruaenses, ou Parus, assim d'América Peruana ao Ocidente, como desta Brasilica ao seu Oriente já ser também Paru; pelo que achou Genebrardo (4) (entendendo os Descobridores primeiros das vozes dos Índios ser Peru) a quem cita a este fim o referido Vieira, e Nós em mais próprio lugar com a lição gramatical dos Hebreus muito persuadido, porque insinuam, que todos os nomes

(1) Ter, Reg. X.

(2) Tirin. C. X, 3. Reg.

(3) Vieira. T. 4. d. 418.

(4) Genebr. L. 1. Chron.

que terminam nesta voz **IM** como estes, **Querubim, Serafim** são do número Dual, citando a Martin Martines. (1)

Não me condene o Leitor o querê-lo assim asseverar; porque o convido para especial dissertação, nem como crítico me faça cargo de lhe introduzir uma digressão da história Panegírica, que lhe quero referir, porque já lhe respondo, que como esta também se encaminha a ostentar apologeticamente os Domínios d'América Portuguesa, e desta a Cidade do Rio de Janeiro a mais decantada, por dela saírem aquelas preciosidades para o Salomão da Lei da Graça, o sempre memorável Monarca D. João V, por distinto no zelo do Culto dessa Santa, e futurizada Lei, não fica digressão envolvida, se bem o refletir o Crítico, como já o ensinou no Prólogo, nem também admitido o argumento oposto, se já o quiser oferecer, sobre o não atendível elogio à América Brasília (cujo fim, e parte é também desta Empresa) de virem aos seus Domínios as frotas Salomônicas, por remotíssimos para aqueles séculos, e sem ciência para as derrotas hidrográficas, porque se opuserem com o fim de imprópria esta introdução, e por este princípio criticamente criminável, já lhes respondemos ser argumento de quem ignora, o que a este intento se descobre na lição Sagrada pois nela achamos a resposta para soltar a sua dúvida, e deduzida destas palavras — **Ipse enim dedit mihi horum quae sunt scientiam ueram ut sciam dispositionem Orbis terrarum . . . et quae tum me Sapientia (2);** as quais palavras claramente insinuam a Ilustração Divina, que lhe dera para as ciências das Regiões aonde mandaria buscar o precioso para a magnificência do Templo primeiro, que se erigia para o seu Santo Serviço, e donde levariam aqueles vistosos Saguins, que cá admiramos, e a Escritura explica com o nome de **Simias** (3); e também os agradáveis Araras, que a mesma lição Sagrada história com o nome de **Pauos** com que agradicido galanteou a Rainha Sabá, buscando-o pela singularidade do seu entendimento depois de ilustrado, o que tudo com grandes fundamentos persuadiremos em próprio lugar.

Isto posto (e sem criminável digressão, tornamos a dizer pelo fim que levamos de historiar o que também neste século muito ilustra a América Portuguesa) é preciso, primeiramente, fazer certo o cálculo, Latitude, e Hemisfério, em que se acha a Cidade do Rio de Janeiro a mais decantada do Mundo Novo da América Portuguesa; a cujos fins respondemos, e necessariamente, achar-se calculada pelos

(1) Martin Martines, Institut. in ling. Sanct. C. 8, de Numer.

(2) Ex lib. sapient. 7.17.

(3) Tert. Reg. 10.20.

melhores Armadores do Mundo, Sanson, e Defer, nas suas Cartas Cosmográficas na Latitude Austral de 23 graus muito próximo cálculo ao em que o luminar Maior faz termo, ou Trópico, do seu regulado Curso para a declinação Máxima Austral; e se tem esta Cidade perpetuada para a posteridade pela mais memorável deste Mundo Novo Brasília, por dela saírem todas as referidas preciosidades que conduziam, como dissemos, as Frotas Salomônicas, e também as suas perduráveis madeiras, que anualmente levam as Lusitanas por Região esta Meridional d'América, uma das principais ofirinas aonde iam, pois o nome **Ofir** era hebraísmo na Judéia, e na sua Capital principalmente, por toda e qualquer Região de preciosidades (respondendo assim ao argumento dos que presumiram era na Ásia para onde passara Ofir, filho de Jectan, e Neto de Heber) agora temos a referida Cidade ainda mais celebrada para o século presente, e para futuros séculos decantada pelo Dia mais plausível que se vira em os Domínios Meridionais Americanos do Sólido Lusitano, o de 30 de Maio deste ano de 1750, com o Tríduo sucessivo, tão magnífico, quanto o Sagrado Culto ostentou, e referiremos e também o honorífico das vozes principais, que regem um, e outros Estados, e com ele o da Nobreza dos Cidadãos, que com os Acadêmicos Eruditos em discretos Certames Poéticos deram reciprocamente a conhecer e muito plausível daquele dia para sempre memorável nesta América.

Foi este Dia de 30 de Maio referido o que fez a esta Cidade do Rio de Janeiro mais celebrada para os séculos futuros, e para o presente muito aplaudida, pela magnificência da Entrada, que se fez dar às Quatro Fundadoras Preclaríssimas, transportadas do Convento do Desterro da Capital desta América quando da interina clausura, deste o Mês de Novembro antecedente em o Hospício de Jerusalém, passaram para o Convento de São Bento donde em Soleníssima Procissão haviam de vir para o seu Convento de novo erigido; e não só aquelas Heroínas credoras pelos méritos próprios, e relevantes predicados, associados à Vida Mística que professam, se fez, pelo que exporemos, muito memoravelmente, conspirando o Sagrado das Religiões, e todo o honorífico das vezes principais, e o atendível dos Cidadãos com a notória demonstração d'alegria das Americanas, mas também pelo muito apetecida felicidade destas; pois, por quererem fazer vítimas reverentes de suas vontades a Deus em seu Santo Serviço resignadas, e não terem nestes Domínios Meridionais a referida Cidade Capital um só Convento em que se clausurassem Esposas de Cristo, passavam a buscá-lo a essa Europa sem lhes reprimir ao católico impulso o ameaçado risco do proceloso Atlântico, e depois os grandes sustos do Oceano, com o terror da barbaridade Otomana, como já o lembramos.

Foi ordenada (e será para sempre memorável esta felicidade para estes Domínios Austrais) pelo Católico, e fervoroso zelo do sempre esclarecido Prelado, e meritíssimo Bispo desta Diocese do Rio de Janeiro Dom Frei Antônio do Desterro, credor daqueles decantados Monumentos que erigiam os Doutos Orientais para imortalizarem as memórias de seus estimados Sacerdotes, de seus Venerados Príncipes, e esclarecidos Heróis, os elevados Obeliscos! e por primor da arte relevantes (de tanta atenção aqueles Sábios nas Ciências Naturais, que os erigiam, os Egípcios, quanto se tira também da História Sagrada, pois querendo nos dar a conhecer a lição da literatura de Moisés nos conta ser instruído nas Ciências Naturais, que aqueles professavam — **Eruditus est Moises omni Sapientiae Aegipcionum**) porque neles por sua instrução literária historiaríamos o que eles erudita e simbolicamente contavam para a posteridade, as suas memoráveis proezas, e suas singulares Virtudes Heróicas, políticas e Ascéticas; e também nas figuras simbólicas os elogios merecidos, dele devidamente credor o nosso ínclito Prelado, pelo que notória, e fervorosamente obra em o Serviço de Deus para benefício dos povos, ostentando-se a este fim Exemplar de Virtudes Morais.

Fez também esclarecidamente luzido este Dia, e mais magnanimamente plausível, a Entrada das Preclaríssimas Fundadoras, o Meritíssimo General das Armas nestes Domínios, e Governador desta Província do Rio de Janeiro e Minas Gerais, Gomes Freire de Andrada, tão atendível por seus relevantes méritos de distinto zelo no Real Serviço, quanto, por atendido do Soberano, o dão a conhecer os referidos brasões, como o de Sargento Mor de Batalhas de seus exércitos, porque ostentou pelos seu ínclito, e elevado ânimo para ato tão Católico, como do agrado de Deus, aquele relevante zelo que o inflama para o seu santo serviço, e tão notório, como o dá a conhecer egrégio no desvelo, e liberalidade, que dispende, para a ereção de outro Convento, que de novo está fazendo erigir no Monte de Nossa Senhora do Desterro, subúrbio desta Cidade, para Sagrado recolhimento de Religiosas Terésias, tudo demonstrações peregrinas daquele esplendor, que herdara descendente do seu memorável Ascendente, que inflamado no zelo católico da veneração devida ao Santíssimo nome de Maria arancara das mãos do bárbaro Otomano em campanha contra os Africanos ao Estandarte que estes arvoraram com as devotíssimas palavras da saudação do Anjo — **Aue Maria gratia plena** — para estímulo e desafio aos Católicos, herdando também aquele católico fervor para o zelo da Cristandade estabelecida; pois ostentou, e não só com a sua pessoa da sorte que exporemos para mais reverente Obséquio, mas também, para mais decantada solenidade no que fez dispor, como relataremos; e note-se o que nos deu estímulo para argumento do Rio de Janeiro Ilustrado.

Em o Dia 30 de Maio deste referido ano de 1750, quando ainda a Percussora do dia ostentava suas luzes para conhecimento da chegada breve do luminar Maior, saíram dos seus Quartéis a incorporar-se os três Regimentos da Praça para nesta receberem as Ordens do seu General executadas por seus Officiais Maiores, com o Terço dos Auxiliares da Cidade, e uma luzida companhia dos Estudantes, fazendo, no que brilhavam caprichosamente, uma grande gala das Armas, e para darem a conhecer o que mais ostentariam seus empenhados discursos no que haviam em as duas sucessivas noites eruditamente luzir, para ainda mais festivo, e lembrado este dia 30 de Maio; sentindo-se já todos peregrinamente ilustrados com a presença destas Deidades, pois ninguém pode duvidar, que os ânimos comovidos a impulsos do sincero afeto, e sugeridos da reverência, e do respeito daquela Ordem preclara, deixe de ostentar o que esta pede, e aquele obriga.

Também se ajuntaram na mesma Praça, e às mesmas horas quatro companhias de cavalo da guarnição da Terra Firme, para seus lugares destinados; e como estes, e os referidos Militares, se acharam com fardas de alegres cores, e com regularidade (com distinção nesta, porém, a companhia dos Estudantes no que emplumavam todos, e também regulados no seu distinto). Ficaram todos, e os bélicos instrumentos, ilustrado com gravidade ao plausível do Dia, saindo da Praça até às oito horas, para formarem a figura de dois lados, que haviam principiar do pé da Ladeira de São Bento; de cuja Igreja haviam de sair as Fundadoras, com nove Noviças, acompanhadas de ilustre, e nobilíssima comitiva, como diremos; e sempre pela vistosa, e larga Rua Direita da Cidade na maior parte da jornada até o seu Convento, em que faz a distância de dois mil, quatrocentos e cinqüenta passos de Norte a Sul.

Assim dispostos os Regimentos, e a Cavalaria por sua ordem, tomaram por elevado timbre da sua honra os Coronéis fazerem todos mutuamente, e com relevante ânimo, demonstração do muito, que se estimava solenidade tão plausível; assim pelos méritos de tão ilustre Heroínas, como pelo elevadíssimo fim para que vieram transportadas; porque cada um destes Heróis fez vestir a seis Rapazes, Minas, com vistosa eleição na diversidade das roupas para mais agradáveis à vista, e conciliarem assim maior aplauso com a suave harmonia de seus instrumentos, que tocavam; e não só agradável esta no concerto, e compassado pela Arte dos Clarins, Trompas, Fautas, e Rabecas, mas também pelo som deleitável, que faziam comovendo a mais ternuras de afetuosos ânimos, e memoráveis júbilos.

Os Nobres Senadores também quiseram dar a conhecer a solenidade deste dia memorável, ordenando que ao sair das luzes do Príncipe dos Astros se visse todo o caminho que haviam de pisar

aquelas Deidades um campo de Flora! e assim se viu, e se admirou! e se lá o duvidar o Nacional dessa temperada Zona do Norte, parecendo-lhes ser lisonja da pena por sugerido do empenho, porque instruído na lição das Quatro Estações do Ano persuadir-se-á, que sendo o fim de Maio nesta Região Meridional o princípio do terceiro mês do Outono, Quadra esta em que lá todo o campo é restolho, certifique-se esse Nacional, que em todas as estações admiramos comumente viçosos os campos, e Jardins de Flora, o que já admirou neste Mundo Novo Brasília ao erudito Jesuíta, Valentim Estancel; porque pelo que vira, viajando-o, escreveu-o no seu douto Exemplar — *Uranófilo Celeste* — e [m] página primeira o seguinte elogio, em testemunho da verdade, que me não criminares expô-lo por se envolver.

Fortunatorum memorum, sedesque beatas. (1)

Hic quoque fontanis ludit circumdata riuis
 Flora, nec Europa cultior herba uiret:
 Seu Caeli Imperio, seu fertilis indole terrae,
 Hic uer perpetuum mellior aura facit.

Os nobres cidadãos desta nobilíssima Cidade concorreram também com públicas demonstrações de alegria por tão plausível, como desejado Dia; porque logo ao maior deste Príncipe dos Astros principiaram a ornar suas janelas, e portas, com maior distinção que nunca; porque estas compuseram com ruas sedas, e aquelas com bordadas colchas, ostentando com admiração a grandeza do seu ornato, e de noite com vistosa iluminação de Luzes, que nas dos três dias por geral aplauso se viram na Cidade, como também em os Conventos, que o mostraram com ostentação de muito plausível alegria.

As Damas desta nobilíssima Cidade por instruídas nas políticas instruções das que na Corte se ostentam distintas, também ostentando o senhoril respeito com que se tratam, e afabilidade de gênios agradáveis; mostraram com distinção neste Dia por suas janelas, que publicamente aplaudiam a solenidade dedicada às Preclaríssimas Fundadoras; porque tiraram delas os seus públicos do recato feminino por privilégio do Dia, sem deixarem de afetar a natural modéstia com aquela gravidade, que se requer entre Senhoras, pois assim como nestas nunca foi criminável, aquela perseveridade culpável, também, nem a afabilidade no Senhoril respeito conciliou menos assenso a este, parecendo enfim, todas as janelas palácios de Senhoras, e com o rico, e nobre ornato de suas galas dando a conhecer o muito que estimavam todo o aplauso por devido às nossas Heroínas.

(1) Virgil. C. 6.

Para mais memorável, enfim, no Teatro do Mundo este Dia plausível, e depois do Sagrado das Religiões, do Ilustre das Dignidades, do devoto das Confrarias que mutuamente concorreram para fazer Corpo místico à solene Procissão, como em seu lugar exporemos, ofereceram-se os Acadêmicos também para com suas idéias fazerem perpetuar tão solene Entrada, e exporem com ajustados termos do Heróico, e do Lírico, em Sonetos, Romances, Décimas, Oitavas, e Epílogos, as peregrinas Virtudes Místicas, Ascéticas, e Heróicas, e o do que se fazem beneméritas para a Posteridade, como já o tinham eruditamente ostentado em três Certames Poéticos nas noites de 10 — 11 — e 12 — de Dezembro em muito plausível obséquio da sua chegada, e ilustrados com harmoniosas Liras de Apolo como já o fizemos notório, dedicando-o em um Exemplar às mesmas Heroínas, com o título de **Parnaso Festivo**, em que envolvemos uma grande coleção das glosas, que se fizeram, em muitas Obras Poéticas, que por elogio se recitaram; ponderado a misterioso o Dia da sua chegada a esta Cidade, por ser o de 21 de Novembro no em que Maria Santíssima se apresentou no Templo; e assim aludindo-o com grande probabilidade, pelo fim de se virem apresentar estas Virgens Preclaríssimas, Esposas de Cristo, em o Templo do Convento que de novo se erigiu para a Vida Mística Regulada.

Isto precisamente exposto, como insinuação do aparato para a história da referida, e muito plausível, solenidade que muito se perpetua para a Ilustração desta Cidade do Rio de Janeiro (fim também desta nossa Empresa) entremos a referir a ordem, que teve em seu princípio, e como acabou o aplauso, que fez executar o nosso Meritíssimo Prelado o Senhor Dom Frei Antônio do Desterro, dirigido, em muita parte, pela instrução do Senhor Dom Joseph. digníssimo Arcebispo da Capital desta América, e com igual empenho o nosso invicto Herói, e memorável General das Armas Gomes Freire de Andrada.

Saíram as nossas HEROÍNAS da sua clausura interina (como dissemos, e a razão por quê) pela uma hora depois do meio-dia para a Igreja do Patriarca São Bento, em uma Berlinda do General, tirada por seis vistosos Urcos, e com o primor do enfeite jaezados; e com elas, em outras Carruagens, nove Noviças, de dez que nesse dia se clausuraram; porque ficou uma delas com duas Educandas acompanhando a Reverenda Madre Abadessa, que por mal convalecida, e também nos anos adiantada, não pôde ir para vir na Solene Procissão, que passou a ver-se na distância referida 2.450 passos.

Acompanha-as o General montado em um bem jaezado Bruto, e seguido de uma Esquadra de dez Soldados Dragões com a sua comitiva Militar dos oficiais da Sala, e adiante muitas Carruagens, que levavam as Dignidades da Sé, Ministros, e muita parte da Nobre-

za; acompanhando também os Oficiais das Justiças com varas alçadas, vestidos à Cortesã, bandadas as capas de seda branca, e montados também; cobertos os caminhos já com as verdes Espadarias dos Campos, e vistosas flores dos Jardins de Flora, e todas as janelas, e portas, com ricas sedas ornadas como referimos.

Chegadas que foram ao Mosteiro as vieram buscar o Ilustríssimo Bispo, e a Comunidade, recebendo-as com o entoado Hino de **Te Deum Laudamus**, conduzindo-as para a Capela Mor, aonde os tiveram com a decência de vida ao seu caráter, e donde saíram das duas horas para as três, acompanhadas do Ilustríssimo Bispo, revestido de suas vestimentas Pontificais, com as insignias de Mitra, e Báculo, acompanhado das Dignidades, também revestidas; e logo sucessivamente os Cônegos com suas Mursas, e de veludo, por destinadas para tão plausível solenidade, em cujo centro vinham as Preclaríssimas Fundadoras, e as Nove Noviças, aquelas com os seus hábitos de Religiosas Claras, cobertos os rostos com os véus, simbólicas figuras da pureza, e estas ricamente ornadas, parecendo qualquer na figura, que ostentava, a muito modesta, virtuosa, e formosa Judite; assim por prendadas da Natureza, como esta memorável Heroína, pelo que historia a lição Sagrada, como também pelos nobres adornos, que levavam, da mesma sorte que aquela discreta Israelita, quando passou divinamente inspirada, e composta com as ricas roupas de quando esposa de Manacés, para castigar a soberba do bárbaro Holofernes, estando em o bloqueio contra os Moradores da Cidade de Betúlia, professores da Lei Santa por dada por Deus.

Traziam as referidas Noviças em o lado esquerdo a uma veneranda Imagem de Cristo crucificado, como único emprego de suas afetuosas adorações, e a quem já reverente dedicavam seus alvedrios por vítimas do amor puro, que sacrificavam; e na mão direita uma vela acesa por Hieroglífica figura do abrasado no amor Divino, servindo as novas Esposas de Cristo, pelo resignado, que mostravam em o seu Santo serviço, a umas de elevado estímulo para seguirem tão relevante Estado, como do agrado de Deus, e a outras comovendo-as a já deixarem, como pretendiam, as tormentosas pensões em que após a desobediência da Primeira ascendente com as honerosas subordinções dos alvedrios.

Assim que foram vistas sair em Solene Procissão as Preclaríssimas Fundadoras, e Noviças, da sorte referida, acompanhadas também do Excelentíssimo Governador e Capitão General, e Ministros, com o corpo do Senado, e seu Real Estandarte, dispostos os Regimentos com dois lados centro a Procissão abalaram as Irmandades com os seus Guiões, e sucessivamente a Ordem Terceira de São Francisco com dois Andores primorosamente ornados, e pela

arte enriquecidos dos devidos enfeites; em um a Imagem de Maria Santíssima com o título da Conceição, Patrona que haviam de ter para a Ordem que haviam de professar, com Institutos, porém, sujeitos à Veneranda Ordem de São Francisco como insinuaremos em seu lugar para conhecimento da causa, porque tendo os Hábitos azuis, e brancos, estão sujeitos à Ordem Seráfica. Em outro Andor ia a Imagem do Patriarca São Francisco recebendo as chagas do Redentor do Mundo; e como empenho de plausível este ato era geral, e acompanha aquela Ordem uma grande parte dos Moradores, poucos foram os que faltaram, e todos com seus Hábitos compostos.

Seguiu-se sucessivamente a Ordem de Nossa Senhora do Carmo, e logo (sem ser neste corpo de Comunidade pelo não fazerem fora da sua clausura) os Religiosos Jesuítas e Beneditinos, e o clero em Corpo de Ordem com os Párocos das Freguesias, não faltando em seus lugares os Seminaristas, e Meninos Órfãos dos seus Colégios.

Experimentaram as Ilustres Fundadoras nesta Soleníssima Procissão, e Dia tão plausível, muito afetuosas demonstrações das nobilíssimas Matronas, e de grande veneração dos Moradores; porque aquelas as esperavam com bandejas de flores, com que airozas, e de suas janelas, as espalhavam sobre as suas cabeças, e das peregrinas Noviças, ostentando no desembaraço a bizzarria do ânimo, e ternura do afeto, e o estimado melindre do sexo, todo político, todo Urbano e todo afável? do que se deram as nossas Heroínas Fundadoras por muito agradecidas a tão afetuofo recebimento.

Dos ânimos relevantes dos Moradores também receberam em o ato da Solene Procissão outra demonstração de que fizeram relevante apreço, e sem dúvida com grande ufanía ficaram, quando a receberam pelo reverente com que se fez; porque de um Altar, que se erigiu nesse dia para o festejo anual, dedicado à Senhora do Amparo, recolhida em um peregrino Oratório (mostrando os ânimos dos Devotos no primor do artifício com que se fabricara a devoção relevante, com que se portam) saíram dois Anjos ornados com ricos enfeites a buscar as Preclaríssimas Fundadoras, quando já próximas, cantando, com harmoniosas vozes para com todo o reverente acatamento lhes ofertarem com um joelho em terra duas salvas com Rosários, e Medidas da milagrosa Imagem da Senhora do Amparo, aceitando todas a obsequiosa demonstração do respeito, e com lágrimas nos olhos tão carinhosa insinuação de afetuosos ânimos, passando depois com a mesma veneração a oferta às Noviças, as quais as receberam como prendas veneradas da Mãe de Deus, julgando-a misterioso serem com a vocação do Amparo pelo que imploravam para o seu feliz Estado.

Com a mesma reverência passaram também a fazer oferta dos Rosários, e Medidas da Mãe de Deus ao Meritíssimo Bispo, e

General, Dignidades, Senadores, e Ministros, retirando-se depois com ponderada decência, e ternura de boas vozes que entoavam até o Altar, aonde tomaram outras bandejas com flores, e por suas cabeças, como capelas com elas ornadas, as lançaram, e com a mesma, e devida atenção, às Noviças por timbre próprio de sua Virgindade, que a Deus tributavam, e ao mesmo tempo o concerto de agradáveis instrumentos, e harmoniosas vozes, com repiques de sinos, para mais plausível obséquio dedicado pelos devotos do Terço do Rosário; de que são tão exemplares os Moradores desta Cidade, que se um Escritor pôs, e com propriedade pela matéria, a título de **Santuário Mariano** em dez livros pela Empresa, que tomou de historiar das **Imagens Milagrosas de Maria Santíssima dos Domínios Lusitanos, também Nós**, com grande fundamento por aquela pública devoção em cotidiano exercício com muita reverência, e entoadas vozes admirada em mais de quarenta Oratórios com primor da Arte fabricados, e com grande dispêndio postos! lhes podíamos justamente dar o mesmo Epíteto, por cuja reverência íntima às devotíssimas Imagens se obrigu Deus a dar a conhecer muitos prodígios notoriamente vistos, e com grandes probabilidades muita parte destes do seu positivo, e especial concurso! de sorte, que se o mesmo Escritor ainda continuasse com a Empresa, ou algum devoto em seu lugar, acharia nesta Cidade depois do Terço, cotidianamente contado, junto dos Ricos Oratórios à Mãe de Deus, dedicados, com que mais enriquecem a sua devotíssima Empresa de **SANTUÁRIO MARIANO**.

Ao mesmo tempo, que a solene Procissão passava dos Lugares em que os Militares se achavam postos com ordem regulada, principiavam a desfilar, seguindo-a em corpo formado, e tocando as Rabecas, Frautas, Trompas, e Clarins, cujos concertos comoviam a mais plausível o festejo; e assim seguindo a Procissão até o Convento aonde terminaram a marcha, e principiaram com os 21 tiros de cada peça de nova invenção em um minuto ouvidos, e os das Armas com que mostraram os Militares o seu, e devido obséquio, que neste dia plausivelmente tributaram, como afetuooso rendimento às Preclarísimas Fundadoras, retirando-se os Regimentos, e ficando uma Guarda com um Alferes.

Completo este nobilíssimo ato, abriu o Ilustríssimo Prelado a porta da clausura, e com as cerimônias devidas entregou as chaves do Convento à Abadessa com as recomendações costumadas, de que se fez assento judicial do Dia, e das Noviças que entraram nele, porém ainda sem tomarem os Hábitos, porque ficou destinado para outro dia, como diremos, e com que regra para a observância de seus Institutos. Em a noite desse dia 30 — de Maio se viu toda a Cidade iluminada, e os mesmos Conventos, por geral aplauso principiando no dia seguinte o Tríduo mais Solene que nessa Cidade se

admirou, e julgamos que em todo este Mundo Novo d'América Portuguesa se não admirara igual, porque nos dias o ostentaram no Templo as Religiões, assim de manhã, como de tarde, com a excelência que diremos; e nestes o fez também serem obsequiosos o Ilustríssimo Bispo na opulência das mesas para convite da Nobreza, e Dignidades, que lhes pôs com magnificência; e nas noites dos dias, primeiro, e segundo, entraram os Acadêmicos, como referimos, a mostrar o agudo destes Discursos nas bem seguidas Idéias, que eruditamente insinuavam, convocando-se para as circunferências de sua clausura, de que daremos demonstração em parte do que podemos ajuntar, reservada à noite do dia último para a elevada demonstração do empenho do Excelentíssimo General para conhecimento de que se estimara reconhecerem os ânimos afetuosos com que por muitos princípios se aplaudia a apetecida Entrada de tão Peregrinas Fundadoras; porque ordenou se erigisse no Páteo da sua clausura um elevado Teatro com vistosos pórticos, e todos iluminados de diversas cores para a representação do Oratório de Santa Helena, que se representou com grande ostentação; e como todos eram instruídos, fizeram em tudo as figuras ao vivo.

Principiou o Tríduo pela Religião Beneditina com Missa de Pontifical pelo seu Reverendo Dom Abade, e Orador de Menha O Muito Reverendo Padre Mestre Frei Gaspar da Madre de Deus, ostentando o seu engenho e literatura, o muito que sua erudição tem notoriamente dado a conhecer tão peregrino nos Púlpitos, como douto nas Cadeiras, pois nestas tem mostrado, que o seu elevado engenho faz certificar, que o fisiológico mais relevante só tem por mais sólida autoridade o raciocínio mais sutil, e com distinta sutileza filosofando, e nos Púlpitos insinuando a lição interpretativa bem deduzida, sem violentar os lugares para os fins da sólida doutrina, que exprime: de tarde orou o Muito Reverendo Padre Missionário dos observantes da Itália, que nesta Cidade habitam no seu Hospício, Frei Anselmo de Castel Ventran, em que mostrou o muito que a sua vasta lição da doutrina, que tem promulgado no Mundo, utiliza aos que ouvem no que sabe persuadir, comover, e com fim advertir a Promulgação da Lei da Graça futurizada (por São Tomé nestes Americanos Domínios ouvido, por argumentos de vozes claras, tradições certas, vocábulos próprios, de Inscrições demonstrativas, que fazem ciência desta verdade, contra os que menos instruídos passam violentamente a proferir, que os escreveram por débeis conjecturas os que assim os disseram.

Em o dia seguinte tomou posse a Religião Seráfica, para dar a conhecer, não só por obséquio geral o muito, que se interessava na chegada das Preclaríssimas Fundadoras mas também pelo que lhes pertencia da mesma Instituição Seráfica, ainda que revestidas as

Noviças de Hábitos de Azul, e branco, pela protecção da Conceição de Maria, em que mostraremos, como dissemos, em seu lugar quando as deixarmos com eles e seus Institutos, orando na manhã desse dia o Muito Reverendo Padre Mestre Definidor Frei Manuel da Encarnação, e com a sua notória literatura conhecida nas Cadeiras, em que a ostentava, e nos Púlpitos com a elevada eleição dos assuntos, e relevante Idéia no acertado sistema de segui-los, como o mostrara no que com propriedade escolhera, e seguira para consolação das novas Freiras, e agrado de todo o Auditório.

Na tarde do dia referido, e segundo do Tríduo, veio tomar posse da grande solenidade a Religião Carmelitana com a sua muito harmoniosa Música, fazendo orar ao Muito Reverendo Padre Mestre Frel Aleixo de Santo Ângelo, que bem mostrou a eleição acertada da sua Religião para o desempenho conhecido, porque não só deu a certificar o muito, que dos Púlpitos se senhoriava por uso na doutrina que promulgava, mas também a força do engenho para o assunto, que tomava, seguindo o discurso com naturalidade grande em que ostentara lição vasta, e erudição rara.

No dia terceiro e último, entrou o nobilíssimo Cabido a presidir nesta muito plausível solenidade, fazendo Pontifical o Ilustríssimo Bispo, com aquela autoridade devida, e a mesma assistência das Religiões, Senadores, Ministros, e Nobreza, não faltando a dos militares, que com o seu General mostraram sempre o muito que desejavam festejar tão celebrada solenidade, o que temos historiado por empenho daquele Herói tão perpetuado para a Posteridade por seus Ascendentes Ilustres, como por suas ações esclarecidas; orando neste dia de Manhã o Muito Reverendo Doutor José de Sousa, digníssimo Tesoureiro Mor da Sé, e com capa de Asperges, subindo ao Púlpito, porque com ela assistia à solenidade, fazendo-se credor a Oração Panegírica de todos os elogios dos eruditos, sem parecer estarmos sugeridos do afeto, ou veneração, porque as repetidas vezes, que em memoráveis festividades, o temos ouvido, nos obriga assim a depô-lo, ostentando com engenho, e admirando com erudição, que se tem feito notória, para se perpetuarem seus Discursos no Teatro do Mundo.

De tarde entrou, e finalmente, a Religião da Companhia a coroar esta decantada solenidade por muitos fins memorável, elegendo para Orador ao Muito Reverendo Padre Mestre Inácio Pestana, tão instruído na literatura dos Doutos, como magistralmente sábio na lição dos termos, para animar o que pretende expressivamente dar a conhecer; assim nos da série dos Descritivos, como nos da classe dos Definitivos; precisa instrução para o que com propriedade se pretende expor; insinuando no que seguia de seu apropriado assunto,

e um deduzido Discurso, que com reflexão se instruíra nas lições do Oráculo dos Púlpitos, pois por aquela singularidade também se fez digno de perpetuado na Posteridade, merecendo esta distinção todos os Discursos dos Oradores referidos para justo, e devido prêmio de seus Autores, e muito memoravelmente a solenidade.

Finalmente; o aplauso do Tríduo assim de dia pelas Religiões, e Dignidades, pelo que exporemos, como de noite, pelos nobres Cidadãos com iluminações de fogos, e pelos eruditos Acadêmicos nos poemas, que recitaram por glosas aos Motes, que se deram, de que fizemos alguma coleção, que exporemos, com as assistências das principais vozes pelo fim a que se dirigia aplauso tão nobilíssimo, como resultância necessária dos Discursos elevados, e todas estas celebridades a estímulo dos méritos das Preclaríssimas Fundadoras, e também pelas felicidades das Americanas, gratificando-o a Deus reverentes; primeiro, porém intentadas pelo Ilustríssimo Dom Frei João da Cruz porque em 24 de Maio de 1742 fez lançar a pedra primeira para estabelecimento deste, tão memorável Convento, quanto a magnificência do extenso o manifesta, por Empresa filha do seu elevado Espírito, e animado do que prometiam os ricos Domínios de um Mundo Novo sujeitos então à sua Ilustre Mitra, e agora em três Bispados divididos.

Depois de completa a referida, e nobilíssima solenidade, dedicada em obséquio devido às Nossas Heroínas, e em muita parte também às dez Noviças, que no mesmo Dia da Entrada memorável se clausuraram para Esposa de Cristo, lançaram-lhe os Hábitos em 7 de Julho com as devidas celebridades, sujeitas aos Institutos da Religião Seráfica debaixo da proteção da Ordem da Conceição de Maria Santíssima, pela qual lhes lançaram os Hábitos de Manto, e Escapulário, azul com a túnica branca, por assim ter aparecido a Ilustre Fundadora, D. Brites da Silva, Irmã do Beato Amadeu, em Tordesilhas; Dama, que fora do Passo e Portuguesa, da Rainha Dona Isabel, esposa de El-rei Dom João Segundo de Castela, instituída a referida, e esclarecida Ordem da Conceição de Maria pelos anos de 1484 — em Toledo nos Passos de Galiana, em que lhe deu princípio com doze Religiosas Domínicas do Mosteiro de São Domingos, o Real, confirmada por Inocência VIII.^o em 1489 — as quais Bulas vindo em um Navio, que naufragou, unicamente se salvaram por milagre, entregues pelos Anjos nas mãos da Bem-aventurada, Fundadora, e por conta deste prodígio se conservam ainda no Sacrário do Mosteiro da Conceição de Toledo, como o historiam Frei Luís dos Anjos, e o Padre João Batista de Castro que o cita, referindo este o estabelecimento, e Progressos das Religiões em Portugal.

Falecida a Venerável Dona Brites em 17 de Agosto de 1490, depois de vários progressos, que teve a Ordem, o Papa Júlio II a fez

restituir ao Estado primeiro da sua Fundação no ano de 1511 — com sujeição, porém, à ordem seráfica, por ser esta especial defensora da Conceição de Maria; o que assim escreve o citado Castro, referindo os Conventos, que há em Portugal desta Ordem, e singularidade dos Hábitos, para elevadíssima estimação, que devem fazer as nossas Religiosas, por ser o que Maria Santíssima vestiu quando apareceu a referida Fundadora Dona Brites da Silva, Portuguesa Ilustre, pelo que assim a referimos.

Historiado, e finalmente, o aplauso muito memorável, e devido às Preclaríssimas Fundadoras da Vida Mística Regulada, assim pelas Religiões, como também pelas Dignidades, Militares, Nobreza, Cidadãos, e Damas Americanas, como relatamos, por tão utilíssimo, como apetecido pelas destes Domínios Austrais à Capital da América Portuguesa, devemos agora expor a erudita variedade de alguns poemas, que em reverente obséquio recitaram por glosas alguns Acadêmicos nas duas noites do Tríduo referido; porque da grande Lição que ostentaram as suas Idéias no pronto com que discorreram, e no intróito, com que glosaram, nos não veio à mão mais que os que envolvemos para argumento da veneração a estas Senhoras Preclaríssimas Fundadoras.

[S.I.A.]

MOTES HERÓICOS que se deram, e líricos para as glosas, que se recitaram, em Sonetos, Décimas, Oitavas, e Epílogos, entre outras Obras por elogio nas duas noites sucessivas à Entrada das Fundadoras, e Noviças, para o Convento referido.

Serafins a Bahia, Anjos ao Rio.
 Nestes Padrões Eternos da Memória.
 A tu Mitra será feliz Corona.
 Entre as mais Católicas se divisa.
 Que vivais imortais por toda a Idade.
 Estrelas de Elevado Nascimento.
 No caminho da Glória já vos vemos.
 Alegre canta o Rio a sua enchente.
 Bispo, General, Milícia, e Clero.
 Tiemplos las vidas, victimas las Almas.
 São já da adoração claros objetos.
 Correndo exalação brilham Estrelas.
 É o Céu parcial nesta alegria.
 São no altar do respeito colocadas.
 Conheceram a tempo o desengano.

Não é noite, mas sim rosada Aurora.
 Todos se admiram, e se alegram todos.
 Alexandre Português desta Idade.
 Luz a Luz, Llama a Llama, Rayo a Rayo.

MOTES LÍRICOS

O festejo mais plausível
 Todo este aplauso é devido.
 Quem o não há de aplaudir.
 Claustro por Deus destinado.
 Muito Ilustres Fundadoras.
 Dez Estrelas neste Céu.
 Estrelas vejo brilhar.
 Fixas são, e não errantes.
 De JESUS Esposas dignas.
 É Leonor de Estrelas guia.
 Para Deus Vítimas puras.
 O Céu, a Bahia, o Rio
 Constância, Zelo, Virtude
 Neste Rio a Santidade.

MOTE HERÓICO

Serafins a Bahia Anjos ao Rio

GLOSA

Aludindo ao relevante zelo com que se houve Ilustrís-
 simo Senhor Dom Frei Antônio do Desterro, Meri-
 tíssimo Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, presente
 a tão nobre, como erudito Ato, e o Ilustríssimo e
 Excelentíssimo Senhor Gomes Freire e Andrada,
 Governador e Capitão General dos Domínios do
 Rio de Janeiro, e Minas Gerais, e Sargento-mor
 de Batalhas dos Exércitos de Sua Majestade, e por
 honra do ato deu seus Motes.

SONETO

Antônio esse Pastor Pio, e Sagrado,
 Douro, Ilustre, Magnífico, e prudente,
 Que do Rio o Rebanho preeminente
 Com o Silvo rege mais, que com o Cajado,

As Filhas do de Assis tão venerado
 Um tão alto Cenóbio ergue eminente,
 Que mais que um Mundo, um Céu à humana gente
 Se ostenta no luzido, e dilatado:

E para que de Céu mais que de Mundo
 Logre a miúdo a Nobreza, e atavio,
 Esse de Fama emprego sem segundo!

Até lhe dão com ínclito elogio
 No amor Divino no esplendor jocundo
 Serafins à Bahia Anjos ao Rio.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Nesses Padrões eternos da Memória

GLOSA

Aludindo ao mais memorável da América pela Entrada
 das Fundadoras para um Céu novo de Vida Mística,
 e também ao relevante zelo do Excelentíssimo
 e Ilustríssimo Prelado, pelo fazer instituir.

SONETO

Neste do Mundo empório celebrado
 e neste Mundo Novo engrandecido
 neste Ofir, enfim, enriquecido
 do precioso metal mais decantado

Nele por grandeza tens, e admirado
 Prodígios desse Céu esclarecido,
 Que mostram dele ser mais atendido
 continente, e deste Orbe o mais amado!

Com mais razão, porém, hoje se ostenta
 a que seu nome Eterno, e sem vã glória
 Fique mais desse Céu, que se acrescenta!

Com grandezas do Culto a imortal glória,
 Que este Sacro Primaz hoje lhe aumenta
 Nesses Padrões Eternos da Memória.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

A tu Mitra será feliz Corona

GLOSA

Aludindo às memoráveis ações do Ilustríssimo e Exce-
 lentíssimo Prelado pelo que obrara ao fim do Novo
 Convento de Religiosas.

SONETO

Tus acciones, tus ecos, Sacro Atlante,
 Tus cultos, tu cordura y tu piedad,
 Bien mostra lo decoro, y tu gravidad
 De tu sangre, y tu zelo vigilante:
 En Laminas de finissimo diamante
 Ya se estampa en heroica raridad.
 De tu auxilio encendido en caridad,
 Niña en Amor, y en fervor gigante!
 Eso incendio divino, que en tu alma
 Tus deseos abraza solo abona
 Quanto esta Empresa te motiva calma.
 Y esa accion, que obra ahora tu persona
 A tu mano sera dichosa palma,
 A tu Mitra sera feliz Corona.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Entre as mais Católicas se divisa

GLOSA

Aludindo ao relevante desvelo com que houve o Exce-
 lentíssimo General Gomes Freire de Andrada para
 mais plausível, e memorável a Entrada das Fun-

dadoras assistindo também por obséquio aos Outeiros, que se dedicaram

SONETO

Para os Heróis, que em Empresas sinaladas
Estátuas levantaram reverentes,
Vozes brada o Mundo exemplo às gentes
A estímulo também de Veneradas:

Próprio foi das ações mais sublimadas
Ficarem nesses bronzes permanentes
Para que em Pirâmides iminentes
Na posteridade fossem celebradas!

Estes raros troféus e peregrinos,
Com júbilos, Senhor já vos tributa
A fama, e com clarins vos eterniza;

Mas esta Empresa a impulsos tão divinos,
Das vossas memoráveis se reputa,
Entre as mais Católicas se divisa.

[S.I.A.]

SONETO

Que se recitou por elogio em atenção,
ao grande zelo com que se houve para ato
tão católico fazendo memória do que ostentou o seu Ascendente Ilustre na África por veneração das palavras.

AVE MARIA GRATIA PLENA

Se lá nesta Campanha do Africano,
Lá onde o assolará o mais vibrante
Raio da Cristandade, e mais flamante,
O Forte Braço, digo Lusitano.

Se lá contra esse Bárbaro Otomano
Ostentou um Andrada mui possante,
Vosso Ascendente, e o mais beligerante
Submeter por Cristão o Turco Ufano!

Cá neste Continente, Vós Senhor
Sublimais o brasão d'Ave Maria
Que arvorou o Ascendente com fervor!

Esse com Troféu lá (grande Ufania)
Dos Andradas ficou por grande honor
Cá o ostentais por timbre de Maria.

[S.I.A.]

AO MOTE JÁ REFERIDO

Nesses Padrões o Eterno da Memória

GLOSA

Aludindo ao memorável do Rio de Janeiro pelas quatro
Preclaríssimas Fundadoras

SONETO

Quatro Rios no Mundo celebrados
 Gânges, Tigres, Eufrates, e o espantoso
 Nilo, que lá banha ao Egito furioso,
 Elogios tem no Orbe recitados!
 Obeliscos fatais, e decantados,
 Seu nome Eterno deram glorioso,
 E o colosso de Rodes portentoso
 Nesses Anais da Fama autenticados!
 Estas Quatro também, e esclarecidas
 Fundadoras de um Céu, e sem vanglória,
 Eternizam com luzes conhecidas
 O nosso ufano Rio, e já com glória
 Memoráveis a vozes repetidas
 Nestes Padrões Eternos da memória.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Que vivais imortais por toda a Idade

GLOSA

Aludindo ao memorável das Fundadoras, e alegria
plausível do Rio de Janeiro

SONETO

Com relevantes Luzes resplandece
 Este alegre Rio enriquecido,
 Com Estrelas radiantes revestido
 Novo Céu, cá na Terra nos parece!
 Aos méritos aplausos se oferece
 Em correntes de prata já rendido,
 E em línguas de cristal bem dividido
 Exaltar vossos nomes apetece.

Clama festivo, alegre, e Venturoso,
 Já que sois esplendor da humanidade,
 Que gozeis de um Louvor mui glorioso;
 E saia, sem o manchar a vaidade,
 Por todo o Mundo um Eco sonoro
 Que vivais imortais por toda a Idade.

[S.I.A.]

SONETO

Que por elogio ao Rio de Janeiro se recitou em uma das
 duas noites dos Outeiros, que dedicaram à Entrada
 das Fundadoras

Desiguais em pena estão, e alegria,
 Duas ricas Cidades, e com brio,
 U'a é a Cidade deste Rio,
 Outra é a Cidade da Bahia,
 U'a por cuidar não largaria
 Estas Virgens do próprio domicílio,
 Outra alegre se vê pelo desvio
 Dos que dentro em si tem, e merecia:
 Sinta pois a Bahia, mas não sinta
 A glória deste Rio tão preclara
 Entre todas as mais assaz distinta,
 Mas eu se lá fora a consolara;
 Dizendo-lhe, que o Rio se requinta
 Claras luzes nas súditas de Clara.

[S.I.A.]

SONETO

Que por elogio dedicado às dez Noviças, que entraram
 com as Fundadoras, se recitou na noite do Outeiro
 que primeiro se dedicou

Ó que discretas na eleição andastes
 Cândidas Virgens, quando de Cupido
 As fúrias abjurando a Deus rendido
 Os corações humildes entregastes:
 Ditosas vós, que sem temer contrastes
 Da repulsa do Esposo Esclarecido,
 Com nupciais Vestes, com esplendor luzido
 Ao seu devido Tálamo chegastes:
 Ó se do fausto vão deixando as modas,
 Ó se acendendo as lâmpadas luzentes
 Seguissem vosso claro exemplo todas!

Mas, se as tais Virgens, bem que continentes,
 Não entraram convosco às Sacras bodas,
 Mas as loucas são, vós as prudentes.

[S.I.A.]

SONETO

Que se recitou com o mesmo assunto de aplaudir as
 Noviças, que entraram

Sacras belezas, Serafins humanos,
 Que com íntimo afeto, e peregrino,
 Nesse de Assis Asilo diamantino
 Vos amparais do Mundo aos vãos enganos:
 Vivei alegres, prossegui ufanas;
 Porque em o Sacro do holocausto fino
 Tereis em cópia rica auge Divino,
 Ditas Sublimes, gozos soberanos:
 E se nesta ainda cá breve Atmosfera
 A razão nossa, mas que a idolatria,
 Por Serafins, e Estrela vos venera?
 Certa tereis do Céu a estância pia,
 Porque o Céu das Estrelas é a Esfera,
 No Céu Serafins tem a Hierarquia.

[S.I.A.]

MOTE

Estrelas de elevado Nascimento

SONETO

Sendo a vida que tendes transitória,
 Vida agora alcançais mui permanente!
 Viver a idade, é sorte indiferente,
 Viver a fama, é relevante glória:
 Nesta ação que empreendeis tão meritória
 Contemplo o vosso espírito eminente;
 Agora cá prostrado, e reverente
 Do Sublime no Templo da memória;
 Quem procura o Esposo Soberano
 Com desprezo de todo o luzimento
 Com certeza procura o desengano;
 Brilhareis no Estrelado Firmamento
 Serafins deste Céu Americano
 Estrelas de elevado Nascimento.

[S.I.A.]

AO MESMO MOTE

SONETO

Com generoso brio, ó Forte Atlante
 Sem reccar do Céu o peso urgente
 Em seus ombros sustenta firmemente
 Dessa máquina a carga tão brilhante!
 Vós Madres com valor, e fé constante
 Tomais em vossos ombros reverentes
 Das filhas de Maria o peso ingente,
 Guardando-as do Leão mais trepidante.
 Se filhas sois do amor mais abrazado,
 Nem é muito logreis a primazia
 Em seres nas virtudes um portento;
 Luzes sois desse Céu mais elevado
 Astros da mais alta Hierarquia
 Estrelas de elevado Nascimento.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REPETIDO

Serafins à Bahia Anjos ao Rio

SONETO

Esse lindo Congresso generoso
 De Francisco família venerada,
 Lá do Céu da Bahia transportada
 Para o Céu deste Rio portentoso!
 Esse nobre esplendor; Lustre famoso
 De belas Heroínas, que exaltada
 Glória é de Maria consagrada
 Aplauso deste Rio Venturoso!
 Serafins, Anjos, são na divindade,
 Que despojo fazendo do alvedrio
 Abraçam a pobreza por vontade!
 Publique logo a fama sem desvio,
 Que já deu ao Convento da Cidade
 Serafins à Bahia, Anjos ao Rio.

[S.I.A.]

MOTE

No caminho da Glória já vos vemos
 Aludindo a estar o Convento na Entrada de Nossa
 Senhora da Glória

SONETO

Que doce viver é o da clausura!
 Com descanso suave, e sempre eterno!

Das Almas so tratando do Governo
 Vivendo alegre, firme, e já segura.
 No Convento não entra desventura,
 Só se sente o Verão, e o Inverno;
 Mui perto do Céu, sim longe do Inferno:
 O tempo passa, e a virtude dura;
 Pois se sois tão felizes no Convento,
 Quanto Nós com verdade conhecemos,
 Que mais gosto, que mais contentamento?
 Gozai Madres, do bem, que apeteçemos,
 Pois com grande ventura, e a salvamento
 No caminho da Glória já vos vemos!

[S.I.A.]

MOTE

Alegre canta o Rio a sua enchente

SONETO

Cidade da Bahia em mais aumento
 Vos vi lograr as honras de pomposa,
 Vós alegre no sítio, e mui vistosa,
 Vós no gosto no zelo eras portento!
 Como estais reduzida a sentimento?
 Como vejo chorais tão lastimosa?
 Quem mudou em desmaios essa Rosa?
 Quem causou tal martírio, e tal tormento?
 Bem conheço sentires como amante
 A falta que vos faz tão nobre gente,
 Ficando-vos o Rio semelhante;
 Vós chorais, ele ri-se de contente,
 O mais é, se chorais nessa vagante,
 Alegre canta o Rio a sua enchente.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Nesses Padrões Eternos da Memória

SONETO

Detém-te engenho rude, quem te guia
 A louvar um assunto Soberano?
 Se o discurso, que forma o engenho humano
 Em lugar de louvar é ironia;

Pode alguém cabalmente neste dia,
 Por mais, que no louvar gastasse um ano,
 Ostentar-se nos cultos mui ufano,
 Donde existe a total Sabedoria?
 Se o assunto é tão sublime, e tão valente!
 Como pode aplaudir-se tanta glória,
 Sendo todo o louvor balbuciante?
 Cante a fama, publique a nova história,
 Se eternize o louvor mais excelente,
 Nesses Padrões eternos da memória.

[S.I.A.]

MOTE

Bispo, General, Milícia, e Clero

SONETO

Essa Hidra disforme, e venenosa,
 Que o Mundo infeccionou com alarido,
 Deixando ao homem só destituído
 Da mais excelsa graça, e portentosa!
 Essa Hidra Serpente astuciosa
 Por ter no mundo a culpa introduzido,
 Hoje Antônio afugenta, o seu bramido!
 Hoje Antônio a desterra temerosa!
 Freire a quem todo o Mundo é limitado,
 A milícia ajuntou co' mil ardores
 Tocando a degolar o Leão Fero;
 Defendeu-se a Igreja por seu lado,
 Ficando desta guerra vencedores,
 Bispo, General, Milícia, e Clero.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO
 No caminho da Glória já vos vemos
 GLOSA

Deduzida de estar o Convento na entrada da entrada
 de Nossa Senhora da Glória

Este claustro alegre buscais honroso
 Onde achareis por sorte alta Ventura,
 Pois quem o busca com afeto ansioso,
 Mui certa a Salvação se lhe assegura;
 A jornada do Céu no fim ditoso

Sereis sempre guiada de luz pura,
E para que isto bem certifiquemos,
No caminho da Glória já vos vemos.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Tiempos las Vidas, victimas las Almas

GLOSA

Las que aqui vemos nobles Heroínas,
Que al Esposo Divino van buscando,
Las falecias del Orbe siempre indignas
Con pecho varonil menospreciando.
Se ostentan en verdad tan peregrinas,
Que a Jesus solo a quien estan amando
De la Victoria ofrecen com las palmas
Tiempos las Vidas, victimas las almas.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO

Serafins à Bahia Anjos ao Rio

GLOSA
EM OITAVA

Desses brilhantes Fósforos da Terra,
Dessas de Cristo jóias estimadas,
Só pode o Céu, que as dúvidas desterra,
Fazer definições tanto ignoradas:
O que são em Enigma já se encerra,
Mas não se julgam inda decifradas,
Ouço, porém, chamar, sem desvario,
Serafins à Bahia Anjos ao Rio.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO

São já da adoração claros objetos

GLOSA

Essas que já vês mimos da Ventura
Nas tuas margens, Rio colocadas.
São os timbres de toda a formosura

Sendo Esposas de Cristo muito amadas:
 Em vivos holocaustos da ternura
 Merecem cultos, e oblações sagradas;
 Porque sendo os ímãs dos afetos,
 São já da adoração claros objetos.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Correndo exalação brilham Estrelas

GLOSA

Com assombro fatal se admira a gente,
 Que a todos em geral vai competindo
 Ver ao nosso Prelado preeminente
 Suas mansas ovelhas vir seguindo:
 Por douto, por benigno, por prudente,
 Vem o ânimo de todos atraindo;
 Parece, como quando em noites belas,
 Correndo exalação brilham Estrelas.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO

Estrelas de elevado Nascimento

GLOSA

Aludindo às Fundadoras

Nesse globo cerúleo o Sol brilhante
 Ofusque as Luzes, prostre-se em desmaios,
 Dos mais Astros eclipse-se o radiante;
 Estes percam o reflexo; aquele os Raios;
 Só estas Castas Ninfas no triunfante
 Carro de Apolo dêem à Luz ensaios;
 Porque são do Terreno Firmamento
 Estrelas de elevado nascimento.

[S.I.A.]

MOTE JÁ REFERIDO

Nesses Padrões Eternos da memória

GLOSA

Amada Pátria minha quem pudera
 Elogios fazer-te cento a cento!

E quem de Anfião a voz tivera
 Para te agradecer em doce acento!
 Mais do que ele fez, hoje eu fizera,
 Pedras mil atraindo, e o instrumento
 Fazendo memorável esta história
 Nesses Padrões Eternos da Memória.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO

Alegre canta o Rio a sua enchente

GLOSA

Aludindo à alegria do dia da entrada

Dia foi neste Pólo Americano
 O maior, mais alegre, mais famoso;
 Glória foi deste Povo mui ufano
 Motivada de um ato tão vistoso!
 Vendo-se o Rio em tudo sublimado,
 Um Pólo estrelado, todo luminoso,
 Nunca errante, mas sempre permanente,
 Alegre canta o Rio a sua enchente.

[S.I.A.]

AO MESMO MOTE

GLOSA

Aludindo ao Ilustrado do Rio

Vê-se o Rio de mil Lauros coroados!
 Vê-se o Rio com Estrelas tão luzidos!
 Vê-se o Rio cada vez mais sublimado!
 Vê-se o Rio em tudo engrandecido!
 Vê-se o Rio de prazeres adornado!
 Vê-se o Rio de afetos revestidos!
 E vendo-se tão ufano, e refulgente,
 Alegre canta o Rio a sua enchente.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

É o Céu parcial nesta alegria

GLOSA

Aludindo à Entrada das Fundadoras

Neste aplauso é o Céu tão empenhado,
 Manifesto este prazer, e glória tanta,

Que de luzes se vê todo adornado,
E a campanha estrelada se adianta!
Nesse Angélico coro sublimado
Com festivos aplausos se decanta
Vosso Nome, e na suave harmonia
É o Céu parcial nesta alegria.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

São no Altar do respeito colocadas

GLOSA

Aludindo às Fundadoras
Estas que da pureza são exemplo
E da obediência objeto peregrino
Cujas prendas preclaras já contemplo
Viajando o Império Netunino!
A buscar da Fama o grande Templo,
Resplandecem, qual Raio cristalino!
E por raras Virtudes sublimadas
São no Altar do respeito colocadas.

[S.I.A.]

AO MESMO MOTE

Aludindo às referidas Fundadoras

GLOSA

Estas Sublimes, majestosas Freiras,
Deste Tesouro jóias preciosas!
Estas, que transplantadas nas Ribeiras
Deste Rio, são flores graciosas!
Estas, que por excelsas, e primeiras
Se veneram Ilustres Religiosas!
Quando a este Convento são levadas,
São no Altar do respeito colocadas.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO

São da adoração claros objetos

GLOSA

Aludindo às Noviças

As que o Mundo enganoso desprezando
O Sumo bem procuram na Clausura,

O meio com que a Cristo vão buscando
 Felicidade suma lhes segura;
 Se na resolução estão gozando
 O Supremo favor de u'a Luz pura,
 Quem pode duvidar, que em tais projetos
 São da adoração claros objetos!

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Estrelas de elevado Nascimento

GLOSA

Os povos divididos por mil partes,
 Ornados vão de telas, e brocados,
 As janelas se armam de Estandartes,
 Que em mil cores tremulam sublimados!
 Quantos modos de pompas, quantas artes,
 De obséquio há, se mostram empenhados
 A aplaudir com geral contentamento
 Estrelas de elevado Nascimento.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Conheceram a tempo o desengano

GLOSA

Aludindo às Noviças que entraram

Já de instante em instante desfalece
 Quanto o Mundo enganoso nos segura
 (Como vemos) que crédito merece
 Da sua segurança a conjectura,
 Se brevemente, enfim, se desvanece
 O que aqui com maior ânsia se procura?
 Felizes estas, que prevendo o dano
 Conheceram a tempo o desengano.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO JÁ REFERIDO

Estrelas de elevado nascimento

GLOSA

Aludindo às Noviças

Essa gala com que vos revestis
 Esse hábito com que vos adornais

É glória com que hoje mais luzis.
 É pureza com que hoje mais brilhais
 E se as estrelas nas luzes competis!
 Se ao Sol nos resplandores igualais
 Justo é vos aclamem por portento
 Estrelas de elevado Nascimento.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Não há noite mas sim rosada aurora

GLÓSA

Parêntesis do dia sempre há sido
 O escuro da noite ao que parece;
 Mas com razão desta hoje duvido,
 Se um epíteto igual hoje merece,
 Porque de tantos Astros no luzido
 Tanto neste Hemisfério resplandece,
 Que dele afirmar posso desde agora
 Não é noite, mas sim rosada aurora.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Todos se admiram e se alegram todos

GLOSA

Aludindo ao zelo do Reverendíssimo e Excelentíssimo
 Bispo do Rio de Janeiro

Difícultosa empresa parecia
 Ver-se tão brevemente efetuado
 O que mal conseguir-se poderia
 Tem o exato fervor de um tal Prelado!
 Com razão duvidar-se poderia,
 A não ser deste o zelo sublimado,
 Que fez, com que vendo-o, e por mil modos
 Todos se admiram, e se alegram todos.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Alexandre Português desta Idade

GLOSA

Aludindo às ações Heróicas do General para mais
 aplaudir o Dia da Entrada das Fundadoras

Os Céus guarde por anos dilatados,
 Para mais eternizado este Rio,
 Quem a pompas das Freiras com agrado
 Fez o povo aplaudir com tanto brio!
 Em pórfidos Padrões, bronzes dourados,
 Se leia com alternado desafio,
 Viva eterno Gomes Freire de Andrada
 Alexandre Português desta Idade.

[S.I.A.]

MOTE HERÓICO

Luz a luz, llama a llama, Raio a Raio

GLOSA

Aludindo ao exato, e referido desvelo com que se houve
 o Ilustríssimo Bispo do Rio de Janeiro
 para a magnífica Entrada

SONETO

Quanto el pasmo se eleva nesta Empresa!
 Quanto los ojos miran de opulencia!
 Son reflejos de tu magnificencia!
 Son chispas, que cintinla tu grandeza!
 Abraças, qual Briareu da Redondeza
 Con tu fama, tu Imperio, y tu ciencia;
 Y en el Rio la luz de tu presencia
 La pompa enciende, quema la tibieza:
 Tu esplendor absoluto solo está
 Esparzido em la tierra sin desmaio,
 Y enlutado el Sol se queda ya;
 Pues haciendo tu luz del Sol ensaio,
 Con incendios tu zello solo dá
 Luz a luz, llama a llama, Raio a Raio.

[S.I.A.]

SONETO

Por elogio recitado ao Ilustríssimo e Excelentíssimo
 Bispo do Rio de Janeiro, em obséquio do muito que
 obrara para o plausível
 da Entrada da fundadora

Salve Pastor excelso, Astro elevado,
 Del Cielo de Benito feliz rama,
 De un tronco el mais florido ardiente llama,
 Que el sublaco y cassino han inflamadol
 Salve otra vez, y muchas, que oy prostrado
 El Orbe suspendiendo-se a tu Fama,
 Veneracion del siglo te proclama
 Nesse rival del tiempo levantado!
 Vacando a su tarea laboriosa,
 Praxiteles en marmore escriba
 Las acciones dessa alma generosa;
 Mientras, que con sinzel valiente aviva
 El evo a tu memoria majestosa
 Urna de Jaspe en tu nombre viva.

[S.I.A.]

MOTE LÍRICO

O Festejo mais plausível

GLOSA

Esgote-se a Cabalina,
 E do Parnaso a harmonia;
 Não cesse a doce Talia
 No seu metro peregrina;
 Da Castália brote a fina
 Corrente toda possível;
 Porque sendo irremissível
 a obrigação de louvar,
 Bem é se queira mostrar
 O festejo mais plausível.

[S.I.A.]

LÍRICO

Todo este aplauso é devido

GLOSA

Esse contínuo rojão
 De Apolo ri a doce Lira

Quando incansável respira
 Não nos cause admiração;
 Suposto que em suspensão
 Se veja o povo, e aturdido
 Deste festejo aplaudido,
 Que do Céu à Terra vem,
 Todo este gosto convém,
 Todo este aplauso é devido.

[S.I.A.]

LÍRICO

Claustro por Deus destinado

GLOSA

Salve, Salve, majestoso
 E esclarecido Convento,
 Onde há de ter muito aumento
 Este Estado Religioso:
 E salve aonde o virtuoso,
 Se há de ver mui sublimado
 Do Povo excessivo agrado,
 Tesouro de jóias cheio,
 De salvação fácil meio,
 Claustro por Deus destinado.

[S.I.A.]

LÍRICO

Muito Ilustres Fundadoras

GLOSA

Não podiam vir melhores
 Freiras, benignas, e belas!
 Inda digo, nem com elas,
 De tais garbos, e primores
 São Cándidas, belas flores,
 Ricas, belas, e Senhoras,
 Da virtude exempladoras,
 Meigas, afáveis diletas,
 Polidas, e mui discretas,
 Muito Ilustres Fundadoras.

[S.I.A.]

LÍRICO

Quem as não há de aplaudir

GLOSA

Neste celeste obelisco,
E na terra glórias vejo
Tudo em devido festejo
Destas filhas de Francisco:
Nelas o Sol tem seu risco
Por terem maior luzir;
E se para as definir
O Céu com luzes se quebra,
Quando a Terra, e o Céu celebra
Quem as não há de aplaudir.

[S.I.A.]

LÍRICO

Dez Estrelas neste Céu

GLOSA

Aludindo às dez Noviças que com as Fundadoras entra-
ram

..... no Convento

Nesta nobre arquitetura,
Nesta máquina elevada,
Que a Deus vemos consagrada,
Um novo Céu se figura.
Não foi falsa a conjectura
De quem assim o entendeu
Quando sabiamente creio
O que chegou a inferir,
Vendo em virtudes luzir
Dez estrelas neste Céu.

[S.I.A.]

LÍRICO

Estrelas vejo brilhar

GLOSA

Inda à Glória não cheguei,
Porém já vejo sinais,
Que parecem celestiais!

Se é que não me enganei,
 Agora repararei
 Para eu me certificar,
 É certo posso afirmar,
 Que olhando para o Convento,
 Lá para a parte de dentro
 Estrelas vejo brilhar.

[S.I.A.]

LÍRICO

Fixas são, e não errantes

GLOSA

Lá do Monte de São Bento
 Estrelas vi caminhavam,
 E que para aqui entravam
 No nosso Novo Convento,
 Eu que isto vi bem atento
 (Posto que mui rutilantes)
 Supus não eram constantes
 Por fora da esfera virem,
 Mas se daqui não saírem,
 Fixas são, e não Errantes.

[S.I.A.]

LÍRICO

É Leonor de Estrelas guia

GLOSA

Elogio à Abadessa

O Sol lá do quarto Assento,
 Inda que está mui distante
 Sempre é o que flamante
 Aos mais Planetas dá alento:
 Na forma do Firmamento
 Isto cá mui bem se via,
 Porque ainda que não ía
 Na procissão a Abadessa,
 Contudo o Vulgo confessa
 Que é Leonor de Estrelas guia.

[S.I.A.]

LÍRICO

Para Deus vítimas puras

GLOSA

Toda aquela que entrar
 Não quis Freira no Convento
 E a que não quis de São Bento
 Vir às mais acompanhar,
 Algum dia há de chorar
 Tristes suas desventuras,
 Quando invejar as doçuras
 Destas que para cá vieram,
 Ignorando então que eram
 Para Deus vítimas puras.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

MOTE

O Céu a Bahia o Rio

GLOSA

Quem tanta glória nos deu? ... o Céu
 Donde nos veio a alegria ... da Bahia
 E quem logra tanto brio ... o Rio.
 Parece que em desafio
 Por meio deste Convento
 Concorrem para nosso aumento
 O Céu a Bahia o Rio.

[S.I.A.]

EPÍLOGO

Constância, Zelo, e Virtude

GLOSA

O que brilha nesta instância? ... Constância
 E que lustra por mais belo? ... o Zelo
 E há quem nisto ajude? a Virtude
 Tem que instante algum se mude
 Neste Mosteiro já cresce
 Com fervor, que resplandece
 Constância, Zelo, e Virtude.

[S.I.A.]

LÍRICO

Neste Rio a Santidade

GLOSA

Eu tenho cá para mim
 Só Convento não é
 Este Alcacer que se vê!
 E que é também Jardim;
 Porque a Virtude enfim
 Com muita pontualidade
 Há de ver esta Cidade
 Que aqui há de florecer
 E entrada vir fazer
 Neste Rio a Santidade.

[S.I.A.]

Romance que se recitou na noite do primeiro Outeiro em
 obséquo ao Reverendíssimo Bispo e Ilustríssimo
 General presentes a este Literário obséquo dedi-
 cado às Religiosas Fundadoras

A Vós, Egrégio, Prelado
 De quem as virtudes tantas
 Por mais que os Raios oculte
 Sempre resplandecem claras.

A vós General invicto
 De quem o valor nas armas
 Desses Cipiões excede
 As valerosas façanhas.

A Vós em quem a harmonia
 Observa tal consonância,
 Que igualmente sempre a duo
 Cantais por figuras altas.

A Vós que o Terráqueo Globo
 Da terra famigerada
 Onde de Ofir a riqueza
 É pouca, se nesta é tanta.

Circulais Astros brilhantes;
 E se em diversas moradas
 Nunca se observam eclipses,
 Nunca se admiram mudanças:

Ambos regendo igualmente
Em Hierarquias preclaras,
Se um rege temporal Corte,
Outro rege Corte Sacra.

A Vós que na mesma Pira,
Qual Mariposa abrasada,
Neste de Deus Sacrifício
Mútua seguistes a chama.

Permita pois, que descreva,
Se bem que em pequena quadra
Vossas Heróicas Virtudes
De muitos séculos herdadas.

Ambos sois campo fecundo
Da mais ilustre substância,
Pois destes antigos Troncos
Em Vós reverdece a Rama.

Se a gravidade, e o respeito
Tinham nos bronzes gravadas,
Desses Heróis, a grandeza
Para eternizar a causa.

A Vós em quem nobremente
Admira o Orbe germanadas
A espada aparando a pena,
A pena regendo a Espada

Porém como tal unidade,
Sendo diferente a causa,
Como iguais os sacrificios
O Númen supremo abraça.

A Vós repito este culto
Afetuoso consagra
Do vosso nome a grandeza
Quem, se humilde, não tem mancha.

São bem claros testemunhos
Um mérito com que exalta
A Tiara ao Sólio altivo
O Bastão à Régia Vara.

Se no Templo da Memória
Permanecem penduradas
De vossos Progenitores,
Se mortos, vivas estampas.

Novo cinzel os prodígios,
Novo pincel ações raras,
Pintar querem quadro novo,
Gravar querem nova Estátua.

Reinação do Evo antigo
Para Idades prolongadas
Os Malheiros, os Reimões,
Os Freire, e os Andradas.

Em qualquer dos nobres troncos
Se admira a matéria apta,
Ou para o Báculo pio,
Ou para a ríspida Lança.

Que direi do Ilustre Gomes
De quem prendas soberanas
Continuadamente se escrevem
Nos Campos que o Tejo banha.

De lá Generais Famosos
Da Região Lusitana
Tem posto seguro o Cetro
E a coroa a seus Monarcas.

Onde de seus Ascendentes
O sangue os Campos esmalta
E qual Tesouro precioso
Sempre em memórias se guarda.

Menos glória participa
Na Região Americana
Seu nome, que outros encômios
Tem na África, Europa e Ásia.

Reinação, e se eternizem
Troncos, que a Lísia ilustraram
Com ginetas, com bastões,
Com púrpura, e com Tiaras

Em Antônio Pastor Sacro
Vemos a effigie rara
Dos Agostinhos, e Ambrósios
E de outro, que a Igreja canta

Inda quando se conhece,
Que nas florentes Espanhas
O Solar de Boobadela
É tronco de sua casa.

Quanto o Tejo lá circula
E reparte Guadiana,
Teatro feliz foi sempre
Das memoráveis batalhas

E como parto glorioso
Dessa ascendência preclara
É Gomes por excelência,
A todos leva hoje a palma

A este Século presente
Idade chamem dourada,
Pois outro Alexandre, e Gomes,
Fielmente se retrata.

Alexandre é nas ações,
Alexandre é na Campanha
Alexandre é todo em tudo,
Só Diadema lhe falta.

Mas coroado de Glórias
Por Cetro empunhando a espada
Excede nos seus Triunfos
Àquelas que a História narra.

[S.I.A.]

ACADEMIA FRANCISCANA — 1786



1. **EPITALÂMIO MÉTRICO [...] que canta A MUSA FRANCISCANA FLUMINENSE [...] POR MÃOS DO MINISTRO PROVINCIAL DOS REFORMADOS DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. 1786**



EPITALÂMIO MÉTRICO
QUE CANTA
A MUSA FRANCISCANA FLUMINENSE
NOS FELICÍSSIMOS DESPOSÓRIOS
DOS SERENÍSSIMOS SENHORES INFANTES
DE PORTUGAL, E CASTELA
OFERECIDO
AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR VICE-REI
DO ESTADO
O SENHOR LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA

Por mãos

Do Ministro Provincial dos Reformados da Imaculada
Conceição do Brasil.

1786.



DEDICATÓRIA (1)

Canção

Do Régio Tronco dos Heróis famosos,
Que foram por vitórias, e batalhas
Deixando à Pátria os timbres gloriosos,
Terríveis às bandeiras, e às muralhas,
 Que a sangue, preço eterno,
Compraram os brasões do lar paterno,
 O Ramo abençoado
Seja por ti, ó Musa, celebrado.

Não é, não é na estéril, seca terra,
Que nunca experimentou destra cultura;
Não é na roxa tosca, e alpestre serra,
Onde brilha de Flora a formosura:
 A mimosa açucena
Só costuma nascer em horta amena;
 Nem os tenros pimpolhos
Rebentam dos espinhos, e de abrolhos.

O Sangue ilustre, que lhe inflama as veias,
Aquele foi, que entre mortais ruínas
Deixou de Luas Agarenas cheias
D'Ourique célebre as fatais Campinas;
 Aquele foi, que os muros
Da forte Badajós pôs mal seguros;
 Aquele foi, que a glória
Fez renascer da Lusitana história.

Aquela, que da mente do alto Jove
De repente nasceu Sábia, e guerreira,
Heróicas propensões lhe inspira, e move,
E abre aos seus dias imortal carreira.
 No literário emprego
Viu seus rápidos vôos o Mondego,
 E as Ninfas, que ali moram,
Ainda de sua ausência tristes choram.

(1) Utilizamos o m. pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Obras Raras.

Finos Jaspes lhe erige a Sapiência
 Na frente de seus Pórticos doirados;
 De seus Lábios se entorna uma afluência,
 Que banha os povos bem-aventurados;

Derramam-se equidades
 Pelas Aldeias, Vilas, e Cidades;

Por ele o mundo alcança
 Voltar de Astréia a imparcial balança:

Como a fonte, que nasce n'alta Serra,
 Despenhada depois pelas Campinas,
 Fecunda os vales da vizinha terra,
 Orvalha as folhas das gentis boninas;

E pelos prados quando
 Vem tantos benefícios derramando,

Serranas, e Pastores
 Saudando a vão com bênçãos, e louvores.

Em verdes anos tanta madureza,
 Saber tão raro, engenho tão profundo,
 O fizeram Herói de tal grandeza,
 Que não cabia já no antigo mundo.

Das praias do Ocidente
 Vem novos Céus buscar de estranha gente.

América, um tesouro
 Fazer-te vem mais rica, que o teu oiro.

Já da gruta limosa rodeado
 De purpúreas araras, como as flores,
 Sai o Velho Brasil d'ouro enfeitado
 Na Cabeça um penacho de mil cores.

Ordena a seu Correio
 Um Bugio inquieto, negro, e feio,
 Que as feras convocasse,
 Sem que uma só nas brenhas lhe ficasse.

Tange o bruto uma cana, que sonora
 Retumba nas montanhas, e silvados;
 Das medonhas cavernas vem prá fora
 Entre mil feras tigres mosqueados.

Com esta companhia
 Espalhada numa alta penedia,

O Velho foi falando
 A Nau, que vinha as ondas apartando.

Vem, Príncipe adorado, vem depressa
Fazer os meus Países venturosos:
Também, também por cá nos amanheça
O tempo d'ouro, os dias preciosos.

Não só Europa antiga
Delícias tantas, tantos bens consiga:
Pede a lei da equidade
Rapartir-se o prazer com igualdade.

Com a tua Presença eu já confio,
Que uma nova Ulisséia aqui se veja
Situada nas margens deste Rio,
Sem que à glória do Tejo tenha inveja:
E tu, Empório nobre,
A quem o Céu propício se descobre,
Escuta da Ventura
Os bens, que o teu Herói te assegura.

Verás um raio contra o negro insulto,
Uma base da fé, norma do exemplo,
Um zelador acérrimo do culto
Devido as aras do Sagrado Templo:
Um Príncipe perfeito
Modelo da ternura, e do respeito;
Enfim um Herói novo
Pai da Pátria, delícias do seu Povo.

Verás sempre a virtude protegida,
Do Comércio as sustâncias engrossadas,
Amparada a inocência desvalida,
As Artes, e Ciências respeitadas:
Constante a obediência,
Regulada a ambição, presa a insolência,
Crescida a piedade,
Segura a paz, florente a liberdade.

Quais líquidos aljôfares, que a Aurora
No doirado Horizonte destoucada
Destila pelas folhas, quando chora
No silêncio da fresca madrugada;
De riqueza opulentos
Baixos arbustos, cedros corpulentos:
Tal verás fielmente
Derramada a justiça em tua gente.

Verás a Libitina embravecida,
Mortíferas Serpentes arrojando,
De olhos acesos, face denegrada,
Os caros filhos teus ir assolando;

Por uma, e outra parte
Tristes gemidos, tristes ais reparte.

Mas que importa o perigo,
A quem na Piedade encontra abrigo?

Eu vejo o Herói ardendo em caridade
Atalhar as ruínas magoado,
E no meio de tanta c'lamidade
Será maior, que o dano, o seu cuidado.

Dos mais altos lugares
Grossa nuvem de fumo sobe aos ares,

E os bronzes retumbando
Vão a esfera corrupta dissipando.

Irado está Netuno, e furibundo
Contra o robusto mármore, que o enfreia;
Onde arroje, não tem do mar profundo
As ruivas conchas, a infecunda areia.

A crepitante fúria
Não serve mais, que d'aumentar-lhe a injúria:

Ó ditosa Prudência,
Que até dos mares reges a violência!

O charco estéril de mortal veneno,
Que a cerúlea Anfitrite tem criado,
Cujo infecto vapor todo o terreno
Tem de malignos ares impestado,

Verás rico aposento,
Onde Hora, e Pomona têm assento,

E um ameno passeio,
Das verdes Amadriades recreio.

Verás também erguer-se um edifício
Nos primores de Palas majestoso,
De soberbo elevado frontispício,
Que as nuvens ameaça injurioso.

É Cofre permanente
Das riquezas, e jóias do Oriente,

E das drogas, que as Teias
Nos enviam das Plagas Européias.

Também, Rebanhos meus, afortunados
 Grande parte tereis nestas venturas,
 Na História natural mais celebrados
 Sereis em mil estampas, e figuras.

Vereis exploradores
 Pesquisar nossas plantas, nossas flores,
 E os lindos caramujos,
 Que às nossas praias vêm de musgos.

Mas que excessos d'amor! Ó quanto zelo
 Se apresenta a meus olhos! Que alegrias!
 Nas asas do prazer voa o desvelo;
 Mudam-se as trevas em brilhantes dias

Ah! do seu VICE-REI
 Aprenda o bom Vassalo a amar ao Rei
 Imite o Zelo incrível,
 Se é que pode imitar-se o impossível.

Ó vós, que as minhas fontes cristalinas
 Habitais, doces Filhas da Memória,
 Finezas desse amor tão peregrinas
 Haveis d'eternizar em larga história:

De flores enramadas
 Guardai as liras d'oiro marchetadas,
 E as fragrantas Capelas
 De nevados jasmims, de rosas belas.

Nas águas da Alegria assás contente
 Vereis de Tanto Herói banhar-se o peito,
 E entre frágoas d'amor em chama ardente
 Festejar d'Himeneu o casto Leito.

Então um furor Santo
 Moverá vosso zelo a novo canto
 Oh! juro que Ele o estime
 Em virtude d'objeto tão sublime.

Outras sentenças tais o Velho honrado
 Ia dizendo, quanto já no porto
 Depois de tantos tempos suspirado
 Lançava à proa o férreo dente torto.

Já nas praias se ouviam
 Hinos de louvor, que aos Céus subiam.
As Salvus atroavam,
E os Repiques os montes alegravam.

Ó Musa, que o preságio vês completo,
 Vai teu Canto of'recer-lhe tosco, e duro,
 Não te assustes, se o vês pouco discreto,
 Que o assunto o fará correr seguro.

Essa fé mais que humana,
 Que o teu Mecenas rende à Soberana,
 Lhe dará a primazia:
 Pois enfim seu amor é que avalia.

[S.I.A.]

SONETO

Do Grande Vice-rei aos pés prostrada
 Vai, ó Musa, of'recer teu próprio Canto:
 Implora o seu favor, se podes tanto
 Implora o seu favor, não temas nada.

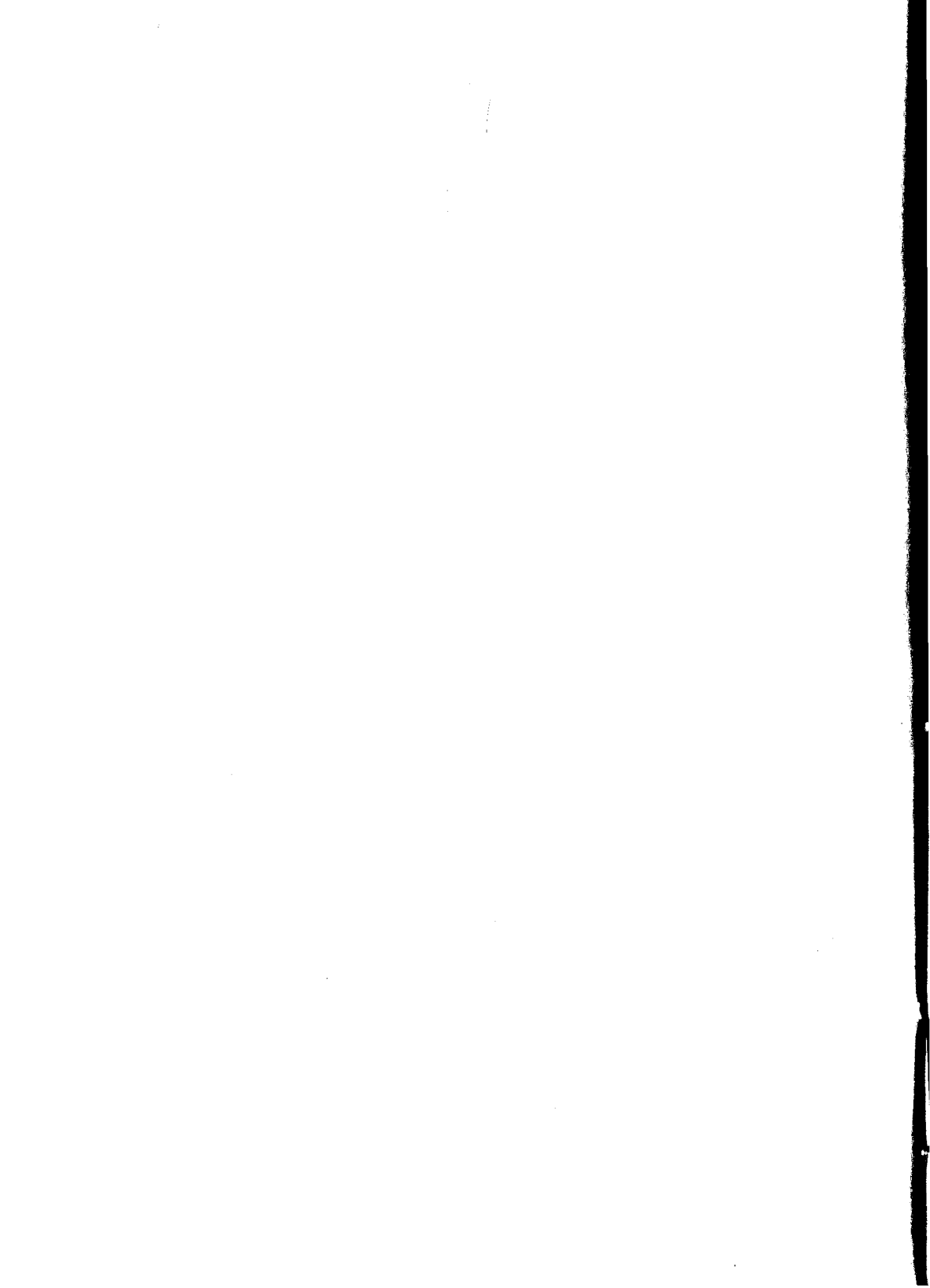
Seguindo a Fama irás, que ao longe brada,
 De sua Glória ouvida com espanto,
 De seu Governo Sábio, Justo, e Santo,
 Que aos Vassallos, ao Rei, a Deus agrada.

Levando a pobre oferta em mão segura
 Não já por ti, porém por seus desvelos,
 À esfera voarás da luz mais pura.

O Leito Nupcial, os Noivos Belos
 Prá que subas cantando a tanta altura
 Basta o Nome imortal de VASCONCELOS.

[S.I.A.]

EPITALÂMIO MÉTRICO



É decreto do Céu, que se executa

SONETO 1.º

Respeita Portugal, Numen Sagrado,
Teu grande arbítrio sobre os bens, que goza,
E tua mão, que seus Heróis desposa,
Beijando está, de gostos mil banhado.

Na fé de seus Maiores vai fundado,
Naquela fé constante, e generosa,
Que em forte braço da Nação famosa
Ao novo mundo tem alumiado.

Portugal não conhece outro destino,
Bem que o queira enganar serpente astuta,
Senão as Leis do teu Poder Divino.

Tal é a voz, que em teu altar se escuta:
Estas Bodas dispôs um Deus beni'no:
É decreto do Céu, que se executa

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 2.º

Se dos Régios Infantes celebrados
Os Desposóris vês com alegria,
Não julgues ser da humana fantasia
Pensamentos de novo fabricados.

Na Sábia Providência decretados
Estão todos os bens da Monarquia:
Aos Soberanos ela rege, e guia,
No acertado governo dos Estados.

Que penhor queres ter mais permanente
Do bem, que no presente se desfruta,
Que a vontade do Deus Onipotente?

Pois quanto ordena um Rei, que a Deus escuta,
Não é Oráculo vão, que sempre mente,
É decreto do Céu, que se executa.

Frei Francisco da Candelária.

SONETO 3.º

Entre tantos Senhores Soberanos,
 Que vivem sobre a terra gloriosos,
 Somente a flor dos Lusos belicosos
 Levou a rica Jóia dos Hispanos.

Quer amor, que se deva aos seus enganos
 O bom logro de gostos tão ditosos;
 Diz fortuna: que não; que venturosos
 Foram por seu cuidado os Lusitanos.

Foi ao Céu em doirada, e rica fita,
 Assentada a proposta da disputa;
 E vêm com decisão assim escrita:

A glória só a Jove é, que se imputa;
 E toda a preeminência dessa dita,
 É decreto do Céu, que se executa.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 4.º

Depois que o Rei dos Reis, Senhor Supremo,
 Na Prole soberana quis d'Henrique
 Monarquia formar, que fortifique
 D'Europa Ocidental o fim extremo.

Que falte a Portugal Prole não temo,
 Pois ele o prometeu no Campo Ourique
 Duvide esse infiel, negue, critique;
 Que eu não crer a Deus é só, que tremo.

De Castela a Real correspondência,
 Que o Lusitano Reino desenluta,
 É de Deus amorosa Providência.

Não é de Portugal máxima astuta,
 Não é vil interesse, ou dependência,
 É decreto do Céu, que se executa.

Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar.

SONETO 5.º

Narrando estava Marte destemido
 Seu valor entre a Gente Portuguesa;
 Chega Amor; e lhe diz, que tal empresa
 Não prossiga, por quanto foi vencido.

Eu venci, assim fala o Deus Cupido;
 As setas disparando com destreza:
 Seja prova de minha fortaleza
 Bragança com Borbom haver unido.

Palas vendo brigar Amor com Marte,
 Doutamente termina a vã disputa,
 Mostrando em pouco seu engenho, e arte.

Atende, Marte, diz, Cupido, escuta:
 Este laço d'amor vem d'outra parte,
 É decreto do Céu, que se executa.

Frei Bernardo de São Gonçalo.

SONETO 6.º

No regaço da mãe Amor estava
 Seus carinhos gozando em certo dia:
 Mil triunfos fiel lhe repetia,
 De que muito feliz se gloriava.

Eu venci, doce mãe (assim falava)
 Favorece a Fortuna à ousadia;
 Já nos Peitos Reais Amor ardia,
 Quando eu da rica Ibéria me apartava.

Mas apenas Cupido tem falado,
 Sem demora lhe diz a Mãe astuta:
 Teu prazer, Filho meu, é mal fundado;

A razão te darei, atende, escuta:
 Se tais Peitos o amor tem abrasado,
 É decreto do Céu, que se executa.

Frei Inácio das Mercês Malta.

SONETO 7.º

Em amoroso laço permanente
 O conjugal amor tem apertado
 Os penhores fiéis do Ibero Estado,
 E as delícias também da Lusa gente.

Uma, e outra Nação vive contente,
 Logrando aquele tempo desejado,
 Que nos Sec'los vindouros celebrado
 Há de ser inda mais, que no presente.

A tocha nupcial, que foi acesa,
 É grilhão da discórdia dissoluta,
 É dos males comuns firme defesa:

É vínculo d'amor, que a Deus se imputa,
 É concórdia dos Reis, da paz firmeza,
 É decreto do Céu, que se executa.

Frei Inácio de Santa Rosália.

SONETO 8.º

Não temas, Luso Império, que estes laços
 Unindo para sempre a dois Infantes,
 Zelo excitem nos Povos confinantes,
 E te oponham soberbos embaraços:

Tudo destruirão estes dois braços,
 A quem Sacro valor faz triunfantes,
 Que as Quinas ao Leão forças constantes
 Darão sempre, inda feitas em pedaços.

Aquele, que dos Reinos rege a sorte,
 E jurou defender-te em toda a luta,
 Quer, que Espanha de ti seja consorte.

Não temas: e, o que diz teu Gênio, escuta:
 Da Família Real o pacto forte
 É decreto do Céu, que se executa.

Frei Raimundo Penafort da Anunciação.

Das Régias intenções efeito nobre

SONETO 1.º

Ditosa Monarquia, a que acompanha
 Sempre a seu lado a Sábia Providência:
 Dos pés do Trono corre uma afluência,
 Que em torno gira, e outra vez se apanha.

Golpe não teme de Nação estranha,
 Nem vê semblante à sórdida indigência;
 Em bases d'ouro firme a subsistência,
 Novos terrenos a fortuna ganha.

Não pára aqui: socorre a natureza,
 E dos Heróis passíveis, que ela encobre,
 Enche as famílias de maior riqueza.

Esta idéia, que o tempo é, que descobre,
 Fará, que logre a Corte Portuguesa
 Das Régias intenções, efeito nobre.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 2.º

À sombra da espessura deleitosa
 Repousa o pastor Luso descansado;
 Nem já de Marte o hórrido cuidado
 Insulta a antiga Ibéria belicosa.

Uma, e outra Nação vive ditosa
 No meio d'um sossego abençoado;
 Tendo em novos penhores vinculado
 Reféns d'eterno amor, paz venturosa.

O rico em seu tesouro está seguro,
 Alegre na choupana vive o pobre
 Sulca os mares sem susto o nauta duro:

Se pois o pensamento bem descobre,
 É todo este repouso brando, e puro,
 Das Régias intenções efeito nobre.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 3.º

As sérias reflexões das Majestades,
 Que as duas Monarquias felicitam,
 A firmeza da paz nos facilitam
 Com certeza de mil felicidades.

Tão sublimes, e augustas qualidades
 Duplicadas nas Bodas se acreditam,
 E ao prazer mais constante nos excitam
 Nestas duas Reais Posteridades.

Abraçaram-se os Cetros com ternura,
 E no Sacro Himeneu já se descobre
 A eterna duração da paz futura.

Publique a fama, seus clarins redobre,
 Que é tão grande prazer, tanta ventura,
 Das Régias intenções efeito nobre.

Frei Antônio das Neves.

Dos Vassalos o amor a tudo obriga

SONETO 1.º

Nobre, ilustre, Real Vila Viçosa,
 Como alegre o teu vale, a as fontes vejo!
 Outra Lisboa feita além do Tejo,
 Corte dos Duques hoje Majestosa.

Tu, que viste a Rainha piedosa,
 Rendendo à Filha o último cortejo,
 Suster o golpe à força do desejo
 De fazer a Nação mais venturosa:

Tu, que a viste deixar, com dor extrema,
 Que a doce Filha seu destino siga,
 Por bem, que ao Reino faz a Mãe Suprema;

Em jaspe fino grava esta cantiga:
 Eis aqui ó Rainha o teu emblema:
 Dos Vassalos o amor a tudo obriga.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 2.º

Entregam mutuamente a luz mais pura
 Castela, e Portugal, com dor tirana,
 Esperando da troca Soberana
 Aquele bem, que os Reinos assegura.

Sendo a Cena afligente, bens augura,
 Pronostica a fortuna mais ufana;
 Pois do negro trovão também dimana
 Chuva à planta, alma à flor, viço à cultura.

Conheceram os Reis esta verdade
 E a fim de mais firmar a paz antiga
 Aos golpes se expuseram da saudade.

Nunca d'um Reino o bem na Mão periga
 De Monarcas, a quem, por Piedade,
 Dos Vassalos o amor a tudo obriga.

Frei Antônio das Neves.

SONETO 3.º

Bravos touros à frente das espadas
 Combatem no teatro, o furor arde:
 Noutros dias se vê na fresca tarde
 D'ágeis moços vistosas cavahadas.

As gentes ricamente mascaradas
 Por essas ruas vão fazendo alarde,
 Uns de valente, e outros de covarde.
 Umas de sérias, outras d'engraçadas.

Movediços jardins, montes andantes
 Mostram dos falsos Deuses a fadiga,
 E por terra aparecem navegantes.

Ninguém de tal prazer se desobriga,
 Pois no meio de povos tão amantes
 Dos Vassalos o amor a tudo obriga.

Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar.

CANÇÃO

1.^a

Oh! que a imagem me vem à fantasia
 D'uma noite serena, e deleitosa,
 Que apesar foi das trevas tão formosa,
 Como costuma ser o claro dia!
 Pois na cópia de luzes, que brilhavam,
 E esmaltavam
 O terreno
 Grato, e ameno,
 Parecia,
 Que queria
 Os direitos roubar o negro Erebo
 Aos doirados do Loiro Febo.

2.^a

Ouvm-se acordes vários instrumentos;
 Soa d'Orfeu a rara melodia;
 Que com novos requiebros atraía
 O rigor natural dos elementos.
 O sonoro concerto deleitava,
 E alegrava
 Os ouvidos
 Divertidos:
 Nem suaves
 Lindas aves
 Costumam entoar na tarde amena
 Tão suadosa, e jucunda cantilena.

3.^a

Alternados tripúdios já mostravam
 De várias ricas farsas a beleza,
 E os ligeiros meneios na destreza
 Os olhos mais atentos enganavam.
 Andam-se os pés aqui ali movendo,
 E fazendo
 Levantados,
 Ou parados
 Em as danças
 Mil mudanças:
 Como fazer nas águas Eritréias
 Os cerúleos Delfins com as Sereias.

4.^a

As Castálias Irmãs deixam as fontes,
 Que às suas glórias foram consagradas,
 E da nova Aganipe namoradas
 Não se lembram jamais dos Sacros montes.
 Afinam os Aônios instrumentos,
 E aos contentos
 Do aúreo plectro
 Novo metro
 Vão rimando,
 Exaltando
 A facha nupcial, que no presente
 Tanto sublima aos Céus a Lusa gente.

5.^a

Novos inventos vêm aparecendo,
 Em que a indústria d'Apeles, e a escultura,
 Roubando à natureza a formosura
 Os olhos mais, e mais vão entretendo.
 Ali danças, e músicas estavam,
 Que apartavam
 Destes ares
 Os pesares:
 E harmonia
 Tal havia,
 Que, se o negro Plutão presenciara,
 O mísero Ixion logo soltara.

6.^a

Que lenho será aquele cristalino,
 Que vem sulcando o árido elemento!

Argo não foi melhor no luzimento,
 Quando de Colcos trouxe o Velocino.
 Pendem dos lados luzes mil brilhantes
 Rutilantes,
 Como estrelas
 Muito belas:
 E quem via,
 Cuidaria,
 Que a Barca do estrelado Firmamento
 Buscava sobre a terra novo assento.

7.^a

Um Vesúvio portátil transportava
 A fusca prole d'Anfitrite undosa:
 E a Serpe formidável, e espantosa
 Pela garganta chamas arrojava.
 Entre o fogo os Cíclopes trabalhando
 Vêm cantando
 À pancada
 Compassada
 Do martelo
 Som mui belo:
 Nem já se viu fazer tanta harmonia
 Unida com o estrondo a melodia.

8.^a

Esta máquina andante o mundo atroa:
 Brontes, Piracmon, Steropes forjando
 Estão sulfúreos raios: já bramando
 O eco repetido aos ares soa.
 Rápido sobe à esfera refulgente
 Fogo ardente,
 Que luzia,
 E fazia
 Nas alturas
 Mil figuras:
 E Vulcano parece, que da terra
 Faz ao Reino de Jove dura guerra.

9.^a

Outros muitos objetos deleitosos
 Ornados d'esplendor, e de beleza,
 Em que à porfia o preço, e a destreza,
 Tornavam importantes, e formosos,

Entreteram a noite toda inteira;
 De maneira,
 Q'os Etontes
 Sobre os montes
 Já se viam,
 Que luziam:
 Os quais cantar não posso, sem que tema,
 Que a Canção degenerem em um poema.

10.^a

Aquele Ilustre Herói, glória do Tejo,
 Que da Ocidental praia Lusitana
 Veio ilustrar a gente Americana
 Atento aos espetáculos eu vejo.
 Seu amor engenhou toda a alegria,
 E assistia
 Entretido,
 E esquecido
 Do repouso
 Deleitoso,
 Que o Vassalo fiel em seus excessos
 Não reconhece obstac'los, nem tropeços.

11.^a

Vai, ó Canção, correr todo Universo
 E em teu verso
 Vai cantando,
 Publicando
 As grandezas
 Portuguesas;
 De sorte que assombrado o mundo diga:
 Dos Vassalos o amor a tudo obriga.

Frei Francisco de São Carlos.

Que mais há de fazer uma Rainha

SONETO 1.º

Rainha incomparável, o meu Canto
 Sublimar-se não pode a tanta altura,
 Onde de tua luz ardente, e pura,
 O raio prostra, a quem se anima a tanto.
 Mas se da terra, aonde estou, levanto
 Trêmulos olhos, vista mal segura,
 Deixar de ver não posso a formosura
 De Teu Reino feliz, Reinado Santo.

Por Ti, se pôs em segurança o Trono;
 E o Régio Cetro, que d'Afonso vinha,
 Nas mãos descansa de seu próprio Dono:

Por Ti se aumenta de Bragança a Linha:
 Por Ti se traça dar-lhe novo abono.
 Que mais há de fazer uma Rainha?

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 2.º

Graças mil Himeneu nos assegura
 Por empenhos d'um Braço poderoso:
 Já foge o negro vício vergonhoso,
 E troniza-se a imagem da candura.

As artes, o comércio, a agricultura
 Crescendo vão em torno do repouso:
 Qualquer vive feliz, qualquer ditoso,
 Logrando os doces mimos da ventura.

Enfim se num só verso em tudo falo:
 Amaltéia gentil lançado tinha
 Sobre Lísia feliz todo o regalo.

Se pois p'ra ser feliz tanto convinha;
 Que mais tem que aspirar um bom Vassalo?
 Que mais há de fazer uma Rainha?

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 3.º

Sancho liberal foi, Diniz perfeito,
 Conquistador Afonso o mais famoso,
 João foi pio, Pedro justicoso,
 João ao Reino libertou sujeito:

Foi feliz Manuel, no que tem feito,
 João, que um filho gera tão ditoso,
 Que título há de ter mais glorioso?
 José Legislador é por direito.

Estes são, Portugal, dos que tiveste,
 Os Inclitos Heróis da Régia Linha,
 Com que teu nome tanto engrandeceste.

Então foste feliz; e assim convinha:
 Mas, se te dá Maria o que perdeste,
 Que mais há de fazer uma Rainha?

Frei Francisco da Candelária.

SONETO 4.º

Quanto deveis, Vassalos Lusitanos
 À Sábia Soberana, Alta Maria!
 No Trono quem jamais se sentaria,
 Que evitasse melhor os vossos danos

Quantos cuidados por contin'os anos
 Para ter-vos em paz, em alegria!
 Quem dissera que tanto custaria
 O Cetro, e a Coroa aos Soberanos?

Não perde Ela por vossa utilidade
 O bem melhor, que em seu domínio tinha,
 Motivo agora de cruel saudade?

Não recebe por Filha uma Vizinha
 Para vossa maior felicidade?
 Que mais há de fazer uma Rainha?

Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar.

SONETO 5.º

Descei, astros brilhantes, dessa esfera
 Cingir a frente da maior Princesa,
 Que maneia com tão feliz destreza
 A vara do poder, que o Céu lhe dera.

Doces hinos lhe canta a Gente Ibera
 Suas glórias lhe deve a Portuguesa,
 São os frutos da Sábia madureza,
 Que mais se apura, quanto mais impera.

Falo enfim da Rainha Lusitana,
 Que à custa da melhor prenda, que tinha,
 Uniu as Gentes Lusa, e Castelhana.

Que outro bem, ó Vassalos, mais convinha?
 Que mais quereis da vossa Soberana?
 Que mais há de fazer uma Rainha?

Frei Dionísio de Santa Pulquéria.

ODE

Sanguinolentas guerras,
Cativeiros de bárbaras Nações,
Desamparadas terras,
Fortalezas, armados esquadrões,
Carrancas de Mavorte,
Que só respiram fogo, sangue, e morte:

Campos bem cultivados,
Que frutos produzis, ou trigos loiros,
Reluzentes arados,
Grossos colos de corpulentos toiros
Cantar não interesse
Mais nobre assunto, Musa, eu já começo.

Ditosos Portugueses,
A quem fortuna tem enriquecido
De graças tantas vezes:
Por acaso tereis já possuído
Ventura assás tamanha,
Como a que tendes vós, e a grande Espanha.

Heróis da antiguidade,
A quem a lisonjeira, e vaga fama
Pregoa em toda idade;
Essas ações ilustres, que ela aclama
Por dignas de memória,
Causariam no mundo tanta glória?

Porém vós que direis,
Quando a fama por vós falar devendo
Nem sabe onde jazeis!
Oh! se pudésseis do sepulcro horrendo
Voltar agora ao mundo
Para ver um Reinado sem segundo?

Quando é que a Lusa Gente
Alternando coréas à porfia
Se mostrou mais contente,
Que no Sec'lo doirado de Maria?
Venturoso Governo
Um só defeito tens, não ser eterno.

Ditosas Nações unidas
 Nas Pessoas Reais de seus Infantes,
 Infantas transmitidas
 Entre gosto, e pesar dos Pais amantes,
 Já viu do mundo a idade
 Com maior, ou com tanta utilidade?

Nunca o valor invi'to
 Dos Atletas da bélica fereza,
 Acabado o conflito,
 Tantos bens alcançou de sua empresa,
 Como em seu gabinete:
 Os que a dois Reinos Portugal promete.

Somente as armas fortes
 Não conseguem Vitórias gloriosas;
 Porque nas Sábias Cortes
 Constantes ficam sendo, e mais honrosas,
 Se em amorosos laços
 Ligados ficam os valentes Braços.

Ó Real Heroína,
 Esperança não há d'haver segunda,
 A quem a mão Divina
 O Reino entregue, que em seu nome funda:
 É máxima assentada:
 Só sendo duas, foras imitada.

Esta paz amorosa,
 Que com Espanha tens constituído;
 Será tão respeitosa,
 Que de Marte cruel embravecido
 A espada cortadora
 Mais golpes não dará; bem como agora.

Se tão heróico excesso
 Obrou por nós a nossa Soberana,
 Que do mundo o progresso
 Não viu igual na Gente Lusitana:
 Dize-me ó Musa minha,
 Que mais há de fazer uma Rainha?

Frei Francisco de Santa Eulália.

Alegre Portugal, bronzes prepara

SONETO 1.º

Este Casto Himeneu, que forma o dia
 Mais formoso, e feliz da Lusa Gente,
 Obra foi da Rainha providente,
 Que sabe, o que convém à Monarquia.

Corre o povo em transportes d'alegria
 Por uma, e outra parte, assás contente;
 Porque feito mais justo, ou mais prudente,
 Augusto, ou Tito em Roma não faria.

Cante pois esta ação de tanta glória
 A Musa em metro doce, em vozes clara;
 Soem seus ecos na futura história.

E tu, a quem Augusta mão ampara,
 Se queres transmitir sua memória,
 Alegre Portugal, bronzes prepara.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 2.º

Não temais, Cidadãos confederados,
 Que sobre a duração desta aliança
 Do tempo predomine a vil mudança,
 Que de novo inquiete os dois Estados.

O Turco, o Mouro, Scita, e Aliados
 Temam o ferro duro, a aguda lança
 Duma, e d'outra Nação, cuja vingança
 Fugir não puderam os conjurados.

Tão formidáveis vejo os dois Augustos,
 Que Jove, armada tendo a mão preclara,
 Mais assombros não causa, nem mais susto.

Pois em mútua deefsa nova, e rara,
 Fundindo Espanha está canhões robusto.
 Alegre Portugal bronzes prepara.

Frei Antônio das Neves.

SONETO 3.º

Soberana Rainha, em doce brado
 Se ouvirá vosso nome eternamente;
 Pois sabeis governar tão retamente,
 Que ao mundo inteiro tendes admirado.

Que desvalido a Vós chega humilhado
 Corrido da fortuna, ou descontente,
 Que não seja por vossa Mão potente
 Dos males, que padece, libertado?

Esta virtude unida a tanta glória,
 Quando algu'a das outras vos faltara,
 Ela só dera assunto a longa história.

E para que não possa a mão avara
 Dos tempos apagar esta memória,
 Alegre Portugal, bronzes prepara.

Frei Inácio de Santa Rosália.

SONETO 4.º

Soberana Rainha, Alta Princesa,
 Dos casados Infantes Tronco Augusto,
 De quem não poderá o tempo adusto
 Prostrar os obeliscos da grandeza:

Por Vós a Monarquia Portuguesa
 Posta à Sombra d'um Trono tão robusto
 Sente as doçuras d'um Governo justo,
 Logra os mimos da paz, goza a riqueza.

No futuro imortal pregão da história,
 Que na série dos Reis se vos depara,
 Vosso Nome há de ter distinta glória.

E vossa fama sendo a mais preclara,
 P'ra que dela nos fique uma memória,
 Alegre Portugal, bronzes prepara.

Frei Inácio das Mercês Malta.

No Leito Conjugal a paz se encerra

SONETO 1.º

Cesse já d'uma vez, cesse a memória
 Dos estrondosos fatos militares:
 Basta de ver ensanguentados mares
 Pintados no papel da Lusa História.

D'antigas guerras fama tão notória
 Não voe mais nas asas dos pesares,
 Nem se veja, qual foi, ferindo os ares,
 A forte espada, que alcançou vitória.

No mais fundo dos Letes sepultada
 Fique toda a notícia, que na terra
 Espalhou o terror de grossa armada.

Nada mais, Portugal, nada de guerra:
 A Família Real está casada:
 No Leito Conjugal a paz se encerra.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 2.º

Vi no Templo da Fama debuxado
 Um Leito Conjugal; mas não sabia,
 O que tinha a ligeira fantasia
 Naquele escuro emblema figurado.

Cheio d'indústria, e mais acautelado
 Começo a contemplar, o que então via,
 E à medida, que o empenho mais crescia,
 Mas em vão se tornava o meu cuidado.

Já consternado estava, impaciente,
 E entre os duros combates desta guerra
 Minha alma desmaiava descontente:

Mas a Deusa, que atroa a toda terra,
 Exclamou em voz alta, e tom valente:
 No Leito Conjugal a paz se encerra.

Frei Francisco de São Carlos.

Como é feliz o Reino de Maria

SONETO 1.º

Não é mais feia a espantosa fera,
 Que as temidas ovelhas despedaça,
 Que a Monarquia, quando por desgraça
 Em ódio dos Vassallos degenera.

Mas, que bela pintura, quando impera
 Sobre os povos fiéis amor, e graça!
 Imagem é do Céu, que à terra passa,
 Mais brilhante, que a mais brilhante esfera.

Gentil imagem, sobre nós desceste:
 Contigo veio o tempo da alegria
 Trazido nas asas, que no ar moveste.

Oh! mil vezes ditosa Monarquia!
 Repara, Portugal, que o mereceste,
 Como é feliz o Reino de Maria.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 2.º

Trabalhe o Camponês com esperança
 De recolher os frutos descansado,
 Aumente o mercador o seu estado
 Sem recear dos tempos a mudança.

Navegante sulque, quanto alcança
 D'um pólo a outro pólo o mar salgado:
 Que tempo tão feliz! que do doirado
 Século representa a semelhança!

Tal é, ó Portugal, o que alcançaste
 Naquele desejado, e fausto dia,
 Que os Régios Desposórios celebraste.

E se este é todo o bem da Monarquia,
 E tu nesta aliança o confirmaste,
 Como é feliz o Reino de Maria!

Frei Francisco da Candelária.

SONETO 3.º

Eu vejo em paz romper o mar profundo
 Soberbas quilhas d'oiro carregadas,
 Vejo as Loiras searas encurvadas,
 Do agreste Lavrador prêmio jucundo.

Vejo a paz divulgar-se pelo mundo
 Das duas Monarquias dilatadas,
 Vejo as bélicas armas encostadas,
 Com manso ascto Marte furibundo.

Ulisséia mil vivas cante ufana,
 Que ela só tanta sorte concilia
 Porque indústria da Nossa Soberana.

Fazei, ó Céus, perpétua esta alegria,
 Seja assim sempre a Corte Lusitana,
 Como é feliz o Reino de Maria!

Frei Antônio das Neves.

SONETO 4.º

As Napéias, e Dríades formosas
 Congregadas no prado estão cantando,
 E os Capripedos Sátiros saltando
 Formam nos bosques danças graciosas.

O mesmo lá nas margens arenosas
 As Nereides salgadas imitando,
 Os duros corações iam roubando,
 Dos que sulcam as águas procelosas.

O tripúdio era belo, e sem segundo;
 E se acaso não mente a fantasia,
 Cantavam esta letra em tom jucundo:

Ó ditoso Consórcio! Ó Feliz Dia!
 Tu podes publicar por todo mundo:
 Como é feliz o Reino de Maria!

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 5.º

Em um vale sombrio, e deleitoso
 Um rústico Pastor cantando estava
 Com voz tão grata, e doce, que tornava
 Alegre o coração mais pesaroso:

Sentei-me ao pé d'um tronco o mais frondoso,
 Donde a meu gosto as vozes escutava;
 Graças ao Rei dos Reis, assim cantava,
 Que a nós seus olhos volve piedoso!

Gozamos da feliz tranquilidade;
 Reina a paz; não se teme a tirania;
 Não chora, e geme a mísera orfandade;

Tudo respira só doce alegria:
 Bem podemos cantar, e com verdade,
 Como é feliz o Reino de Maria!

Frei Inácio de Santa Rosália.

SONETO 6.º

Cessem d'Augusto, Sila, e de Trajano,
 Os soberbos triunfos, que alcançaram,
 E as grandes vitórias, que cantaram
 Mário forte, Pompeu, o Africano:

Calem-se já do Grego, e do Troiano,
 Os empolados mares, que sulcaram,
 E quantos feitos com valor obraram
 O Peno armipotente, o grão Tebano.

Esses mesmos Heróis tão gloriosos
 Nossa glória se vissem neste dia,
 Dela mesma ficavam invejosos;

Qualquer deles com pasmo assim diria:
 Ah! que tempos são estes venturosos!
 Como é feliz o Reino de Maria!

Frei Inácio das Mercês Malta.

A Espanha goza, Portugal suspira

SONETO 1.º

Se o destino fatal d'uma aliança
 É causa, que de nós um Bem se ausente,
 A saudade contudo o faz presente,
 Se bem, que os olhos percam a esperança.

Mas que importa, que a dor desta mudança
 Somente os tristes olhos atormente,
 Se essa mesma saudade mais ardente
 Maltrata o pensamento na lembrança?

Embora fique a Infanta na vontade,
 Que a alma não sossega, nem respira,
 Se longe de si tem essa Deidade:

Assim quando p'ra Espanha se retira,
 Como sempre entre nós fica a saudade,
 Espanha goza, Portugal suspira.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 2.º

Só por ti, ó Justiça providente,
 Esta troca Real Eu executo;
 Porque submissa tuas leis escuto,
 Que me mandam cuidar da Lusa Gente.

De mim se aparta a Filha obediente
 Régias galas trajando, em vez de luto,
 O coração desfeito, o rosto enxuto,
 E na verdade triste ao ver contente.

Palpita o meu também dentro do peito,
A alma quase submersa não respira;
Que estado! que destroço! duro efeito!

Mas oh! que o Trono cede, e não delira,
Conhecendo, que só por teu respeito
Espanha goza, Portugal suspira.

Frei Raimundo Penafort da Anunciação.

SONETO 3.º

É a Pátria sentida, Ilustre Infanta,
É a Pátria, que chora; e certamente
Que a não pode livrar da dor, que sente,
A doce Musa, que em teu nome canta.

Oh! se da espada, que no mundo espanta,
Dos fortes Lusitanos, nobre Gente,
O remédio pudesse estar pendente
De tanta mágoa, de saudade tanta!

Mas que louco desejo! existe a pena;
Pois a lei, que da Pátria Te retira,
Dá posse a Espanha, a Portugal condena.

Saudosa uma Nação, outra respira,
E cumprindo-se, quanto o Céu ordena
Espanha goza, Portugal suspira.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

Entregou-nos a Espanha a melhor prenda

SONETO 1.º

Pintados vejo em quadros fabulosos
Ricos pomos na Espéria produzidos,
Por cujo amor Altanta viu cumpridos
Sobre si vaticínios lastimosos.

D'Alcides ouço os golpes estrondosos
Sobre negros cascões endurecidos
Do Dragão, por quem eram defendidos
Os doces pomos d'alcançar custosos.

Mas vendo agora os quadros da verdade,
Dos Régios frutos vejo aberta a Tenda
O'rcidos por Mão da Majestade.

Oh! como já sem luta, e sem contenda,
 Dissipada a ficção d'antiguidade,
 Entregou-nos Espanha a melhor prenda!

SONETO 2.º

Os Filhos d'um Monarca são penhores,
 Que trazem esperança à Monarquia:
 Com eles nasce a paz, vem a alegria,
 A firmeza do Reino, e mil favores.

Apartam-se os receios, e temores,
 De que, faltando Régia Varonia,
 Intente disputar-lhe a Primazia
 Estranha descendência, outros Senhores.

Dos Vassallos enfim a glória é tanta,
 Como depois da noite obscura, horrenda,
 A rutilante aurora ao mundo encanta.

Se pois isto é verdade sem contenda,
 Quando Espanha entregou-nos sua Infanta,
 Entregou-nos Espanha a melhor prenda.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 3.º

Alegre Portugal vejo cantando,
 De loiro vencedor cingindo a frente,
 Finas galas trajando a Lusa gente,
 Que devera por certo estar chorando.

Não sabes, Portugal, que suspirando
 Tua Infanta se foi, e vive ausente?
 Como pois entretido alegremente
 Tanto gosto te vejo hoje mostrando?

Portugal me responde: és enganada:
 O teu erro conhece, ó Musa, emenda;
 Nos meus gostos serás mais empenhada:

Meu prazer condenar ninguém pretenda,
 Se de nós se apartou a Lusa amada,
 Entregou-nos Espanha a melhor prenda.

Frei Inácio das Mercês Malta.

OITAVA

Espanha, e Portugal estão unidos
 Esses bélicos Reinos venturosos,
 Que n'outro tempo estando divididos,
 Pela paz suspiravam desejosos,
 Agora d'alegria possuídos
 Se abraçam mutuamente afetuosos;
 E para que esta paz firme se entenda,
 Entregou-nos Espanha a melhor prenda.

Frei Francisco de Santa Eulália.

Traz em dote uma folha d'Oliveira

SONETO 1.º

Entre os bens, que da etérea formosura
 Derrama o Grão Tonante sobre a terra,
 Nenhum dentro de si frutos encerra,
 Como os frutos, que a paz nos assegura.

À vista desta luz brilhante, pura,
 A sombra de Mavorte se desterra,
 E dizem, que a Oliveira em dura guerra
 É imagem fiel desta ventura.

Se pois foi essa folha celebrada
 Por sinal d'amizade e paz inteira;
 E esta é mais, que o oiro apreciada;

Tem Carlota a riqueza verdadeira,
 Se quando passa a Lísia desposada,
 Traz em dote uma folha d'Oliveira.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 2.º

Da terra iníqua a inundação pasmosa,
 Que a soberba dos montes sepultara,
 Por Decreto do Deus Supremo pára,
 Depois d'extinta a gente criminosa.

Sai a pomba veloz, e cuidadosa,
 E da frondente oliva, que encontrara,
 Traz um verde raminho, em que declara
Feliz anúncio à prole venturosa:

Carlota, se não mente a fantasia,
É dessa pomba a cópia verdadeira
Vindo a casar na Lusa Monarquia;

Pois bem como essa alada mensageira,
Para indício de paz, e d'alegria,
Traz em dote uma folha d'Oliveira.

Frei Inácio das Mercês Malta.

SONETO 3.º

Qual Apolo em seu Carro impetuoso
As esferas celestes circulando
Vai as nuvens obscuras dissipando,
Fazendo o dia claro, e luminoso;

Assim do Céu sereno um Majestoso
Astro sublime à terra vem baixando
E ao Reino, a que vai se encaminhando,
Confere paz, e o torna venturoso.

Ditosa geração, ditosa gente,
Sobre quem se derrama a luz inteira
Deste novo Planeta Refulgente!

Oh! que dita! é Carlota essa Estrangeira,
Que em sinal d'amizade permanente
Traz em dote uma folha d'Oliveira.

Frei Inácio de Santa Rosália.

SONETO 4.º

Casou em Portugal a Bela Infanta
Nas Espanhas deixando o Pátrio assento,
De letras, e virtude este Portento
Transportado a Lisboa o mundo encanta.

De Belona o furor já se quebranta,
Não se teme de Marte o movimento,
Pois está conseguindo o doce intento,
Que com glória imortal a Lísia canta.

Essa, que vês entrar com tantas loiros,
É de firme união a Pregoeira,
Que o Bom Deus nos quis dar dos seus tesoiros.

Como liga d'amor, paz verdadeira,
 Para herança dos seus Reais Vindouros
 Traz em dote uma folha d'Oliveira.

Frei Antônio das Neves.

Em a boca o Leão tinha este favo

SONETO

Na boca d'um Leão, que já vencido,
 E morto a braço tinha em luta feia
 O forte Alcides da Nação Hebréia,
 Encontra um doce favo construído.

Oh! quanto mais pasmoso houvera sido
 Este caso da insólita colméia,
 Se ele achasse de puro favo cheia
 A boca d'um Leão sem ter morrido!

Achou o Luso Infante na Ditosa
 Esposa, que lhe deu o vivo, e bravo
 Leão da rica Espanha generosa;

Pois sem dar a ninguém razão d'agravo,
 Só a fim de lhe dar tão doce Esposa
 Em a boca o Leão tinha este Favo.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

Vindouras gerações verão os frutos

SONETO 1.º

Alegre voa a Fama, e publicando
 As Régias Bodas pelo mundo inteiro,
 Sobre as asas do Zéfiro ligeiro
 De Himeneu os triunfos vai cantando:

Pomona, que a essa hora passeando
 Andava à sombra d'um florido oiteiro,
 Uma árvore plantou junto a um ribeiro,
 E deste modo a foi abençoando:

Cresce planta feliz, e sobre os ventos
 Ergue os teus verdes ramos incorrutos:
 Tu és a imagem destes Casamentos:

Altos Cedros, rendei-lhe aqui tributos:
 Que algum dia, logrados meus intentos,
 Vindouras gerações verão os frutos.

SONETO 2.º

A Lira, que saudosa dor tangia
 Nos Lusos corações por Mariana,
 Chorosa pela Infanta Castelhana
 Nos peitos Espanhóis correspondia.

Mas agora em suave melodia
 Mil vivas sem cessar repete ufana,
 Vinculada a Linhagem Soberana
 Da Ibera, e Portuguesa Monarquia:

Com eterno prazer, firme aliança,
 Nestes laços d'amor nunca polutos
 De mil futuros bens cresce a esperança.

Brilhe a flor desses troncos incorrutos,
 Onde bem sazoados, sem tardança,
 Vindoiras gerações verão os frutos.

Frei Antônio das Neves.

SONETO 3.º

Do primeiro José, de Mariana
 Renova Portugal o fausto dia;
 E de Fernando Sexto, e de Maria
 Faz memória a Gente Castelhana.

Então se viu na Corte Lusitana
 Aquela flor da Ibera Monarquia,
 E lá foi ser objeto da alegria
 Est'outra flor da Lísia Soberana.

Hoje também as duas primorosas
 Infantas de bem raros atributos
 De João, e Gabriel vão ser Esposas:

Nós mortais temos dias diminutos;
 Mas destas Sacras Bodas venturosas
 Vindouras gerações verão os frutos.

Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar.

De dois troncos os ramos se enlaçaram

SONETO 1.º

Uma nuvem formosa em minha idéia
 A Musa, que me assiste, está pintando:
 Por mais que esteja o Sol raios vibrando,
 Um só grão de calor se não alteia.

A sombra dela vejo a seca areia
 Frescos ares da praia respirando;
 Imensos Povos vejo descansando
 Já na Corte, ou Cidade, já na Aldeia.

As Campinas, que estavam sem verdura,
 Como alegres de novo se tornaram!
 Como é grata do prado a formosura!

Porém estes objetos me enganaram:
 Não foi nuvem, nem foi outra pintura:
 De dois troncos os ramos se enlaçaram.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

EPIGRAMA

No florido jardim da Lísia bela
 Um nobre, e verde loiro se criava,
 Uma oliva também no de Castela
 Os seus mimosos ramos levantava:
 Guardada de Leões estava aquela,
 O Loiro por si mesmo se guardava:
 Mas, quando em grande altura se avistaram,
 Dos dois troncos os ramos se enlaçaram.

Frei Francisco da Candelária.

Leão em Portugal, Quinas na Espanha

SONETO 1.º

Já nos tempos passados houve dia,
 Em que d'ambos os Reinos se trocaram
 As armas, que os Monarcas destinaram
 Para nobre brasão da Monarquia.

A Fernando levou outra Maria
 As Quinas, que os seus Povos tanto honrara
 Quando o forte Leão, que os seus armaram,
 Mariana a José também trazia.

Se quem destas Princesas todo o exemplo
 As Infantas, que vão à terra estranha
 Pátrias armas gravar em novo templo:

E a Glória, que outro tempo viu tamanha,
 Vejo agora tornar, porque contemplo
 Leão em Portugal, Quinas na Espanha.

Frel Joaquim das Santas Virgens Salazar.

SONETO 2.º

Venturosa Concórdia, tu nos trazes
 O sossego geral das Monarquias,
 Repartindo constantes alegrias
 D'amorosa união, de firmes pazes.

Refreiam-se por ti línguas mordazes;
 Desterram-se de nós as vãs porfias;
 Tornam-se as noites nos mais claros dias;
 A dois Reinos enfim ditosos fazes.

Foge desta Concórdia, ó negra inveja,
 Ou se por ela o teu furor se assanha,
 Temer podes então, que em teu mal seja.

Porque tanto por mar, como em campanha,
 Para tudo vencer, basta que esteja
 Leão em Portugal, Quinas na Espanha.

Frei Francisco de Santa Eulália.

SONETO 3.º

Que belicoso esforço, ou valentia,
 Que poder tão altivo, e arrogante,
 Ostentar poderá valor constante
 Contra a Lusa, e Ibera Monarquia!

Desfaça essa louca fantasia;
 Recolha Marte o ferro fulminante;
 E o espírito mais beligerante
 Se revista de frouxa cobardia.

Um, e outro Reino em paz confederados
 Reconcentram em si força tamanha,
 Qual não foi a dos Gregos celebrados:

Pois além do valor, que os acompanha,
 Reforçam o poder dos dois Estados
 Leão em Portugal, Quinas na Espanha.

Frei Inácio de Santa Rosália.

SONETO 4.º

Invictos Portugueses, Gente forte,
 Que da fama ocupais o doce brado,
 E sobre cujo nome eternizado
 Perdem todo o direito as leis da morte;

Nas aulas de Minerva, e de Mavorte
 Encheis de tanta glória o Luso Estado,
 Que um só povo não há tão sublimado,
 A quem não cause inveja a vossa sorte:

Beijai, que é tempo, a Mão, que destramente
 Regendo a Capital, que o Tejo banha,
 Motivo busca, que esta glória aumente:

Interessa a este fim Nação estranha,
 Fazendo, que se ajudem mutuamente
 Leão em Portugal, Quinas na Espanha.

Frei Inácio dos Mercês Malta.

P'ra timbre de Borbom, e de Bragança

SONETO 1.º

O amor, o respeito, a lealdade
 Soberbos monumentos consagraram
 Aos Augustos Monarcas, que fundaram
 Os seus Tronos na paz, e na bondade:

Espanha, França, Lísia na verdade
 Seus Reis eternizar assim julgaram:
 Mas todos os padrões, que levantaram,
 Durar não puderam por toda a idade.

Dos pófidos fiar, do metal puro,
 À memória Feliz desta aliança,
 É deixá-la ao rigor do tempo duro:

Nos Vassalos fiéis basta a lembrança,
 Indelével padrão o mais seguro
 P'ra timbre de Borbom, e de Bragança.

Frei Raimundo Penafort da Anunciação.

SONETO 2.º

O sempre Augusta Prole de Maria,
 Mil bênçãos sobre Ti são derramadas;
 Esperanças tem já, e bem fundadas,
 Em ti a Lusitana Monarquia.

Tu é penhor da paz, e da alegria,
 Pois as duas Coroas enlaçadas,
 E pelo Rei dos Reis abençoadas
 P'érpeta formaram doce harmonia.

O Povo Lusitano está contente
 Na posse de tão firme segurança,
 Dádiva singular do Céu clemente.

Castela, Portugal nesta aliança
 Um brasão nos Escudos acrescente
 P'ra timbre de Borbom, e de Bragança.

Frei Bernardo de São Gonçalo.

SONETO 3.º

No Palácio, que os Deuses fabricaram
 Lá no Reino feliz do etéreo assento,
 Servindo estão d'esplêndido ornamento
 As armas, que os Reis para si formara.

Vendo os enigmas, que os Padrões declaram,
 De Citérea o filho fraudulento,
 Sobre todos em arte, e luzimento
 Só a Serpe, e o Leão mais lhe agradaram.

Nas mãos os toma, beija, e tão flamante
 Raio aceso d'amor na armas lança,
 Que uma à outra e uniu no mesmo instante.

Ao peito as põe, e vai, de Jove alcança,
 Que este Escudo mais alto se levante
 P'ra timbre de Borbom, e de Bragança.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

Uma, e outra Nação se felicita

OITAVA

No Tejo áureo, e lá no Ibero frio
 Duas jóias de preço se criaram;
 Deu Lustre aquela ao Luso Senhorio,
 Com esta o Espanhóis muito se honraram.
 Trocam elas enfim o Pátrio Rio,
 Seu valor na mudança acrescentaram:
 Deste modo outra vez com melhor dita
 Uma, e outra Nação se felicita.

O mesmo.

[Frei Antonio de Santa Úrsula Rodovalho].

ODE

Eu não decanto Heróis ensanguentados
Nos Marciais furores,
Nem aqueles, que no Orbe celebrados
Pelo nome imortal de seus Maiores
Não buscam ser melhores,
E sem mais honra, que essa herdada glória
Querem encher Capítulos na História.
Também longe de mim, os que elementos
Insultam, desses ares
Trazendo Cedros, pinhos corpulentos,
Para o seio rasgar dos frios mares:
Oh! Musa, que pesares,
Se à vista dos objetos, que hoje tenho,
Louvar fantasmas fosse o teu empenho!
A tocha nupcial, Castos amores,
Entoa em doce Canto:
Da nossa glória são fiéis penhores,
Que o Céu nos concedeu benigno, e Santo:
Contigo a voz levanto;
Pois que tão grande, e exuberante gosto
Encheu-me o coração, banhou-me o rosto.
Nos santos Laços de Himeneu ditosos
A Prole Soberana!
Como são nossos dias venturosos!
Que mais queres, ó Gente Lusitana?
Podes viver ufana,
Na posse da maior felicidade,
Qual nunca teve de Saturno a idade.
Intrépido apareça o teu semblante,
Que por própria defesa
Inda cheio d'horror, sempre arrogante
Ostentaste na mais guerreira empresa:
De todo o susto ilesa
Não tornarás a ver a pátria terra
Lavada em sangue, envolta em fumo, e guerra.
A paz doirada, a mansidão serena,
Co'aspecto majestoso
A maligna discórdia já condena;
Eis o tempo feliz, Sec'lo ditoso:
Foge Marte raivosos;
E debalde Vulcano nas fornalhas
Fundindo está canhões, forjando malhas.

Ah! povos, que sofreis da dura guerra
 Fatais calamidades!
 Não tendes visto destruída a terra,
 Verdes Campinas, Vilas, e Cidades.
 Recorrei às idades,
 E vereis reduzidas a deserto
 Por aqueles, que estão dos Deuses perto.
 Dos caudalosos Rios, quantas vezes
 Vistes nos próprios Vales
 Plantadas lanças, bélicos arnezes;
 Perniciosos males sobre males:
 E tu, Ceres, não cales,
 Que te fez em lugar de loiro trigo
 Brotar frutos de ferro o inimigo.
 Graças aos Céus: chegou aquele dia,
 Em que a pomba o virente
 Ramo nos trouxe, imagem da alegria,
 Anunciando paz a toda a gente:
 Ó Lísia está contente:
 A paz, a santa paz, que é do Céu filha,
 A teus pés reverente hoje se humilha.
 De doces Cantos com prazer imenso
 Enche serenos ares,
 E espessas nuvens de devoto incenso
 Levantar faze sobre os teus altares:
 Dá cultos singulares;
 Pois convém, que em ventura tão notória
 Usos menos comuns invente a glória.
 Alegrai-vos, ditosos Portugueses,
 E tu, Feliz Espanha;
 São dádivas, que o Céu dá poucas vezes:
 Este grande prazer, glória tamanha,
 A todos acompanha;
 E sendo deste modo igual a dita,
 Uma, e outra Nação se felicita.

Frei Inácio de Santa Rosália.

A Serpe, e o Leão recompensados

SONETO

Contínuas queixas vão ao Céu subindo
 Dos tristes Deuses Lares, que saudosos
 Espalham vozes, ecos lastimosos,
 Os Nomes das Infantas repetindo.

Sobre a pena fatal, que andam sentindo,
 Dos Deuses Nupciais estão queixosos;
 Que estas Bodas fizeram aleivosos
 Para os irem de mágoa consumindo.

Não quis Jove mostrar, que os atendia;
 Até que de chorar enfastiados
 Que remédio vão ver seu mal teria.

Eles mesmos se deram por culpados;
 Pois de queixa razão nenhuma havia,
 A Serpe, e o Leão recompensados.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

OITAVA

Porque te queixas, Lísia, tão saudosa?
 Se Espanha te levou uma Deidade,
 Não te deu também ela a flor mimosa,
 Que pode reparar-te essa saudade?
 Não deves pois mostrar-te assim queixosa,
 Se a perda ressarcir com igualdade:
 Pois que ficam os danos reparados,
 A Serpe, e o Leão recompensados.

Frei Francisco de São Carlos.

A Ordem Franciscana assim festeja

SONETO 1.º

Tudo cede do tempo ao fero corte,
 Soberbos torreões, altivo muro,
 Os mármore de Paro, o bronze duro,
 E esse mesmo metal do melhor porte.

Só não vive sujeito a esta sorte
 O brando verso, que incorrupto, e puro,
 Ao través das idades vai seguro,
 Sem temer desse monstro o golpe forte.

Logo neste padrão o mais constante,
 Que do tempo não cede a negra inveja,
 Será justo exaltar-se o toro amante.

Já se vê, qual o nosso intento seja,
 Quando em verso, inda que pouco elegante
 A Ordem Franciscana assim festeja.

O mesmo

[Frei Francisco de São Carlos]

SONETO 2.º

Não pode bem mostrar contentamento
 Quem às tristezas vive consagrado,
 Nem aquele, que sempre está ligado
 Da pobreza ao grilhão mais violento.

Esta impede d'ações o nobre intento,
 O gosto aquelas fazem sufocado:
 E por isso não pode o nosso estado
 Nem prazer ostentar, nem luzimento.

Porém pode, se a causa o persuade,
 Fazer qualquer de nós, como deseja;
 Cantar a Musa em toda a liberdade.

Pois cante a Musa, e quando mais não seja
 Mostraremos, que a impulsos da vontade
 A Ordem Franciscana assim festeja.

Frei Inácio de Santa Rosália.

SONETO 3.º

D'um Vassalo o dever é tão austero,
 Que dentro d'alma foi por Deus gravado:
 Guardar-se deve sempre inviolado
 Ou o Rei seja um Tito, ou seja um Nero.

Quer sábio seja, quer Soldado fero;
 Sendo Vassalo, é vítima do Estado;
 Homem não há, que esteja dispensado
 De render a seu Rei amor sincero.

Mas se tal é a fé, que inflama o peito
 D'um Vassalo fiel qualquer que seja,
 Qual deve a nossa ser, qual o respeito?

Fale ao menos a Musa, o mundo veja,
 Que da nossa Rainha o nobre feito
 A Ordem Franciscana assim festeja.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

SONETO 4.º

Intenta o bom Vassalo com largueza
 As ações aplaudir da Soberana,
 Pretende o mesmo a prole Franciscana;
 Mas lhe impede este intento alta pobreza.

Rompe o amor os limites da estreiteza,
Ajuda a seu empenho indústria humana;
Porque o pobre jamais se desengana,
Se pertende d'amor mostrar grandeza.

Quer, que a Faixa nupcial esclarecida
Em delicados versos hoje seja
De toda esta Clausura engrandecida;

Por que desta sorte o mundo veja,
Que de tanto dever não esquecida
A Ordem Franciscana assim festeja.

Frei Inácio das Mercês Malta.

As Ninfas do Parnaso na Clausura

SONETO 1.º

A fama dos Heróis, e das batalhas,
Faltando o doce metro, acabaria;
E mudo este pregão, de que servia
Penderem lanças, capacetes, malhas?

São pois os versos ínclitas medalhas,
Em que a glória aos vindouros se anuncia,
Padrões de maior preço, e mais valia,
Do que as lâminas d'oiro, e ricas talhas.

Neste Sacro furor nosso Convento
Cheio d'afeto eternizar procura
Das Régias intenções o complemento.

Já lá desceram da Castália pura,
E estão p'ra desempenho deste intento
As Ninfas do Parnaso na Clausura.

Frei Francisco de São Carlos.

SONETO 2.º

Conceitos, que brilhassem, quais planetas
Na esfera deste assunto sublimado,
Buscaram com fadiga, mas frustrado
Choraram seu trabalho estes Poetas.

O juízo, e potências inquietas;
Cada qual discorrendo por seu lado,
E por fim sempre a todos foi negado
As fronteas laurear menos discretas.

Esta lida no Claustro acontecia;
Quando, a fim d'evitar maior loucura,
Vêm as Musas com pressa à Portaria:

Mas ó pena! o Porteiro as não atura,
Negando, que jamais consentiria
As Ninfas do Parnaso na Clausura.

Frei Dionísio de Santa Pulquéria.

OITAVA

Eis aqui justamente desculpada
Esta humilde, e submissa Academia
De qualquer dissonante palavrada,
Que uma idéia grosseira ditaria;
Pois de tais desconcertos preservada
Certamente se crê, que só seria,
Se fossem recebidas com brandura
As Ninfas do Parnaso na Clausura.

O mesmo

[Frei Dionísio de Santa Pulquéria]

ODE

Influxo Cabalino,
Sacro furor das fronteas laureadas,
Dai-me um estro divino,
Que entoe as Régias Ninfas celebradas
Ao brando som de Venusino pletro :
Se tão sublime preço cabe em metro.

Coroados de flores
O Filho de Lieu já vinculara
Os ditosos penhores,
Com que o Céu aos dois Reinos sublimara:
E aos Consortes a música Deidade
Vaticina feliz posteridade.

Oh! que motivo estranho
Agora me transporta o pensamento!

Donde prazer tamanho?
D'onde é, que nasce tal contentamento?
Que repentino influxo traz-me o gosto,
Que sem caber no peito, banha o rosto?

Fenômeno brilhante
 Rápido vai cortando os altos ares;
 E já do toro amante
 Ao bom anúncio fogem os pesares;
 Imagem é feliz d'alma Alegria
 Mais formosa, que o mais formoso dia.

Alvoraçado o mundo
 Vejo ao claro fulgor, que aparecia,
 Do Planeta jucundo:
 E reina entre os mortais mais alegria,
 Que quando cobre o mar, e a terra d'oiro
 O Nume Patareo, esse Deus loiro.

O aurífero Tejo
 Levanta as mãos aos Céus, dando louvores,
 E com brando cortejo
 Adora reverente seus Senhores
 Lísia, Lísia feliz, quanto és bendita!
 Que de tão perto logras tanta dita!

As formosas Napéias,
 E os agrestes Cornígeros Silvanos,
 Essas Deidades feias
 Do verde Senhorio Soberanos,
 Tecendo estão tripúdios intrincados
 A impulsos da Alegria transportados.

Pelos Vales sombrios
 Girando vão as Cristalinas fontes;
 Das aves desafios
 Soam nos bosques, e nos frescos montes:
 Esmaltam as florestas, e as Campinas,
 Doirados pomos, e gentis boninas.

O Brasil opulento
 Sempre nos Régios gostos empenhado
 Com fiel rendimento
 Apresentar-se vem todo humilhado:
 E abrindo as ricas arcas do tesoiro,
 Aos pés dos Noivos lança areias d'oiro.

Oferece contente
 A azul safira, o rígido diamante,
 E a massa transparente,
 A quem Déléfica chama faz brilhante:
 E sobretudo jura a lealdade,
 Tesoiro de maior preciosidade.

O Ganges matutino
A encanecida barba penteando
D'enfeite adamantino
Orna o rogado vulto venerando,
E descobre nas conchas prateadas
As lágrimas Titônias congeladas.

Já da máquina ingente,
Espantoso animal da natureza,
Não falta o níveo dente,
Arma ferina da maior grandeza:
O cândido marfim, que tanto custa,
É o teu desempenho, África adusta.

Em favor dos Consortes
Volúpia sobre a terra derramara
Estes doces transportes,
Com que as Lusas Conquistas alegrara:
Volta à Lísia, e sobre ela descansando
Estes faustos preságios foi cantando:

Vive sempre seguro,
Venturoso Consórcio abençoado,
Firmeza do futuro,
Consolação mais doce do passado.
Os vindouros verão um Régio Peito
De Troncos tão Heróicos doce efeito.

Verão soberbas quilhas
Girando, a seu império, todo o mundo,
Demandar novas Ilhas:
E nas Costas desse Austro furibundo
Domarão as inóspitas areias,
Incógnitas Nações, terras alheias.

Descobrirão constantes
D'outros ocultos campos Hiperbóreos
As praias crepitantes,
Estranhas Sirtes, novos Promontórios:
Voando a Régia Serpe Lusitana,
Té onde não voara Águia Romana.

Senhoras já dos mares,
Depois de mil vitórias, e proezas,
Ondearão nos ares
As Sacrossantas Quinas Portuguesas:
E nos Cantos da terra encasteladas
Hão de ser pelas gentes adoradas.

Então Ilhas remotas
 Humildes mandarão, e reverentes,
 As numerosas frotas
 Carregadas das jóias mais luzentes:
 Pagando altos tributos pelos anos
 Ao Grande Imperador dos Lusitanos.

E tu, ó Tejo undoso,
 Recolherás as drogas estimadas,
 Que o Indo precioso
 D'Ormus, e de Málaca retomadas
 Mandará: confessando deste Rio
 O antigo poder, e Senhorio.

Mas sendo o Luso Império
 Na largueza, e extensão tão espaçoso,
 Que um, e outro Hemisfério
 Abrangerá feliz, e poderoso;
 Será inda maior nos corações
 O afeto, e a lealdade das Nações.

Pois gentes tão distantes,
 Nas artes, nos costumes, e nas vidas,
 As mais dessemelhantes,
 Viverão em amor, e paz unidas:
 Rendendo ao Luso Rei sábio, e discreto
 Povos tão desiguais igual afeto.

Volúpia assim dizia:
 E já movendo o Carro majestoso,
 Que ufano a conduzia,
 Deixa o povo de Lísia mui saudoso:
 Subindo foi ao alto Firmamento,
 Onde tem estelífero eterno assento.

Frei Francisco de São Carlos.

MOTE

Mil graças à Soberana,
 Mil vivas por todo o mundo;
 O Governo de Maria
 É primeiro sem segundo.

GLOSA

Glórias mil, paz, e ventura,
 Gosto inteiro, e liberdade,
 Tudo temos nesta idade,
 E teremos na futura.
 Teu obséquio com fé pura,
 Alegre, contente, ufana,
 Vem, ó Gente Lusitana,
 Render à tua Senhora:
 Vem depressa dar agora
 Mil aracas à Soberana.

Tu também, Gente nascida
 Na terra da fina prata,
 Fugindo o nome d'ingrata
 Vem mostrar-te agradecida.
 E se a tanto te convida
 Teu próprio prazer jucundo,
 Tributa já com profundo
 Respeito, a quem te engrandece,
 Vivas mil; que bem merece
 Mil vivas por todo o mundo.

Oh! Vassalos venturosos
 Neste Século doirado,
 Em que o mundo é governado
 Por Monarcas Piedosos!
 De todos são mais ditosos
 Os da Lusa Monarquia:
 Clara como a luz do dia
 Esta verdade aparece,
 Pois mais que todos florece
 O Governo de Maria.

Se da causa pelo efeito
 Se reconhece a nobreza;
 E do Mando a inteireza
 Pelo bem, que fica feito;
 Claro está, que o meu conceito
 Em certos princípios fundo;
 Pois enfim é tão fecundo
 O fruto deste Governo,
 Que por ser no amor Materno
 É Primeiro sem segundo.

Frei Dionísio de Santa Pulquéria.

MOTE

Entre laços amorosos
 Himeneu dois Tronos prende:
 Quer saber o Deus da guerra
 Himeneu o que pertende.

GLOSA

Deu Castela a Portugal
 Uma Infanta ilustre, e bela,
 Recebendo outra por ela
 Em prendas, em dote igual.
 Vai seguindo cada qual
 Seus destinos venturosos,
 Procurando os mais ditosos
 Infantes na perfeição,
 Com quem presas ficarão
 Entre laços amorosos.

Deixa então seu alto assento
 De Lieu o Filho amado,
 Ostentando-se empenhado
 Em cumprir seu nobre intento.
 Voa, como um pensamento,
 Aos dois Impérios atende,
 N'um, e n'outro a tocha acende
 Nupcial nos Régios Peitos,
 E ficando-lhe sujeitos,
 Himeneu dois Tronos prende.

Soa logo na alta Corte
 O que fez esta Deidade,
 Causando assás novidade,
 Que o fizesse desta sorte.
 Perturba-se então Mavorte,
 Na coiraça os dentes ferra,
 E de tudo quanto encerra
 Em si tal procedimento,
 Cheio d'ira, e sentimento
 Quer saber o Deus da guerra.

Mas em vão, ó Deus insano,
 Bravejas, e desesperas,
 Agora que tu deveras
 Ao menos fingir-te humana.

Sabe pois, cruel tirano,
 A quem tanto a paz ofende,
 Que dos dois Reinos não pende
 A concórdia já de ti:
 Que mais queres? Eis aqui
 Himeneu o que pertende.

O mesmo.

[Frei Dionísio de Santa Pulquéria]

MOTE

D'Agenor a Filha amada
 De galas enfeitada o vulto
 E por obséquio agora
 A Jove perdoa o insulto.

GLOSA

Europa, descubro o enredo,
 Tem comigo paciência,
 Este tempo é d'indulgência,
 É tempo só de brinquedo.
 Não te lembra, um dia cedo,
 Que d'um toiro namorada
 Em cima dele montada
 Aportar foste a uma Ilha?
 Pois fez esta maravilha
 D'Agenor a Filha amada.

Mas já não falo contigo,
 Falo em terceira pessoa:
 Esta moça foi tão boa,
 Que livre deste perigo,
 Estraqueira, e sem abrigo,
 Vivendo em lugar oculto
 De Princesa teve culto:
 E por brilhar mais que todas,
 Agora em tempo de Bodas
 De galas enfeitada o vulto.

Foi fineza, que enfeitada,
 Sendo moça, não se viu;
 Nem quando ao Trono subiu,
 Nem quando veio roubada.
 No vestir tão moderada

Sempre foi esta Senhora,
 Que enfeitar-se, nem um'hora,
 Nunca tal dela se disse;
 Só se foi na meninice,
 E por obséquio agora.

Com razão sentiu seu pouco,
 O que Jove lhe tem feito,
 E desd'então com efeito
 Lhe pertende dar o troco.
 Ora Jove foi um louco
 Em tomar d'um boi o vulto,
 E assim por um modo oculto
 Metê-la aos mares, e ventos:
 Mas por estes Casamentos
 A Jove perdoa o insulto.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

MOTE

A Nação toda se empenha
 Na Festa dos Casamentos;
 Que vivam os quatro Infantes,
 Eis aqui seus sentimentos.

GLOSA

Por não violar os foros
 Da grata cortezania
 Hoje a pública alegria
 Entoa cantos sonoros.
 Em render cultos decoros
 Ninguém há, que não convenha,
 Ninguém há, que se detenha
 Em ser disto imitador;
 Em mostrar enfim amor
 A Nação toda se empenha.

Desde o mais alto, e primeiro
 Té qualquer pequeno pobre,
 No gesto alegre descobre
 Seu prazer, e gosto inteiro;
 Inda os que no cativoiro
 Têm tão baixos pensamentos;
 Com mais nobres sentimentos

Apesar querem dos fados
 Ostentar-se interessados
 Na Festa dos Casamentos.

Daqui vem a ser vontade
 De todos nesta Função
 Proceder com união,
 Sem haver variedade.
 Daqui por necessidade
 Procedem votos constantes,
 Sacrifícios incessantes
 Da mais pura Vassalagem,
 Posta em uso esta linguagem:
 Que vivam os quatro Infantes.

Majestades Poderosas,
 Que tão Pias vos mostrais
 No sossego, que buscais
 A vossas Nações ditosas.
 Elas hoje obsequiosas
 Oram por vossos aumentos
 Desejando, que os intentos
 De vossos altos Decretos
 Com glória sejam completos:
 Eis aqui seus sentimentos.

Frei Dionísio de Santa Pulquéria.

MOTE

A mesma Vênus vencida
 Entre a murta a face esconde
 Minerva intenta esconder-se
 Porém não acerta aonde.

GLOSA

Ao passar Beleza rara
 Dos Pátrios fins a Castela,
 Dizem, foi vista daquela
 Deusa, que o Amor gerara.
 Dizem mais, que então ficara
 Triste, absorta, emudecida,
 E que de todo rendida
 A penetrante amargura
 Se viu d'outra Formosura
 A mesma Vênus vencida.

Assim sobe pesarosa
 A Deidade à clara esfera,
 Onde contente a espera
 Toda a Corte obsequiosa:
 Porém ela, que formosa
 Já não é, não corresponde,
 Antes procurando aonde
 Se esconda, levanta então
 O ramo, que tem na mão,
 Entre a murta a face esconde.

A grande sabedoria
 De Carlota em Portugal
 Causou dano em tudo igual
 A Deusa, que os Sábios guia.
 A vergonha, que sentia
 Em seu rosto deixa ver-se,
 E fugindo sem deter-se
 Por ser seu mal descoberto
 Ao mais obscuro deserto
 Minerva intenta esconder-se.

Tonta fica; desespera;
 Pára; e corre vacilante;
 Perde o tino, e anda errante,
 Nem quer ser, quem d'antes era.
 A tudo, quanto pondera,
 Ação triste corresponde,
 Já neste lugar se esconde,
 Já para outro quer fugir,
 De tudo quer sumir;
 Porém não acerta aonde.

O mesmo.

[Frei Dionísio de Santa Pulquéria]

MOTE

Nosso Claustro amor respira

GLOSA

É bem certo, está patente,
 Que a nossa amante Cidade
 Tem rendido à Majestade
 Vassalagem reverente:
 Tem mostrado inteiramente

De modo que ao mundo admira,
 Todo o gosto, que sentira
 Nos Casamentos Reais:
 Imitando exemplos tais
 Nosso Claustro amor respira.

Se acaso alguém reparar,
 Que faça, quem não costuma,
 Tantos versos, não presuma,
 Que nos fomos ocupar
 No Parnaso algum lugar;
 Pois sem Apolo, e sem lira,
 Sem Musa, que o metro inspira,
 Só pretendemos dizer,
 Que banhado de prazer
 Nosso Claustro amor respira.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.

Estes versos desordenados,
 Que por obséquio são feitos,
 Inda cheios de defeitos
 Devem ser apresentados:
 Não importa, que cantados
 Não sejam ao som da lira:
 Circunstância, que não tira,
 Nem põe nada ao nosso caso.
 Não temos melhor Parnaso;
 Nosso Claustro amor respira.

O mesmo.

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

Um Vassalo iluminado,
 Que a seu dever se não nega,
 Tudo, quanto tem, emprega
 Em ser útil ao Estado;
 Mas se acaso o duro fado
 Os meios todos lhe tira,
 Não se enfade, e vá sem ira
 Fazendo, o que nós fazemos
 Pois como nada podemos,
 Nosso Claustro amor respira.

O mesmo

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

MOTE

D'um pobre o prazer é puro

GLOSA

Aceitai, Rainha Augusta,
Os nossos contentamentos
Pelos Régios Casamentos,
Que fizestes Sábia, e Justa.
Aceitar sei eu, que custa,
Um afeto mal seguro;
Porém eu afirmo, e juro,
Pelo que passa em meu peito,
Que longe de ser suspeito,
D'um pobre o prazer é puro.

O mesmo

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

Merece ser atendido
Com agrado especial
Um obséquio, que é leal,
De fino amor procedido.
Porém como conhecido
Há de ser, qual é seguro?
Não pode vir um perjuro
Obsequiar com má fé?
Pode ser; porém quem é?
D'um pobre o prazer é puro.

O mesmo

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

MOTE

Viva a nossa lealdade

GLOSA

É de Vassalo discreto
Louvável ação, e digna,
Que Rainha tão benigna
Lhe mereça todo o afeto:
Por mais que proceda reto,
Não basta; pois na verdade
É morta a fidelidade,

Que não produz outro efeito:
 Não temos este defeito:
 Viva a nossa lealdade.

Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho

MOTE

São Vassalos; foi seu gosto

GLOSA

Que te importa seca inveja,
 Que dos Frades Franciscanos
 Feito aos nossos Soberanos
 Um pequeno obséquio seja?
 Envergonha-te, que veja
 Sábia gente o teu desgosto,
 Porque nada é disto oposto
 Ao Congresso Monacal.
 Mas demos, que obrassem mal,
 São Vassalos, foi seu gosto.

O mesmo

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

MOTE

Apolo entre nós se hospeda

GLOSA

Foi tão estrondoso o brado,
 Que a Fama deu destas Bodas,
 Que Apolo, e as Musas todas
 Viram o Pindo abalado.
 Antes que precipitado
 Desse o monte a horrenda queda,
 Pela mais fácil vereda
 Fugiram salvando as vidas:
 As Musas andam perdidas;
 Apolo entre nós se hospeda.

O mesmo.

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

MOTE

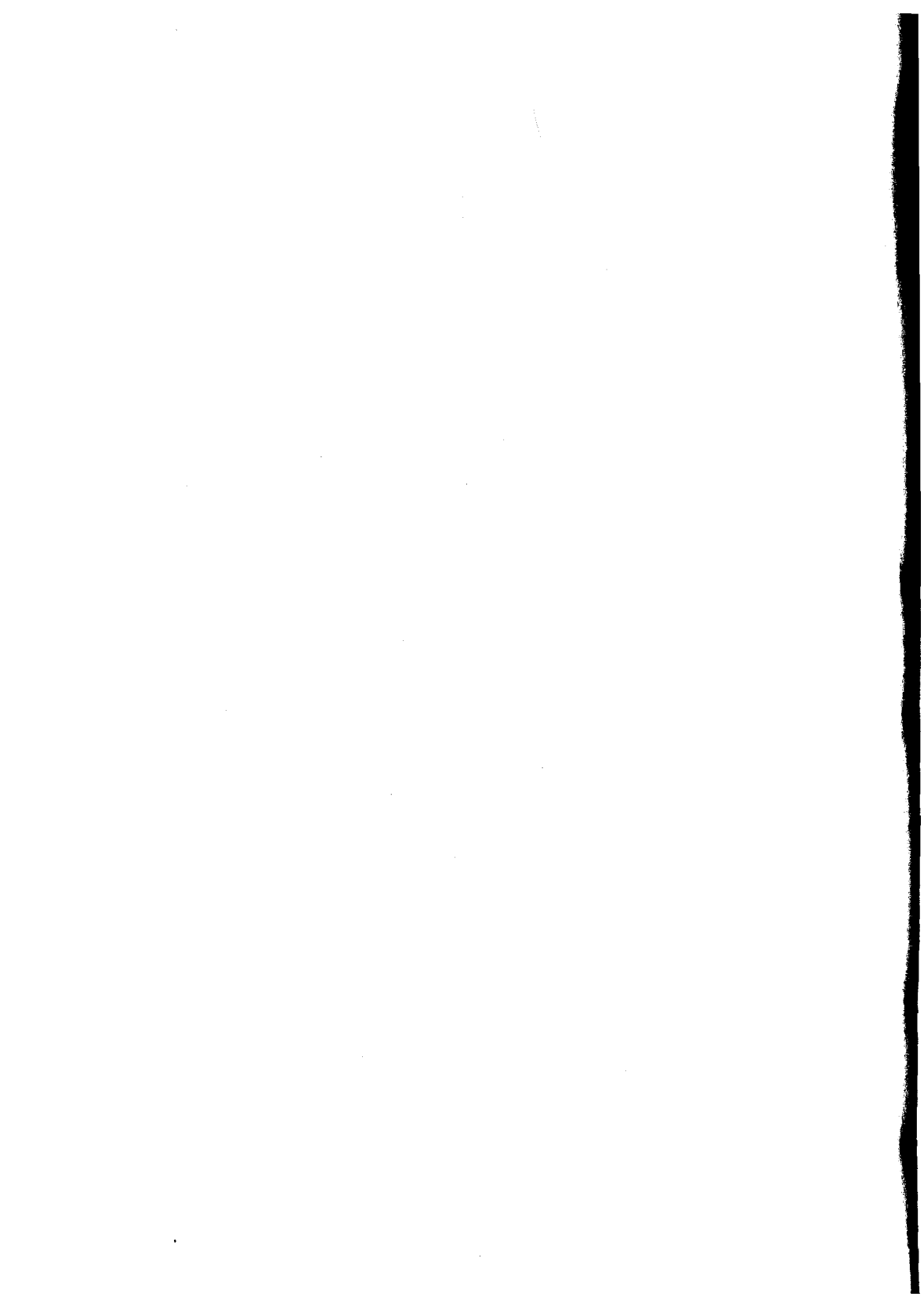
Serviu de Musa o afeto

GLOSA

Para melhor celebrar
As Bodas dos quatro Infantes
Os versos mais elegantes
Hoje deverá cantar;
Mas isto desempenhar
Só pode quem é provector,
A mim por menos discreto
Nesta douta Academia
Para a minha poesia
Serviu de Musa o afeto.

Frei Dionísio de Santa Pulquéria.

3. SOCIEDADE LITERÁRIA
DO RIO DE JANEIRO, 1786



ESTATUTOS
DA
SOCIEDADE
LITERÁRIA DO RIO
DE JANEIRO ESTABELECIDA
NO ANO DO GOVERNO DO
ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR LUÍS DE
VASCONCELOS E SOUSA VICE-REI DO ESTADO

1786



- 1.º DEVE HAVER UM Presidente, e Secretário, e Promotor, cujos empregos hajam de durar o espaço de um ano somente.
- 2.º O de Secretário poderá ser prorrogado; para o que deliberará a Sociedade no fim do ano: e assim o irá praticando, enquanto lhe não lembrar outro expediente.
- 3.º Para a eleição do Presidente se ajuntarão em bilhetes, os nomes de todos os Sócios; e se extrairá um por sorte para Presidente e não se admitirão ao novo eleito escusas algumas, exceto ⁽¹⁾ se forem tais que a Sociedade julgue dignas de atenção, e nesse caso se determinará por pluralidade de votos, e se procederá a nova eleição. ⁽²⁾
- 4.º Gozará este, por todo o tempo do seu emprego, da prerrogativa de assento no alto da Mesa, sendo à direita o Secretário, e à esquerda o Promotor; seguindo-se a estes por um e outro lado os demais Sócios por ordem alfabética.
- 5.º Nas matérias, que se houverem (sic) de propor à Sociedade, deliberar, ou julgar, terá dois votos em caso de empate.
- 6.º Ser-lhe-á permitido impor decentemente silêncio às controvérsias, que sobrevierem com detrimento da instrução dos Sócios; ou por impróprias da atenção da Sociedade; ou por mero abuso de tempo, que se não deve assumir em argumentos estéreis.
- 7.º Findo o ano; como também durante o tempo da Presidência, será obrigado a satisfazer igualmente como todos os Sócios às obrigações literárias, que a Sociedade houver por bem de encarregar-se.
- 8.º Nunca poderá recair este emprego no ano seguinte e imediato sobre o mesmo Sujeito: para o que ficará excluído o seu nome no ato de se eleger outro Presidente.
- 9.º A eleição de Secretário se fará em plena Assembléia; com atenção às qualidades necessárias para semelhante emprego; confirmando-se por votos: e será encarregado de recopilar,

(1) Há correção no texto, alterando a redação, que era a seguinte: "ajuntarão as sortes compostas de bilhetes com os nomes de todos os Sócios; e tirado um este será o Presidente; e por ordem próxima se deverão tirar três nomes: para [...] estes pela mesma ordem se correr escrutínio, e por [...] se forem tais."

(2) Há continuação do texto que foi eliminado por risco. Ilegível.

ordenar, e depurar as Memórias, Dissertações, ou outros quaisquer escritos, que merecerem ser recolhidos ao Arquivo da Sociedade.

- 10.º Todos os Sócios, sem exceção alguma, serão obrigados a responder a este (9.º) sobre os assuntos de suas composições; quando a análise destes exigir inteligência de termos técnicos, ou maior esclarecimento de idéias: para que o mesmo (9.º) com melhor inteligência possa reduzir a método qualquer escrito, que merecer a aprovação.
- 11.º Deverá o mesmo (9.º) ter um livro para formar lembrança de todos os assuntos, que se propuserem, ou tiverem sido ventilados; quando a Sociedade achar dignos, de que se conservem em memória: datando os dias, meses, e anos, depois de haver resumido as matérias com a maior concisão, ordem, e clareza, que o tempo, e qualidade de argumento permitirem.
- 12.º Ficará igualmente (7.º) obrigado a todas as demais pensões da Sociedade: e no fim do ano apresentará em Assembléa o livro; para que, depois de assinados o Presidente, Promotor, e o mesmo, igualmente se assinem por ordem alfabética os demais Sócios todos: sem o que não poderá este (9.º) no caso de prorrogação: ou outro qualquer, que servir o referido emprego, não poderá fazer a abertura do ano seguinte.
- 13.º O Promotor da Sociedade, cuja eleição deve ser feita pela norma da do Presidente, durará igualmente por espaço de um ano no exercício de seu emprego.
- 14.º Será este (13.º) desde o ato de sua eleição reputado Vice-Presidente, para em ausência daquele gozar, e exercitar pessoalmente todas as suas prerrogativas (5.º) (6.º), e pensões: além das que privativamente houver por bem a Sociedade de encarregar-lhe.
- 15.º Terão os três Chefes (1.º) (9.º) (13.º) da Sociedade em comum as obrigações de conferirem antecipadamente sobre a Classe da Ciência, e qualidade de assunto, que se há de propor à Assembléa para objeto das lições, conferências, ou escritos, que simultânea e arbitrariamente hão de constituir os exercícios, de que se presume quererão encarregar-se os Sócios.
- 16.º Nunca poderão os mesmos (15.º) propor mais nem menos de três assuntos à deliberação da Sociedade; a qual gozará da liberdade da escolha por pluralidade de votos: intervindo o parecer do Presidente (5.º) no caso de dúvida.

- 17.º Terão autoridade de convocar Assembléias extraordinárias, quando o bem da Sociedade o exigir: regulando-as discretamente pela urgência, que a dignidade da matéria inspirar.
- 18.º Formarão entre si o Corpo Censório, para corrigir qualquer escrito, pelo que pertence à dicção da língua Portuguesa, ou latina: podendo para este mesmo fim agregar (se bem lhes parecer) mais alguns Sócios.
- 19.º Entrará a Sociedade na posse da eleição interina da Pessoa, que deve servir o lugar de Secretário; quando este por algum urgente motivo, de que antecipadamente a deverá informar, não puder assistir por mais de um mês: ou por molesto; nestas conjuncturas porém o Substituto do Secretário não fará mais do que se compreende no § 11.º: té que vindo este haja de plenamente satisfazer o seu officio.

20.º CIÊNCIAS

AUTORES

Matemáticas	Compêndios da Universidade
Medicina	Os AA. mais célebres e aprova-
Cirurgia	dos pelas Universidades
História Natural	Lineu, Buffon, Tournefort.
Física	Muschembrock, Nollet.
Química	Macquer, Beaumé
História Geral	
Profana	Millot
Eclesiástica	Du Creux
História Particular	
Portuguesa	Le Clede, e as Nacionais
Geografia	
Antiga	Cluverio
Moderna	La Croix ... Cartas de Geografia
Belas Letras	+++++

- 21.º Do Sistema Científico adotado serão escolhidos os assuntos para as Sessões em conformidade dos §§ (15.º) (16.º).
- 22.º Deseja a Sociedade que na escolha da Ciência, e na ordem sucessiva das matérias, que se forem propondo; se faça uma alternativa variada de argumentos: para que independente das privativas Ciências, em que alguns dos Sócios têm feito seus maiores e mais continuados estudos, formem interesse e gosto pelas que forem propostas como a membros da nova Sociedade.

- 23.º Espera a Sociedade em comum, e em particular que, regulando-se a distribuição dos assuntos por uma medida proporcional às respectivas luzes dos Sócios, se conformem estes a pensar, discorrer, e escrever com o melhor acerto: seguindo, quanto for possível, os vestígios dos celebrados Autores, que tiverem tratado iguais matérias.
- 24.º Sendo o primeiro alvo da Sociedade o repartimos mutuamente as nossas luzes científicas; para com igual interesse em marcha pela nova carreira, que o nosso amor pelas Ciências, e o bem de nosso País inspira: não se poderia conseguir este meditado projeto concentrando todas as matérias privativamente em alguns dos Sócios: por isso será muito conveniente que hajam (sic) assuntos gerais, e outros pelos quais individualmente alguns Sócios se façam responsáveis.
- 25.º Na proposta, que se fizer à Assembléia, das matérias; será a escolha destas decidida sempre pela sua maior utilidade: pelo mais próximo proveito, que pode resultar: pela menor complicação com obstáculos, que na infância da Sociedade destituída atualmente de meios, só poderiam servir de abater os ânimos, e fazer desvanecer as esperanças, que concebe para o futuro.
- 26.º A Sociedade fará em uma Casa unicamente destinada para seu uso as Assembléias todas as Quintas-feiras de noite desde as oito horas até as dez.
- 27.º Conservará atualmente a Sociedade, enquanto assim o julgar conveniente, o privilégio de deliberar sobre os meios, e modo da sua conservação, e manutenção de quanto disser respeito à mesma casa.
- 28.º Forma a Sociedade os maiores votos para que de presente, e para o futuro se conserve a mais perfeita harmonia nas Assembléias; e concebe desejos, e esperanças de que cada um dos Sócios em particular conspire com quanto o seu amor pelas letras e artes lhe aconselhar; para que se possa ir formando um Museu, Gabinete de Máquinas, e Biblioteca para uso da Sociedade.
- 29.º Todos os Sócios conservaram uma discreta liberdade no seu modo de pensar, e escrever; a qual poderão exercer té o ponto de emendar, ou refutar o que acharem nos mesmos AA. ficando porém neste caso obrigados a produzir por modo convincente, e evidente as suas razões, reflexões, ou experimentos: sobre o que se deliberará em plena Assembléia; para por esta maneira se formar uma coleção de verdades luminosas com interesse, e honra da Sociedade; a qual, ainda no caso de

ser inadmissível a proposta de qualquer Sócio, não o defraudará dos merecidos elogios pelas suas tentativas, ainda que infrutíferas.

- 30.º Deve a Sociedade impor-se e observar o mais escrupuloso silêncio sobre todos os assuntos por lição, como por escritos sobre matérias pertencentes à Religião Cristã direta, ou indiretamente: quando porém algum argumento Filosófico se complique de modo que se veja indispensavelmente obrigado a falar daquelas o fará com todo o respeito devido a tão relevante objeto, servindo-se da Linguagem de um Filósofo Cristão.
- 31.º Da mesma sorte serão proscritos da Sociedade todos os assuntos, cuja discussão tendem a disputar sobre a Constituição Política da nossa Pátria e Nação: por serem as Matérias de Governo inteiramente alheias do nosso Plano: e no caso de que por algum fato histórico convenha fazer-se alguma reflexão; será esta com o comedimento digno de uns vassallos, que se impõe a obrigação de serem iluminados em seus deveres.
- 32.º A Sociedade conserva a porta aberta para receber todas as Pessoas, que consideram dignas de concorrerem com suas luzes a fim de satisfazer amplamente o projeto, que forma.
- 33.º Ficando pois livre a toda a Pessoa o poder por si, ou por mediação de algum dos Sócios, ser admitido à nossa corporação; deverá contudo a Sociedade previamente deliberar em plena Assembléia sobre a recepção, a qual será julgada por pluralidade de votos; com a cláusula de que havendo quatro negativas ficará excluso o pretendente.
- 34.º Serão todos os Sócios responsáveis pelas obrigações, que lhes forem impostas: pelas que declararem que voluntariamente se encarregam: e pela efetiva assistência, nos dias, e ocasiões, em que a Sociedade julgar necessário que se congreguem. Servindo somente de pretexto à infração de seus deveres algum urgentíssimo embaraço; ou moléstia, do que dará aviso antecipado ao Secretário; para na Assembléia o comunica.
- 35.º O dia 6 de junho será contemplado, como o dia Aniversário da Sociedade: para que por este modo se conserve a saudosa, e respeitosa memória pelo Nome do Augustíssimo Senhor Dom JOSEPH 1.º o Restaurador das Boas Letras em Portugal.
- 37.º Igualmente procurará a Sociedade solenizar o Dia dos felicíssimos Anos de Sua Majestade, que Deus guarde.
- 38.º Todos os anos na última Sessão antes das Férias grandes haverá uma Assembléia geral; para que a Sociedade delibere sobre

o melhoramento, reforma, ou mudança de algum artigo concernente ao Sistema Científico: sobre a economia, e interesse de quando respeitar à melhor conservação da Sociedade: para que, se possível for, se avance o projeto que tem em vista.

Férias	Grandes	Dezembro
		Janeiro
		Fevereiro
	Pequenas	Quinze dias pela Páscoa:
		e outros 15 pelo Espírito Santo
		Quando a Sociedade julgar preciso

DISCURSO (1)

EM QUE SE MOSTRA O FIM PARA QUE FOI ESTABELECIDADA

A

SOCIEDADE LITERÁRIA DO RIO DE JANEIRO

celebrando a mesma o seu aniversário em memória do

SENHOR REI DOM JOSÉ I

o restaurador das letras em Portugal, a 6 de Junho de 1787.

***Tolimus ingentes animos et maxlma
paruo tempore molimur.***

SENEC.

***Officia humanitatis in eo consistunt, quod
quilibet teneatur operam dare, ut pu-
blico prosit.***

**Heneic. De Officio Hominis et Civis, lib. 1
cap. 8 § 2.**

A sorte, que bem apesar da minha indignidade, me conferiu o emprego de presidente desta sociedade, me constitui ainda agora na obrigação de vos fazer ver o fim de um tão louvável estabelecimento; a constante experiência de muitos séculos tem mostrado, que é do seio das academias e sociedades literárias, que têm saído os maiores progressos e resultado o maior adiantamento das ciências; sendo estas uns dos mais inestimáveis tesouros dos reinos e dos impérios, e compondo os vassallos sábios a principal porção da glória das monarquias, quem duvida serem elas também os mais dignos objetos da atenção dos grandes príncipes?

A sábia providência, com que o amabilíssimo monarca, de quem saudosamente recordamos a memória, fez praticar uma perfeita reforma nos estudos, claramente manifesta aos olhos de todos a proteção e acolhimento, que as letras lhe mereciam, sua augusta

(1) In Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro. Tomo 45, Parte 1.^a, 1882. pp. 69-76.

filha, que felizmente reina, a exemplo de um tal pai, como poderia ser tão virtuosa quanto todos a reconhecem, se o seu real ânimo não fosse excitado do amor das ciências?

Ora é no século presente, que se tem compreendido bem o preço das luzes e conhecimentos de tão úteis institutos, o que reconhecendo a nossa soberana fundou e protege a Real Academia das Ciências de Lisboa. E na verdade, Senhores, que nada mais interessante ao homem que conhecer os corpos, que os cercam, que obram incessantemente sobre ele, os deveres que lhe impõe o esta da sociedade, para o qual nasceu, o reconhecimento e sujeição, que ele deve ao autor de seu ser e conservação: se o homem é culpado as mais das vezes o é porque lhe faltam as luzes necessárias, porque não pôs a diligência, que devera pôr em instruir-se do que mais lhe importa saber, donde vem que ele desconhece as vantagens, que estão ligadas ao cumprimento de suas obrigações. Que outro objeto pois poderiam ter em vista espíritos, que se alimentam do bem da humanidade, que não fosse a utilidade pública e a sua própria instrução?

Não podeis duvidar, Senhores, que os homens serão tanto úteis aos seus semelhantes quanto mais exatos em suas obrigações forem; para o que é preciso, que sejam instruídos nelas e aclarados. Ora que horrores não têm desaparecido da face da terra, à proporção que a ingnorância se tem desterrado dela, e que a luz das ciências tem vindo aclará-la, bem como os fantasmas da noite se dissipam à chegada dos primeiros raios do sol!

O homem nasce com paixões, que o alucinam, e necessita de luzes, que o possam conduzir; nasce ignorante e necessita instruir-se. Não é preciso lançar os olhos para as nações cultas, basta ver a diferença entre os particulares, e notar ainda por outro lado as grandes vantagens, que se tem seguido da cultura das artes, e da aplicação às ciências; fazei disto uma comparação a nosso respeito, e claramente vereis, que o fim a que esta sábia corporação se propôs, não foi nem podia ser outro senão a instrução em suas obrigações, de que resulta a pública utilidade; estes foram os justos motivos do seu estabelecimento, e estes serão sempre o móvel de suas fadigas literárias. Não de outra sorte empreenderei em formar seu elogio do que fazendo-vos um sumário das interessante matérias, que se têm tratado no breve espaço de menos de um ano; nele vereis com quanto desvelo se tem trabalhado, que fruto se tem tirado, quanto o zelo do bem público, e o ardente desejo do seu adiantamento a têm animado: é a maior prova, que eu posso alegar em seu abono; atendei.

Primeiramente desejando antes de tudo sacrificar as premissas do nosso trabalho ao maior bem da humanidade, que é a vida, e à

conservação da saúde, o maior bem da mesma vida, se projetou tratar das epidemias e moléstias endêmicas do país como objeto da primeira necessidade. Para este fim se elegeu e tomou por modelo a recomendável obra das observações de Caligorne sobre as moléstias epidêmicas e endêmicas da ilha de Minorca, porém como esta se acha só na língua inglesa, foi necessário proceder à sua tradução, e se acha vertida em português a primeira parte, e esperamos brevemente se complete a segunda; entretanto se delineou e empreendeu a descrição física e econômica, ou a história natural e política do nosso país: que multiplicidade de objetos não envolve uma semelhante obra!

Situação geográfica do clima, demarcação e limites do terreno, cuja história se empreende, águas, mar, rios, diversidade de fontes, descrição astronômica de meteoros, temperatura da atmosfera, variedade de estações, observações médicas reguladas pela meteorologia, pelo que respeita às agudas pelo menos às estacionárias; descrição dos três reinos da natureza, etc. Vê-se bem, que tempo é necessário para semelhante empresa, e isto enquanto à descrição física. Pelo que diz respeito à econômica não é menos intrincado o labirinto, que se oferece: história da povoação, série dos governadores, dos tribunais, do governo político, suas leis, usos, e costumes; agricultura, comércio, letras, e armas, etc.: pelo que distribuíram-se as matérias para mais dilatado tempo, qual exige uma obra desta natureza; vede porém as memórias, que fizeram grande parte das sessões de cada noite.

Leu-se na de 30 de novembro do ano passado uma memória sobre o eclipse total da Lua, que depois se verificou a 3 de fevereiro do presente ano, notado por meio de um exato e miúdo cálculo feito pelo nosso meridiano, e desenhado com toda a circumspecção, tempos do eclipse, princípio e fim da total e parcial escuridão, princípio, meio, e fim do eclipse, semi-diâmetro da Lua, movimento horário, sua latitude, sua paralaxe, e mil outras miudezas, que por brevidade omito, mas que confirmam o bem merecido conceito de uma tal ciência, e desses professores, que fazem honra a esta sociedade: tudo depois se realizou no tempo prefixo. Passadas as férias de Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, se leu outra, em que se dava conta do que haviam observado no tempo do eclipse, com que atenção, e com que miudeza é notada a obscuridão ou aparição até das mais mínimas fases deste planeta, de sorte que se lhe pode com muita razão aplicar aquele fato, ou princípio — **quam multa uident pictores in umbris, quae nos non uidemus, quam multa quae nos fugiunt in cantu, exaudiunt in genere exercitati.**

Realça o seu merecimento serem feitas estas observações em país, onde nunca se haviam (sic) feito, ou se as houve, jazem

sepultadas no esquecimento; e o que mais é ficar por este meio determinada a verdadeira longitude do Rio de Janeiro, até aqui duvidosa. Que preciosa vantagem para as nações, que aqui tiverem de aportar, e de que admiração misturada de confusão lhe não será ver vencida esta dificuldade, e achada defeituosa a que fez o abade de Lacaille no ano de 1751, como nota a mesma memória, e isto não menos de que um membro da Academia Real das Ciências de Paris, vindo a esta capital com precisas ordens e recomendações a este respeito, terá de emendar no seu livro do movimento dos astros, que todos os anos publicam, não só o defeito, como a marca, que denota ser feita e determinada por astrônomo e sócio seu. Não parando aqui a vantagem, que resulta de tais observações, até nos pode servir de conhecer a longitude do Rio Grande, Mato Grosso e Pará, como nota ainda a mesma memória. Vede quanta utilidade!

Foi neste mesmo tempo produzida outra memória sobre as fricções, meio, ainda que simples, eficaz em muitas circunstâncias. Seu autor depois de haver exposto, que elas são um remédio recomendado por Hipócrates e praticado pelos mais célebres médicos da antiguidade, lembra judiciosamente, que da sua simplicidade provenha talvez o esquecimento, em que se acham da nossa prática: Procedendo com método e boa crítica, dá a sua definição, faz as suas diferenças, alega muitas e boas autoridades, e nos dá um grande número de observações, que confirmam seu sucesso; aponta as diferentes circunstâncias, em que convém explicar o seu mecanismo, e a melhor forma de as praticar; mostra quanto são úteis nos países úmidos, nos tempos nebulados e chuvosos, em lugares pantanosos, em sujeitos de fibra frouxa, e naqueles em que uma lânguida circulação precisa meter-se em movimento, para suprir ainda mesmo o defeito de um ar insalubre, e remediar as digestões defeituosas, e outras muitas utilidades; passa depois a indicar o fruto, que do seu uso podia resultar aos habitantes desta cidade, e conclui apontando as cautelas, com que se devem aconselhar: de um tão simples remédio se não podia dizer mais nem melhor.

Foram mais produzidas duas memórias a 22 de Março do presente ano, uma sobre o calor da terra fisicamente considerado, e outra sobre o fogo central.

Na primeira, depois de se haver ponderado a propagação do calor por meio das leis da refração e reflexão dos raios do sol, segundo a ação física, tudo explicado e notado em tal forma, que dá bem a conhecer os profundos estudos, que desta ciência tem feito o seu autor: passa-se a dar conta das observações meteorológicas feitas no mês de Fevereiro por espaço de seis anos sucessivos, em que mostra por cálculo evidente ser este o mês de maior calor no nosso país, há seis anos a esta parte, e haver-se aumentado este suces-

sivamente (à exceção do ano de 1784, em que houve de diferença para menos 23 a 24 graus) as chuvas, as trovoadas e a evaporação, tudo circunstanciado com a mais cuidadosa atenção e miudeza, rematando com sábias reflexões sobre os efeitos do calor nos corpos humanos.

Na outra do fogo central, o seu autor, depois de haver referido as diferentes opiniões, que há a este respeito, produz algumas razões, que o obrigam a não assentir à de M. de Buffon sobre a formação do universo; pelo que sendo este um ponto ainda indeciso na física, prudentemente conclui a sua memória, contentando-se com a glória de entrar nesta indagação, e indicando as grandes dificuldades, que há para a decidir.

Entrando mais a sociedade no útil projeto de analisar as águas da Carioca para, pelos seus conteúdos, conhecer a sua salubridade, e os danos, que poderiam resultar do seu uso aos habitantes desta cidade, e necessitando para este fim de instrumentos, sábia e advertidamente se produziu uma memória, na qual se mostram as condições do areômetro ou pesa-licor, as cautelas que se devem ter com este instrumento, para serem exatas as observações, que com ele se houverem (sic) de fazer. Admirai a prudência e sagacidade de semelhante lembrança, e com que zelo se procura achar a verdade nesta sábia corporação; aí na mesma memória se acha estampado o dito instrumento com aquela fábrica e configuração, que só o constituem fiel às observações para que é construído segundo as leis dos fluidos.

Alguns dos sócios se empregam em experimentos analíticos sobre um tão grande objeto, de que resultaram duas excelentes memórias, em uma das quais o seu autor, havendo já produzido um pequeno discurso sobre a análise por meio dos sentidos, que por então lhe pareceu suficiente para poder concluir a respeito da água comum, guardando talvez a maior cópia de experimentos para a análise das águas minerais, refletindo contudo na pouca certeza daqueles que se abalançam a novas experiências, as quais expende na dita memória. Com que paciência não executou um trabalho tão digno de louvor, sem lhe servir de embaraço o seu laborioso e ocupado ministério! Vede a nobre emulação a quanto anima os espíritos desejosos de conseguir a verdade!

Na outra sobre este mesmo assunto, se produzem muitos e diversos experimentos feitos em diferentes tempos, pela evaporação e adição de várias misturas, tudo executado com método e escrupulo tal, que a mim me fez lembrar o dito do abade Resnel, no sumário do 4.º canto do Ensaio sobre a crítica de Pope — presunção caráter dos baixos engenhos, desconfiança de si mesmo caráter dos elevados.

Já se vê, que é a segunda parte, que eu aplico ao autor da memória; ele assim tímida e prudentemente não ousa dar as suas experiências por concludentes e se reserva para maiores indagações.

Outra mais foi dada pelo mesmo sobre o método de fazer a tinta do urucu, em que, depois de haver feito alguma reflexão sobre a utilidade, que as Américas francesas têm tirado da cultura desta semente, descreve a árvore, que a produz, segundo o sistema de Lineu e Adanson, e se emprega no dito método com a maior perfeição possível.

Duas mais houve, em que se examina com miudeza e põe-se em toda a evidência os danos ou proveitos, que do uso da aguardente e licores espirituosos se podem seguir aos habitantes desta capital, e quais meios são os mais eficazes e apropriados para combater as moléstias, que podem vir em consequência do seu uso; faz-se ver primeiramente o que a química tem mostrado a respeito dos licores, que padecem a fermentação espirituosa, pondera-se a doutrina mais geral e a linguagem mais comum de todos os médicos sobre os efeitos de semelhantes bebidas, notam-se as moléstias, que se tem observado trazerem a sua origem de semelhante causa, indicam-se os remédios, e desejando, se fosse possível, prevenir os abusos de tais bebidas, se faz ainda ver a modificação, com que se podem usar nas diferentes circunstâncias, e relativamente aos climas de entre os trópicos.

Não pretendo cansar mais a vossa paciência; no que tenho exposto podeis bem ver as esperanças, que devemos conceber para o futuro. Quem pode melhor empregar os seus talentos do que em composições, que possam utilizar a humanidade? Um século tão aclarado e um tão justo e prudente governo a quantos trabalhos literários estão convidando!

Tempo virá e que estes fragmentos, que agora se acham divididos, se ajuntem e unam em um corpo regular: muitas verdades separadas, quando elas vêm a ser em grande número, oferecem vivamente ao espírito as suas correlações e a sua mútua dependência. O espírito, que reina no interior desta sociedade é um amor sincero pela verdade; entramos nesta empresa, porque se nos representou a mais conducente ao objeto, que nos excitava, e com gosto será recebido todo o bom cidadão amante das letras, a quem acompanhar os mesmos sentimentos.

A sociedade conserva a porta aberta para receber todo o bom patriota, que se empregar por meio da cultura das ciências e das artes em ser útil à humanidade: sim, amados companheiros, redobrai vossas fadigas, e se não bastam as vossas diligências, pedi no entanto se faça justiça às vossas intenções; o vosso zelo pela felicidade pública

é puro e sincero; ao céu agrade, que os nossos esforços nos façam dignos das bênçãos, que nos prometem o feliz reinado de Sua Majestade, que Deus conserve por muitos anos, e o sábio e prudente governo de quem entre nós faz as suas vezes, e que nos monumentos, que anunciarem aos vindouros os fatos do presente século, tenha também seu lugar a Sociedade literária do Rio de Janeiro.

Disse.

O sócio presidente, **Joaquim José de Ataíde.**

I

AUTO DE PERGUNTAS (1)

Feitas

A MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos noventa e cinco anos, aos quatro dias do mês de julho do dito ano, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da Fortaleza da Conceição onde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, comigo escrivão nomeado para esta diligência e o tabelião José dos Santos Rodrigues Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga que foi conduzido à presença do dito desembargador chanceler, e, depois de o mandar pôr em sua liberdade, o passou a perguntar na forma e maneira seguinte: Foi-lhe perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em seu perfeito juízo, e sem causa ou motivo algum que o pudesse constrear a deixar de dizer a verdade em tudo o que fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha de idade quarenta e seis anos, que era advogado e professor de retórica nesta cidade de cujas ocupações vivia, que era solteiro, que se achava em seu perfeito juízo sem constrangimento, ou causa que o pudesse mover a deixar de dizer verdade em tudo quanto fosse perguntado.

Foi mais perguntando se sabia ou suspeitava qual fosse a causa de sua prisão.

Respondeu que não sabia, nem suspeitava o motivo de sua prisão, e só presumia ser por causa grave.

E logo pelo desembargador chanceler foi instado que não era verossímel que ele respondente sendo um homem de juízo, e de letras deixasse de saber, ou ao menos presumir o motivo de sua prisão, pois a mesma razão que dava para conhecer que o motivo da prisão era

(1) *In Obras poéticas de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, coligidas, anotadas [...] por J. Norberto de Sousa e Silva. Rio de Janeiro, Garnier, 1864. 2 tomos.*

grave, lhe daria bastante dias para discorrer, e atinar com verdade dele.

Respondeu que as mesmas circunstâncias da sua prisão, são as que o fazem vacilar sobre o motivo dela, pois que suspeitando ao princípio que seria por causa de uma sátira que se lhe imputava ter feito, o aparato com que fora preso e conduzido à prisão lhe fizera desvanecer esta idéia.

E logo foi mais perguntado por ele desembargador chanceler se com efeito se havia feito a dita sátira, se ele respondente fora autor dela, ou se ouvira e a publicara, e contra quem ela se dirigia.

Respondeu que ele não fora o seu autor, mas que só a vira por lha introduzirem por baixo da porta, que ela constava de diversos sonetos que mostravam ser feitos por diversos, não só pela diversidade das letras, mas pela diversidade dos estilos, e que o sujeito contra quem os mesmos sonetos se dirigiam era um religioso ou dois de Santo Antônio, dos quais só lhe parece chamar-se um frei Raimundo.

Foi perguntado se ele respondente em sua casa tinha alguma sociedade, ou nela se ajuntavam algumas pessoas diariamente ou em alguns dias da semana.

Respondeu que no tempo em que governava este Estado o ilustríssimo e excelentíssimo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa debaixo de sua proteção principiara e houvera uma sociedade de gentes de letras, a qual era composta principalmente de professores de medicina, na qual se tratava e discorria sobre diversos objetos científicos, mas que com a ausência do mesmo vice-rei, esmorecera e acabara totalmente a mesma sociedade, porém que depois o atual vice-rei o ilustríssimo e excelentíssimo conde de Resende depois de tomar posse do governo entrara a dar demonstrações de que a mesma se restabelecesse e expressamente falara com ele respondente para o dito fim, pelo que ele respondente tornara a convocar os sócios fazendo-se em sua casa algumas conferências até que havendo uma desordem entre dois dos seus sócios o mesmo ilustríssimo e excelentíssimo vice-rei ordenara que não continuasse, e que com efeito não continuara mais.

Foi mais perguntado qual era o fim a que a mesma sociedade se tinha proposto, se era só a instrução e adiantamento dos sócios, ou se também se interessava nela a felicidade pública.

Respondeu que o objeto principal era não esquecerem os seus sócios as matérias que em outros países haviam aprendido, antes pelo contrário adiantar os seus conhecimentos, mas que em consequência disto vinha também o interesse público, pois que sendo a maior parte dos seus sócios médicos, pelas ditas conferências adian-

tavam as suas luzes e se dispunham para com mais acerto curarem os enfermos, além de outros conhecimentos sobre os diversos reinos da natureza que nas mesmas conferências adquiriram os seus sócios, e de que poderia vir a resultar utilidade ao público.

Foi perguntado se a dita corporação tinha alguns estatutos por onde se regesse, e se os mesmos foram aprovados pelos ilustríssimos e excelentíssimos vice-reis do Estado, pois que sem eles e sem a sua aprovação vinha a ser referida Sociedade um corpo ou colégio reprovado por direito.

Respondeu que quando a mesma Sociedade se erigiu debaixo dos influxos do ilustríssimo e excelentíssimo vice-rei Luis de Vasconcelos e Sousa logo lhe foram apresentados uns estatutos os quais se hão de conservar na livreria dele respondente encadernado com capa azul, e também foram por ele aprovados.

Foi mais perguntado se os mesmos estatutos foram apresentados e aprovados pelo atual vice-rei o ilustríssimo e excelentíssimo conde de Resende.

Respondeu que lhe foram apresentados e que o mesmo ilustríssimo e excelentíssimo vice-rei mandara que a mesma Sociedade se estabelecesse debaixo do dito plano, e por ele se fosse regendo.

Foi mais perguntado se sabia quem fora o autor dos ditos estatutos, e se fora um ou mais dos sócios que neles trabalharam e os compuseram.

Respondeu que fora trabalho de diversos sócios, em que principalmente trabalhara o cirurgião mór Ildefonso, hoje falecido.

Foi perguntado se ele respondente tinha formado ou escrito algum plano particular dos mesmos estatutos, ou de parte da matéria de que eles se haviam compor.

Respondeu que não, pois só nas conferências, e verbalmente dissera alguma coisa a respeito dos mesmos estatutos, sendo certo que, depois de feitos, e formados pelos sócios ele respondente só os escrevera no livro que já disse.

Foi perguntado se depois que o ilustríssimo e excelentíssimo atual vice-rei deste Estado ordenara a extinção da mesma Sociedade continuara a haver em sua casa algum ajuntamento de pessoas.

Respondeu que depois de extinta a Sociedade pela ordem do ilustríssimo e excelentíssimo vice-rei nunca mais se ajuntaram em sua casa os sócios a título da mesma Sociedade, mas que alguns amigos seus às vezes se ajuntavam em sua casa para passar o tempo em conversação agradável.

Foi mais perguntado quem eram esses amigos que ficaram continuando a ir à sua casa, e as matérias sobre que discorriam.

Respondeu que eram João Marques Pinto, professor de grego, o médico Jacinto José da Silva e Mariano José Pereira, os quais nem sempre concorriam juntos, que a matéria da conversação não era certa, e só se dava preferência à jovial.

For-lhe perguntado se nas ditas conversações algumas vezes se discorria e tratava ou sobre objetos de religião, ou sobre o atual estado político da Europa.

Respondeu que sobre estas matérias nunca tratavam; o que faziam sem violência por se acharem a isso habilitados por um dos artigos dos estatutos da Sociedade extinta, que expressamente lhes defendia o discorrer em semelhantes objetos.

E por ora lhe não fez ele desembargador chanceler mais perguntas e houve estas por feitas e acabadas, que sendo por mim escrivão lidas ao mesmo respondente disse estarem conformes as suas respostas ao que respondido tinha e que as aprovava e ratificava de que damos nossas fés, e para constar mandou ele desembargador chanceler fazer este auto que assinou comigo escrivão, e a que também assistiu, e o dito preso e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência, o escrevi e assinei.

SILVA

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira

Manuel Inácio da Silva Alvarenga

José dos Santos Rodrigues Araújo

Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco, aos vinte dias do mês de julho do dito ano, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, comigo escrivão nomeado para esta diligência e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que foi conduzido à presença do dito desembargador chanceler, e depois de o mandar pôr em sua liberdade o passou a perguntar na forma e maneira seguinte:

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício tinha, se era casado ou solteiro, se tinha

algumas ordens, se estava em seu perfeito juízo, e sem causa, ou motivo algum que o pudesse constranger a deixar de dizer a verdade em tudo o que fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha de idade quarenta e seis anos, que era advogado, e professor de retórica nesta cidade, de cujas ocupações vivia, que era solteiro, que se achava em seu perfeito juízo, sem constrangimento, ou causa que o pudesse mover a deixar de dizer a verdade em tudo quanto fosse perguntado, e que não tinha ordens algumas.

Foi perguntado se depois que ele respondente está preso se lhe haviam feito algumas perguntas, e se estava certo no que elas continham.

Respondeu que já neste mesmo lugar se lhe tinham feito umas, e que estava muito bem lembrado do que elas continham, e respostas que a elas tinha dado, e sendo mandado por ele desembargador chanceler que lhe fossem lidas, disse que eram as mesmas que lhe tinham sido feitas, que as aprovava e ratificava, e que só tinha que declarar o seguinte: Que a Sociedade literária de que nas perguntas antecedentes se tratara nunca fora feita em casa dele respondente, porquanto no tempo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Vice-Rei, Luis de Vasconcelos e Sousa, a mesma se ajuntava em umas casas privativamente alugadas para esse fim, e nelas se conservava até a ausência do dito Ilustríssimo e Excelentíssimo Vice-Rei, e extinção da mesma Sociedade, e que quando no governo do atual Ilustríssimo e Excelentíssimo Vice-Rei a mesma se renovara, ele respondente tomara a seu cargo, alugar uma casa para ela, e por comodidade sua tomara uma casa de dois andares na rua do Cano ocupando ele respondente o andar de cima, e deixando para as sessões da mesma Sociedade o andar de baixo, que ele mesmo tinha cuidado de preparar para as conferências, vindo por este modo a não ser própria dele respondente a casa em que se faziam as conferências, tanto assim que extinguindo-se a mesma Sociedade por ordem do atual Vice-Rei do Estado, ele respondente logo alugara o andar das casas pertencentes à Sociedade, e que até ali tinha sido pago pelos Sócios.

Foi perguntado se a aprovação dos Estatutos, tanto do Vice-Rei, o Ilustríssimo e Excelentíssimo Luis de Vasconcelos, como do atual, tinha sido verbal ou por escrito.

Respondeu que tinha sido dada verbalmente.

Foi mais perguntado se nas conversações que na casa dele respondente se continuaram depois de extinta a Sociedade, concorriam mais algumas pessoas além das que já nomeou nas perguntas antecedentes.

Respondeu que não, porque se nesse tempo outras pessoas o procuravam por causa de algum negócio que tivesse que tratar com ele, se retirava com elas, e à parte os ouvia.

Foi instado que parecia não estar ele respondente bem lembrado do que a este respeito passara, e que como as ditas conversações tinham sido feitas havia muito tempo podia estar esquecido de mais algumas pessoas que a elas concorressem, e que assim fizesse a devida reflexão para ver se se lembrava de mais algumas pessoas que a elas assistissem.

Respondeu que fazendo toda a reflexão não se lembra de que às ditas conversações assistem mais pessoas do que as que ele respondente já declarou, mas que não duvida que nesse tempo pudesse entrar mais alguma pessoa, e que se demorasse por estar a sua porta, e não se fazerem as ditas conversações com cautela.

Foi mais perguntado se ele respondente além das conversas indifferentes que tinha em sua casa, tinha tido algumas conversações, ou com os seus amigos que já nomeou, ou com outras pessoas em alguns lugares públicos, ou particulares, assim de noite, como de dia, sobre matérias de política, ou de religião.

Respondendo que ele nunca tivera prática com pessoa alguma sobre os dois objetos de política e de religião, tanto em sua casa, como fora dela.

Foi instado que ele falasse a verdade no que havia dito, porquanto constava que em sua casa, e nas ditas conversações concorria além das pessoas nomeadas com familiaridade outras pessoas, e que na mesma se discorria largamente não só sobre o atual estado da Europa, mas até sobre a mesma religião, e que a estas mesmas conversas assistira ele respondente em outros alguns lugares públicos.

Respondeu que tinha dito a verdade, e que se há pessoas que digam o contrário, é inimigo seu, que o quer perder, porquanto, ele respondente tão longe estava de tratar em lugares públicos sobre semelhantes matérias, que algumas pessoas pelo demasiado silêncio que guarda nesses lugares, o tem por homem de fraca compreensão, e que a respeito de religião e política, se ele respondente peca em alguma coisa acerca da primeira, é em observar algumas práticas que não são da essência da religião, e que muitos reputam por desnecessárias, e supérfluas, e que acerca da segunda, os seus papéis mostram qual seja o seu ânimo, pois que neles se acharam muitos elogios não só aos Vices-Reis deste Estado, mas aos nossos clementíssimos soberanos, nos quais respira o amor dos príncipes, da pátria e da nação.

Foi perguntado se ele respondente entre os seus livros conservava alguns que contivessem princípios e lançassem as sementes de sua liberdade ilimitada, ou acatassem autoridade e poder dos monarcas.

Respondeu que não, pois que até nem gazetas conservava, e se algumas vezes lia parte delas era só na parte em que publicava alguns despachos e edições de alguns livros.

E por ora não lhe fez ele desembargador chanceler mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, que sendo por mim escrivão lidas ao mesmo respondente disse estarem conformes as suas respostas, e o que respondido tinha, e que as aprovava e ratificava, de que damos nossas fés, e para constar mandou ele desembargador chanceler fazer este auto que assinou, e o dito preso, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência o escrevi e assinei.

SILVA

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira

José dos Santos Rodrigues Araújo

Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco, aos vinte sete dias do mês de julho do dito ano nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas de fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligência, e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga que foi conduzido à presença do dito desembargador, e depois de mandar pôr em sua liberdade o passou a perguntar na forma e maneira seguinte:

Foi-lhe perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em seu perfeito juízo, e sem causa ou motivo que pudesse constrangê-lo a deixar de falar a verdade, em tudo quanto fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha de idade quarenta e seis anos, que era advogado e professor de retórica nesta cidade, de cujas ocupações vivia, que era solteiro, que não tinha ordens algumas, e se achava em seu perfeito juízo, sem ter causa ou motivo que o pudesse constranger a deixar de falar verdade no que lhe fosse perguntado.

Foi mais perguntado se já lhe haviam feito algumas perguntas depois que ele respondente se achava preso, e se estava certo no que elas continham.

Respondeu que depois de estar preso já neste mesmo lugar se lhe tinham feito primeiras e segundas perguntas e que estava muito bem certo no seu conteúdo, e nas respostas que a elas tinha dado, as quais logo mandou ele desembargador chanceler que lhe fossem lidas, e depois de as ouvir ler, disse ele respondente que eram as mesmas que se lhe haviam feito, e que a elas nada tinha que acrescentar ou diminuir.

Foi perguntado se ele respondente conhecia Manuel Ferreira, mestre de meninos, Vicente Gomes, professor de medicina, João Manso, professor de gramática latina, José Bernardo da Silveira Frade, que vive de fazer alguns papéis de direito, Francisco Coelho Solano e um João Pedro.

Respondeu que os conhecia.

Foi mais perguntado se com todos os referidos homens, ou com alguns deles tinha trato ou amizade.

Respondeu, que com João Manso tinha muito trato e amizade, e que também a tinha com o médico Vicente Gomes; que Manuel Ferreira algumas vezes fora à sua casa, mas sempre em companhia de outra pessoa, de que presentemente se não lembra, que isto mesmo acontecia a respeito do Solano, e que de João Pedro tinha um superficial conhecimento, que finalmente José Bernardo da Silveira Frade, havia procurado a ele respondente para lhe assinar alguns papéis, e que dali principiara ele respondente a ter com ele algum conhecimento.

Foi mais perguntado que conceito formava ele respondente de todos os sobreditos homens, e se os tinha por pessoas de verdade e de consciência.

Respondeu que a respeito do caráter de João Pedro nada podia dizer por não ter tido trato com ele, e que a todos os mais tinha por homens bons e verdadeiros, exceto a José Bernardo da Silveira Frade por não ser homem de bom conceito, e ser fautor de denúncias, patrocinador e fautor de intrigas e más demandas, e que com ele respondente acontecera que não querendo assinar-lhe alguns papéis por neles maltratar alguns dos advogados desta cidade se declarara por seu inimigo, e o ameaçara, seis ou sete dias antes da prisão dele respondente, e que ainda no mesmo dia de sua prisão lhe escrevera uma carta bastante escura e enigmática mas que bem demonstrava que o seu fim era ameaçá-lo.

Foi mais perguntado se ele respondente conhecia o mau caráter deste homem por que razão havia tido trato com ele, e assinado os papéis que ele fazia.

Respondeu que a isto nada mais tinha que dizer do que o ser procedido da sua demasiada condescendência e desejo de fazer bem.

Foi mais perguntado se alguns dos referidos homens haviam concorrido com ele respondente nas conversações familiares que tinha em sua casa ou em outro lugar público ou particular desta cidade.

Respondeu que excetuando João Pedro todos os mais tinham entrada em sua casa, e que como depois disto havia passado muito tempo, não tem ele respondente lembrança se algum deles assistiu a algumas conversações familiares de que se tratou nas primeiras perguntas, e a que assistiu João Marques, o médico Jacinto, e Mariano José Pereira.

E logo pelo dito desembargador e chanceler foi dito que ele respondente havia falado com menos lisura do que devia, e faltado à verdade em muitos pontos de perguntas que se lhe haviam feito; primeiramente em dizer que não havia traçado ou escrito algum plano ou projeto de Estatutos para o todo ou parte deles por onde se havia de reger a Sociedade literária de que tinha sido eleito membro, porquanto constava que ele respondente escrevera um projeto dos mesmos estatutos em todo ou em parte, no qual se via e mostrava que ele respondente se propunha com a fundação da mesma Sociedade a outros objetos e fins muito além da instrução dos sócios e utilidade do público:

Segundo, em dizer que nos ajuntamentos familiares de amigos, que continuaram depois de extinta a Sociedade, só concorriam os declarados por ele respondente nas primeiras perguntas, pois que igualmente constava que além dos que havia nomeado concorriam neles outros diferentes sujeitos:

Terceiro, em dizer que nas ditas conversações se não tratara nem de matéria de religião, nem de política, pois que havia toda a certeza que nas mesmas se falava com mofa e irrisão da religião, e que se passava a tratar com desprezo o poder e autoridade dos príncipes, louvando os princípios que estabelecem uma liberdade ilimitada de fato adotados pela revolução francesa, a que se davam grandes elogios:

Quarto, em negar a posse e uso de livros nos quais se continham os ditos abomináveis princípios, pois que também havia toda a certeza que ele respondente não só tinha e usava de alguns dos referidos livros compostos unicamente para derramar a semente que abortou a sobredita revolução acontecida na França, mas que até os adotara, escrevera, e publicara em alguns dos seus papéis:

Quinto em dizer que ele, respondente, de gazetas não lia mais que a parte aonde se continha a notícia de despachos, e edição de alguns livros, pois que também era certo que ele respondente lia e conservava alguns Mercúrios publicados na mesma França, e por consequência cheios dos mesmos detestáveis princípios, e fatos horrorosos e detestáveis, o que exposto devia ele respondente declarar a verdade do que a este respeito se havia passado.

Respondeu quanto ao primeiro ponto que é certo que entre os papéis dele respondente se haviam achar alguns projetos de Estatutos, mas que estes tinham sido feitos, e escritos pelos médicos Muzzi e Ataíde, e também por outro sócio de quem agora se não lembra, mas que nenhum tinha sido escrito por ele respondente, e por isso não tinha faltado nesta parte à verdade, e que ele respondente nos mesmos projetos não descobria mais que vistas econômicas, nem tinha descoberto que neles houvesse outro fim mais que instrução do público, e utilidade dos sócios.

Quanto ao segundo, que também tinha dito a verdade quando proferira que senão lembrava de que nas ditas conversações concorresse mais alguma pessoa do que as que por ele nomeadas, mas que não duvidava que nelas tivesse concorrido mais algum sujeito.

Quanto ao terceiro também dizia que tinha falado verdade pois que nas ditas conversações nunca se tratara de matérias de religião, nem de política, e que suspeita, que o dissesse o contrário seja impostura traçada por José Bernardo Silveira Frade, pelos motivos de inimizade que ele respondente já ponderou.

Quanto ao quarto que ele respondente nunca tivera nem possuía livro algum que tratasse determinadamente dos princípios da revolução contra os governos monárquicos, e que igualmente se não lembra, nem lhe pode vir ao pensamento que em alguns dos papéis compostos por ele respondente se achem os mesmos princípios.

Quanto ao quinto, respondeu que entre os seus papéis se poderá achar um Mercúrio segundo sua lembrança, no qual se contém várias poesias, e também, segundo a idéia dele respondente, o mesmo **Mercúrio** não contém senão o extrato de obras literárias, o que não afirma com certeza pois que não lera o que o mesmo **Mercúrio** ou papel se continha em prosa.

Foi instado que tudo quanto acima lhe havia ele desembargador e chanceler dito a respeito dos cinco pontos em argüir a ele respondente de ter faltado à verdade, lhe havia ser mostrado com toda a evidência, e que por conseguinte não devia ele respondente persistir em sua inútil negativa, que só servia de mostrar um ânimo obstinado, e contumaz.

Respondeu que tinha dito verdade, e que tem por muito dificultoso poder-se mostrar o contrário.

E por ora lhe não faz ele desembargador e chanceler mais perguntas, e houve esta por feita e acabada, as quais mandou que fossem lidas a ele respondente, e depois que por mim escrivão lhe foram lidas disse que estavam em tudo conformes suas respostas, com que se lhe havia perguntado, e as aprovava e ratificava do que damos nossas fés, e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos para que debaixo dele declarasse se o que havia dito respectivo a terceiro era verdade, declarou debaixo do mesmo juramento que recebido tinha que tudo quanto havia dito respectivo a terceiras pessoas era verdade, e de tudo mandou ele desembargador e chanceler fazer este auto que assinou comigo escrivão com o que também assistiu, e o dito preso, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência, o escrevi e assinei:

SILVA.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos noventa e cinco, aos trinta e um dias do mês de julho do dito ano, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligência, e o tabelião José dos Santos Rodrigues Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que foi conduzido à presença do dito desembargador, e depois de o mandar pôr em sua liberdade, o passou a perguntar na forma e maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, e se estava em seu perfeito juízo, sem causa ou motivo que o pudesse obrigar a deixar de falar verdade no que fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha idade quarenta e seis anos, que era advogado e professor de retórica nesta

cidade, e de cujas ocupações vivia, que era solteiro, e não tinha ordens algumas, e que se achava com perfeito juízo, sem causa que o pudesse obrigar a deixar de dizer verdade no que fosse perguntado.

Foi perguntado se depois que ele respondente se acha preso lhe tinham sido feitas algumas perguntas, se estava no seu conteúdo, e nas respostas que a elas havia dado.

Respondeu que já depois que ele respondente se acha preso se lhe tinham feito primeiras, segundas e terceiras perguntas, que estava muito bem lembrado do seu conteúdo, e respostas que elas havia dado, e logo pelo desembargador chanceler foi mandado que umas e outras lhe fossem lidas, e depois de serem por ele respondente ouvidas disse que eram as mesmas que se lhe haviam feito e respostas que a elas tinha dado, que as aprovava e ratificava, e que a elas nada mais tinha que acrescentar, nem diminuir, de que damos nossas fés.

Foi mais perguntado se ele respondente persistia nas negativas que nas perguntas antecedentes havia feito, ou se tendo feito toda a madura e séria reflexão sobre esta matéria vinha em sinal de arrependimento, e para descargo de sua consciência resoluto a confessar a verdade.

Respondeu que ele havia dito a verdade sobre o que se lhe havia perguntado, e que só presentemente não duvidava que pudesse ter feito alguns apontamentos pela sua letra para os mesmos Estatutos, e só com o fim de ajudar a sua memória, e não para os dar publicamente, e que estes apontamentos não podiam conter outras matérias, que não fossem convenientes à economia da sociedade.

E logo pelo desembargador chanceler mandou que eu escrivão lhe apresentasse o papel que contém esses apontamentos para os estatutos da Sociedade, o qual ele respondente não podia duvidar ter sido escrito pela sua letra, pois se achava reconhecido por um tabelião público, para que ele respondente igualmente o reconhecesse, cujo papel mandou o mesmo desembargador chanceler a mim escrivão que o ajuntasse a estas perguntas. E depois de apresentado por mim escrivão ao respondente o dito papel e de ser por ele visto, disse que o dito papel era verdadeiro, e tinha sido escrito por sua própria letra para o fim que já ele respondente havia declarado.

Foi instado que essa confissão e reconhecimento que atualmente tinha feito era uma prova evidente da pouca lisura e verdade com que até agora havia respondido ao que se lhe havia perguntado, e que da mesma sorte que pelo o dito papel, e seu reconhecimento se achava convencido da negativa, que sobre este ponto tinha feito se convencia que ele respondente ao tempo em que escreveu os mesmos apontamentos já resolvia em seu ânimo traçar e fomentar fins ilícitos

a respeito do público, pois que ainda que a Sociedade que se pretendia formar tivesse só por objeto matérias de pura recreação, nenhuma razão havia para se recomendar o segredo delas, de modo que ninguém soubesse o que se tratava na dita Sociedade, como ele respondente fazia no primeiro dos referidos apontamentos, o que procedia com maior razão sendo o fim da dita Sociedade além da instrução dos sócios o proveito do público, pois que com o dito impenetrável segredo por ele recomendado nenhum proveito tirava o público de semelhante corporação, ao mesmo passo que este, e não outro podia ser o motivo por que tinha sido aprovada, que além disto ele respondente no segundo dos ditos apontamentos bem dava a conhecer qual era o seu ânimo e o quanto estimava o governo democrático, pois que nele o inculcava para o governo da referida Sociedade, o que tudo junto com outros iguais pensamentos derramados em alguns de seus papéis, como se lhe havia mostrar, deixavam bem entrever que ele respondente se propunha debaixo do pretexto de uma corporação literária tratar e envolver matérias de péssimas conseqüências, querendo de antemão escudar-se com o segredo que pretendia impor aos sócios sobre o que nas mesmas conferências se tratasse pelo que devia ele respondente dizer a pura verdade, sobre tudo quanto se lhe havia perguntado.

Respondeu que ele havia dito a verdade, nem esperara pela convicção para a dizer respeito dos apontamentos que ele respondente havia feito para o governo da Sociedade como constava dessas perguntas, e que se antes o não havia feito era por não lembrar-se pelo muito tempo que havia decorrido depois de os ter feito. Que pelo que respeita à recomendação do segredo que se vê no primeiro dos ditos apontamentos, este não tinha por fim mais que o não derramar-se no público as disputas que os sócios tivessem entre si nas conferências, e que por isso mesmo também recomendava junto com o segredo a boa fé, o qual era tão necessário neste ponto que a experiência lhe fez ver que por ele se não guardar, deixaram dos melhores sócios a Sociedade, e que pelo que respeita à imputação que se lhe faz de amar o governo democrático, além de não haver no dito apontamento mais de odioso que o dito termo democrático, que no tempo que escrevera os mesmos apontamentos não causava o horror, que hoje deve causar, considerou ele respondente que não havendo entre os sócios uma pessoa superior às outras, ou por nascimento ou por empregos que pudesse conter os sócios nos seus decentes deveres, por serem todos iguais, não havia melhor modo para o seu regime que o por ele lembrado no dito segundo apontamento.

Foi instado que ele com a sua resposta não satisfazia a instância que se lhe havia feito, porquanto antes de se lhe mostrar o papel

dos apontamentos não confessara ele respondente positivamente havê-los escrito, mas só falara de possível, meio que escolhe para escudo todo aquele que recusa o seu convencimento, e que até isto o não fizera senão nestas quartas perguntas, e depois de se lhe haver dito no fim das terceiras que por um modo evidente se haviam convencer as suas negativas que igualmente não satisfazia a instância que se lhe havia feito sobre o segredo que recomendava no primeiro dos ditos apontamentos, porque se a sua mente quando o formou fora restringir-se só às disputas, que podiam originar-se na Sociedade, não falara geralmente, e sem restrição alguma, da forma que fala no dito apontamento; além disto que as disputas que sobrevieram, de que se originou a ausência dos dois sócios, fora posterior ao dito apontamento, e que de nenhuma forma lhe poderia servir de objeto para ele. Que a quartada que dá a respeito de amar o governo democrático também parece não é suficiente, pois que se um só dos sócios tendo o governo da mesma Sociedade não era bastante, no seu conceito, para conter os sócios nos devidos termos, muito menos bastaria para isso o governo por ele respondente proposto, pois que nele todos os sócios eram iguais, nem podiam, nem deviam reconhecer superioridade alguma.

Que da mesma sorte o dizer que o governo democrático não podia causar no tempo em que usou daquele termo o mesmo horror que atualmente causa, não satisfaz porquanto o papel dos ditos apontamentos não tem data, nem era, e podia ser modernamente feito quando se tratou do restabelecimento da mesma Sociedade, o que até parece mostrar-se pelo fato que ele respondente expõe da ausência dos sócios, e que com esta experiência quisesse ele prevenir o abuso do segredo do que nas mesmas conferências se passara.

Respondeu que é verdade que ele respondente não respondera positivamente haver escrito os apontamentos para os Estatutos, mas só de possível pela razão que já deu haver decorrido muito tempo depois de os haver formado, e não ter positiva lembrança de os haver feito, e que só respondera de possível por ter costume de apontar as matérias, e o que sobre elas há de dizer, quando se houverem (sic) de tratar. Que igualmente se explicara no dito papel sem restrição alguma, pois o formará só para adjutório da memória reservando-se para o tempo de expor verbalmente as modificações de que devia orar a respeito deles; que também era certo que a ausência dos dois sócios, de que acima falara, não lhe podia servir de objeto para formar o dito apontamento, mas que igualmente era certo que qualquer sujeito que tem conhecimento do coração e costumes dos homens podia prever que destes ajuntamentos se podiam originar muitas disputas, que sendo públicas vem a causar entre os mesmos homens ódios e inimizades. Que é certo que a instância que se lhe

faz a respeito da escolha do governo democrático tem muita força, e que só pode responder a ela que quando formou o dito apontamento lhe pareceu melhor o que nele escreveu mas que depois cedera à força da mesma instância ponderada pelos outros sócios, que concorreram a formar os estatutos. Que da mesma forma era verdade que o papel que se lhes mostrou a ele respondente, e reconheceu nestas perguntas, de que damos nossas féis, não tem data, mas que este mesmo por si, e pela letra está mostrando a sua antiguidade, e ser anterior aos Estatutos que se hão de achar na livreria dele respondente, e que além d'isto os mesmos estatutos mostram que os ditos apontamentos não foram modernamente feitos, porque tendo o verso de cada folha em branco para nele se escreverem adições, no caso de se julgarem precisas neles, se não acham escritas algumas, o que prova evidentemente que os apontamentos foram anteriores aos ditos Estatutos.

E por ora lhe não fez ele desembargador chanceler mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quais sendo lidas ao respondente disse que estavam conformes suas respostas, com o que se lhe havia perguntado, e que as prova e ratifica de que damos nossas féis, e para constar mandou ele desembargador chanceler fazer este auto que assinou comigo escrivão, e o que também assistiu, e o dito preso, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência que o escrevi, e declarou mais ele respondente que tinha que acrescentar pois que uma prova evidente de que os Estatutos de que a renovada Sociedade atualmente se servia eram os mesmos de que se servia a Sociedade extinta é acharem-se assinados por Ildfonso, Muze e Ataíde, pessoas mortas, antes da renovação da mesma Sociedade, e eu dito João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência, o escrevi e assinei.

SILVA.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

José Dos Santos Rodrigues de Araújo.

II

TERMO

de

AJUNTADA DE SETE APONTAMENTOS Para Estatutos de uma Sociedade Litterária

Aos 31 dias do mês de julho de 1795 anos, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição,

aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação e o tabelião José dos Santos Rodrigues Araújo, para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, aí pelo dito desembargador chanceler no ato das mesmas perguntas me foi apresentado um papel em que se continham sete apontamentos para estatutos de uma Sociedade literária, escritos em meia folha, rubricada pelo sobre dito tabelião, e por ele reconhecida a letra, e atestado ser próprio do mesmo Manuel Inácio da Silva Alvarenga para que eu escrivão nomeado para esta diligência, o ajuntasse a estas perguntas, e onde o mesmo papel e apontamentos tinham servido de objetos, o qual em logo ajuntei, e li o mesmo que adiante se segue, de que mandou o dito desembargador fazer este termo que comigo assinou, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira o escrevi e assinei:

Silva.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

1.º

A boa-fé e o segredo, de modo que ninguém saiba do que se tratou na Sociedade.

2.º

Não deve haver superioridade alguma nesta Sociedade, e será dirigida igualmente por modo democrático.

3.º

O objeto principal será a filosofia em toda a sua extensão, no que se compreende tudo quanto pode ser interessante.

4.º

Não se trabalhará somente sobre matérias novas, mas também sobre as já sabidas, porque será útil conservar e renovar as idéias adquiridas, e comunicá-las aos que tiverem falta desses conhecimentos.

5.º

Aquele que escrever alguma memória a apresentará à Sociedade, sem que antes nem depois a comunique a pessoa alguma, exceto quando a mesma Sociedade julgue que se deve pôr em prática, por utilidade pública.

6.º

Para ser admitido qualquer novo sócio, deve preceder boa informação da sua probidade, segredo e aplicação, de sorte que se possa esperar utilidade da sua companhia, e será recebido por pluralidade de votos.

7.º

Deve haver um secretário anual, este guardará a chave do cofre, onde ficarão as memórias, e tudo o mais que pertencer à Sociedade.

Reconheço a letra supra ser do doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga, pela combinação com outras do mesmo, e achar conforme e semelhante.

Rio, vinte quatro de dezembro de mil setecentos e noventa e quatro. Em testemunho de verdade.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

Atesto que este papel foi achado entre os mais papéis que examinou o desembargador Antônio Rodrigues pertencentes ao doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga no seqüestro que a ele se fez, o que afirmo debaixo do juramento do meu officio.

Rio, 24 de dezembro de 1794.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

III
AUTO
de
CONTINUAÇÃO E RATIFICAÇÃO DE
PERGUNTAS
Feitas
A Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1795, aos 4 dias do mês de agosto do dito ano, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição, onde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligência e o tabelião José dos Santos Rodrigues Araújo, para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que foi conduzido à presença do dito desembargador chanceler, e depois de mandar pôr em sua liberdade o passou a perguntar na forma e maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha

algumas ordens, se estava em seu perfeito juízo, e sem causa ou motivo de opressão que obrigasse a deixar de faltar verdade no que fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha de idade quarenta e seis anos, que era advogado, e professor de retórica nesta cidade, de cujas ocupações vivia, que era solteiro, e se achava em perfeito juízo, sem causa que pudesse obrigá-lo a deixar de faltar verdade no que fosse perguntado.

Foi perguntado se depois que ele respondente está preso se lhe fizeram já algumas perguntas, se estava certo do seu conteúdo e respostas, que a elas havia dado, se as ratificava, e aprovava, e se tinha que acrescentar ou diminuir.

Respondeu que depois de estar preso já neste mesmo lugar se lhe haviam feito primeiras, segundas, terceiras e quartas perguntas que estava certo no seu conteúdo, e sendo-lhe lidas neste ato de que damos nossas féas, disse que eram as mesmas que se lhe haviam feitas, e que as aprovava e ratificava, e que só tinha que acrescentar que pelas perguntas que ele desembargador lhe havia feito, principalmente quando nelas lhe havia dito que ele respondente quando fizera os apontamentos de que nas antecedentes perguntas se tem faltado já resolvia em seu pensamento objetos de péssimas consequências, parecia ter a ele respondente por autor da instituição da mesma Sociedade, o que assim não acontecera porque se a algum se podia dar o título de motor da mesma Sociedade era ao defunto Ildefonso José, o que suposto, mal podia ele respondente resolver em seu pensamento quando fez os ditos apontamentos fins perniciosos ao público, o que só poderia verificar-se sendo ele o motor, e instituidor da união dos sócios.

Foi instado que sem embargo de não ter sido ele respondente motor e instituidor da referida Sociedade bem podia ele como particular traçar no seu pensamento fins sinistros, e que oferecendo-lhe à sorte ocasião oportuna se aproveitasse dela para derramar entre os outros homens, ou pretender derramar os mesmos fins, e que por conseguinte de nada lhe podia aproveitar a declaração que ele respondente havia feito.

Respondeu que a instância que se lhe havia feito era de mera possibilidade, e que além disso os outros sócios não eram pessoas capazes, de serem convencidas e levadas por ele respondente para maus fins, o que se podia provar de ser ele respondente combatido pelos mesmos apontamentos, mas de outras matérias.

Foi perguntado se os estatutos que a Sociedade tinha, e de que usava eram os escritos por ele respondente, e de que já tinha faltado

em algumas destas perguntas, ou se além destes havia outros, ou algum outro a exemplar deles.

Respondeu que os estatutos por que a Sociedade se regera foram sempre uns e os mesmos que ele respondente escrevera, e se acham encadernados com capa azul de pano ou ruão, mas que alguns sócios tiraram deles algumas cópias.

Foi instado que as quartadas que deram a respeito de não responder afirmativamente nos antecedentes interrogatórios à pergunta que se lhe havia feito como era; se tinha escrito alguns projetos para os Estatutos; e o não fazê-lo positivamente, senão depois de convencido pela apresentação dos apontamentos, visto que antes dela só o tinha feito duvidosamente, e de possível, se convence pela mesma causal, que assinou para ela de ter passado longo tempo, e de não estar bem lembrado, porquanto se esta razão fosse causa para o não afirmar positivamente, também era bastante para positivamente não negar como o fez nas primeiras e terceiras perguntas, muito mais devendo ele respondente estar certo no costume que tinha de apontar as matérias e o que sobre elas há de dizer quando depois se hajam de tratar como ele respondente confessou, pois que este mesmo costume bastaria o não ter uma viva lembrança do que havia passado para o deixar duvidoso, e não responder com uma negativa absoluta, como o fez nas primeiras e terceiras perguntas, antes responderia da mesma forma que fez nas quartas, quando viu próximo o instante de ser convencido de que tudo se colhe a pouca verdade com que tem procedido em suas respostas, mais que quando se argüido por alguns pensamentos a princípios exarados nos referidos apontamentos, como de fato o foi nas quartas perguntas, e lembrando deles escolheu um meio para evadir o dito argumento de uma positiva negação supondo talvez, que neste ponto não poderia ser convencido até, que vendo pelas perguntas antecedentes que ia a ser convencido, se resolveu a confessar a possibilidade de os haver escritos, e que só confessou positivamente depois da apresentação dos referidos apontamentos; que além disso a palavra boa fé recomendada nos ditos estatutos em nada lhe era profícua, pois que ela era relativa à boa fé que os sócios haviam ter entre si, e ao segredo tão recomendado, que a reserva mental a respeito da generalidade do primeiro apontamento também era uma fraca escusa, pois que ele como professor de direito deve saber que elas de nada valem, e que finalmente a consideração de se acharem assinados nos estatutos os dois sócios falecidos anteriormente à renovação da Sociedade, sendo verdadeira como de fato não é segundo se via dos mesmos Estatutos que eu escrevão lhe apresentei neste ato por mandato do dito desembargador chanceler, que igualmente me ordenou os apontasse a estas perguntas, e na hipótese da referida Sociedade se reger por eles, o que de

nenhuma sorte consta, esta consideração só provaria que a Sociedade não adotou semelhante pensamento, mas não que ele respondente não propusera ainda que fosse rejeitado no tempo da renovação, que ele respondente não é argüido de usar do termo democrático, ou fosse ou não fosse honroso no tempo em que dele se serviu, mas sim de amar este governo, e por isso propor para o regime da Sociedade, e que por todos estes princípios devia deixar a pertinácia com que até agora tinha ocultado a verdade, e expôr esta puramente para descargo de sua consciência.

Respondeu que ele não responderá negativamente nas primeiras e terceiras perguntas a que se lhe fez como era — se tinha escrito algum projeto de Estatutos — por entender que se lhe perguntara se tinha feito um plano inteiro de Estatutos, e que além disso a perturbação em que se acha um preso interrogado em ato de perguntas junto com o longo tempo que tem decorrido, e a pouca importância do papel, tudo lhe fez transformar suas idéias para não responder logo positivamente o ter escrito os ditos apontamentos como fez quando lhe foram mostrados, que o papel dos ditos apontamentos por si mesmo está mostrando ser anterior à fundação da Academia, e mal podia ser feito ele respondente quando se tratou da sua renovação pois, que então de nenhuma forma se cogitou de reformar outros de novo; que os Estatutos que neste ato lhe eram apresentados por mim escrivão de ordem dele desembargador chanceler, de que damos nossas fés, em nada convencem a verdade do que respondeu, pois os de que ele falou se acham encadernados com capa de ruão azul, escritos pela letra dele respondente, e assinados no fim pelos sócios, o que se não acha nos presentes pois nem são assinados pelos sócios, nem se acham escritos por ele respondente: a excessão de alguns lugares que neles aparecem emendados mas sim por letra de Estácio Gularte, e que finalmente, à instância que se lhe fazia novamente sobre amar o governo democrático já tinha satisfeito nas perguntas antecedentes, o que nada mais tinha que acrescentar.

E por ora lhe não fez ele desembargador chanceler mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quais sendo-lhe lidas por mim escrivão disse que estavam conformes e o que respondido tinha, e que por isso as aprovava, e ratificava, de que damos nossas fés, e para constar mandou ele dito desembargador chanceler fazer este auto que assinou comigo escrivão com o que também assistiu, e o dito preso, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira escrivão nomeado para esta diligência o escrevi e assinei.

Silva

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira

Manuel Inácio da Silva Alvarenga

José dos Santos Rodrigues Araújo

IV
TERMO
de
AJUNTADA DOS ESTATUTOS

Aos quatro dias do mês de agosto de mil setecentos noventa e cinco anos nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga ali pelo dito desembargador chanceler me foi apresentado um caderno coberto com capa de papel pintado em azul com o título seguinte: Estatutos da Sociedade literária do Rio de Janeiro, estabelecida no ano do governo do ilustríssimo e excelentíssimo senhor Luís de Vasconcelos e Sousa, vice-rei do Estado, mil setecentos e oitenta e seis, cujo caderno, e Estatutos se acham escritos em dezenove meias folhas, com o verso de cada uma em branco, para que eu escrivão nomeado para esta diligência ou apensasse a estas perguntas aonde eles serviam de objeto, os quais logo pensei na forma que me foi ordenado, e são os próprios que ao diante se seguem por apenso de que para constar mandou fazer este termo que assinou comigo escrivão, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência, o escrevi e assinei.

Silva.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

N.B. Segue-se o termo de ajuntada dos Estatutos da Sociedade literária do Rio de Janeiro estabelecida no ano do governo do ilustríssimo senhor Luís de Vasconcelos e Sousa, vice-rei do Estado, 1786, que se suprime em virtude de não aparecerem os Estatutos.

Estes Estatutos estavam escritos em um caderno coberto com capa de papel pintado, e constava de 19 folhas e meia, sendo o verso em branco.

V

AUTO DE PERGUNTAS

Feitas ao Preso

Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco aos doze dias do mês de agosto do dito ano nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação, e escrivão nomeado para esta diligência, e achando-se também o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, o qual mandou vir à sua presença, e depois de posto em liberdade o passou a perguntar na forma e maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em perfeito juízo, e sem constrangimento ou causa que o pudesse embaraçar o que deixasse de dizer verdade no que fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha de idade quarenta e seis anos, que era solteiro, advogado e professor de retórica nesta cidade, de cujas ocupações vivia, que não tinha ordens algumas, e se achava em perfeito juízo, sem motivo que o pudesse deixar de dizer verdade no que fosse perguntado.

Foi perguntado se já depois de estar preso se lhe haviam feito algumas perguntas.

Respondeu que já se lhe haviam (sic) feito depois de estar preso primeiras, segundas, terceiras, quartas e quintas perguntas.

Foi perguntado se estava certo no seu conteúdo, e se as aprovava e ratificava, ou tinha que acrescentar ou diminuir.

Respondeu que estava certo no seu conteúdo e respostas que havia dado, e sendo-lhe lidos por mim escrivão neste ato disse que

eram as mesmas que se lhe haviam feito, e que as aprovava e ratificava, de que damos fé, e que nada mais tinha acrescentar ou diminuir.

Foi mais perguntado se ele respondente estava lembrado ou tinha certeza de que João Pedro, e José Bernardo da Silveira Frade tivessem assistido a algumas das conversações familiares que ele respondente havia confessado haver em sua casa, pois que desde as primeiras perguntas que se lhe tinham feito até as presentes tinha tido bastante tempo para refletir sobre o que atualmente era perguntado.

Respondeu que quanto a João Pedro estava certo que nunca assistira às ditas conversações, e que quando a José Bernardo algumas vezes tinha assistido por ter entrada familiar na casa dele respondente.

Acareamento

E logo mandou ele desembargador chanceler neste mesmo ato vir à sua presença a testemunha do número primeiro da devassa José Bernardo da Silveira Frade para efeito de ser acareada com o respondente na parte em que um e outro encontravam, e depois de perguntar ao acareado se conhecia o careante e se era o mesmo José Bernardo da Silveira Frade de quem havia falado, e de ter o mesmo respondido que sim, era o mesmo, lhe mandou ele desembargador chanceler ler por mim escrivão o depoimento do mesmo careante na parte em que lhe dizia respeito, e depois de deferir ao mesmo careante o juramento dos santos Evangelhos para que debaixo do mesmo declarasse se era aquele o seu depoimento, e depois de recebido por ele assim o prometeu fazer, e disse que o depoimento que se lhe lia era o próprio, que tinha prestado na devassa, e que de novo o sustentava e ratificava, e só declarou que em quanto havia jurado que João Marques tinha proferido que os reis faziam o que queriam, e que logo que faziam uma injustiça mereciam ser enforcados, tem ele careante entrado na dúvida se o dito João Marques disse reis, ou vice-reis, suposto que pelo seu costume de falar com liberdade, e contra os governos monárquicos, não duvida que antes falasse dos reis, e lido o dito juramento disse ele desembargador chanceler ao acareado Manuel Inácio que pelo dito juramento se provava o contrário do que havia dito em suas respostas, em cujas circunstâncias ou devia retratar-se ou conservar e mostrar que o juramento do careante era falso, ou produzirem um e outro suas razões, por onde sustentassem o que haviam dito, e logo pelo careado foi dito que o juramento do careante em parte era verdadeiro, e em parte falso, que era verdadeiro em dizer que depois da Academia extinta se continuaram conversações particulares em casa dele careado, mas que estas conversações nunca foram a título de Academia, mas sim umas conversações familiares como ele acareado tem dito, e nisto ficarão firmes e concordes tanto

o acareante como o acareado, foi mais dito pelo acareado que também era verdadeiro o mesmo depoimento, enquanto jurara que os que frequentavam mais a casa do acareado e ditas conversações eram o médico Jacinto, o professor de grego, João Marques, e Mariano José Pereira, e que nelas também se achavam algumas vezes, ainda que raras, o professor de medicina Vicente Gomes, o mestre de meninos Manuel Ferreira, e o Solano no que também ficou concorde o careante. Foi mais dito pelo careado que também era verdade o ter-se lido em uma das ditas conversações um papel impresso na língua francesa, mas que este era o correio de Londres, papel que não é proibido, e que fora fortuna o dizer o careante que era em folha de papel em francês pelo que se mostra que era o mesmo correio de Londres, e não ter notícia de outro papel escrito em inglês, que tem por título correio da Europa, e é clandestino e proibido; de cujo papel se leram alguns discursos, tanto da parte da Inglaterra, como da parte dos Franceses, e que ele careado falta do papel intitulado correio de Londres do qual se leram os ditos discursos, e nesta parte discordaram o careante do careado dizendo o careado que se leram discursos, mas que não estava certo da matéria sobre que os mesmos rolavam, e afirmando o careante que os discursos feitos em favor dos Franceses tratavam de louvar a revolução e tratavam os outros povos como faltos de razão, e como vegetais, dizendo-se mais em um deles que os reis argamassavam o trono com o sangue dos seus vassalos, apontando para isto muitos exemplos de imperadores e reis que tinham disso o flagelo dos seus povos, acrescentando mais que nos papéis que se leram e eram feitos em Inglaterra se não combatia a revolução e só tratavam sobre a questão de se dever preferir a paz, ou a continuação da guerra, no que ficaram um e outro firmes, cada qual no que havia dito.

Foi mais dito pelo careado que também era verdadeiro o juramento do careante na parte em que dizia que Sua Alteza mandara repreender o arcebispo de Braga, pois que à chegada de uns navios de Lisboa nas mesmas conversações se dera esta novidade sem que nelas se fizesse alguma nota, e nesta parte discordou o careante do careado, enquanto à nota sustentando o careante que João Marques, professor de grego, fizera a reflexão que o governo estava entregue a frades, na forma que tinha dito em seu juramento com a declaração que agora faz por melhor lembrado de que a primeira vez que ouvira contar a referida reflexão ao dito João Marques não fora na casa do careado, mas sim na rua Direita em ocasião que ele careante passeava com o mesmo João Marques, e que ao depois se tornara a promover a mesma conversa e reflexão na casa do careado, e desta forma ficaram firmes um e outro no que tinham dito. Foi mais dito pelo careado que também era verdade houvesse dito em uma das mesmas

conversações a respeito da água de rio Jordão que a gazeta trazia por novidade que o papa tinha mandado ao príncipe nosso senhor para o batismo do príncipe ou princesa uma redoma de água do mesmo rio, mas que sobre esta novidade se não fizera nas conversações a mínima nota e nesta parte discordou o careante do careado dizendo que a dita novidade se contara com as outras que declarou com o seu juramento para a prova do fanatismo do príncipe nosso senhor ainda que não está certo se os circunstantes e assistentes à dita conversação fizeram alguma reflexão sobre o referido fato à exceção do professor João Marques que disse que o reino estava entregue a frades, e o príncipe nosso senhor cheio de fanatismo, e por esta forma ficara cada um firmes no que haviam dito a respeito deste ponto. Foi mais dito pelo careado que também era certo o ter-se falado na dita conversação sobre a novidade de haver Sua Alteza mandado degradados para a Índia uns rapazes por causa de uns frades como diz o careante, mas que é falso o que este acrescenta de se haver falado mal do príncipe nosso senhor por esta causa, e nesta declaração não conveio o careante dizendo que João Marques tirara destes fatos, por consequência ser o príncipe nosso senhor um fanático acrescentando que os frades é que deviam ser degradados. Por esta forma ficaram ambos firmes cada um no que havia respondido. Foi mais dito pelo careado que exceto o em que tem concordado tudo mais que o careante diz em seu juramento é uma pura falsidade, e por que fazia a bem de sua defesa, perguntou ao careante se os artigos dos direitos ou leis estabelecidos na França que diz se leram em uma das conversações estavam escritos em algum livro ou folha volante, e quem era o Francês que se havia ausentado, e por cuja ausência ficara sua Alteza entregue à direção de um frade, ao que respondeu o careante que entre os maços de papéis ou correios de Londres, segundo o que diz o careado, e que trazia o bacharel Mariano é que vinham incertos os referidos artigos dos direitos e leis da França, que ocupavam pequena extensão, e que quanto ao Francês lhe tinha dito João Marques, que era um que tinha sido mestre do príncipe nosso senhor, cujo nome lhe repetira, mas ao presente lhe não lembra, e logo pelo careado lhe foi dito que tendo o careante tão grande memória para se lembrar de fatos alheios, e de que havia passado muito tempo, para os referir com tanta miudeza era sinal de falsidade o dizer que o mestre do príncipe nosso senhor tinha sido um Francês, e assim como nesta parte ele careante compõe de sua imaginação trocando um Italiano por um Francês, pois que o mestre do príncipe era Miguel Fransini, assim se deve julgar que em tudo o mais que refere em seu juramento há compostura, imaginação, e menos verdade; ao que replicou o careante que quanto a dizer ele careado que os fatos eram de muito tempo, certamente

o não eram porque ele careante nunca costumou ler as conversações feitas de noite em casa dele careado senão depois que o mesmo se mudara para a rua do Cano, e que a assistência nesta casa não era de longo tempo, mas antes de poucos meses, e quanto ao mestre do príncipe nosso senhor bem pode ser que ele careante se equivocasse, ou esquecesse da nação do mesmo mestre, e que talvez por lhe falar João Marques em nome de Fransini, ele careante o tomasse por Francês, no que não insiste, e só sim que lhe falara no mestre do príncipe na forma que disse em seu juramento concordando o careado em que o careante só assistira às conversações depois que se tinha mudado para as casas da rua do Cano em que tinham decorrido seis meses pouco mais ou menos até o tempo da sua prisão, ficou firme em que tudo o mais que havia dito nesta acareação era verdade, assim como também o careante o ficou em que era verdade quanto havia dito em seu juramento, e declarando nesta acareação, e em tudo o mais que nela havia dito, e tornou a instar o careado perguntando-lhe se persistia em negar os fatos da conversação respectiva aos casos de Moisés e do bezerro de ouro referido no juramento, e se eram falsos ou verdadeiros, ao que lhe respondeu o careado que eram como já tinha declarado falsos, e no que persistia, e continuou mais a perguntar-lhe se era verdadeiro o fato promovido em conversação em sua casa, aonde disse ele careado que queria ir fazer uma república de animais no Rio de Taguaí, e outros sim se era verdade que os outros sócios se ofereceram ou não para irem viver no dito rio, ao que respondeu o careado que era falso o dizer o careante que ele careado queria ir fazer uma república de bichos no Rio Taguai, e que só era verdade ter dito que tinha desejos de tirar uma sesmaria para os desertos do Rio Taguaí, porque era melhor viver entre os bichos do que entre homens maus, e que isto o dizia ele uma e muitas vezes nas horas de melancolia, e que nenhum dos outros sócios se lhe oferecera para lhe fazer companhia.

E lhe perguntou mais o careante se era verdade também o terem se promovido em consequência da república dos bichos argumentos, se se deveriam ou não matar os mesmos, ou consentir-se comerem eles e suas plantas, a que lhe respondeu o careado que nunca em consequência de república, mais só em consequência de viver em deserto é que se trataram dos ditos argumentos: perguntou mais o careante ao careado se também negava que em consequência dos louvores que davam as repúblicas, e vexames, e injustiças que os monarcas faziam aos seus vassallos trouxera o bacharel Mariano o exemplo acontecido em Inglaterra de que andando um oficial em requerimentos com o rei, e não o despachando este por longo tempo, o dito oficial o fora esperar a um passeio, e atirando com os requerimentos à cara do mesmo rei, tirara depois por uma pistola e se

matará, a que o acareado respondeu que era verdade o houvesse contado o sobredito fato, mas que fora em consequência de rolar a conversação sobre suicídio, e o sobre ser ele mais freqüente em Inglaterra, do que em outra alguma nação, e que a este respeito é que se contava o sobredito fato, e não pelos motivos que declara ele careante, ao qual ele careado declara por seu inimigo em razão de não querer assinar os papéis que o careante fazia, em segundo lugar pelo ter o mesmo careante ameaçado, em terceiro lugar, porque em consequência da mesma inimizade é que forjou esta acusação da mesma forma que teve premeditada outra contra o mestre de Campo Bahia por passear na sua fazenda com o barrete na cabeça, tendo o oratório aberto, e que depois receando-se da denúncia lhe escrevera uma carta de duas ou três folhas de papel, e que o mesmo careante era falto de temor de Deus por se não confessar dois e três anos de que havia documentos públicos em autos, a cujas criminações respondeu o careante que o careado não havia dar provas do que dizia menos da desobriga, porquanto pode mostrar que ele careante não se dera a rol ao cura da Sé, mas fora por este não fazer a sua obrigação canônica, indo ele mesmo ou algum se coadjutor pelas casas a tomar os fregueses a rolantes, chegando a mandar rapazes e de má conduta e sem ordens algumas a tomar a rol os ditos fregueses como era público, e que o careante estimulado disso, como disse muitas vezes senão quisera dar a rol aos ditos rapazes, mas o acareado não mostrará por modo algum ele careante e sua família se não confessassem, pois se assim fosse estaria segregado da Igreja, pelo que depois de vários argumentos, que entre si tiveram o careante e careado vindo a ficar por fim ambos firmes em que tinham dito a verdade em seus argumentos e respostas. Houve ele desembargador este auto de perguntas e acareação por acabado, e sendo mandado separar o careante para serem lidas as perguntas ao careado, disse eram as mesmas que se lhe haviam feito e respostas que a elas havia dado, e que as aprovava e ratificava, de que damos nossas fés, e tornando a entrar o mesmo careante foi lido a um e outro o auto de acareação, e depois de o terem ouvido ler, e de terem recebido um e outro o juramento para declararem debaixo dele, se era verdade quanto tinham dito a respeito do terceiro, disseram que tudo quanto constava do mesmo auto era o mesmo que haviam dito, e respondido, e que por isso o aprovaram e ratificavam, de que damos nossas fés, e que também debaixo do juramento que recebido tinham declaravam ser verdade tudo o que haviam dito nesta acareação a respeito de terceiro de que ele desembargador chanceler mandou fazer este auto que assinou comigo escrivão nomeado para esta diligência, com o tabelião que também assistiu e com o acareante José Bernardo da Silveira e acareado Manuel Inácio da Silva Alvarenga, e eu João

Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência o escrevi e assinei.

Silva.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

José Bernardo da Silveira Frade.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

VI

TERMO

da

AJUNTADA DA ORAÇÃO

Feita por José Antônio de Almeida
e recitada na aula de Retórica

Aos vinte e seis dias do mês de agosto de mil setecentos noventa e cinco anos nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação, e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, ali pelo dito desembargador chanceler me foi apresentado um caderno com capa de papel, e com o título seguinte: Oração feita por José Antônio de Almeida, e recitada na aula de retórica no mês de outubro do ano de mil setecentos e noventa e quatro, cujo caderno se acha escrito em sete e meias folhas de papel que com a mesma que lhe serve de capa se acham todas rubricadas com a rubrica — Santos — do tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para que ele escrivão nomeado para esta diligência o apensasse a estas perguntas, aonde ele tinha servido de objeto, o qual caderno eu logo o apensei assim como também um livro do abade Mably intitulado — **Direitos do Cidadão** — que se acha rubricado com a rubrica — Santos — do dito tabelião, que no mesmo ato foi apresentado pelo dito desembargador chanceler, e mandado apensar, o que tudo apensei na forma que me foi ordenada, e tanto o dito livro como o caderno são os que adiante se seguem por apenso a estas perguntas, de que para constar mandou fazer este termo que assinou comigo escrivão, e eu João Manuel

Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência o escrevi e assinei.

SILVA.

João Manuel GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

ORAÇÃO

Feita

Por José Antonio de Almeida
e recitada na aula de Retórica, no mês de
outubro do ano de 1774

Não foi, benévolo e respeitáveis senhores, não foi o estranho desígnio e indiscreto pensamento de querer contrair assentimento opostos, quem me conduziu a este lugar. As admiráveis virtudes, que continuamente renascem do valor, as estreitas leis da civilidade, e o ardente desejo de me instruir no gosto da eloquência, são os motivos que me obrigam a aparecer na vossa respeitável presença, a apresentar às vossas vistas um limitado quadro, em que possais ver representados alguns dos maravilhosos efeitos do valor, que parece que vós, persuadidos da certeza da matéria, e dos nobres incentivos que este poderoso atleta introduz no espírito do homem; procureis consegui-lo e recebê-lo no vosso coração.

A delecadeza da matéria, a pobreza dos meus talentos, e a falta de necessários estudos, parece que fazem me seja incompetente em tal assunto, mas isto mesmo me faz assaz merecedor das vossas estimáveis atenções, que necessito e prometo não fatigar a vossa paciência.

Querendo aquele Ente infinito, e perfeitamente sábio, o Autor da natureza que o seu eterno poder fosse de alguma sorte conhecido por uma criatura, que dotada de uma racional, soubesse admirar a sua grandeza, e gratificar os seus benefícios, e que a sua imensa bondade se prodigalisasse em aumentar a sua glória; criou o homem, infundindo-lhe todas aquelas admiráveis virtudes, que o fazem superior às demais criaturas.

Este Supremo Senhor, desejando introduzir nesta perfeita obra da sua mão maiores incentivos de amor para com o seu criador, antecipou-se em providenciar tudo o que deveria servir de recriar o espírito do homem. Ele criou inúmeras espécies de aves e de brutos, que lhes servem de sustento ao corpo, e recreio ao espírito. Ele quis que o profundíssimo Oceano produzisse no seu devorante seio, essa grande variedade de animais, que servem à comunidade da vida,

e que fosse capaz de suster sobre as suas prateadas ondas essas grandes, máquinas que sopradas dos ventos transportam os homens com facilidade a todas as partes do mundo. Quis também que a terra gerasse nas suas entranhas ricos e preciosos tesouros, que fossem distribuídos pelos homens, e que a sua face produzisse férteis campinas, enriquecidas do admirável colorido das flores árvores frutíferas e todas essas maravilhosas coisas que conhecemos. Ele fez que as cristalinas águas, que servem de refrigerar as terras, nos oferecesse, ao mesmo tempo na sua corrente, essas preciosas e resplandecentes pedras que encantam a vista. Ele com o seu poderoso braço dirigiu, e dispôs esses corpos luminosos, que são a alegria do gênero humano, destinando ao príncipe das luzes para espalhar por este grande vácuo do universos os seus resplandores, e esclarecer o globo da terra, e que na sua ausência a prateada lua viria aclarar o obscuro véu da noite, e derramar sobre ela um ar livre; uma frescura e serenidade capaz de distrair a alma do homem. Ele finalmente com a sua augusta mão ordenou essa infinidade de entes, cuja consideração certamente nos causará um extático transporte.

Agora, Senhor, vos pertence o pensar do qual destas maravilhosas obras do Onipotente fará o homem maior apreço, e que deverá zelar com maior cuidado. Nada, Senhor, nenhuma destas coisas tem o homem em tanto apreço, nem como coisa tão estimável como a sua vida; aquela cristalina fonte, em que continuamente está vendo, e conhecendo a sua essência. Ela é o infalível centro para onde tudo propende, e o principal objeto por quem tudo se move. Ela é quem exita ao homem a entregar-se à descrição das ondas agitadas pelos furiosos ventos, que soltos das suas prisões, as fazem subir às nuvens, expondo-se a perder o seu mais precioso tesouro na mesma ação de o conservar.

Ela é a única avaliadora de todas as coisas; sem ela são falsas as riquezas, tristes as honras, vãs as dignidades, desprezadas as nobrezas; finalmente ela é aquele brilhante sol que uma vez eclipsado com a pestífera vista da morte, jamais pode recuperar a sua luz.

E à vista disto, senhores, que coisa haverá que anime ao homem a tirar a vida a si próprio, estimando-a mais que tudo? Que poderoso motivo poderá apartar dele o temor de se ver privado da coisa que mais ama?

Ele teme a privação das riquezas, dignidades, e de tudo o que é de uma menor estimação, e poderá então com as suas próprias mãos arrojá-la fora de si aquela prenda, que a tudo o mais tem preferência? Sim, senhores, ele chega a quebrar estes fortes e indissolúveis laços excitado de um grande valor, que enriquece o seu espírito, um valor tal, que chega a exceder a estimação da vida,

e que faz que o homem entregue o seu peito ao mesmo ferro, que o costuma defender.

Ó admirável valor! Tu és a glória dos humanos, em ti existe a sua maior confiança; tu não cessas de o conduzir, alentar, e conseguir, ainda o que é incompetente às suas forças. Tu és o motor da guerra, e origem da paz; naquela acometes, vences, destruis, e nesta, espantas, atemorizas, e pões em sossego a nação contrária, onde só reina o frio medo à vista da tua face, tudo cede, rende-se, prostra-se. Tu só é que podes guiar o homem com os seus perfeitos sentimentos a encarar aquele horrível objeto, a morte.

É certo e crível, senhores, que o homem apenas formado, olhando com pasmo para esta máquina do universo, e admirando essas maravilhosas obras e preciosidades, com que se acha proporcionada, e adornada, se capacitaria logo que o acaso não podia formar essa admirável ordem: e que devia haver algum Ente Supremo, e perfeitamente bom, que tivesse formado tão admirável grandeza, e a cuja vontade tudo deveria estar sujeito. E finalmente olhando para si, e considerando a sua superioridade a tudo o mais, se persuadiria que a ninguém devia estar sujeita a sua vida, senão à vontade Daquele que lhe deu o ser, e que em nenhum tempo deveria sujeitar a sua liberdade aos rigores do seu semelhante.

“E posto este belo e bem fundado raciocínio do homem, julgai, senhores, qual não deve ser a fraqueza e vileza do espírito d’aquelle que chega a submeter-se totalmente às disposições de outrem, na consideração de ser ele uma criatura, a quem ainda seu Supremo Senhor concedeu a livre disposição da sua vontade! E que esse mesmo, que o pretende oprimir, e abater não recebeu da mão do seu Criador outra alma mais perfeita que lhe possa infundir uma natural superioridade!

Sim, meus senhores, eu contemplo a esses homens de fracos espíritos, em comparação daqueles que são dotados de valor, semelhantes aos vis insetos, cuja vida só existe na vossa vontade. Eles vivem sempre em disposição de se renderem a quantas crueldades os queiram acometer. Eles, encerrados em tenebrosos cárceres, consomem a sua vida com o pensamento cansado em um contínuo giro, sobre idéias frívolas, e lamentáveis; estes é que verdadeiramente se devem chamar espíritos fracos. E poderia haver alguém tão falto de raciocínio que pense ser este sofrimento nascido do valor? Eu não me posso capacitar que se encontre pessoa que sinceramente siga tal opinião; porque assaz é manifesto naqueles homens a fraqueza, pois que procuram escapar aos tormentos, e à morte, salvando-se das prisões, arrombando os cárceres, e trazendo o seu espírito em contínuos assaltos.

Eles não sentem por todas as partes senão um profundíssimo horror: procuram ocultar-se nos lugares remotos; a cada passo tremem de susto, e o medo chega a reprimir os seus passos”.

E poderemos julgar que em semelhante cena haja de aparecer o valor?

Não senhores, o varão cujo espírito se acha enriquecido do valor, vive sempre alegre e satisfeito. O seu coração sempre em repouso jamais se perturba, nem em seu semblante se poderá ver a pálida cor do medo. Nenhuma cega paixão perturba a paz da sua alma, e nele reinam os ricos desejos e o amor da glória, na esperança de conseguir. Ele enfim vive sempre com a sua liberdade segura. Tais são as virtudes do valor, tal é a elevação que ele infunde no espírito do homem!

Agora parece-me estar vendo aqueles antigos valorosos, que acabaram pelas suas próprias mãos.

Heróis, que desde a sua infância só obraram ações, que mereceram ser transcritas para admiração de a posteridade.

Como aquele célebre Aníbal que tantas vezes trouxe debaixo dos seus pés ao império romano; sendo acometido por eles, com uma inesperada e oportuna falsidade, lembrado das suas antigas honras, e do seu valor, e julgando que um espírito opressor não podia ser oprimido; tomou com toda a satisfação o veneno que costumava trazer como espelho, em que via retratada a sua liberdade, precioso desenho do seu valor. Admirai a olho aquele famoso Romano que recebendo o império, a tempo que os Alemães elegiam a Vitélio para imperador, vendo ele que por esta causa estava iminente a guerra civil, jurou que não consentira que por sua causa se movesse tão abominável guerra, e não se dilatou em conservar com a sua morte a paz dos seus cidadãos.

Olhai para Cleópatra aquela admirável heroína, que, se vê separada de seu caro esposo pelo fatal golpe da morte.

Ela pensa que não deve jamais gozar dos gostos, e glórias desta vida: nem sobreviver ao objeto que lhe causava os mais doces prazeres, e que as áureas cadeias de amor, que sempre os trouxe unidos, deviam conduzi-los ambos à eternidade. Vêde como o valor, oh! que objeto de horror, piedade e admiração! Vêde como lhe introduz no brando seio as venenosas serpentes: ela já brandamente desfalece, já desaparece o rosado de sua cor, e a última faísca da vida se extingue. Mas por acaso, senhores, pretenderei eu persuadir-vos, que uns tais excessos são efeitos do valor, trazendo-vos à lembrança os inumeráveis espíritos valerosos, que com ações semelhantes têm causado ao mundo pasmo e admiração? Ou fazer-vos ver os

maravilhosos sucessos produzidos do valor, e vistos ainda nos vossos séculos? Não, senhores, eu não me cansarei em juntar essa multiplicidade de provas, de que se costumam servir aqueles espíritos de contradição, que amam sustentar opiniões diversas: e ainda opostas aos seus sentimentos, e que receiosos da probabilidade da matéria, não podem deixar de se servir ainda do mais ridículo argumento, porquanto a minha opinião é por si mesmo provável, e passarei sim a fazer-vos admirar o valor de Lucrécia, aquela virtuosa matrona, que vivamente se representa à minha vista. Está pois ofendida a sua honestidade por aquele horrível monstro Sexto Tarquínio, corre sem demora à presença de seu esposo, cai confundida a seus pés, e os banha com as suas virginais lágrimas.

Um profundo pesar se apodera do ânimo deste infeliz esposo, ele a suspende em seus braços, e com instância lhe pergunta a causa de tal excesso: ela deseja falar, porém a grande chaga do seu coração se estende, e a sua língua se gerla (sic), ela se esforça, profere algumas palavras trancadas, e enfim declara que Sexto Tarquínio é o violentador da sua honestidade. A estas palavras, ele a anima, consola, e lhe jura a vingança da afronta; ela sossega. Porém depois de dilatado espaço de tempo, representando no seu semblante o grande valor que preenchia a sua alma, solta do íntimo do seu coração estas palavras: “A minha honra não me permite o viver, meu esposo conhecerá a minha fidelidade, e os Deuses punirão a violência do crime, e me devem esta justiça”. E tirando o ferro que se ocultava nos vestidos, descarregou sobre o peito. Eu tremo, senhores, eu me confundo à vista de um tal valor em um tão delicado sexo. Agora, porém, já não me resta a mínima presunção, de que podereis julgar haver fraqueza em semelhantes espíritos: antes percebo que tendes nos vossos pensamentos esses soberbos monumentos, que se originam a esta heroína, e a esses famosos heróis, para lembranças e honra do seu valor. Já nos vossos semblantes leio um unânime sentimento, de que só o valor pode excitar no homem um tal obrar, que só ele é bastante para lhe infundir uma superior distinção de todos os demais homens.

Ó ilustres varões, cuja vida foi sempre uma perfeita série de maravilhosas façanhas, e concluída e, aperfeiçoada com ação digna da maior admiração, e espanto, e a que pode o valor chegar a transportar o homem; quantos não invejaram a vossa final sorte, e procurariam tê-la, se as leis sagradas que respeitam lhes não privassem usar dos mesmos meios que vós, e não lhes pusessem diante a perda do verdadeiro bem!

E vós, ó criaturas, a quem o Todo Poderoso tem destinado para gozardes dos celestes prazeres; fazei que o valor reine no vosso coração; porém, não o depositeis jamais nas suas mãos; porque ele

insensivelmente se irá apoderando do vosso espírito, e em um breve instante se fará senhor de dominar todas as vossas ações. Lançai-o, sim, nos braços da sábia prudência, que ela saberá com utilidade apartá-lo, e submetê-lo ao valor. E obrando assim sabereis verdadeiramente honrar a vossa nação: e aquele, cuja poderosa mão a proteje. E o vosso nome eternizado nas vozes da fama, soará por todo o universo, causando espanto à terra, glória ao céu, e pesar ao inferno.

Disse.

VIII
AUTO
DE
CONTINUAÇÃO E RATIFICAÇÃO
DE PERGUNTAS
FEITAS AO PRESO
MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco aos vinte e seis dias do mês de agosto do dito ano nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade comigo João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação, e escrivão nomeado para esta diligência, com o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, o qual depois de ser conduzido à sua presença o mandou pôr em sua liberdade, ele passou a fazer perguntas na forma e maneira seguinte:

Foi-lhe perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, e se estava em seu perfeito juízo sem causa que o pudesse obrigar a deixar de falar verdade no que fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva Alvarenga, natural de Vila Rica, que tinha

N.B. As aspas marginaes suprem aqui os riscos com que o juiz marcou os períodos mais livres ou filosóficos da presente oração.

de idade quarenta e seis anos, que era advogado e professor de retórica nesta cidade, cujas ocupações vivia, que tinha ordens, e estava em perfeito juízo, sem causa alguma que o pudesse constranger a deixar de dizer verdade no que fosse perguntado.

Foi mais perguntado se já lhe haviam feito algumas perguntas depois de estar preso, e se estava certo no seu conteúdo, e tinha alguma coisa que a elas acrescentar ou diminuir.

Respondeu que já neste lugar tinha sido interrogado por seis vezes, e que estava bem lembrado das respostas que tinha dado às perguntas que se lhe haviam feito, as quais sendo-lhe lidas por mim escrivão neste ato disse que eram as mesmas que as aprovava e ratificava, e que nada mais tinha que acrescentar ou diminuir de que damos nossas fés, e só requeria o ser de novo acareado com José Bernardo da Silveira Frade, para que na mesma acareação se fizessem ainda algumas declarações que supunha necessárias para a sua defesa, cujo requerimento mandou ele desembargador chanceler que se lhe escrevesse reservando para tempo oportuno o deferir-lhe. E logo pelo desembargador chanceler foi dito a ele respondente que até agora tinha persistido em uma contumaz negativa a respeito de todos os pontos sobre que tinha sido perguntado, pois ainda que em algumas das perguntas modificara as ditas negativas e confessara alguma parte do que se lhe havia perguntado, fora sempre em dúvida e de possível, e que só o viera a confessar absolutamente depois de lhe ser demonstrado a verdade naquilo sobre que fora instado, e que com a mesma contumácia persistira em negar a posse e uso de livros que tivessem por objeto o derramar os princípios e doutrinas de uma igualdade civil, e destruir os governos monárquicos, mas que esta sua negativa se convencia não só por se haverem achado na sua livreria alguns tomos da história do abade Raynal, livros que em muito dos seus lugares contêm máximas e princípios opostos às monarquias, e tendem a fazer amável o governo republicano, mas até por entre eles se encontrar o livro que tem título — **Direitos do cidadão** — do abade Mably, livro que desde as suas primeiras linhas não tem outro objeto mais que destruir, e arruinar as monarquias, e estabelecer o governo republicano, o qual livro, logo por mim escrivão por mandado do desembargador chanceler, foi mostrado ao respondente, achando-se rubricado pelo tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo com a sua rubrica — Santos — feita no ato de apreensão a que se tinha procedido nos livros do mesmo respondente como declarou o mesmo tabelião neste ato de que dou fé, e que à vista do mesmo livro, e do que se lhe havia ponderado, não podia ele respondente persistir ainda na negativa a este respeito.

Respondeu que ele não podia negar o ter e possuir o livro que lhe foi mostrado neste ato, e que reconhecia ser o mesmo que possuía

de que damos nossas fés mas que ele o havia comprado entre outros livros latinos a um marinheiro por que lendo-lhe o título por ele não julgara que podia conter doutrinas opostas aos governos monárquicos, e que da mesma sorte não podia negar que na sua livraria se tivessem achado dois tomos da história filosófica do abade Raynal, mas pelo mesmo título entendera também que eles não continham doutrinas erradas, ou que se dirigissem a atacar as monarquias, e que ele respondente de uns e outros não lera mais que os títulos, reservando a sua lição para o tempo das férias, e que os dois livros do abade Raynal, não eram seus mas emprestados por Mariano José Pereira.

Foi instado que além de não ser verosímil que ele respondente sendo um homem de letras e com inclinação aos estudos filosóficos tivesse e conservasse uns livros sem os ler, o quais livros pelos seus mesmos títulos inculcavam tratar objetos pertencentes aos mesmos estudos filosóficos, se convencia esta sua resposta por alguns dos seus papéis, nos quais se liam princípios e máximas tiradas dos mesmos livros, e especialmente do livro do abade Mably, já referido.

Respondeu que já havia dito que ele não lera os ditos livros por ter reservado a sua lição para o tempo de férias, e que nega que em seus escritos se possam achar proposições que em seu sentido natural conttenham princípios a favor das repúblicas, e contra as monarquias, e que pareçam extraídos do citado livro, ainda que dando-se-lhe uma sinistra interpretação o possam parecer.

E logo pelo dito desembargador chanceler foi mostrado ao respondente um papel que tem por título — Oração feita por José Antônio de Almeida, e recitada na aula de retórica no mês de outubro de mil setecentos e noventa e quatro — papel que igualmente fora achado na sua livraria, e se acha também rubricado pelo tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo com a sua rubrica — Santos, — o qual papel tinha sido achado no seqüestro a que se procedera nos bens dele respondente como constava, e o mesmo tabelião declarou neste ato, de que dou fé, cujo papel maior parte contém um tecido de proposições que artificialmente encerram em si o mais refinado veneno, e as máximas mais contrárias do governo monárquico, pois nelas se contém entre outras proposições, que o homem só deve sujeitar a sua vida à vontade do Ente Supremo, que em nenhum tempo deve sujeitar a sua liberdade aos rigores de outro homem seu semelhante, a quem não deve nem cooperou para a sua essência, que é extraordinário a fraqueza e vileza do espírito daquelle que chega a submeter-se inteiramente às disposições de outro homem, devendo considerar-se uma criatura a quem ainda seu Supremo Senhor concedeu a livre disposição da sua vontade, e que o mesmo que o pretende oprimir e abater não recebeu do Criador uma alma mais

perfeita, e que lhe possa infundir uma natural superioridade; que são vis e fracos os espíritos daqueles que vivem encerrados em tenebrosos cárceres, cujas máximas são na maior parte as mesmas que se lêem no citado livro — Direito do cidadão — pelo que se mostrava e convencia que ele respondente não lera só o título do mesmo livro mas ainda a mesma obra.

Respondeu que a obra que se lhe mostrava não era dela respondente, nem escrita pela sua letra, mas que não duvidava que pudesse ser achada entre os seus papéis, porquanto muitos dos seus alunos escreviam algumas orações sobre diferentes objetos, e os levavam a ele respondente para os rever, muitas das quais ele respondente as não lia, como sucedera com a presente, e que não sendo a obra dele respondente, ainda que continha proposições idênticas às do referido livro, se não colhe que ele respondente o lesse.

Foi instado que esta sua resposta se desvanecia por título da dita obra, pois que nele se diz que fora recitada na aula de retórica no mês de outubro de mil setecentos noventa e quatro, pois que sendo recitada na mesma aula, além de ser quase da última notoriedade que ele respondente a houvesse de ter lido primeiro, e examinado, e corrigido, como sucede em semelhantes casos com todos os discípulos que se não atrevem a recitar obras sem aprovação e exame de seus mestres, é evidente que ele respondente aprovou as mesmas proposições, pois consentiu que elas se recitassem em público na sua aula, vindo por este modo a ser causa de que os princípios tão perniciosos ao Estado se semeassem e arraigassem não só no coração de seus discípulos sobre cuja boa educação tinha ele obrigação de velar, mas que até se derramassem entre os mais circunstantes, muitos dos quais seriam fáceis de iludir pelo colorido dado a uma semelhante doutrina, e por não serem capazes entre uma multidão de idéias confusas e artificialmente derramadas descobrir o veneno que elas encobrem, e atinar com a verdade.

Respondeu que não era verdade o haver-se recitado na sua aula semelhante oração como diz o título pelo que vem a cessar toda a instância que se lhe havia feito.

Foi mais instado que ele respondente havia dito em uma das suas antecedentes respostas que o estudante por quem se diz feita e recitada a mesma oração não tinha capacidade para o fazer, nem ainda para extrair os pensamentos dela de qualquer livro, ainda que na competente resposta se não tivessem escrito estas palavras que atualmente se escrevem, e ele respondente proferiu, e que daí se colhe um argumento contra ele respondente, pois que era natural que o dito estudante se achando sem as luzes precisas para o fazer, recorresse a ele respondente como a seu mestre, e que por ele fosse a mesma oração composta, ou retocada em parte, ou em todo.

Respondeu que pelo o contrário todos os seus discípulos, o que pela maior parte procuravam era enganar a ele respondente enco-brindo a sua fraqueza, querendo parecer mais hábeis do que na realidade eram, pelo que sempre procuravam recorrer a terceiras pessoas para estes enganos.

Foi perguntado se ele respondente quando se lhe mostrava o livro de abade Mably não havia dito que lhe parecia que o dito livro tinha por título: — Cartas.

Respondeu que era verdade haver dito que lhe parecia ter o mesmo livro por título Cartas; foi logo instado que não contendo o título do dito livro mais palavras que dos direitos o obrigações do cidadão, e sendo a sua matéria escrita em cartas daqui, se colhia bem que ele tinha lido mais alguma coisa do que o título.

Respondeu que quando o abria, e passara pelos olhos logo que o comprara vira de passagem que em algumas partes se lia o título de: “Cartas”, e que daqui sem ler mais coisa alguma do que ele continha ficara na confusa idéia de que o livro tinha por título: “Cartas”, como havia respondido.

E por ora não lhe fez ele desembargador chanceler mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quais sendo-lhe por mim escrivão lidas neste ato disse que eram as mesmas que se lhe haviam feito, e respostas que a elas havia dado que as aprovava e ratificava de que damos fé, e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos para que debaixo dele declarasse se o que havia dito a respeito de terceiro era verdade, disse depois de receber o mesmo juramento que lhe foi deferido pelo desembargador chanceler que era verdade o que havia dito a respeito de terceiro de que damos fé, e para constar mandou ele desembargador chanceler fazer este auto que assinou comigo escrivão, com o tabelião que também assistiu, e com o dito preso, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência a escrevi, e assinei.

Silva.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

Auto de continuação e ratificação de pergunta: feitas
ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco, aos dois dias do mês de setembro do dito

ano, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligência e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo para efeito de continuar a fazer perguntas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, o qual o mandou vir à sua presença, e depois de posto em sua liberdade, o passou a perguntar na forma e maneira seguinte:

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e ofício tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, e se achava em seu perfeito juízo.

Respondeu que se chamava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, filho de Inácio da Silva, natural de Vila Rica, que tinha de idade quarenta e seis anos, que era solteiro, advogado e professor de retórica nesta cidade, de cujas ocupações vivia, que não tinha ordens, e se achava em perfeito juízo.

Foi perguntado se já depois de estar preso se lhe haviam feito algumas perguntas, e se estava certo no seu conteúdo, e se as aprovava e ratificava.

Respondeu que já depois de estar preso tinha sido interrogado por sete vezes, e que estava mui bem certo do conteúdo nas perguntas e respostas que a elas havia dado, as quais depois de lhe serem lidas, disse que eram as próprias, e que as aprovava e ratificava, e que nada mais tinha que acrescentar ou diminuir às mesmas.

E logo pelo desembargador chanceler foi dito que ele respondente nas primeiras e segundas perguntas que se lhe haviam feito negado ter ou conservar alguns papéis que tratassem dos princípios que abraçou a França na sua revolução, ou que tratassem de matérias respectivas à mesma revolução, mas que como nas terceiras perguntas havia confessado a possibilidade de achar-se entre os seus papéis um Mercúrio francês com as modificações por ele respondente declaradas nas mesmas perguntas, agora sobre este ponto só restava o responder se os Mercúrios que eu escrivão lhe apresentei neste ato por ordem do desembargador chanceler rubricados com a rubrica: — Santos — do tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo que neste ato declarou ser sua, eram os mesmos de que havia faltado.

Respondeu que sim eram os próprios.

E logo pelo dito ministro foi instado que além dos Mercúrios serem dois, e não um, deles se vê que as peças de poesia de que dizia eram os mesmos compostos, apenas conteriam cinco ou seis páginas cada um, vindo a conter o resto dos mesmos Mercúrios notícias relativas à revolução da França, e discursos tendentes a aboná-la pelo

que se conclua ter ele respondente falado com menos sinceridade na sua resposta.

Respondeu que ele havia dito a verdade quando afirmara que, dos ditos Mercúrios não havia lido mais que as obras poéticas, que neles se encontram, levando-lhe maior parte do tempo que empregou na sua leitura o projeto de decifrar os enigmas que vêm em um dos ditos Mercúrios, pois que a paixão dele respondente só se dirige à poesia, e a algumas obras matemáticas, e nunca a tivera por saber novidades, e que enquanto a responder que era um e não dois os Mercúrios isto se deve atribuir a esquecimento, e estarem os mesmos Mercúrios confundidos com outras obras brochadas como eram a Viagem sentimental, e a Vida de Tristão e outros.

Foi instado que o esquecimento que afeta quanto ao número dos Mercúrios era inverossímil, pois que tendo ele tão presente memória dos enigmas que eles continham, e dos outros livros ou papéis que com eles se achavam confundidos, não era natural o dito esquecimento, e que além disso também não era natural nem verossímil que sendo a revolução da França um dos sucessos mais extraordinários não só da história moderna, mas também da antiga, e que na mesma história farão uma memorável época, e ao mesmo tempo que não haverá indivíduo algum que pela sobredita razão se não interessa a saber o que a respeito da mesma se passa, ele respondente sendo um homem de letras, e que pensa, e lendo em seu poder papéis que tratavam da mesma revolução, os deixasse de ler, o que fazia inteiramente de má-fé a dita resposta, e deixava bastante motivo para se pensar que o crime de que é argüido é verdadeiro, buscando ele respondente nas absolutas negativas do que era perguntado o meio que pensou mais fácil para se defender da dita imputação, e muito mais se devia isto presumir porque não sendo a lição dos ditos papéis em si má, e só sim óbvio, ou ofenso que se lesse as proposições e doutrinas errôneas que que contivessem, confessando o ter lido os ditos papéis, nem por isso poderia ser argüido de seguir as suas doutrinas.

Respondeu que quanto ao número dos Mercúrios se ele respondente tivera lembrança de que eram dois, assim o dizia, pois que se era mau o confessar que tinha só um, não diminuía a maldade, pois que esta consistia em os ter ou fosse um, ou fossem mais, e que esta consideração mostrava bem o ter ele respondido com sinceridade, que só conservava um por se não lembrar do outro, e que quanto à instância que se lhe faz a respeito da negativa de ter lido o que nos Mercúrios se continha em prosa, pela mesma razão com que se argüi de que a lição deles não era em si má, mas sim o assenso e aprovação que se dá às doutrinas errôneas que eles possam conter se patenteava

que ele não negaria tê-los lido se na verdade assim passasse, e que a respeito de não ser verossímil que ele respondente sendo um homem civil, e que pensa, deixasse de ter lido as notícias concernentes à famosa revolução da França, respondia que ele não era homem estadista, nem político, nem de gênio de procurar saber estas notícias, e que apenas se contenta se de sabê-las em geral.

Foi instado que ainda que ele respondente não procure a saber as notícias respectivas à política, e governo atual dos Estados do mundo, nem por isso fica satisfeita a instância que se lhe fez de não ser verossímil que ele respondente sendo um homem que pensa, e que vivia na classe dos homens literatos, e com eles se tratava, deixasse de ter lido as matérias que se contêm nos dois **Mercúrios** relativos aos negócios da Europa, pois que os mesmos papéis se achavam na sua mão, e não precisava de fazer diligências maiores para saber as notícias que eles continham, pois que vai grande diferença de procurar as coisas a desprezá-las.

Respondeu que a sua indiferença é tal sobre estas matérias que não só o não move a procurá-las, mas até o põe em estado de que oferecendo-se-lhe as mesmas matérias, ou ocasião de examiná-las não gastar tempo com elas.

Foi perguntado donde ele respondente tinha havido os ditos **Mercúrios**.

Respondeu os houvera de um Inglês que passara por esta cidade para Bahia Botânica.

Foi perguntado se sabia o tempo em que passou o dito Inglês, e se era militar ou paisano.

Respondeu que fora no ano passado, mas que não tinha certeza do dia e mês, e que lhe parece que era paisano.

E por ora lhe não fez ele desembargador chanceler mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quais sendo lidas por mim escrivão ao respondente disse que eram as mesmas que se lhe haviam feito, e que as aprovava e ratificava, de que damos nossas fés, e para constar mandou ele desembargador chanceler fazer este auto que assinou comigo escrivão nomeado para esta diligência, com o tabelião que também assistiu, e com o dito preso, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência o escrevi e assinei.

Silva.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

IX

AUTO DE ACAREAÇÃO
Feita ao Preso
MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA
Com José Antônio de Almeida

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco anos, aos quatorze dias do mês de setembro do dito ano, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, chanceler da relação da dita cidade, comigo João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência, e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araújo, para efeito de acarear ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga com José Antônio de Almeida, também preso, aos quais mandou vir à sua presença, e depois de se acharem em sua liberdade, passou a fazer a acareação na forma e maneira seguinte:

Perguntou ao preso Manuel Inácio se conhecia ao preso José Antônio de Almeida que agora se achava na presença, ao que respondeu que o conhecia muito bem por ter sido um dos estudantes da sua aula retórica, e pelo preso José Antônio de Almeida foi também dito que ele reconhecia ao dito Manuel Inácio da Silva Alvarenga por seu mestre que tinha sido na mesma aula retórica e pelo próprio de que tinha falado nas perguntas que se lhe haviam feito.

E perguntando mais ao dito Manuel Inácio se o dito José Antônio de Almeida era o mesmo de que tinha falado nas sextas perguntas que se lhe haviam feito, e o mesmo que então tinha dado por autor da oração que se lhe havia apresentado no ato das mesmas perguntas, foi por este dito que quando fora perguntado a respeito da referida oração, respondera que não era dele acareado, mas sim de um estudante da sua aula, não cogitava do acareante, mas sim de outro estudante morador nos campos de Goiatacases, e que não pode afirmar se o autor da oração fora o de que então pensava, ou o acareante. Logo pelo desembargador chanceler foi mandado a mim escrivão que eu lesse ao acareado as primeiras perguntas que se haviam feito ao acareante, e depois de serem por mim lidas, e de as ratificar, o mesmo acareante dizendo que eram as próprias que se lhe haviam feito de que damos nossas fés.

Passou a perguntar ao acareado se tinha que opor às ditas perguntas e contra a verdade delas, ao que este respondeu que nada

tinha que opor contra a verdade das mesmas perguntas, e no que elas lhe tocavam as reconhecia por verdadeiras.

E por esta forma houve esta acareação por feita, que sendo depois lida por mim escrivão ao acareante e acareado disseram que em tudo estava conforme ao que haviam dito de que damos nossas fés, e mandou fazer este auto o mesmo desembargador chanceler, que assinou com o acareante e acareado, e comigo escrivão e com o tabelião assistente, e eu João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligência o escrevi e assinei.

Silva.

João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

José dos Santos Rodrigues Araújo.

FIM DAS PEÇAS JUSTIFICATIVAS

DOCUMENTOS

RELATIVOS À PRISÃO DE MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA, MARIANO J. PEREIRA DA FONSECA E OUTROS, POR ORDEM DO CONDE DE RESENDE: (1)

Informação do desembargador A. Dinis da Cruz e Silva, dirigido ao conde de Resende

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor. — Em consequência do ofício que Vossa Excelência me enviou em 16 do corrente, lendo com toda a reflexão de que sou capaz o outro ofício, que a Vossa Excelência dirigiu o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro secretário de estado dos negócios ultramarinos, passo a expor a Vossa Excelência o que entendo a respeito da precisa alternativa que a Vossa Excelência se impõe pelo referido ofício, ou de remeter os presos de inconfidência para Lisboa, ou de os soltar no caso de entender, como no mesmo ofício se espera, que as suas culpas se acham suficientemente purgadas com o dilatado tempo da sua prisão. E para o fazer com a mais clareza, é preciso notar que contra nenhum dos mesmos presos se diz, ou prova, que eles entrassem no projeto de conspiração, sendo toda a culpa que se lhes imputa, e que contra alguns se prova, a de sustentarem em conversações, ou particulares ou públicas: Que o governo

(1) In Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro. Tomo 28. 1865. pp. 157 a 161.

das repúblicas deve ser preferido ao das monarquias, que os reis são uns tiranos opressores dos vassallos, e outras sempre detestáveis, e perigosas, principalmente na conjuntura presente. Neste pressuposto me persuado pelo que pertence aos presos Manuel Inácio professor de retórica, médico Jacinto, e Mariano José, que Vossa Excelência os deve mandar soltar, sem maior hesitação, pois que contra estes não há maior prova na devassa que o dito do denunciante José Bernardo da Silveira Frade, perguntado nela com juramento, e sustentado com o mesmo nas acareações que com as referidas provas se fizeram, ainda que com alguma modificação; e as pressunções e argumentos que se podem tirar e fazer dos juramentos de algumas testemunhas: alguma tal ou qual contrariedade, e inverossimilhança, que se encontra nas respostas que deram às perguntas que lhes foram feitas, especialmente nas do mencionado professor de retórica, e a de se acharem na livraria deste alguns livros, que a sã política detesta, e entre eles o perniciosíssimo que tem por título **Direitos do Cidadão**, do abade Mably, que o mesmo professor contra toda a verossimilhança negou ter lido. Acresce mais o achar-se entre os seus papéis uma oração, em que se lê que fora recitada na sua aula por um de seus alunos, em que se acham as proposições seguintes:

Que nenhum homem deve sujeitar a sua liberdade aos rigores de outro homem seu semelhante:

Que é extraordinária vileza e fraqueza de espírito daquele que chega a submeter-se inteiramente às disposições de outro homem, devendo considerar que o mesmo que pretende oprimir e abater não recebeu do Criador uma alma mais perfeita:

Que são vis e fracos os que vivem encarcerados em tenebrosos cárceres, etc. Pressunções todas, que ainda a serem estês réus sentenciados pelo modo regular, me parece que se julgariam purgados com os incômodos da sua longa e fatal prisão, e a que só, talvez, acrescentariam alguns mais escrupulosos a obrigação de saírem deste continente, pois que pelas mesmas pressunções se fazem nele suspeitosos.

Pelo que respeita a outros presos João Marques, professor de língua grega, Antônio Gonçalves dos Santos, Francisco Coelho Solano, Francisco Antônio, João da Silva Antunes (contra os quais se prova que não só em conversações particulares, mas em lugares públicos, sustentavam que o governo democrático era melhor que o monárquico, que louvavam e aprovavam a instituição da república francesa, e por ela mostravam uma desordenada paixão) e a José Antônio de Almeida, que se deu e confessou autor da citada oração, negando, porém, conhecer o veneno, que ela continha, o que é fácil de crer; como também o não ser ele o autor da oração (ainda que o contrário

tenazmente sustentou, sendo perguntado) pois pelos seus verdes anos, nas perguntas que a este respeito se lhe fizeram, ela não era capaz de produzir as ditas proposições por si só, nem de as extrair de algum livro principalmente do citado Mably, onde as mesmas, com pouca diferença de palavras, se encontram: pelo que respeita, digo, a todos estes presos: eu entraria em dúvida, se, lendo uma vez e outra o referido ofício, me não persuadira de que as piedosas intenções de Sua Majestade nele insinuadas, eram as de que todos os presos fossem soltos, havendo por purgada a sua culpa com o longo tempo da prisão. Ao menos isto é o que me parece se deve entender das palavras do mesmo ofício, — que no caso que o dito Mariano e seus companheiros se achem ainda presos, e das outras, mas achando Vossa Excelência, como é de esperar, que eles estão suficientemente castigados, etc., — sem que em contrário se possa opor, que a esperança e opinião de Sua Majestade era esta, por não saber quais sejam as culpas destes presos, porquanto, quando Vossa Excelência deu parte da sua prisão à mesma senhora, necessariamente a havia de informar dos motivos dela. Além de que, achando-se na corte de Lisboa ao tempo que se expediu o relatado ofício o desembargador João Manuel Guerreiro, que serviu de escrivão na devassa, é bem verossímil que Sua Majestade tomasse dele todas as informações que julgasse necessárias sobre este assunto, e que ele as daria com a inteireza que cumpria. Pelo que me parece que em Vossa Excelência mandar soltar os ditos presos obra mais conforme a piedosa vontade de Sua Majestade.

Ao que acresce que, segundo a crise em que atualmente se acham os negócios públicos da Europa, me parece mais prudente e útil ao serviço de sua Majestade escolher antes o soltar os presos, ainda que, contra a esperança de Sua Majestade, não estivessem condignamente castigados, do que expô-los, remetendo-os com as culpas a serem apesados pelos franceses, e a virem estes no conhecimento do que os seus abomináveis princípios têm apaixonados neste continente. Sendo certo que para se enviarem com mais segurança, seria necessário o dilatarem-se por muito mais tempo em suas prisões, contra a vontade de Sua Majestade tão significativamente declarada no mesmo ofício.

Este é o meu parecer, do qual o profundo discernimento de Vossa Excelência fará o uso que julgar convém melhor às intenções de Sua Majestade e seu real serviço.

A pessoa de Vossa Excelência guarde Deus muitos anos, — Rio, 18 de Junho de 1797. — Do chanceler da relação. — **Antônio Dinis da Cruz e Silva.**

Offício do conde de Resende a Dom Rodrigo de Sousa Coutinho

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor. — Em officio datado no 1.º de Fevereiro deste ano, me certifica Vossa Excelência a continuação das queixas que por parte de Mariano José Pereira da Fonseca têm chegado à presença de Sua Majestade sobre a longa prisão que ele e vários outros, que se julgaram cúmplices do mesmo delicto, têm sofrido nesta cidade, contra as altas e reais intenções da mesma senhora, que foi servida determinar que, no caso que eu entendesse que eles se não deviam soltar, os remetesse para essa corte com os autos, por onde conste do seu crime, ou que, achando, como era de esperar, que eles estavam suficientemente castigados com a prisão, os mandasse por em sua liberdade. E, devendo antes de tudo beijar mil vezes a mão de Sua Majestade, pela contemporização com que a mesma senhora me distingue, deixando à minha eleição a remessa dos presos para Lisboa, com as suas culpas, ou absolvê-los das prisões em que se achavam, mandando-os pôr na sua liberdade, escolhi este último partido, por ser mais conforme à humanidade, que visivelmente resplandecia no mesmo officio que Vossa Excelência me dirigiu. E, para que Vossa Excelência fique persuadido das causas que me moveram a acautelar as erradíssimas máximas que os referidos presos tinham adotado, e até semeado, pois seria impossível que algumas das pessoas, que sofreram pela minha resolução o severo procedimento de os mandar prender, discorressem em assuntos de semelhante parte com tanta propriedade, relativamente aos objetos dos seus malévolos e fantásticos sistemas: remeto a Vossa Excelência o parecer do desembargador chanceler desta relação e juiz da devassa, para que Vossa Excelência cabalmente fique instruído das minhas bem fundadas presunções, que, fazendo-se dignas em todo o tempo de atenção, muito maior mereciam na conjuntura presente.

Deus guarde a Vossa Excelência. — Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1797. **Conde de Resende.** Senhor Dom Rodrigo de Sousa Coutinho.

ÍNDICE

	Págs.
1. ACADEMIA DOS FELIZES, 1750	5
1.1 Discurso ascético-acadêmico e crítico, Mateus Saraiva	7
1.2 Oração acadêmico-panegírica, Mateus Saraiva	19
1.3 Epítome histórico, Acadêmico, Mateus Saraiva	31
1.4 Carta, Mateus Saraiva	53
1.5 Parnaso festivo, por M.S.	59
1.5.1 Dedicatória, M.S.	63
1.5.2 Prólogo, leitor crítico, M.S.	71
1.5.3 Motes heróicos, glosados em vulgar [S.I.A.]	73
1.5.4 Em espanhol [S.I.A.]	73
1.5.5 Motes líricos [S.I.A.]	73
1.5.6 A entrada do certame, ou rompimento do Outeiro o seguinte soneto. Glosa [S.I.A.]	74
1.5.7 Mote — Justa Eleição, Aplauso merecido. Glosa em soneto [S.I.A.]	75
1.5.8 Ao mote o referido, Glosa em soneto [S.I.A.]	75
1.5.9 Mote — Com estrelas o Rio se eterniza. Glosa em soneto [S.I.A.]	76
1.5.10 Ao mote o referido. Glosa em soneto [S.I.A.]	76
1.5.11 Ao mote o referido — Aludindo o desembarcarem de noite. Glosa em soneto [S.I.A.]	77
1.5.12 Ao mote o referido — Aludindo à memorável o número de quatro. Glosa em soneto [S.I.A.]	77
1.5.13 Elogio — En aplauso de las quatro Señoras Fundadoras. Soneto [S.I.A.]	78
1.5.14 Mote — Hasta el Aire, la Tierra, el Fuego el Agoa. Glosa, soneto [S.I.A.]	79
1.5.15 Motes — Aplaude o Rio quanto a Pátria sente: /A Bahia saudosa, alegre o Rio. Glosa de ambos em um soneto [S.I.A.]	79
1.5.16 Mote — Aplaude o Rio quanto a Pátria sente. Glosa em soneto [S.I.A.]	80
1.5.17 Mote — A Bahia saudosa, alegre o Rio. Glosa em soneto [S.I.A.]	80
1.5.18 Mote — Risueño corre lleno de alegria. Glosa em soneto [S.I.A.]	81
1.5.19 Mote — Do Seráfico Céu lindas Estrelas. Glosa em soneto [S.I.A.]	81
1.5.20 Mote — Satisfeita se vê nossa esperança. Glosa em soneto [S.I.A.]	82

1.5.21	Em obséquo das quatro Meritíssimas Fundadoras, pelo que fazem mais decantado o Rio de Janeiro — O seguinte soneto [S.I.A.]	82
1.5.22	Soneto, Pelos termos da solfa em obséquo às Meritíssimas Fundadoras [S.I.A.]	83
1.5.23	Soneto, Que se recitou por elogio na noite do primeiro Certame, deduzida a matéria de se ouvirem sete Nações a glosar por obséquo [S.I.A.]	83
1.5.24	Mote — Prazer, Assombro, Maravilha, e glória. Glosa em soneto [S.I.A.]	84
1.5.25	Soneto, recitado por elogio sem Mote [S.I.A.]	84
1.5.26	Em obséquo do Reverendo Diretor, que as conduziu, Cônego da Metrópole do Estado o seguinte soneto [S.I.A.]	85
1.5.27	Mote — Que vivais imortais por toda a Idade. Glosa em soneto [S.I.A.]	85
1.5.28	Décimas que se recitaram deduzindo a matéria de entrarem a 21 de Novembro, dia da Apresentação da Mãe de Deus [S.I.A.]	86
1.5.29	Mote — Por Joseph veio este aumento. Glosa em décima Aludindo ao Arcebispo da Bahia [S.I.A.] ..	87
1.5.30	Mote — Se Mecenas melhor, melhor Prelado. Glosa em oitava aludindo ao Bispo do Rio de Janeiro [S.I.A.]	87
1.5.31	Mote — Grande aumento terá com tal Pastor. Glosa em oitava [S.I.A.]	88
1.5.32	Mote — Astros de mais Luzimento. Glosa em décima [S.I.A.]	88
1.5.33	Mote — É pouco todo o louvor. Glosa em décima [S.I.A.]	88
1.5.34	Mote para Preto — Também ami aguysa. Glosa joco-séria em décima [S.I.A.]	89
1.5.35	Mote — Fora do natural mais excelentes. Glosa em oitava [S.I.A.]	89
1.5.36	Oitavas. Por elogio recitados na noite do primeiro Certame [S.I.A.]	90
1.5.37	Mote — Da Bahia a melhor flor. Glosa em décima [S.I.A.]	92
1.5.38	Mote — O desterro será a glória. Glosa em décima [S.I.A.]	93
1.5.39	Mote para Preto — Logo eu sarta de contente. Glosa joco-séria [S.I.A.]	93
1.5.40	Epílogo. Mote — O Céu, a Bahia, o Rio. Glosa. [S.I.A.]	94
1.5.41	Epílogo. Mote — Prazer, glória, e luzimento. Glosa [S.I.A.]	94
1.5.42	Epílogo ao mote referido — Prazer, glória, e luzimento. Glosa [S.I.A.]	94
1.5.43	Ao Mote referido. Glosa em décima [S.I.A.]	95

1.5.44	Epílogo. Mote — As Aves, Flores, e Estrelas. Glosa, [S.I.A.]	95
1.5.45	Epílogo ao mote referido. Glosa [S.I.A.]	95
1.5.46	Mote — Viva a gente do Rio de Janeiro. Glosa em oitava [S.I.A.]	96
1.5.47	Mote — A Cidade mais ditosa. Glosa em décima [S.I.A.]	96
1.5.48	Mote — De luzes se vê ornado. Glosa em décima [S.I.A.]	96
1.5.49	Mote — Virtude, Fama, Timbre, e glória tem. Glosa em oitava [S.I.A.]	97
1.5.50	Mote — Humano aplauso a Mérito Divino. Glosa em oitava [S.I.A.]	97
1.5.51	Ao mote referido. Glosa em oitava [S.I.A.]	97
1.5.52	Ao mote referido. Glosa em oitava [S.I.A.]	98
1.5.53	Mote — Aplauso bem merecido. Glosa em décima [S.I.A.]	98
1.5.54	Mote — A Bahia saudosa, alegre o Rio. Glosa em oitava [S.I.A.]	98
1.5.55	Mote ao mesmo. Glosa em oitava [S.I.A.]	99
1.5.56	Mote já referido. — Viva a gente do Rio de Janeiro. Glosa em oitava [S.I.A.]	99
1.5.57	Mote para Preto — Como vozo sá muy poco. Glosa em décima [S.I.A.]	99
1.5.58	Mote — De Jesus Esposas dignas. Glosa em décima [S.I.A.]	100
1.5.59	Mote — De Francisco chagas são. Glosa [S.I.A.] ..	100
1.5.60	Mote — O Céu chorou de alegria. Glosa em décima [S.I.A.]	100
1.5.61	Mote — Floreciendo transplantadas. Glosa em décima [S.I.A.]	101
1.5.62	Mote — Pena, e glória juntamente. Glosa em décima [S.I.A.]	101
1.5.63	Mote — Toda a fortuna do Rio. Glosa em décima [S.I.A.]	101
1.5.64	Mote — A mais discreta eleição. Glosa em décima aludindo à Abadessa [S.I.A.]	102
1.5.65	Mote — Na Penha se há-de fundar. Glosa em décima [S.I.A.]	102
1.5.66	Mote ao mesmo. Glosa em décima [S.I.A.]	102
1.5.67	Mote ao mesmo. Glosa em décima [S.I.A.]	103
1.5.68	Mote para Preto — Faze faéssa magi miô. Glosa [S.I.A.]	103
1.5.69	Mote — A Penha mais ilustre trasladada. Glosa em oitava [S.I.A.]	103
1.5.70	Mote — Custódia deste Convento. Glosa em décima [S.I.A.]	104
1.5.71	Mote — De Francisco é Custódia, e mais de Cristo. Glosa em oitava [S.I.A.]	104

	Págs.
1.5.72 Mote já referido — A mais discreta eleição. Glosa em décima [S.I.A.]	104
1.5.73 Mote ao mesmo Assunto. Glosa em décima [S.I.A.]	105
1.5.74 Mote — Corre o Rio de contente. Glosa em décima [S.I.A.]	105
1.5.75 Mote — Completa a nossa esperança. Glosa em décima [S.I.A.]	105
1.5.76 Mote — Neste Céu só Anjos vejo. Glosa em décima [S.I.A.]	106
1.5.77 Mote para Preto, e já referido — Faze fuéssa, e mági fuéssa. Glosa em décima [S.I.A.]	106
1.5.78 Mote — Do seu Amor desempenho. Glosa em décima [S.I.A.]	106
1.5.79 Mote — Esta Penha é toda França. Glosa em décima [S.I.A.]	107
1.5.80 Mote — Quatro Sóis neste Hemisfério. Glosa em décima [S.I.A.]	107
1.5.81 Mote já referido — Pena, e glória juntamente. Glosa em décima [S.I.A.]	107
1.5.82 Mote já referido — A Cidade mais ditosa. Glosa em décima [S.I.A.]	108
1.5.83 Mote já referido — A mais discreta eleição. Glosa em décima [S.I.A.]	108
1.5.84 Mote — Novos Astros ilustram nesta Esfera. Glosa em oitava [S.I.A.]	108
1.5.85 Mote — Quem as não há-de aplaudir. Glosa em décima [S.I.A.]	109
1.5.86 Mote — De Seráfico Céu lindas Estrelas. Glosa em décima [S.I.A.]	109
1.5.87 Mote — Nobre Arquivo de Pérolas mais puras. Glosa em oitava [S.I.A.]	109
1.5.88 Décima — Por elogio sem ter glosa [S.I.A.]	110
1.5.89 Mote — De Francisco imitadoras. Glosa em décima [S.I.A.]	110
1.5.90 Mote — Mais claras não podem ser. Glosa em décima [S.I.A.]	110
1.5.91 Mote — Saudades da Bahia. Glosa em décima [S.I.A.]	111
1.5.92 Mote — Satisfeita se vê nossa esperança. Glosa em oitava [S.I.A.]	111
1.5.93 Mote para Preto — Gifrera bóte sahi. Glosa em décima [S.I.A.]	111
1.5.94 Mote — Desempenho de Marte é sempre Apolo. Glosa em oitava aludindo ao obsequioso dos três Certames Acadêmicos, e ao Silêncio das Fortalezas na entrada desconhecida. [S.I.A.]	112
1.5.95 Mote já referido — Humano Aplauso, a Mérito Divino. Glosa em oitava [S.I.A.]	112

1.5.96	Mote já referido — Com estrelas o Rio se eterniza. Glosa em oitava [S.I.A.]	112
1.5.97	Mote já referido — Mais Claras não podem ser. Glosa em décima [S.I.A.]	113
1.5.98	Mote já referido — Pena, e glória juntamente. Glosa em décima [S.I.A.]	113
1.5.99	Mote já referido — Satisfeita se vê nossa esperança. Glosa em oitava [S.I.A.]	113
1.5.100	Mote ao mesmo. Glosa [S.I.A.]	114
1.5.101	Mote para Preto — Turo Frera hé bonitinho. Glosa em décima [S.I.A.]	114
1.5.102	Mote — Logo eu sarta de contente. Glosa em décima [S.I.A.]	114
1.5.103	Elogios que se recitaram. Praeclarissimis, necnon Religiosissimis Monialibus Die Veneris Januariensem Urbem intransibus Epigramma [S.I.A.]	115
1.5.104	Aliud [...] [S.I.A.]	115
1.5.105	Hunc Heliconis honor cedat, superare uidetur Praesidibus, quatuor Fluminis auctus honor. Epigramma [S.I.A.]	116
1.5.106	Aliud [S.I.A.]	116
1.5.107	Aliud [S.I.A.]	116
1.5.108	Aliud [S.I.A.]	116
1.5.109	Die, qua Beatissima Virgo consecrata fuerat adueniunt: Epigramma [S.I.A.]	117
1.5.110	Moniales nocte e nauí egrediuntur. Epigramma [S.I.A.]	117
1.5.111	Elogio [...] [S.I.A.]	117
1.5.112	De Santimanialium ingressu gratulatur Fluminis Januariensis. Epigramma [S.I.A.]	118
1.5.113	Monialium aduentum plaudit hoc Epigramma [S.I.A.]	118
1.5.114	Aliud [S.I.A.]	119
1.5.115	Aliud [S.I.A.]	119
1.5.116	Aliud [S.I.A.]	119
1.5.117	Monioles ad Januarium Flumen adueniunt. Epigramma [S.I.A.]	119
1.6	Rio de Janeiro Ilustrado [...] em 30 de maio de 1750 [...] por M.S.	121
1.6.1	Preclarissimas Senhoras. M.S.	125
1.6.2	Prólogo. M.S.	126
1.6.3	Rio de Janeiro ilustrado [S.I.A.]	128
1.6.4	Motes heróicos que se deram, e líricos para as glosas, que se recitaram, em Sonetos, Décimas, Oitavas, e Epílogos, entre outras Obras por elogio nas duas noites successivas à Entrada das Fundadoras, e Noviças, para o Convento referido [S.I.A.]	141
1.6.5	Motes líricos [S.I.A.]	142

	Págs.
1.6.6 Mote heróico — Serafins a Bahia Anjos ao Rio. Glosa [...]. Soneto [S.I.A.]	142
1.6.7 Mote heróico — Nesses Padrões eternos da Memória. Glosa [...]. [S.I.A.]	143
1.6.8 Mote heróico — A tu Mitra será feliz Corona. Glosa [...]. Soneto [S.I.A.]	144
1.6.9 Mote heróico — Entre as mais Católicas se divisa. Glosa [...]. Soneto [S.I.A.]	144
1.6.10 Soneto que se recitou por elogio [...]. [S.I.A.]	145
1.6.11 Ao Mote já referido — Nesses Padrões o eterno da Memória. Glosa [...]. Soneto [S.I.A.]	146
1.6.12 Mote heróico — Que vivais imortais por toda a Idade. Glosa [...]. Soneto [S.I.A.]	146
1.5.13 Soneto que por elogio ao Rio de Janeiro se recitou em uma das duas noites dos Outeiros, que dedicaram à Entrada das Fundadoras [S.I.A.]	147
1.6.14 Soneto que por elogio dedicado às dez Noviças, que entraram com as Fundadoras, se recitou na noite do Outeiro que primeiro se dedicou [S.I.A.]	147
1.6.15 Soneto que se recitou com o mesmo assunto de aplaudir as Noviças, que entraram [S.I.A.]	148
1.6.16 Mote — Estrelas de elevado nascimento. Soneto [S.I.A.]	148
1.6.17 Ao mesmo mote. Soneto [S.I.A.]	149
1.6.18 Mote já repetido — Serafins à Bahia Anjos ao Rio. Soneto [S.I.A.]	149
1.6.19 Mote — No caminho da Glória já vos vemos. Aludindo a estar o Convento na Entrada de Nossa Senhora da Glória. Soneto [S.I.A.]	149
1.6.20 Mote — Alegre canta o Rio a sua enchente. Soneto [S.I.A.]	150
1.6.21 Mote já referido — Nesses Padrões Eternos da Memória. Soneto [S.I.A.]	150
1.6.22 Mote — Bispo, General, Milícia, e Clero. Soneto [S.I.A.]	151
1.6.23 Mote heróico já referido — No caminho da Glória já vos vemos. Glosa [...]. [S.I.A.]	151
1.6.24 Mote heróico — Tiemplos las Vidas, victimas las Almas. Glosa [S.I.A.]	152
1.6.25 Mote heróico já referido — Serafins à Bahia Anjos ao Rio. Glosa em oitava [S.I.A.]	152
1.6.26 Mote heróico já referido — São já da adoração claros objetos. Glosa [S.I.A.]	152
1.6.27 Mote heróico — Correndo exalação brilham Estrelas. Glosa [S.I.A.]	153
1.6.28 Mote heróico já referido — Estrelas de elevado Nascimento. Glosa aludindo às Fundadoras [S.I.A.]	153
1.6.29 Mote já referido — Nesses Padrões Eternos da memória. Glosa [S.I.A.]	153

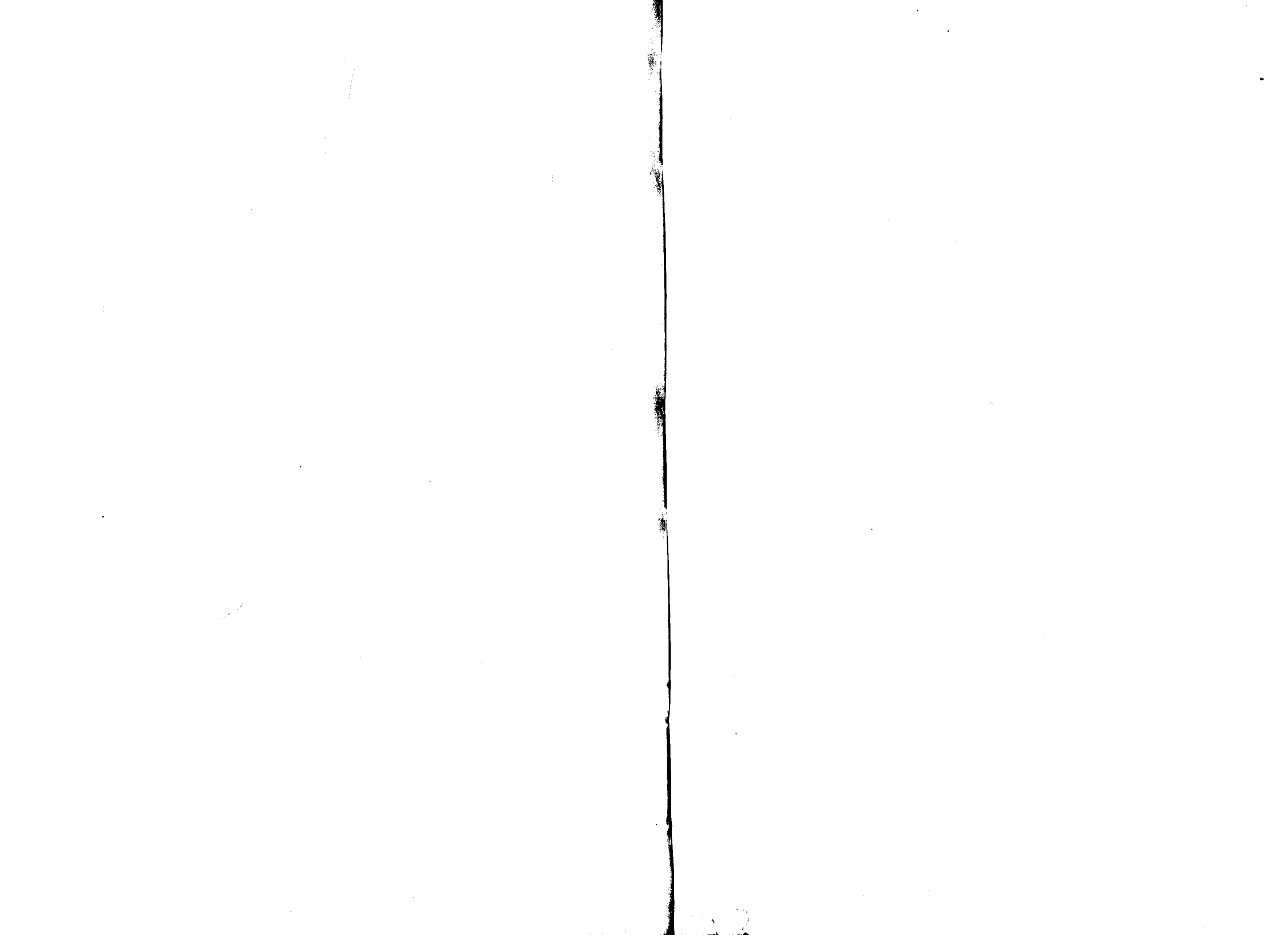
1.6.30	Mote heróico já referido — Alegre canta o Rio a sua enchente. Glosa Aludindo à alegria do dia da entrada. [S.I.A.]	154
1.6.31	Ao mesmo mote. Glosa. Aludindo ao Ilustrado do Rio [S.I.A.]	154
1.6.32	Mote heróico — É o Céu parcial nesta alegria. Glosa. Aludindo à Entrada das Fundadoras [S.I.A.]	154
1.6.33	Mote heróico — São no Altar do respeito colocadas. Glosa. Aludindo às Fundadoras. [S.I.A.]	155
1.6.34	Ao mesmo mote. Aludindo às referidas Fundadoras. Glosa [S.I.A.]	155
1.6.35	Mote heróico já referido — São da adoração claros objetos. Glosa. Aludindo às Noviças. [S.I.A.]	155
1.6.36	Mote heróico — Estrelas de elevado Nascimento. Glosa [S.I.A.]	156
1.6.37	Mote heróico — Conheceram a tempo o desengano. Glosa. Aludindo às Noviças que entraram. [S.I.A.]	156
1.6.38	Mote heróico já referido — Estrelas de elevado nascimento. Glosa. Aludindo às noviças. [S.I.A.]	156
1.6.39	Mote heróico — Não há noite mas sim rosada aurora. Glosa [S.I.A.]	157
1.6.40	Mote heróico — Todos se admiram e se alegram todos. Glosa aludindo ao zelo do Reverendíssimo e Excelentíssimo Bispo do Rio de Janeiro [S.I.A.] ..	157
1.6.41	Mote heróico — Alexandre Português desta Idade. Glosa [S.I.A.]	158
1.6.42	Mote heróico — Luz a luz, Ilama a Ilama, Raio a Raio. Glosa. Soneto [S.I.A.]	158
1.6.43	Soneto. Por elogio [...] [S.I.A.]	159
1.6.44	Mote lírico — O Festejo mais plausível. Glosa [S.I.A.]	159
1.6.45	Lírico. Todo este aplauso é devido. Glosa [S.I.A.]	159
1.6.46	Lírico. Claustro por Deus destinado. Glosa [S.I.A.]	160
1.6.47	Lírico — Muito Ilustres Fundadoras. Glosa [S.I.A.]	160
1.6.48	Lírico — Quem as não há de aplaudir. Glosa [S.I.A.]	161
1.6.49	Lírico — Dez Estrelas neste Céu. Glosa [...] [S.I.A.]	161
1.6.50	Lírico — Estrelas vejo brilhar. Glosa [S.I.A.]	161
1.6.51	Lírico — Fixas são, e não errantes. Glosa [S.I.A.]	162
1.6.52	Lírico — É Leonor de Estrelas guia. Glosa. Elogio à Abadessa [S.I.A.]	162
1.6.53	Lírico — Para Deus vítimas puras. Glosa [S.I.A.]	163
1.6.54	Epílogo. Mote — O Céu a Bahia o Rio. Glosa [S.I.A.]	163
1.6.55	Epílogo — Constância, Zelo, e Virtude. Glosa [S.I.A.]	163
1.6.56	Lírico — Neste Rio a Santidade. Glosa [S.I.A.]	164
1.6.57	Romance que se recitou na noite do primeiro Outeiro em obséquio ao Reverendíssimo Bispo e Ilustríssimo General presentes a este Literário obséquio dedicado às Religiosas Fundadoras [S.I.A.]	164

	Págs.
2. Academia Franciscana, 1786	169
2.1 Epitalâmio métrico [...] que canta a Musa Franciscana Fluminense [...] por mãos do Ministro Provincial dos Reformados da Imaculada Conceição do Brasil. 1786.	171
2.2 Dedicatória. Canção [S.I.A.]	175
2.3 Soneto [S.I.A.]	180
2.4 É decreto do Céu, que se executa. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.	183
2.5 Soneto 2.º Frei Francisco da Candelária	183
2.6 Soneto 3.º Frei Francisco de São Carlos	184
2.7 Soneto 4.º Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar	184
2.8 Soneto 5.º Frei Bernardo de São Gonçalo	184
2.9 Soneto 6.º Frei Inácio das Mercês Malta	185
2.10 Soneto 7.º Frei Inácio de Santa Rosália	185
2.11 Soneto 8.º Frei Raimundo Penafort da Anunciação	186
2.12 Das Régias intenções feito nobre. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	186
2.13 Soneto 2.º Frei Francisco de São Carlos	187
2.14 Soneto 3.º Frei Antônio das Neves	187
2.15 Dos Vassalos o amor a tudo obriga. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	188
2.16 Soneto 2.º Frei Antônio das Neves	188
2.17 Soneto 3.º Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar	188
2.18 Canção, Frei Francisco de São Carlos	189
2.19 Que mais há de fazer uma Rainha. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.	192
2.20 Soneto 2.º Frei Francisco de São Carlos	193
2.21 Soneto 3.º Frei Francisco da Candelária	193
2.22 Soneto 4.º Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar	194
2.23 Soneto 5.º Frei Dionísio de Santa Pulquéria	194
2.24 Ode, Frei Francisco de Santa Eulália	195
2.25 Alegre Portugal, bronzes prepara. Soneto 1.º Frei Francisco de São Carlos	197
2.26 Soneto 2.º Frei Antônio das Neves	197
2.27 Soneto 3.º Frei Inácio de Santa Rosália	197
2.28 Soneto 4.º Frei Inácio das Mercês Malta	198
2.29 No Leito Conjugal a paz se encerra. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	198
2.30 Soneto 2.º Frei Francisco de São Carlos	199
2.31 Como é feliz o Reino de Maria. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	199
2.32 Soneto 2.º Frei Francisco da Candelária	200
2.32 Soneto 3.º Frei Antônio das Neves	200
2.33 Soneto 4.º Frei Francisco de São Carlos	201
2.34 Soneto 5.º Frei Inácio de Santa Rosália	201
2.35 Soneto 6.º Frei Inácio das Mercês Malta	201

2.36	A Espanha goza, Portugal suspira. Soneto 1.º Frei Francisco de São Carlos	202
2.37	Soneto 2.º Frei Raimundo Penafort da Anunciação	202
2.38	Soneto 3.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	203
2.39	Entregou-nos a Espanha a melhor prenda. Soneto 1.º	203
2.40	Soneto 2.º Frei Francisco de São Carlos	204
2.41	Soneto 3.º Frei Inácio das Mercês Malta	204
2.42	Oitava, Frei Francisco de Santa Eulália	205
2.43	Traz em dote uma folha d'Oliveira. Soneto 1.º Frei Francisco de São Carlos	205
2.44	Soneto 2.º Frei Inácio das Mercês Malta	205
2.45	Soneto 3.º Frei Inácio de Santa Rosália	206
2.46	Soneto 4.º Frei Antônio das Neves	206
2.47	Em a boca o Leão tinha este favo. Soneto, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	207
2.48	Vindouras gerações verão os frutos. Soneto 1.º	207
2.49	Soneto 2.º Frei Antônio das Neves	208
2.50	Soneto 3.º Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar	208
2.51	De dois troncos os ramos se enlaçaram. Soneto 1.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	208
2.52	Epigrama, Frei Francisco da Candelária	209
2.53	Leão em Portugal, Quinas na Espanha. Soneto 1.º Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar	209
2.54	Soneto 2.º Frei Francisco de Santa Eulália	210
2.55	Soneto 3.º Frei Inácio de Santa Rosália	210
2.56	Soneto 4.º Frei Inácio das Mercês Malta	210
2.57	P'ratimbre de Borbom, e de Bragança. Soneto 1.º Frei Raimundo Penafort da Anunciação	211
2.58	Soneto 2.º Frei Bernardo de São Gonçalo	211
2.59	Soneto 3.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	212
2.60	Uma, e outra Nação se felicita. Oitava, O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	212
2.61	Ode, Frei Inácio de Santa Rosália	213
2.62	A Serpe, e o Leão recompensados. Soneto, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho.	214
2.63	Oitava, Frei Francisco de São Carlos	215
2.64	A Ordem Franciscana assim festeja. Soneto 1.º, O mesmo [Frei Francisco de São Carlos]	215
2.65	Soneto 2.º Frei Inácio de Santa Rosália	216
2.66	Soneto 3.º Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	216
2.67	Soneto 4.º Frei Inácio das Mercês Malta	216
2.68	As Ninfas do Parnaso na Clausura. Soneto 1.º Frei Francisco de São Carlos	217
2.69	Soneto 2.º Frei Dionísio de Santa Pulquéria	217
2.70	Oitava, O mesmo [Frei Dionísio de Santa Pulquéria]	218
2.71	Ode, Frei Francisco de São Carlos	218

	Págs.
2.72 Mote — Mil graças à Soberana,/Mil vivas por todo o mundo:/O Governo de Maria/É primeiro sem segundo. Glosa, Frei Dionísio de Santa Pulquéria	221
2.73 Mote — Entre laços amorosos/Himineu dois Tronos prende:/Quer saber o Deus da Guerra/Himeneu o que pretende. Glosa, O mesmo [Frei Dionísio de Santa Pulquéria]	223
2.74 Mote — D'Agenor a Filha amada/De galas enfeita o vulto/É por obséquio agora/A Jove perdoa o insulto. Glosa, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	224
2.75 Mote — A Nação toda se empenha/Na Festa dos Casamentos;/Que vivam os quatro Infantes,/Eis aqui seus sentimentos. Glosa, Frei Dionísio de Santa Pulquéria	225
2.76 Mote — A mesma Vênus vencida/Entre a murta a face esconde/Minerva intenta esconder-se/Porém não acerta aonde. Glosa, O mesmo [Frei Dionísio de Santa Pulquéria]	226
2.77 Mote — Nosso Claustro amor respira. Glosa, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	227
2.78 “Estes versos desordenados”, O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	228
2.79 “Um Vassalo iluminado,” O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	228
2.80 Mote — D'um pobre o prazer é puro. Glosa, O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	229
2.81 “Merece ser atendido”, O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	229
2.82 Mote — Viva a nossa lealdade. Glosa, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	229
2.83 Mote — São Vassalos; foi seu gosto. Glosa, O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	230
2.84 Mote — Apolo entre nós se hospeda. Glosa, O mesmo [Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]	230
2.85 Mote — Serviu de Musa o afeto. Glosa, Frei Dionísio de Santa Pulquéria	231
3. Sociedade Literária do Rio de Janeiro, 1786	233
3.1 Estatutos da Sociedade Literária do Rio de Janeiro estabelecida no ano do Governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Luís de Vasconcelos e Sousa Vice-rei do Estado, 1786	235
3.2 Discurso em que se mostra o fim para que foi estabelecida a Sociedade Literária do Rio de Janeiro celebrando a mesma o seu aniversário em memória do Senhor Rei Dom José I o restaurador das letras em Portugal, a 6 de Junho de 1787, O sócio presidente, Joaquim José de Ataíde	243
3.3 I — Auto de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreira de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues Araújo	251
3.4 Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, José dos Santos Rodrigues Araújo, Manuel Inácio da Silva Alvarenga	254

3.5	Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues Araújo	257
3.6	Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues de Araújo	261
3.7	II — Termo de ajuntada de sete apontamentos para Estatutos de uma Sociedade Literária, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, José dos Santos Rodrigues Araújo.	265
3.8	III — Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues Araújo	267
3.9	IV — Termo de ajuntada dos Estatutos, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira	271
3.10	V — Auto de perguntas feitas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José Bernardo da Silveira Frade, José dos Santos Rodrigues Araújo	272
3.11	VI — Termo da ajuntada da oração feita por José Antônio de Almeida e recitada na aula de retórica, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira	278
3.12	Oração feita por José Antônio de Almeida e recitada na aula de retórica, no mês de outubro do ano de 1774	279
3.13	VIII — Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues e Araújo	284
3.14	Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues Araújo.	288
3.15	IX — Auto de acareação feita ao preso Manuel Inácio da Silva Alvarenga com José Antônio de Almeida, Silva, João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José dos Santos Rodrigues e Araújo.	292
3.15	Documentos relativos à prisão de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Mariano J. Pereira da Fonseca e outros, por ordem do Conde de Resende. Informação do desembargador A. Dinis da Cruz e Silva, dirigido ao conde de Resende. Offício do conde de Resende a Dom Rodrigo de Sousa Coutinho ..	293



35

